

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Joyce Mirella Alves de Souza

LÉSBICAS EM JUIZ DE FORA:

Trajetórias de mulheres (1998-2025)

Juiz de Fora

2026

JOYCE MIRELLA ALVES DE SOUZA

LÉSBICAS EM JUIZ DE FORA:

Trajetórias de mulheres (1998-2025)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH - UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profª Drª Hebe Mattos

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza, Joyce Mirella Alves de .
Lésbicas em Juiz de Fora : trajetórias de mulheres (1998-2025) /
Joyce Mirella Alves de Souza. -- 2026.
247 p.

Orientadora: Hebe Mattos
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de
Pós-Graduação em História, 2026.

1. Lésbicas. 2. Juiz de Fora. 3. Geração. 4. História oral. I. Mattos,
Hebe , orient. II. Título.

JOYCE MIRELLA ALVES DE SOUZA

LÉSBICAS EM JUIZ DE FORA:

Trajetórias de mulheres (1998-2025)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH - UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em: 27/02/2026

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Hebe Mattos (Orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora Doutora Silvana Mota Barbosa

Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora Doutora Zuleide Paiva da Silva

Universidade do Estado da Bahia

Dedico essa dissertação para todas as mulheres lésbicas que um dia buscaram se ver na História e não conseguiram. Saibam que a nossa história existe, ela é bonita, cheia de força, cheia de vida, cheia de rebeldia, e cheia de vitórias. Pois sempre que uma mulher se afirma lésbica, uma mulher vence.

Agradecimentos

Em primeiro lugar eu quero agradecer todas as mulheres que me deram entrevista. Maria da Consolação Schiavon, Monica Mello de Carvalho, Daniela Auad, Fernanda, Luciana da Costa Gerônimo, Cláudia Regina Lahni, Lilian Maria Pace Souza, Giane Chaves Fernandes, Daniele Guimarães Zancanella, Sonia Regina de Souza Ribeiro, Ana Cláudia de Macedo Tavares, Margareth Virgínia Trigo Passos, Camila dos Passos Roseno, Kelly da Silva, Sara Abreu e Silva e Samira Abreu e Silva. Vocês foram fundamentais para que essa dissertação pudesse existir, e a história de cada uma de vocês é a razão e o coração dessa pesquisa. Conhecer vocês mudou a minha vida, para além do âmbito profissional, agradeço vocês por me proporcionar perspectiva de futuro e por me mostrar o quanto vidas lésbicas são lindas e fascinantes. Vocês se tornaram uma rede de apoio cheia de afeto e é bom demais ver vocês vivendo.

Agradeço à minha tia Conceição, por todo o apoio que sempre me deu durante toda a minha vida. Com você eu compartilhei as delícias e as durezas de fazer essa pesquisa, e sem a sua escuta e toda a ajuda que me deu teria sido muito mais difícil realizar a escrita dessa dissertação. Você é uma referência para mim, e ter o seu amor em minha vida é uma preciosidade. Eu te amo!

À minha avó Maria, por ser para mim um lugar de apoio, um lugar onde sei que serei recebida. O significado que você tem na minha vida é maior do que eu posso mensurar. Obrigada pelo acolhimento e por ser uma referência de força, que me prova todos os dias o quanto as mulheres são grandiosas.

À minha namorada Thayná pelo apoio nessa reta final de escrita. Ter o seu afeto em momentos tão duros foi muito importante para me manter firme. Cada instante que pude passar com você e viver esse amor tão bonito que estamos construindo em nossas vidas me fortaleceu e recarregou minhas energias. Obrigada pela escuta, pelo cuidado e pela presença. Amar você também foi um combustível para concluir essa dissertação.

Ao meu irmão Guilherme, por ter sido uma companhia que me proporcionou momentos de respiro em meio a todo esse processo. Construir uma relação mais próxima com você durante

esse período também foi muito importante para me fortalecer. Obrigada por todo o carinho e pelos momentos leves que passamos.

À Jessica Toledo, pelo apoio durante toda a trajetória no mestrado. Obrigada pelas conversas, por todas as vezes que a sua presença evitou que eu fosse a única lésbica no recinto, pelo fortalecimento e por todas as entrevistas que fizemos juntas. Você foi uma rede de apoio fundamental para que essa pesquisa fosse possível. Nossa amizade e parceria abriram muitos caminhos para as lésbicas nesta cidade e sou muito grata por isso.

Quero agradecer também à minha orientadora Hebe Mattos, por todo o acolhimento que você me deu desde que eu cheguei no LABHOI, pelo apoio, pela escuta e por todo o aprendizado. Ter a sua orientação fez toda diferença para que essa pesquisa fosse possível e me fez crescer muito enquanto pesquisadora e conhecer ainda mais de perto as potências da metodologia da história oral. Obrigada por ter aceitado me orientar com esse tema, e por estar sempre ali por mim quando eu precisei. Foi muito desafiador escrever uma pesquisa sobre lésbicas e sentir todo o ostracismo intelectual por ser um tema pouco trabalhado, e ter você do meu lado foi como um respiro de alívio. Com você eu aprendi muito sobre a importância em traçar parcerias. É assim que se constrói um campo.

À Eide Paiva, por ter feito eu acreditar ainda mais na potência do lesbofeminismo como verbo. Foi a primeira vez que alguém me elogiou ao falar do meu traço indisciplinado. Nós lésbicas somos indisciplinadas por natureza é uma grande qualidade. Eu não sabia o quanto era importante ouvir essas palavras de alguém, até você me falar, e você não tem noção do quanto isso fez diferença na minha vida. Muito obrigada por essa sutileza tão cuidadosa e humana.

À Silvana Barbosa por também ter me incentivado a me colocar mais no meu texto, e por todo o carinho e apoio que me deu desde o início do mestrado. É muito importante para nós, lésbicas, ter professoras acolhedoras como você. Obrigada por todas as dicas e apontamentos na minha escrita.

À todas as intelectuais e ativistas lésbicas que vieram antes de mim, que abriram os caminhos para que hoje fosse mais fácil caminhar. A minha jornada nesta dissertação foi, em muitos momentos, extremamente solitária, e ter conhecimento e referências lésbicas foi uma grande

rede de apoio para eu continuar. A cada uma que lutou para que nosso amor pelas mulheres possa ser vivido plenamente, na luz do dia, no meio da rua. A cada uma que lutou pelos direitos das mulheres lésbicas. A cada movimento lésbico, que com sua luta diária tornou esse mundo melhor para vivermos.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, à CAPES pelo financiamento, e a todas as pessoas que contribuíram de alguma maneira para essa pesquisa, seja com uma informação, com dicas de escrita, bibliografia, ou com energias positivas, desejando que esse trabalho fosse possível.

À Joycinha que vive dentro de mim, que me acolheu nos momentos difíceis, nos momentos que ninguém mais poderia acolher e que mesmo diante de tantas adversidades nunca desistiu. A minha criança interior me manteve firme nos momentos em que me faltou chão para pisar. Aquela mesma menina que um dia foi chamada de teimosa, de respondona, de indisciplinada, de mal educada, só porque questionava as injustiças da socialização feminina. Você vive em mim, e eu agradeço todos os dias por isso. Essa dissertação só foi possível porque eu mantive essa força pra vida que você sempre teve. E a minha maior realização é saber que se hoje você visse o que nos tornamos estaria muito feliz e orgulhosa. Agora eu sei o significado do nosso amor pelas mulheres. Agora eu sei: Lésbica!

Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo compreender, analisar e historicizar as experiências de vida de uma geração de mulheres lésbicas que fizeram parte do contexto histórico de conquistas de direitos da comunidade LGBTQIA + em Juiz de Fora, iniciado em 1998, com o surgimento do primeiro movimento homossexual da cidade, até os dias atuais. Através de uma série de entrevistas genealógicas de história oral realizadas com 16 mulheres lésbicas que levaram, em alguma medida, sua lésbicanidade para a esfera pública da cidade, trago reflexões em torno de marcadores sociais que atravessam as experiências de vida dessas mulheres especialmente por elas serem lésbicas. A partir dessa proposta, busco colocar em evidência o papel fundamental que as mulheres lésbicas desempenharam ao longo do processo histórico de ocupação da comunidade LGBTQIA + na esfera pública juizforana, colocando em foco sua presença tanto dentro do movimento homossexual, quanto nas ruas de Juiz de Fora. Além disso, essa dissertação tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre a maneira como as lésbicas foram inseridas, ou não, tanto dentro dos movimentos sociais, sobretudo o movimento homossexual e o movimento feminista, quanto dentro da historiografia em torno da história das homossexualidades e da história das mulheres. Ademais, esse trabalho também apresenta uma discussão inicial sobre o desenvolvimento do campo da história lésbica no Brasil.

Palavras chave: Lésbicas; Juiz de Fora; geração; história oral.

Abstract

This dissertation aims to understand, analyze, and historicize the life experiences of a generation of lesbian women who were part of the historical context of LGBTQIA+ rights achievements in Juiz de Fora. Through a series of genealogical oral history interviews conducted with 16 lesbian women who, to some extent, brought their lesbianism into the city's public sphere, I present reflections on social markers that permeate the life experiences of these women, especially because they are lesbians. Based on this premise, I seek to highlight the fundamental role that lesbian women played throughout the historical process of the LGBTQIA+ community's occupation of the public sphere in Juiz de Fora, focusing on their presence both within the homosexual movement and on the streets of Juiz de Fora. Furthermore, this dissertation aims to reflect on how lesbians were historically included, or excluded, both within social movements, particularly the homosexual and feminist movements, and within the historiography surrounding the history of homosexuality and women's history. Furthermore, this work also presents an initial discussion on the development of the field of lesbian historiography in Brazil.

Keywords: Lesbians; Juiz de Fora; generation; oral history.

Lista de Siglas

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ALEM - Associação Lésbicas de Minas Gerais

ASMGLS - Associação Mineira de Gays Lésbicas e Simpatizantes

COLERJ - Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro

EBHO - Encontro Brasileiro de Homossexuais

GALF - Grupo de Ação Lésbica Feminista

GLH - Grupo Libertário Homossexual

GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

GLS - Gays, Lésbicas e Simpatizantes

LF - Grupo Lésbico Feminista

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual e Assexual +

LGBTQIAPN+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários +

MGM - Movimento Gay de Minas

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG's - Organizações Não-Governamentais

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT - Partido dos Trabalhadores

SENALE - Seminário Nacional de Lésbicas

UNE - União Nacional dos Estudantes

Sumário

Introdução.....	08
Parte 1: As lésbicas, o movimento, a cidade e o tempo.....	19
1.1 - Breve histórico do movimento LGBT no Brasil.....	20
1.2 - O movimento LGBT chega em Minas Gerais.....	27
1.3 - A cidade abraçou a causa e a causa abraçou a cidade: a chegada e a institucionalização do Movimento Gay de Minas em Juiz de Fora.....	32
1.4 - Onde as lésbicas entram nessa história?.....	34
1.5 - Qual lugar reservado para as lésbicas na história da comunidade LGBTQIAPN+ e na história das mulheres?.....	47
1.6 - Quando as lésbicas entram na História? Avanços da pesquisa historiográfica sobre lesbianidades no Brasil.....	67
1.7 - Como escrever História Lésbica?.....	77
Parte 2: Trajetórias lésbicas na cidade: o caso de Juiz de Fora.....	96
2-1 - Quem são as lésbicas dessa história?.....	102
2-2 - Ser o que não se pode ver.....	118
2.3 - Podemos ser lésbicas em nossas famílias?.....	156
2.4 - Ter um chão e um teto: autonomia e independência como possibilidade de existência lésbica.....	181
2.5 - Para além dos silêncios: lésbicas ocupam a esfera pública juizforana.....	199
Considerações finais.....	230
Fontes.....	236
Referências bibliográficas.....	239

Introdução

A pele em habito lésbica

A pele que habita a parte debaixo dos meus pés sempre pisa em um campo minado
A pele que habita a parte debaixo dos meus pés sempre pisa em um chão que eu mesma criei
para que eu pudesse existir e pisar
A pele que habita cada dedo das minhas mãos, escreve e coloca em palavras
a história que o mundo tentou varrer pra debaixo do tapete
A pele que habita cada dedo das minhas mãos foge todos os dias do desaparecimento
e sobrevive ao silêncio

A pele das minhas mãos cria um mundo em que eu possa existir
e verbalizar as palavras que eu acredito
mesmo sabendo que essas palavras podem me destruir
Porque ao mesmo tempo que sei que elas podem me destruir
eu também sei que essas palavras me constroem
me humanizam
e me tornam real
para além da minha própria carne
E quanto mais perigosas são as palavras que escrevo
mais eu sei que estou no caminho certo
Quanto mais suas palavras forem perigosas
potenciais rachaduras
anúncios de desabamento
mais você torna sua existência humanizada
por isso eu sei que tô no caminho certo

Cada vez que sinto na minha pele o medo de ser um alvo pelo simples fato de existir
eu insisto em me lembrar que só sou alvo
porque fui contra tudo que esperavam de mim
e isso é tão libertador
que nenhum temor poderia me impedir de aproveitar esse sentimento

e apreciá-lo com todas as células do meu corpo
todos os dias da minha vida

Existem vários lugares onde eu deveria estar
espaços apertados que eu deveria caber
como uma roupa pequena que já não cabe mais na criança que cresceu
lugares que iriam me acorrentar
em um mundo que apagou totalmente todas as minhas sutilezas
mas eu fugi
e eu mesma inventei os lugares que queria estar
me coloquei em espaços que me cabe inteira
com uma roupa bem confortável para que eu possa correr
eu abri as portas de lugares que eu criei
e chutei várias outras que me atrasaram no caminho

E sim
tudo isso é também uma questão de escolha
pois ainda que tenham me empurrado
quase me obrigado
para eu aceitar o convite de ser inquilina
e telespectadora de um mundo alheio à toda a minha existência
Eu ainda posso escolher chutar a porta na cara do anfitrião

Para ser lésbica é preciso saber que
a sua pele sentirá experiências com pólos completamente opostos
porque no mundo real, infelizmente seria impossível ser lésbica
sem ser também um alvo
Ao mesmo tempo que ser lésbica
é uma das maiores liberdades que minha pele de mulher já viveu
e não existem flechas apontadas
dedos apontados
veredictos e martelos batidos
que resistam à nossa liberdade

O bem e o mal
o bom e ruim
os polos opostos
sempre farão parte da experiência humana
e conosco não seria diferente
pois ainda que nossa humanidade seja constantemente negligenciada nesse mundo
somos humanas

Quando você é mulher
o melhor caminho nunca é aquele que já está dado
fácil
óbvio
na sua frente
É aquele que você faz um atalho
depois de fugir da rota
inventa um trilho
mesmo sem saber pra onde vai
mas vai
e assim, outras poderão olhar para o lado
saber que esse caminho existe
e se arriscar passar por ele
atalhando
criando bifurcações
encruzilhadas
Até que um dia se torne um caminho visível
um atalho conhecido
um ex atalho
uma estrada larga
uma rua
com nome e tudo

Alguém tem que passar primeiro

enfrentar o matagal
 o desconhecido
 os bichos
 o medo de ser devorada no caminho
 os bichos não foram criados para nos destruir
 podem ser boas companhias
 ou pelo menos nos fortalecer
 ou nem existir
 afinal, o desconhecido não é tão ameaçador
 quando você sabe que o que conhece te priva da sua humanidade
 te devora viva enquanto você não consegue saber quem é

Não existem apenas prazeres em ser lésbica
 mas existem muitos
 tantos
 que quando você acessa esses prazeres
 percebe que todos os riscos não são tão intimidadores assim
 pois até mesmo sua maior angústia é cheia de humanidade
 então permita que seu maior prazer também seja

O que me levou a escrever essa história?

“Agora sei as coisas que desejo. Inconscientemente e para sempre, a sabedoria do corpo se opõe à letra aprendida. Mas todo mundo sabe, o que conta é a letra. Eu escrevo em autodefesa. A escrita me interessa se escrevendo posso encontrar o caminho perdido. E compreendo que esse caminho aparecerá para mim como algo inédito, apesar de ser a continuação de um só processo: sobreviver ao meu sexo, à minha espécie, com meu cérebro reptiliano, minha “cabeça pensante”, e meu novo córtex.” (Nicole Brossard)

Meu nome é Joyce Mirella Alves de Souza, sou uma mulher lésbica e tenho 27 anos de idade no momento em que escrevo essa introdução. Sou feminista e ativista adepta da teoria lesbofeminista. Eu sou de Juiz de Fora, Minas Gerais, e cresci na zona rural da cidade. Sou a primeira da família a entrar na universidade pública. Crescer menina, filha de pais

trabalhadores e pobres, na zona rural da cidade foi algo que impactou diretamente na minha formação, e me fez conhecer, desde cedo, o que significa viver no que chamam de “margens”, e lidar com vários tipos de silêncio. Desde criança eu sempre tive um embate muito forte com o silêncio, em vários âmbitos da minha vida, e quando você é menina, esse silêncio é ainda mais violento.

Durante toda minha trajetória de vida eu lutei contra as tiranias do silêncio de diversas maneiras (Audre Lorde, 2019) Eu era uma menina constantemente chamada de “respondona”, “teimosa”, “indisciplinada”. Não lembro uma única vez que um comportamento espontâneo meu tenha sido elogiado quando eu era criança. Hoje, com a leitura e compreensão que eu tenho, percebo que eu era apenas uma menina que não me conformava com a socialização feminina, que questionava as injustiças as quais eu era submetida pelo simples fato de existir.

A minha indisciplina foi uma das armas mais poderosas que eu utilizei para sobreviver como menina, e depois foi uma grande aliada para eu me afirmar como lésbica. Hoje, a minha indisciplina me levou para o mestrado e doutorado em História, me levou a falar de uma experiência que, por muito tempo, foi completamente apagada de toda História. Falar sobre a história de mulheres lésbicas é dar continuidade a uma característica que carrego comigo desde que me entendo por gente. Eu nunca me calei diante dos silêncios que tentaram me invisibilizar.

A Joycinha respondia, questionava, teimava em aprender o script destinado às mulheres, e não se curvava à disciplina patriarcal da socialização feminina. A Joyce, hoje, olha para trás, fala e teoriza isso a partir da história de outras mulheres lésbicas. Quando eu conto a história de uma mulher lésbica, eu conto também a minha história, e ao contar a minha história, eu conto também a história de outras mulheres lésbicas.

O silêncio é uma arma histórica usada contra as mulheres, uma arma que tentou aniquilar vidas inteiras, experiências femininas diversas. O silêncio sufoca, ele mata aos poucos, a conta gotas, porque ele impede que essas experiências possam ser acessadas e tidas como possíveis. Eu só fui conhecer a palavra lésbica na minha adolescência, quando eu era criança eu sequer sabia que lésbicas existiam. Como eu vou ser aquilo que eu nunca vi? Que eu nunca ouvi falar?

Dizem que as lésbicas são as mulheres mais intuitivas, e realmente, muitas vezes a gente acaba contando muito com a nossa intuição nos nossos processos. Mas não é justo que a gente só tenha a nossa intuição como ferramenta para nos entender e nos colocar como lésbicas no mundo. Eu sempre odiei os silêncios, a arma dos covardes, a arma dos perdedores.

O silêncio a respeito da existência lésbica muitas vezes faz de nós, lésbicas, reféns da nossa própria intuição.

Antes de ser historiadora eu sempre fui escritora. Escrevo desde criança. Eu escrevo antes mesmo de saber escrever, pois me lembro que antes de aprender a ler e escrever, uma brincadeira que eu amava era brincar de escrever. Eu pegava o papel e a caneta e fingia que escrevia cartas e livros. Hoje, eu tenho a teoria de que uma boa forma de encontrar a nossa profissão, aquela que vai nos realizar, não só financeiramente, mas também pessoalmente, é recuperar as brincadeiras mais sutis que a gente amava quando era criança, e lembro que eu sempre fui uma criança muito boa em criar histórias e amava escrever. Então eu cresci e me tornei historiadora, e considero que esse é o melhor lugar que eu poderia estar.

Quando eu estava concluindo a graduação em História não sabia ainda se queria continuar a minha carreira como pesquisadora, se queria fazer mestrado e doutorado. Lembro que eu pensava que para encarar o desafio de fazer pesquisa precisava ser um tema que me movesse muito, intimamente, que fosse algo que fizesse parte da minha vida. Nesse mesmo momento da minha vida eu conheci a teoria lesbofeminista, e ter acesso a esse conhecimento produzido por mulheres lésbicas sobre mulheres lésbicas mudou toda a minha vida. E foi assim que eu descobri que poderia pesquisar lésbicas na História.

Durante toda a minha graduação eu nunca tive nenhuma aula que sequer mencionasse brevemente a experiência e atuação lésbica na História. Nem mesmo o debate sobre história das mulheres foi algo acessível pra mim e só fui ter acesso a essas leituras no final do curso. Por muito tempo, nem imaginava que era uma possibilidade, e aqui mais uma vez eu me deparei com o silêncio. O silêncio sobre as mulheres, e o silêncio maior ainda sobre as mulheres lésbicas.

Eu cresci no silêncio, muitas vezes me sentindo deslocada, sem entender porque eu não me encaixava, sem me ver representada nos lugares, nos filmes, na música, na rua, em casa, na escola. Lembro que quando me entendi lésbica e fui procurar filmes e séries com representatividade lésbica o que encontrei foram filmes que acabam em tragédia e séries com casais de mulheres que sempre tratam elas como problemáticas, como se ser lésbica fosse sinônimo de problema. A maioria de nós crescemos nesse silêncio sobre a nossa experiência, e nas poucas vezes que ouvimos falar, o que ouvimos é negativo, pejorativo, é uma mensagem ambulante que diz que lésbica é repugnante.

Mas o que me interessa aqui não é apenas denunciar o silêncio pelo qual a experiência histórica das mulheres lésbicas vem sendo submetida dia após dia. Eu dediquei 2 anos da minha vida a essa dissertação porque quero contar uma história que mostra que essas

mulheres existem muito além desse silêncio e para além dos estereótipos negativos, pois, “estou farta de ter um corpo desmembrado, um corpo-capital, um corpo interposto por histórias alheias” (Brossard, Nicole, 2023). Eu quero contar uma história que humaniza a experiência das mulheres lésbicas, eu quero contar uma história em que mulheres lésbicas são vencedoras, porque sim, mulheres lésbicas são vencedoras. Eu quero contar uma história que mostre o quanto ser lésbica é potente, bonito e libertador.

Eu escrevo porque não posso abrir mão da urgência de conhecer a posse de mim mesma e de intervir no que me dói no cotidiano. Para não sucumbir à loucura ou ao delírio. Palavras silenciadas/palavras ausentes. Eu escrevo, peso minhas palavras. Calculo-as na balança. Eu vou ao profundo escuro de mim mesma para entender. Para exigir “o corpo certo”, a autonomia, a viagem química e elétrica. Esse corpo está encurralado em seu tempo de *fin de siècle* e de um futuro encerrado. Forçado a inventar cada uma de suas palavras, de seus afetos, seus desejos. Para acelerar todos os seus processos de maestria e prazer. (Brossard, Nicole, 2023, p. 26 e 27)

Eu escrevo essa história porque quero contradizer a História que construiu histórias em que nós nunca fomos contadas, ainda que estivéssemos lá, agindo e impactando diretamente, com a nossa existência, nos clímax e nos desfechos. Escrevo a história de mulheres lésbicas porque existimos, porque “quando escrevo, escrevo em luta e pela minha sobrevivência” (Brossard, Nicole, 2023, p.25).

Portanto, um dos principais objetivos desse trabalho é passar uma mensagem explícita e constante de que ser lésbica é uma possibilidade de vida para as mulheres. Uma possibilidade de felicidade, de viver bem, com dignidade, com autonomia. Uma possibilidade de ser mulher e exercer a posse sobre si mesma e sobre seus desejos. A minha pesquisa só existe porque esse é o meu objetivo. Nós lésbicas nos constituímos na luta, mas não é só a luta que nos constitui. Nós somos feitas de afetos, de uma vida centralizada nas mulheres. Somos feitas de autonomia, coragem, de sutilezas que tornam a vida mais bonita de ser vivida. A gente vive e vive feliz, somos abundantes de felicidade, nós lésbicas prosperamos, e fazemos da nossa caminhada aqui na terra uma jornada em que nos apossamos de nossas próprias pernas.

Sobre o que é essa história?

Esta dissertação historiciza, analisa e compreende os marcadores sociais que atravessam as experiências de vida de uma geração de mulheres lésbicas em Juiz de Fora no contexto histórico entre 1998 e 2025. Os meus objetivos, ao realizar essa construção na minha pesquisa, são: colocar em evidência a importância histórica das ações das mulheres lésbicas dentro do tecido histórico e social de Juiz de Fora; demonstrar, como se deu o processo

histórico de ocupação das mulheres lésbicas na esfera pública juizforana, fazendo um paralelo entre ocupação da esfera pública com o fortalecimento e efervescência das redes de sociabilidade lésbica naquele contexto.

Para fazer essa proposta e ter acesso a essas informações, realizei uma série de entrevistas genealógicas de história oral com 16 mulheres lésbicas que moram ou já moraram em Juiz de Fora em algum momento de suas vidas dentro do período de 1998 a 2025. Todas as entrevistas utilizadas foram realizadas mediante assinatura da carta de cessão de direitos de uso de todo o conteúdo das falas. O modelo da carta de cessão segue os padrões utilizados pelo Laboratório de História Oral e Imagem, LABHOI/AFRIKAS UFJF. O acervo produzido está depositado no arquivo do Laboratório, ainda sem acesso ao público.

Dividi a minha dissertação em 2 momentos distintos. No primeiro momento, localizado no capítulo 1, eu faço uma retomada histórica breve do desenvolvimento do movimento LGBT no Brasil, inserindo Juiz de Fora nesse circuito histórico de luta e conquistas de direitos da comunidade.

Além disso, faço também uma História da historiografia, buscando compreender em que medida as lésbicas são, e se são, sujeitas históricas nas produções de conhecimento historiográficas no campo da história das mulheres e história das homossexualidades. Por fim, ainda nesse primeiro momento, eu faço uma reflexão teórica de como escrever uma história das mulheres lésbicas, apontando a importância da teoria lesbofeminista como ferramenta fundamental para acessar as complexidades das experiências de mulheres lésbicas ao longo do tempo.

O objetivo do capítulo 1, portanto, é localizar historicamente e historiograficamente, o contexto e as sujeitas que eu trabalho em minha pesquisa. Além disso, a construção desse capítulo se dá pela necessidade de compreender como lésbicas são ou não incluídas na História.

O debate sobre história lésbica e quais ferramentas teóricas e metodológicas utilizar para construir essa história é um tema que ainda faz parte dos grandes silêncios na História, muito pouco abordado nas pesquisas que já existem na área. Diante dessa lacuna, considerei necessário primeiro fazer esse diálogo, antes de tratar especificamente das lésbicas em Juiz de Fora.

No segundo momento dessa dissertação, localizado no capítulo 2, eu trago as falas das entrevistadas como coração do capítulo, com o objetivo de mostrar como mulheres lésbicas se colocaram enquanto lésbicas em Juiz de Fora, através de suas próprias histórias de vida, e a

partir disso, compreender os marcadores sociais que atravessaram as experiências dessas mulheres por elas serem lésbicas.

Diante desse objetivo, a partir das histórias de vida dessas mulheres, eu trabalho questões como as possibilidades de existência lésbica, a busca pela autonomia como garantia de existência, a relação com a família, as redes de sociabilidade e a ocupação da esfera pública. Tudo isso, tendo como pano de fundo a cidade de Juiz de Fora, e todo o seu contexto histórico e social do final dos anos 90 até 2025.

Metodologia utilizada

A metodologia utilizada para realizar essa pesquisa foi a história oral. O uso de fontes orais na historiografia vem sendo, historicamente, fundamental para acessar experiências de grupos marginalizados que não possuem suas ações documentadas em espaços tradicionais como arquivos. Pois, assim como os arquivos produzem vozes, eles também produzem silêncios. Sendo assim, as fontes orais são uma grande aliada na escrita de uma história de classes não hegemônicas e foram a base para acessar as experiências das mulheres lésbicas sujeitas históricas dessa pesquisa. (Portelli, Alessandro, 2012)

Entendida como método, a história oral produz um tipo de fonte fundamental para o trabalho de historiadoras e historiadores que pesquisam grupos historicamente marginalizados e não possuem suas ações documentadas em arquivos tradicionais. A história oral possibilita “uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades.” (Ferreira, Marieta de Moraes, 2002, p. 314-332)

Além de permitir às historiadoras e historiadores o acesso a informações que geralmente não são encontradas nos arquivos tradicionais, a história oral também possibilita as sujeitas entrevistadas a se reconhecerem enquanto historicamente significantes (Hamilton, Paula et al, 1996), uma vez que “trabalhar com relatos de memória individual implica considerar as identidades socialmente relevantes” (Mattos, Hebe, 2009, p.46) da narradora. Esse aspecto da história oral ganha contornos ainda mais impactantes quando essa metodologia é utilizada para historicizar experiências femininas, uma vez que “dizer “eu” não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou a conveniência do esquecimento de si mesma”. (Perrot, Michelle, 2005, p.42)

Uma das características marcantes da metodologia da história oral é que esta recupera o vivido conforme concebido por quem viveu (Alberti, Verena, 2004). Sendo assim, as

entrevistas me possibilitaram acessar eventos históricos desconhecidos e perspectivas desconhecidas sobre eventos históricos conhecidos. Essa ferramenta, portanto, me permitiu colocar em evidência as histórias dessas mulheres lésbicas, que são territórios pouco explorados pela historiografia, sobretudo, por tratar de experiências não hegemônicas (Portelli, Alessandro, 2012). Dessa forma, o uso da metodologia da história oral possibilitou essa pesquisa trazer essas experiências para a esfera pública (Portelli, Alessandro, 2010).

Diante do uso dessa metodologia, ao longo do capítulo 2 eu trabalho as entrevistas não somente como fonte, mas em uma relação de diálogo. Eu dou a ler as histórias dessas mulheres através de suas próprias palavras. Para fazer isso, eu transcrevi as falas das mulheres de acordo com os eixos temáticos que eu trabalho no capítulo.

As transcrições foram feitas mantendo o sentido original das falas, e realizei apenas pequenas edições como retiradas de palavras repetidas e expressões características de falar com oralidades mais fortes, por exemplo, termos como “né”, “sabe”, “tipo”, e coloquei alguns conectivos quando as falas não tinham pausas.

Essas edições são comuns em trabalhos de história oral, pois ao transportar a fala para a escrita é comum que haja a necessidade de fazer algumas adaptações para cumprir o objetivo de dar a ler aquelas falas, de uma forma que fique claro e compreensível, sem modificar o sentido do que foi dito.

Ao longo dos 2 capítulos, utilizei também, como ferramenta teórica, as bases do pensamento lesbofeminista, tanto nos momentos em que cito diretamente as autoras lesbofeministas, quanto nas partes em que elas não aparecem de forma explícita. Isso porque, todas as escolhas que eu fiz nessa pesquisa, partem de um empreendimento não somente intelectual, mas também político, e esse empreendimento político está amplamente alinhado à teoria lesbofeminista.

Diante desse arranjo, a estrutura geral da minha pesquisa faz um diálogo entre teoria e prática, estabelecendo uma interlocução constante entre História, historiografia e teoria lésbica. A partir dessa proposta, o trabalho se dispõe a levar a uma compreensão ampla do contexto em que essas experiências lésbicas se inserem, através de um domínio estendido dos marcadores que atravessam a vida dessa geração de mulheres.

Parte 1

As lésbicas, o movimento, a cidade e o tempo

Existe uma geração de mulheres lésbicas em Juiz de Fora que presenciaram marcos históricos de conquistas para a comunidade LGBT, como por exemplo a lei nº9791 no ano de 2000, mais conhecida como lei Rosa, que ficou famosa por ser uma das primeiras leis que garantia o direito à diversidade, sobretudo no que diz respeito ao direito à demonstração de afeto em público de casais do mesmo sexo. As lésbicas estiveram presentes ao longo de todo o processo de expansão dos lugares de sociabilidade LGBT em Juiz de Fora e compuseram esse cenário ocupando espaços centrais da cidade ao longo da década de 1990 e, sobretudo, a partir dos anos 2000.

Contudo, ainda que elas tenham participado de todo o processo de conquistas de direitos das cidadãs e cidadãos homossexuais de Juiz de Fora, suas histórias não foram contadas nas pesquisas que se tem sobre o tema. Um exemplo disso pode ser percebido nas produções a respeito da construção, consolidação e do papel social exercido pelo Movimento Gay de Minas (MGM) em Juiz de Fora, nas quais as lésbicas raramente aparecem de forma aprofundada.

Dessa maneira, eu só consegui acessar essa geração, e antes disso, descobrir que essa geração existia, através da metodologia da história oral, uma aliada fundamental para a existência da presente dissertação. Sendo assim, compus meu arsenal de fontes através de 16 entrevistas realizadas com mulheres lésbicas. A partir dessas entrevistas, pude mapear as especificidades dessa geração, e como ela atuou em Juiz de Fora em um contexto nacional de conquistas de direitos para a comunidade LGBT.

A geração de mulheres lésbicas a qual estudo teve início no surgimento do Movimento Gay de Minas em Juiz de Fora. Identifico essa geração a partir desse lugar porque a criação do Movimento Gay de Minas marca um momento em que a homossexualidade é levada para a esfera pública da sociedade juizforana. Sendo assim, a partir desse momento, a homossexualidade não é mais lida somente a partir de uma prática sexual do âmbito privado, mas também como um lugar político debatido publicamente.

Diante desse entendimento, meu objetivo no capítulo 1 é contextualizar o período em que a minha análise é desenvolvida, demonstrando as conexões entre Juiz de Fora e as demais cidades nas quais o movimento homossexual foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Farei

isso a partir da recomposição de um histórico do movimento homossexual no Brasil, a fim de compreender como este movimento social chegou até Juiz de Fora.

Posteriormente, busco traçar em linhas gerais como se deu a criação do Movimento Gay de Minas em Juiz de Fora e, a partir disso, argumentar sobre o lugar que as lésbicas ocuparam nesse contexto. Para tanto, buscarei recuperar de que maneira elas entram na história, trazendo um debate inicial sobre sua visibilidade no movimento e como suas pautas foram ou não levadas em consideração.

Por fim, trago um debate historiográfico que considero necessário para localizar a minha pesquisa no campo nacional da produção historiográfica sobre as lésbicas como sujeitas históricas. Para isso, faço uma discussão utilizando as bases teóricas do pensamento lesbofeminista, refletindo como as análises e conceitos produzidos pelas intelectuais lésbicas podem contribuir para a escrita de histórias lésbicas.

1.1 - Breve histórico do movimento LGBT no Brasil

Para compreender de que maneira o movimento homossexual chega em Juiz de Fora, é necessário antes recapitular como ele se estabeleceu no Brasil, demonstrando assim de que maneira a cidade dialogou com esse movimento nacionalmente. Ao realizar esse movimento, é possível perceber em que termos Juiz de Fora se insere em um contexto de expansão do Movimento LGBT em todo território nacional. Quantos anos o movimento levou para adentrar as montanhas de Minas Gerais e fazer morada em nossa provinciana Juiz de Fora? O que veio antes? Como se expandiu? São essas perguntas que quero responder nessa primeira parte do capítulo 1.

Cabe ressaltar que até então venho usando o termo “movimento homossexual” por se tratar de um contexto histórico em que a sigla LGBT ainda não era usada e difundida no debate público, e não estava inserida na linguagem do movimento na época. A partir da primeira década dos anos 2000 esse termo passou a ser mais usado. Regina Facchini (2003) observa que foi em um contexto de aproximação dos movimentos sociais com o estado, faceta esta que se manifestou com mais força, sobretudo, nos governos Lula, que a sigla passou a ser mais amplamente usada.

Contudo, ainda antes dos anos 2000, ela já havia começado a aparecer. Isso porque, com o processo de institucionalização do movimento, para que se pudesse ter acesso a políticas públicas, muitas vezes traduzidas em financiamentos para projetos, era necessário que esses grupos fossem capazes de delimitar com precisão quem eram. Ou seja, eles

precisavam saber responder “quem sou eu”, para que pudessem usufruir dos recursos que eram disponibilizados pelo governo e isso fez com que a sigla passasse a ser usada como forma de identificar de que sujeitas e sujeitos se tratavam naquele grupo (Facchini, Regina, 2018).

Além disso, trata-se de um contexto em que outras sujeitas e sujeitos do movimento passaram a ocupar cada vez mais os espaços que antes eram majoritariamente compostos por homens gays. Sendo assim, o alargamento da participação das lésbicas, bissexuais, travestis e pessoas trans contribuiu para que a sigla passasse a ser mais utilizada, ganhando espaço na linguagem institucional do movimento, refletindo o crescimento da pluralidade nos espaços de debates públicos sobre homossexualidade. Diante dessa compreensão, ao longo da minha escrita, irei utilizar a sigla quando o contexto histórico em questão já for aquele em que a sigla estava sendo utilizada em alguma medida, já fazendo parte da linguagem das sujeitas e sujeitos históricos daquele momento.

Segundo a bibliografia clássica sobre o movimento homossexual brasileiro, ele surgiu no final dos anos 70. Regina Facchini (2003, p.84) em seu artigo “Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico” compreende o termo movimento homossexual como

[...] o conjunto de associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento.

Perante essa afirmação, a autora analisa o movimento a partir de 3 momentos diferentes, aos quais chama de ondas. O momento que compreende a primeira onda se dá com o surgimento do movimento e sua expansão, que aconteceu no período de abertura política da ditadura militar. Esse contexto é marcado pela expressão do movimento a partir de um caráter antiautoritário e comunitarista, analisado pela bibliografia sobre os movimentos sociais como “alternativo” ou “libertário” (Facchini, Regina, 2003).

O contexto histórico no qual o surgimento do movimento homossexual brasileiro se insere é completamente atravessado pelas características do processo de transição política intensificado no final da década de 1970 e início da década de 1980. Esse momento é marcado por uma constante luta dos movimentos sociais em busca de visibilidade e cidadania (Green, James et.al, 2018). No rol dessa efervescência política, os movimentos sociais foram ganhando força e se expandindo e com isso novas pautas foram sendo levantadas por sujeitas e sujeitos históricos que estavam inseridos na militância nesse movimento.

A partir desse entendimento é possível olhar para o movimento homossexual brasileiro como um fenômeno que estava em diálogo com a criação e expansão de outros grupos, como o movimento negro e o movimento feminista, e uma das principais questões que contribuiu para que esse movimento se delineasse como tal foi a constante falta de espaço para tratar de questões da sexualidade nos núcleos da esquerda tradicional, que viam a homossexualidade como um vício burguês e uma pauta que dispersaria o foco da questão da luta de classe e os enfrentamentos necessários para garantir direitos mais amplos para as trabalhadoras e trabalhadores.

Portanto, o momento que Regina Facchini compreende como primeira onda do movimento homossexual está inserido nesse contexto geral e se concretiza a partir da criação do grupo SOMOS de São Paulo, que surgiu com o objetivo de politizar a homossexualidade e propor um contraste ao que existia até então no “gueto”. O que era compreendido como ação de grupos homossexuais, seja a partir do “gueto”, ou a partir de encontros realizados por alguns grupos existentes antes do surgimento do SOMOS, é compreendido pela bibliografia como ações voltadas exclusivamente para uma sociabilidade homossexual, sem foco em uma abordagem politizada sobre a homossexualidade (FACCHINI, Regina, 2003).

Compartilho, portanto, da compreensão de que, mesmo antes da formação do grupo SOMOS, houve outras movimentações e iniciativas de pessoas LGBT, mas não conformaram propriamente um movimento social, pois tais ações não eram suficientes para criar coesão de um movimento estruturado mais duradouro.

Cabe ressaltar, porém, que compreender isso é também compreender que antes de uma atuação política mais centrada e estruturada, realizada a partir da organização de um grupo de pessoas, a própria presença de pessoas LGBT e de suas sociabilidades andando com seus corpos nos espaços públicos também é uma forma de ação política. Ação política fundamental, para que o movimento social surgisse (Green, James et.al, 2018).

Ainda sobre a questão da formação do movimento social em si, o primeiro grupo que marca o surgimento do movimento homossexual no Brasil se concentrou em São Paulo e se organizou em 1978. O SOMOS ganhou uma grande importância histórica e, segundo Regina Facchini (2003), isso se deu em razão de sua primazia no contexto brasileiro, com uma atuação muito importante e marcante para muitas pessoas. Seus membros Edward MacRae e João Silvério Trevisan contribuíram de forma expressiva na criação de toda uma documentação e também de uma narrativa que centralizou o papel do grupo como modelo de militância a ser seguido pelos grupos criados posteriormente.

No momento da criação do grupo, ele era composto exclusivamente por homens, o que traz pistas importantes para pensar nos espaços que poderiam ou não ser ocupados por mulheres homossexuais naquele momento. Ainda em 1978, o SOMOS já começa a marcar presença em eventos públicos e, em dezembro do mesmo ano, o grupo oficializou seu nome como “SOMOS - Grupo de Ação Homossexual”. A partir desse momento, o movimento foi ganhando mais membros e começou a registrar também a presença de mulheres.

Ao observar de que maneira o movimento homossexual vai entrando no efervescente debate público e ocupando um lugar na arena de lutas por cidadania, fica claro a importância dos encontros para que as pautas sejam amadurecidas e, principalmente, para que novas sujeitas e novos sujeitos adentrem o movimento, fazendo surgir novas iniciativas e enriquecendo o debate em torno da homossexualidade na esfera pública.

Ainda segundo Regina Facchini (2003, p. 89), era um contexto em que “uma identidade homossexual estava sendo construída”. Talvez pela primeira vez, delineava-se o que é ser uma pessoa homossexual na sociedade a partir de um aspecto positivo e, sobretudo, um esforço político de sujeitos e sujeitas que lutaram pela causa LGBT e o faziam em uma “articulação entre pessoal e político” (Facchini, Regina, 2003, p. 313).

Essa articulação é extremamente importante para compreender como cada pessoa LGBT pôde olhar para a sua sexualidade de forma politizada e levá-la para a esfera pública, não somente como a expressão de uma prática sexual, mas uma existência política. Isto implicava em diversas imbricações que extrapolavam o mero fato de se relacionar sexualmente com uma pessoa do mesmo sexo. Ser homossexual implicava também na maneira como essas pessoas podiam ou não ocupar o espaço público e, sobretudo, compreender quais camadas de cidadania eram inacessíveis para essas pessoas em razão de suas sexualidades.

Já nos anos 1980, é possível perceber os diálogos e desencontros dentro do movimento ficando mais nítidos e ocorrem rachas que dividiram o SOMOS em 3 grupos. Nesse momento surge o Grupo de Ação Lesbofeminista (GALF), como uma expressão importante para compreender os limites de atuação conjunta entre homens gays e mulheres lésbicas. Ainda no início da década de 1980, já era concreta a existência de outros grupos homossexuais organizados em diversas partes do Brasil além de São Paulo, como Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santos, Brasília, Vitória, Goiânia, Curitiba, entre outros (Facchini, Regina, 2003). Esses grupos estavam realizando e participando de debates em eventos como 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EBHO), que aconteceu de 4 a 6 de abril de 1980.

Portanto, é possível perceber que o início dos anos 1980 marca a consolidação da existência de grupos organizados em diferentes lugares do Brasil para refletir sobre a homossexualidade a partir de uma perspectiva política e que, a partir dos debates e encontros, aprendia e definia o que era ser homossexual, construindo uma identidade que era, ora compartilhada entre os grupos a partir de diálogos, ora gerava pontos de conflitos e desencontros.

Seguindo a perspectiva de Regina Facchini (2003), na segunda metade da década de 1980 houve uma grande redução no número de grupos do movimento. Uma perspectiva muito interessante que a autora traz para problematizar as supostas causas para esse declínio é a de que, para além do surgimento da epidemia AIDS, que era chamada de “peste gay”, a sociedade brasileira também estava passando por mudanças significativas.

Vale lembrar que, na segunda metade da década de 1980, a democracia já havia sido novamente estabelecida no país depois de 21 anos sob um regime ditatorial. O impacto dessa mudança, portanto, pode ser percebido também na forma como os movimentos sociais passaram a se organizar a partir de então (Facchini, Regina, 2003).

Se no início do movimento homossexual, uma das principais características era o antiautoritarismo, agora com a democracia reestabelecida, uma nova bandeira de luta precisava ganhar lugar. A identidade homossexual também já havia sido estabelecida, o que fez com que os grupos tivessem uma capacidade de adaptação para os novos contornos que o regime democrático trouxe para a sociedade. Agora que já tínhamos uma identidade e uma democracia, quais seriam os passos seguintes? Qual deveria ser a nova postura do movimento homossexual para que as pessoas LGBT pudessem seguir conquistando direitos?

Em 1985, conquistamos novamente a tão sonhada democracia e era hora de fazer um balanço: depois de todas as lutas, quais foram os ganhos para a comunidade homossexual? Em que medida a democracia mudou as camadas de cidadania acessíveis às pessoas homossexuais? Uma pista pode ser encontrada no fato de que, somente em 1990 a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença pela Organização Mundial de Saúde. De que forma a sociedade brasileira segue lançando olhares para as pessoas homossexuais? Os ventos da democracia traziam mudanças, e tudo isso chegou também para o movimento homossexual.

A partir desses aspectos, o contexto em que o movimento homossexual se encontrava na segunda metade da década de 1980 fez com que os grupos passassem de uma “ênfase antiautoritária e comunitarista para uma ênfase na garantia de direito à diferença e para uma tendência a estabelecer organizações de caráter mais formal que comunitário.” (Facchini,

Regina, 2003, p. 97). Com isso, a atuação política das lideranças dos grupos passou a ser mais voltada para uma ação mais pragmática que priorizava a garantia de direitos civis e lutava contra a discriminação e violência a pessoas homossexuais (Facchini, Regina, 2003)

Ao observar essas diferenças no modelo de atuação dos grupos dos movimentos homossexuais, é possível perceber que essas mudanças refletem a passagem da primeira para a segunda onda do movimento, que ganha sua maior expressão principalmente nos anos 1990, mas que foi sendo delineada desde meados dos anos 1980 pela necessidade de adaptação dos grupos ao novo contexto político em que estavam inseridos. Ressalto que, olhar por esse ângulo e trazer esses questionamentos não significa ignorar o grande impacto da epidemia da AIDS para a comunidade e sim complexificar e mostrar que haviam outros aspectos que também impactaram no declínio do número de grupos.

Pensando sobre como muitos grupos tiveram dificuldades para se adaptar a esse novo contexto, vale ressaltar que o Grupo de Ação Lesbico Feminista (GALF), um dos primeiros movimentos lésbicos brasileiros, foi o único grupo paulista que conseguiu atravessar a década de 1980 e chegar aos anos 1990 com um novo nome: “Rede de informação Um Outro Olhar”. Inclusive, a mudança de nome reflete justamente o período em que o movimento se insitucionalizou no formato de Organização Não-Governamental (ONG), um formato clássico para se pensar o movimento homossexual a partir da década de 1990 (Facchini, Regina, 2003).

A capacidade de permanência do movimento lésbico através do GALF e posteriormente a Rede de Informação Um Outro Olhar, denota a força e concretude da atuação lésbica como uma frente importante para se compreender os desdobramentos e características do movimento homossexual ao longo de cada conjuntura que Regina Facchini (2003) traduz em ondas. Observar a permanência do GALF, portanto, traduz a importância e concretude da atuação lésbica como ponto essencial para pensar na existência do movimento homossexual.

Digo isso por compreender que, ainda que as lésbicas estivessem constantemente presentes, dedicando seu tempo e energia à causa e fazendo a diferença para que o movimento social das pessoas homossexuais pudesse existir e ir para a frente, suas ações seguem sendo historicamente, quando não completamente apagadas, colocadas em segundo plano e com uma importância muito menor do que a que deveria de fato ter (Fernandes, Marisa, 2018).

A década de 1990 é considerada como um período emblemático de “reflorescimento” do movimento homossexual brasileiro, com o crescimento do número de grupos. Em 1992 já era possível ver que havia um processo de aumento progressivo dos grupos, que neste

momento eram caracterizados por uma diversidade de formatos institucionais, ampliação das suas redes de relações e pluralização dos sujeitos envolvidos no movimento (Facchini, Regina, 2000).

Portanto, os anos 90 marcam o momento em que o movimento homossexual se institucionalizou amplamente, sobretudo a partir do formato de ONGS, que se espalharam por várias regiões e territórios brasileiros (Facchini, Regina, 2000). Em 1998, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis) contava com 68 grupos no país, dentre os quais somente 7 existiam desde a década de 80, demonstrando a grande avanço do movimento homossexual brasileiro ao longo da década de 1990. Esse grande aumento de grupos fez com que esse movimento social se expandisse para além do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, adentrando regiões do interior do Brasil.

Outro aspecto importante é que a partir de 1992 houve também um “deslocamento geográfico das iniciativas movimentalistas para o eixo Nordeste-Rio de Janeiro” (Facchini, Regina, 2000, p.106). Acredito que esse deslocamento também teve impacto na chegada do movimento em Minas Gerais, uma vez que as lideranças dos movimentos homossexuais de Belo Horizonte e Juiz de Fora tiveram contato muito próximo com lideranças do movimento homossexual do Rio de Janeiro (Ferraz, Maria Cruz, 2021; Nogueira, Julia de Castro Martins Ferreira, 2025). Dessa forma, em 1998 o movimento chega, em escalas diferentes, em Belo Horizonte e Juiz de Fora, duas cidades chave e pioneiras para se pensar no avanço do movimento homossexual em Minas Gerais.

1.2 - O movimento LGBT chega em Minas Gerais

Para refletir sobre o surgimento do movimento LGBT em Juiz de Fora, refletido a partir do Movimento Gay de Minas (MGM), considero importante traçar um paralelo entre os movimentos de Juiz de Fora e Belo Horizonte. Em primeiro lugar, porque é um marcador o fato do movimento ter chegado no mesmo ano nas duas cidades (1998) e, em segundo lugar, por Belo Horizonte ser a capital mineira e uma cidade chave para se pensar nas possibilidades de agência da comunidade LGBT em Minas Gerais.

A partir dessa compreensão, existem 2 pontos de encontro na experiência dessas cidades que considero importantes para compreender como o movimento LGBT chegou em Minas Gerais e, consequentemente, quais contornos ganhou em Juiz de Fora. O primeiro ponto de encontro é o contato direto das lideranças dos movimentos de Belo Horizonte e Juiz de Fora com lideranças dos movimentos do Rio de Janeiro e Bahia, tecendo assim uma rede

de relações com duas cidades importantes para o desenvolvimento do movimento homossexual brasileiro.

O segundo ponto de encontro considero que seja um marcador em comum com a própria condição de formação do movimento homossexual brasileiro, podendo ser observado em seus primórdios na década de 1970 ainda, e diz respeito à questão da sociabilidade homossexual e seus encontros e desencontros com a atuação política homossexual.

O contato com as lideranças do Rio de Janeiro e Bahia

O primeiro ponto em comum que se pode perceber entre Belo Horizonte e Juiz de Fora: como as lideranças dos movimentos das duas cidades tiveram proximidade com lideranças do movimento do Rio de Janeiro. Esse aspecto está documentado na dissertação de mestrado de Maria Cruz Ferraz sobre o primeiro movimento lésbico de Belo Horizonte, que nasceu junto com o primeiro movimento homossexual da capital mineira¹ e também na dissertação de mestrado de Julia Nogueira sobre o Movimento Gay de Minas.²

Segundo Maria da Cruz Ferraz (2021), o movimento LGBT surgiu em Belo Horizonte em 1998, e uma das principais lideranças dele foi Soraya Menezes, uma mulher lésbica que tinha uma relação de amizade próxima com Neusa das Dores, líder do COLERJ (Coletivo Lésbico do Rio de Janeiro). Soraya Menezes, antes de criar a ALEM (Associação lésbica de Minas) foi uma das lideranças do primeiro movimento LGBT de Belo Horizonte, que também nasceu em 1998 (FERRAZ, Maria Cruz, 2021). Além do contato com Neusa das Dores, cabe ressaltar que, a 3º edição do SENALE³ Aconteceu em Belo Horizonte diretamente pelo impacto do contato de Soraya com o movimento lésbico na Bahia, na 2º edição do evento, que ocorreu em Salvador.

No rol desse diálogo, Júlia Nogueira (2025) aponta que os líderes do Movimento Gay de Minas, Osvaldo Andrade e Marcos Trajano, também tiveram contato próximo com lideranças de movimentos do Rio de Janeiro, sobretudo a partir de encontros nas paradas gay do Rio de Janeiro. Além disso, a entrevista com Monica revela que os líderes do MGM também tinha contato com líderes do movimento homossexual na Bahia.⁴

¹FERRAZ, Maria Cruz. **Em busca da visibilidade: o movimento das mulheres lésbicas em Belo Horizonte (1998-2014)**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021

²NOGUEIRA, Julia de Castro Martins Ferreira. **A construção do Movimento Gay de Minas: Entre narrativas, sujeitos e pautas políticas - memória dos debates públicos na cidade de Juiz de Fora (MG)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2025.

³Seminário Nacional de Lésbicas.

⁴Entrevista realizada com Monica Mello de Carvalho em 08/10/2024.

Ao observar essa rede de contatos, que tanto as lideranças juizforanas e belorizontinas do movimento LGBT possuíam com cidades emblemáticas para se pensar os primeiros grandes focos de desenvolvimento desse movimento social, é possível ver de que maneira o movimento foi se expandindo, saindo do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. A partir desse diálogo, é possível identificar também que essas redes criadas pelo movimento LGBT colocavam Juiz de Fora dentro de um cenário estadual e nacional de ampliação da luta por direitos das pessoas homossexuais.

Juiz de Fora, vem construindo, desde o final da década de 1970, com a criação do concurso Miss Brasil Gay, um imaginário de cidade pioneira na conquista de direitos da comunidade LGBT, e é considerada uma cidade acolhedora para a comunidade LGBT. Essa realidade só foi possível porque quem fez o movimento acontecer teceu redes e se inseriu em um cenário mais amplo que contribuiu para seu fortalecimento, concretização e institucionalização.

Faces do diálogo entre sociabilidade e militância

O diálogo entre sociabilidade e militância LGBT é um ponto de encontro importante para pensar na chegada do movimento homossexual nessas cidades. Existe um fio em comum em relação à sociabilidade LGBT que atravessa não somente às experiências de Juiz de Fora e Belo Horizonte, como também pode ser percebida na formação do próprio movimento homossexual brasileiro, ainda na década de 1970. Tanto em Belo Horizonte, quanto em Juiz de Fora, antes de 1998 existia uma rede de sociabilidade homossexual que possibilitou que essas cidades tivessem solo fértil para a chegada do movimento LGBT, e esse aspecto também estava presente no surgimento do primeiro movimento homossexual brasileiro em 1979.

Rita de Cássia Rodrigues (2023) contribui para a compreensão desse fenômeno ao revisitar as produções clássicas sobre o movimento homossexual brasileiro. A autora pontua durante toda a sua discussão, que, antes da formação do grupo SOMOS, já havia atores dedicados à tarefa de construir uma consciência coletiva que levaria à formação do movimento social. Sendo assim, antes que um grupo possa se concretizar e lutar pelos seus direitos, as sujeitas e sujeitos pertencentes a esse grupo precisam ter uma imagem cativante de si (Brossard, Nicole, 2023) e superar a identidade deteriorada do grupo.

Ainda no rol dos argumentos de Rita de Cássia, é possível perceber que essa identidade deteriorada era uma constante na vida das sujeitas e sujeitos homossexuais, uma vez que a sociedade já tinha uma visão negativa estabelecida sobre essas pessoas, e toda essa

construção social que permeava o imaginário da época impactava diretamente na capacidade desse grupo de se mobilizar.

Portanto, o que possibilitou que essa consciência de grupo se formasse? Justamente a efervescência dos lugares de sociabilidade. O “gueto” foi terra fértil para que essas pessoas se encontrassem e comesçassem a falar sobre suas sexualidades, questionar os lugares que ocupavam na sociedade, refletir sobre a forma como podiam ou não viver essa sexualidade na esfera pública. A sociabilidade de pessoas homossexuais contribuiu para a realização da “tarefa histórica adicional implicada para atores tão intensamente marcados pela desqualificação, para se constituírem como legítimos demandantes, em relação ao Estado e à sociedade” (Rodrigues, Rita de Cássia, 2023, p. 270).

Seguindo nessa perspectiva, é possível mapear o fortalecimento dessa rede de sociabilidade ainda na década de 1960. A partir da compreensão desse processo, a sociabilidade foi fundamental para que posteriormente um movimento social pautado na luta política pudesse de fato existir (Rodrigues, Rita de Cássia, 2023). Pensar nos pontos de encontros, no lugar de lazer, e a consequente formação de redes de sociabilidade homossexual como largada para o processo que chega em 1979 com a criação do SOMOS, me leva a perceber que, como aponta Rita de Cássia “aqueles em busca de diversão também liam os boletins e os textos de viés ativista ali presentes” (Rodrigues, Rita de Cássia, 2023, p. 275).

Com isso, a criação do movimento homossexual brasileiro se deu através de um processo histórico que se iniciou com o fortalecimento das redes de sociabilidade dessas sujeitas e sujeitos. Sendo assim, trouxe esse argumento por observar que um movimento semelhante também pode ser percebido em Belo Horizonte e Juiz de Fora.

Ademais, acredito que para além desses exemplos que eu trouxe, muitos outros devem existir e que essa questão das redes de sociabilidade é um campo fértil para se compreender as possibilidades que esse grupo teve de ressignificar os símbolos da sua identidade e se desvencilhar do caráter negativo e discriminatório do qual eram alvos e vítimas na esfera pública da nossa sociedade.

No exemplo de Belo Horizonte, a dissertação de Maria da Cruz Ferraz (2021, p.114) demonstra como a década de 1990 foi permeada por uma grande efervescência dos lugares de sociabilidade homossexual na cidade. Segundo a autora:

Embora as primeiras organizações formais voltadas para a defesa dos direitos LGBTs tenham surgido em Belo Horizonte somente no final dos anos 1990, ao longo da segunda metade do século XX, diversos grupos de socialização entre homossexuais foram registrados na capital mineira.

Nesse contexto, Maria da Cruz observa que na década de 1990 ocorreram movimentos que demonstraram o interesse em criar redes de sociabilidades homossexuais antes da organização do movimento homossexual pautado na atuação política. Foi um período de expor os guetos e de incentivar a sociabilidade. Isso acontece muito, por exemplo, a partir do trabalho do Boletim Um outro Olhar, que foi um veículo de comunicação influente também em Belo Horizonte (Ferraz, Maria da Cruz, 2021).

Os assim chamados guetos, eram lugares de sociabilidade LGBT amplamente frequentados por lésbicas e gays, e também foram importantes para o encontro e convívio dessas pessoas, contribuindo para a criação de outras possibilidades de olhar para a experiência das sujeitas e sujeitos que frequentavam esses espaços (Ferraz, Maria da Cruz, 2021).

A maioria das obras que eu li sobre o assunto sempre coloca a questão da sociabilidade e militância em dois pólos que ora dialogam, ora entram em conflito, e a partir da minha leitura, colocando em contraste com as entrevistas que realizei para fazer a pesquisa, fiquei refletindo como esses dois aspectos que atravessam a vida da comunidade LGBT se retroalimentam, e penso que, sobretudo a militância se alimenta da sociabilidade, pois é na possibilidade de encontro que existe a mudança. O encontro com pessoas que também sentem na pele o que é ser homossexual, que vivem isso cotidianamente, foi e continua sendo o combustível para o fortalecimento desses movimentos sociais.

Contudo, quero deixar claro que, mesmo fazendo essa afirmação, compreendo a importância em delimitar com mais clareza os pontos de encontro e desencontro entre movimento social e redes de sociabilidade. Existem contornos específicos para cada um dos dois. Porém, sobretudo ao analisar a experiência de Juiz de Fora, eu vejo o quanto ambos andam juntos, e considere que seria uma contribuição interessante trazer esse ponto na minha escrita.

O contexto juizforano se assemelha ao contexto de Belo Horizonte. Ao longo das entrevistas que eu realizei, a maioria das entrevistadas, quando fala sobre os lugares de sociabilidade lésbica na cidade, já menciona pontos chave que eram lugares de encontro clássicos das lésbicas na década de 1990. A maioria dos lugares que essas mulheres frequentavam também tinha uma forte presença do público gay masculino, o que faz com que seja possível perceber a existência de uma grande efervescência de lugares de sociabilidade do público homossexual de forma mista.

Além dessa rede de sociabilidade que aparece de forma ampla e explícita nas entrevistas, outro ponto de sociabilidade extremamente importante para compreender o espaço

que Juiz de Fora teve para a criação de um movimento é o concurso Miss Gay Brasil, um evento criado em 1976 por Francisco Motta (Silva, Jéssica Lana de Souza da, 2022), que surgiu de forma espontânea a partir da reunião de um grupo de homens gays que se vestiam de mulher e desfilavam no estilo dos concursos de misses. Ao longo dos anos, esse evento foi crescendo e se tornando popular, nacional e internacionalmente, chegando no final da década de 1990 com um sucesso estrondoso e lotando os hotéis da cidade com homossexuais de vários lugares (Nogueira, Julia; Batista, Ana; Ferrari, Anderson, 2023).

A existência desse evento na cidade, não somente fez com que Juiz de Fora, desde o final da década de 1970 fosse construindo uma narrativa de cidade receptiva à pessoas LGBT, como também fortaleceu as redes de sociabilidade dessas sujeitas e sujeitos juizforanas(os). Somado a esse evento, os lugares de sociabilidade mencionados nas entrevistas comprovam que, antes do surgimento do Movimento Gay de Minas na cidade, esse grupo de pessoas se encontrava com frequência, contribuindo para o fortalecimento de uma identidade pautada para além dos estigmas negativos da sociedade sobre suas vidas e seus corpos.

No rol dessa efervescência de uma rede de sociabilidade homossexual com diversos pontos de encontro em comum, o Movimento Gay de Minas surge como uma força institucional que, além de dialogar e promover mais um ponto de sociabilidade, também realizou o movimento de politizar a homossexualidade e lutar por direitos e políticas públicas para a comunidade.

1.3 - A cidade abraçou a causa e a causa abraçou a cidade: a chegada e a institucionalização do MGM em Juiz de Fora

A chegada do movimento homossexual em Juiz de Fora se deu a partir da criação do Movimento Gay de Minas (MGM), que teve seu surgimento a partir da *Rainbow Fest*, um evento organizado pelos fundadores do MGM em 1998. O evento tinha o intuito de informar a população LGBT da cidade sobre questões políticas em torno da homossexualidade e enaltecer a cultura LGBT, promovendo momentos de diversão e festividades em torno da temática proposta (Nogueira, Julia. 2025).

O *Rainbow Fest*, portanto, serviu como inspiração para seus organizadores criarem um movimento permanente, com o objetivo de atuar o ano todo e não somente nos dias em que o evento acontecia (Nogueira, Julia; Pereira, Ana Cecília; Ferrari, Anderson, 2023). Reforçando a interlocução que tenho enfatizado entre lugares de sociabilidade e movimento político, o concurso Miss Gay foi também um evento fundamental para se entender a criação do MGM

na cidade. Não por acaso, a primeira *Rainbow Fest* foi realizada nas vésperas do Miss Gay, com o intuito de aproveitar o movimento LGBT na cidade (Silva, Jessica Lana de Souza da, 2022).

Era no calçadão da Rua Halfeld, uma das principais ruas do centro da cidade, que a semente plantada pelo MGM crescia. Ali ficavam muitas drag queens e população no geral aguardando o concurso do Miss Brasil Gay que acontecia no período da noite no Sport Club. Aproveitando esse espaço, a *Rainbow Fest* promovia sua festividade e movimento de conscientização (Silva, Jessica Lana de Souza da, 2022, p.83)

Portanto, a existência do concurso Miss Gay também foi um dos combustíveis para o início da trajetória do movimento LGBT em Juiz de Fora, se constituindo enquanto um evento que atraía grande turismo da comunidade para a cidade, o que transformou o espaço público juizforano, como a Rua Halfeld, em um lugar propício para a realização da *Rainbow Fest*. Após 1998, a *Rainbow Fest* acontece anualmente todo mês de agosto.

Nesse sentido é possível vincular “o MGM ao *Rainbow Fest* e este ao Miss Brasil Gay em uma relação quase de causa e efeito: o Miss Brasil Gay existia, cria-se o *Rainbow Fest*, a partir dele o MGM” (Nogueira, Julia 2025, p. 60). Outro evento que destaca a importância das redes de sociabilidade e que aparece de forma unânime nas entrevistas é a parada gay, que acontece vinculada à programação da *Rainbow Fest*. A parada gay é mencionada nas entrevistas como um dos dias mais esperados do ano. O dia em que as pessoas LGBTs podiam demonstrar afeto em público, em plena luz do dia, sem sofrer discriminação.

No rol desse cenário, nos anos 2000, ainda antes do movimento se institucionalizar na cidade, a comunidade LGBT juizforana conquistou a aprovação da histórica lei nº 9791 (JUIZ DE FORA, 2000), popularmente conhecida como “Lei Rosa”, que prescreve:

Será punida, no Município de Juiz de Fora, nos termos do art. 1º, incisos II e III, art. 3º, inciso IV e art. 5º, incisos X e XLI, da Constituição Federal e do art. 114 da Lei Orgânica Municipal, toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão homossexual (masculino ou feminino), bissexual ou transgênero.

A conquista da “lei está diretamente relacionada à existência, luta e reconhecimento do evento *Rainbow Fest* enquanto ação antidiscriminatória” (Nogueira, Julia; Pereira, Ana Cecília; Ferrari, Anderson, 2023, p. 128) e, no mesmo ano em que a população LGBT da cidade conquistou esse direito histórico, tornando Juiz de Fora ainda mais conhecida como uma cidade acolhedora para comunidade, o Movimento Gay de Minas se institucionalizou, tornando-se uma Organização Não Governamental (ONG) (Nogueira, Júlia, 2025).

Quando o MGM se tornou uma ONG, logo seus líderes buscaram tecer relações com as redes de militância LGBT do cenário brasileiro. Eles queriam ficar conhecidos, criar

parcerias e ficar por dentro das pautas do movimento nacional e, dessa forma, se aproximaram de lideranças dos movimentos do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Belo Horizonte.

Após 1 ano da institucionalização do MGM, a ONG inaugurou, em 2001, sua sede como centro de convivência homossexual, que inicialmente ficava localizada na Avenina Olegário Maciel e depois passou para a rua São Sebastião. O centro de convivência foi espaço importante de sociabilidade homossexual, sobretudo para homens gays, e aparece em várias entrevistas que realizei. Portanto, o considero um espaço que mesclava militância e sociabilidade.

De acordo com Júlia Nogueira (2025) em sua pesquisa sobre a formação do MGM, o centro de convivência foi um espaço criado para reunir e acolher pessoas LGBT e, em ambas as sedes, tanto na Olegário, quando na São Sebastião, os líderes do movimento promoviam encontros para discutir sobre questões da homossexualidade.

Na segunda sede, por se tratar de uma localização mais periférica do centro da cidade, houve um movimento de diversificação quanto às classes sociais das pessoas que frequentavam o espaço, além de haver um aumento significativo do número de frequentadoras e frequentadores (Nogueira, Júlia, 2025). Isso se confirma nas entrevistas, pois a maioria das mulheres que dizem ter frequentado o centro de convivência do MGM, mencionam a sede da rua São Sebastião.

O Movimento Gay de Minas atuou de forma consistente em Juiz de Fora desde 1998 e ainda existe nos dias atuais, ainda que com uma atuação menor, podendo ser refletida através da *Rainbow Fest*, que ainda acontece todos os anos. Através da bibliografia que se tem sobre o movimento e também a partir das entrevistas que realizei, é possível observar que a primeira década dos anos 2000 pode ser considerada o momento de auge do MGM, que atravessou o período realizando diversas atividades políticas e sociais em torno da questão da homossexualidade.

Diante dessa recuperação histórica da formação do Movimento Gay de Minas em Juiz de Fora, cabe ressaltar que o movimento LGBT se constituiu na cidade, efetivamente sobre as bases de uma liderança exclusivamente masculina, que estava focada, sobretudo, no protagonismo dos homens gays. Essa característica do Movimento Gay de Minas impactou diretamente na forma como as mulheres lésbicas puderam ou não ocupar aquele espaço, tendo ou não suas pautas sendo levadas em consideração na hora de fazer políticas públicas para a comunidade LGBT na cidade.

1.4 - Onde as lésbicas entram nessa história?

Durante toda a história do movimento homossexual no Brasil, é possível observar a presença de mulheres lésbicas como sujeitas importantes para se pensar nas possibilidades de existência e fortalecimento da militância em torno da homossexualidade enquanto aspecto político e social. Ao me debruçar sobre as ações políticas das mulheres lésbicas nos movimentos sociais ao longo das décadas de 1980 e 1990, período que precede a chegada do movimento homossexual em Juiz de Fora, fui percebendo que existe um marcador em comum entre as experiências dessas mulheres com as experiências das mulheres que entrevistei para fazer essa dissertação: a constante falta de espaço para suas pautas dentro do movimento homossexual.

Esse ponto de tensão está presente, tanto na bibliografia geral sobre o tema da presença lésbica dentro dos movimentos sociais, sobretudo o movimento homossexual, quanto em minhas fontes de pesquisa. Para desenvolver essa argumentação, retomo o que a bibliografia clássica sobre o tema considera o primeiro movimento homossexual brasileiro: o grupo SOMOS. Ainda em 1979, ano de criação do grupo, as lésbicas já estavam presentes no movimento. O SOMOS foi criado por homens gays, mas já no início de sua militância as lésbicas começaram a ocupar aquele espaço (Facchini, Regina, 2003).

Segundo Marisa Fernandes (2018), a primeira aparição de lésbicas no grupo foi em 17 de fevereiro de 1979. Inicialmente, elas começaram a fazer parte do grupo de forma mista, mas em apenas 3 meses atuando com os gays, logo foram percebendo uma série de atitudes machistas e discriminatórias por parte deles. Com isso, em julho de 1979 elas decidiram criar um subgrupo autônomo, só de lésbicas, dentro do SOMOS, passando a se chamar Grupo Lésbico Feminista (LF).

A atitude de criar um grupo só de lésbicas dentro do movimento causou incômodo em vários gays, que chamaram as lésbicas de histéricas e divisionistas por querer um espaço exclusivo para mulheres homossexuais debaterem suas pautas específicas, deixando, mais uma vez, evidente o quanto o grupo estava permeado por uma misoginia constante (Fernandes, Marisa, 2018).

Esse aspecto é recorrente dentro dos movimentos homossexuais mistos, podendo ser observados em outras experiências, como Belo Horizonte e Juiz de Fora, e não é exclusivo do movimento brasileiro. Adrienne Rich (2019, p.113), ao refletir sobre as características do movimento homossexual ressalta que “na retórica do movimento gay masculino, a homossexualidade é vista através de uma perspectiva dos homens, como uma experiência de

homens”. Sendo assim, é possível perceber que a presença de lésbicas nesses espaços será sempre um ponto de tensão.

A experiência da homossexualidade feminina é atravessada por marcadores distintos da homossexualidade masculina, pois, historicamente, as mulheres não detém o mesmo poder econômico e cultural que homens, sendo assim, lésbicas não detém o mesmo poder que gays (Rich, Adrienne. 2019). Partindo dessa realidade, as lésbicas do SOMOS perceberam que não tinham o mesmo espaço que os gays, e decidiram criar um grupo só delas (Fernandes, Marisa, 2018).

Em 1980, durante o primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), que contou com a presença de 35 lésbicas e 36 gays, as lésbicas chegaram à conclusão que deveriam sair do grupo misto e criar um coletivo exclusivamente lésbico. Essa conclusão se deu a partir da percepção de que era necessário que as lésbicas tivessem um lugar exclusivo, que garantisse espaço para suas pautas e necessidades específicas enquanto mulheres homossexuais. A partir disso, as lésbicas do LF decidiram se retirar definitivamente do SOMOS, e mudaram o nome do seu coletivo para Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF), criando assim um dos primeiros movimentos lésbicos do Brasil.

Durante esse mesmo período, as mulheres lésbicas militantes do movimento estudantil, UNE, na Bahia, perceberam que suas pautas para debater a questão da sexualidade eram negligenciadas, e que pessoas LGBT estavam sendo discriminadas dentro do movimento, que explicava essa discriminação com a clássica justificativa dos movimentos de esquerda da época, dizendo que a homossexualidade era um vício burguês e que debater tais pautas atrasaria o processo de luta do movimento social, que estava focado na questão da luta de classes.

Tendo em mente a negligência dos movimentos de esquerda para tratar das questões em torno da homossexualidade, essas mulheres decidiram criar um espaço de debate para que pudessem discutir questões específicas de suas lesbianidades, e assim, surgiu o GLH, Grupo Libertário Homossexual. Zuleide Paiva da Silva (2017, p.202), em seu estudo sobre as organizações lésbicas na Bahia, ao entrevistar uma das integrantes que fizeram parte do movimento, “sugere que o GLH existiu com vigor entre 1979 e 1985, desenvolvendo atividades no campo da cultura, organizando festivais de poesias, concursos literários”.

O GLH juntamente com o GALF, também é considerado um dos primeiros movimentos lésbicos no Brasil. Ambos os movimentos surgiram da necessidade em comum de terem um lugar em que as pautas das mulheres lésbicas pudessem ter mais visibilidade. Ao observar a história do GLH, é possível visualizar mais uma vez o apagamento sistemático das

ações de mulheres lésbicas ao longo do tempo. Isso porque, ainda que o GLH tenha sido um importante movimento lésbico, surgido no final da década de 1970 e atuando fortemente na primeira metade da década de 1980, o grupo segue invisibilizado nas narrativas oficiais do surgimento do movimento lésbico no Brasil, predominando ainda uma história que não permite que essa narrativa tire o protagonismo exclusivo do eixo São Paulo, Rio de Janeiro.

Outro ponto importante é que o GLH possuía um diálogo direto com o GALF, e utilizava o Boletim ChanacomChana como referência para pensar na construção de seus repertórios teóricos e também de ação. Portanto, ao apagar a existência do GLH, se perde também um fio condutor riquíssimo para se pensar no fortalecimento da história lésbica no Brasil: a compreensão e historicidade de como o movimento lésbico teceu redes e contribuiu para que lésbicas de outros lugares do país pudessem se politizar, se fortalecer e criar seus próprios movimentos (Silva, Zuleide Paiva, 2017).

Quando colocamos em perspectiva as experiências desses dois movimentos, outro marcador em comum aparece com muita força: a exclusão das pautas lésbicas e dificuldade de inserção dentro movimento feminista. Com a saída do SOMOS e a respectiva criação do GALF, as lésbicas buscaram se aproximar do movimento feminista, e mais uma vez enfrentaram uma série de desafios e conflitos para que pudessem ocupar aquele espaço de militância. A crítica à heterossexualidade e a luta por pautas específicas de mulheres lésbicas não foi acolhida pelas feministas heterossexuais, que consideravam o discurso das lésbicas radical demais (Fernandes, Marisa, 2018).

O GLH também enfrentou a mesma dificuldade no diálogo com o movimento feminista. A trajetória do ativismo lésbico dentro do GLH também compartilha de uma experiência de exclusão e conflito com o movimento feminista. Aqui fica evidente que as pautas das mulheres lésbicas também foram recebidas com desconfiança e desdém pelas militantes heterossexuais do movimento feminista (Silva, Zuleide Paiva, 2017).

É interessante observar como os conflitos e a falta de espaço, tanto dentro do movimento homossexual, quanto dentro do movimento feminista é um marcador constante da experiência de militância das mulheres lésbicas. Esse marcador, além de fazer parte das experiências de militância lésbica no Brasil, também está presente em vários outros casos em outros países, como por exemplo no caso de Monique Wittig, uma das intelectuais precursoras do pensamento lésbico, que ao escrever o ensaio “O pensamento hétero”, tecendo uma das maiores críticas que se têm sobre a heterossexualidade, foi mal recebida por suas companheiras de luta feministas heterossexuais e acabou sendo expulsa do movimento do

qual fazia parte na França (Leite, Lettícia, 2024). A história se repete nas críticas e pautas levantadas por autoras como Adrienne Rich e Audre Lorde.

Ao refletir sobre a forma como as mulheres lésbicas são, historicamente recebidas dentro do movimento feminista, portanto, é possível perceber que este também não foi um espaço acolhedor para elas. Ainda na década de 1980, Rosely Roth, umas das líderes do GALF, justificou a saída das lésbicas do movimento feminista por perceberem que, por mais que as lésbicas trabalhassem pelo movimento, suas pautas nunca eram realmente apoiadas pelas mulheres heterossexuais (Fernandes, Marisa, 2018).

Sobre esse ponto de tensionamento, Mirian Martinho (1983, p.2) escreve no boletim Chanacomchana, na edição de maio de 1983: “Se dentro do movimento homossexual brigávamos contra o sexismo, no movimento feminista íamos brigar contra o heterossexismo (briga que dura até hoje) e todas as suas implicações “reformistas”. Estes exemplos retratam uma situação recorrente na experiência de militância de mulheres lésbicas dentro dos movimentos sociais.

Dessa forma, como aponta Adrienne Rich (2019, p.115):

As lésbicas foram forçadas a viver duas culturas, ambas dominadas por homens e tendo cada uma delas negado e colocado em risco nossa existência. De um lado existe a cultura heterossexista e patriarcal, que levou as mulheres ao casamento e à maternidade através de todo tipo possível de pressão - econômica, religiosa, médica e legal - e que literalmente colonizou os corpos das mulheres. A cultura heterossexual levou lésbicas ao sigilo e à culpa, muitas vezes também ao ódio por si mesmas e ao suicídio. Por outro lado existe a cultural patriarcal homossexual, uma cultura criada por homens homossexuais que reflete tais estereótipos masculinos [...] uma cultura contaminada pelo ódio profundo às mulheres.

A partir dessa percepção, é possível perceber o quanto as mulheres lésbicas precisaram lutar para conquistar lugares dentro do debate público e levar suas pautas para frente, demonstrando a importância histórica de criar um espaço exclusivo para lésbicas, para que essas pudessem ganhar visibilidade e direitos, construindo para si uma identidade que também gozasse de cidadania, assim como os outros movimentos sociais lutavam para conquistar.

Nem a cultura heterossexual nem a cultura gay ofereceram as lésbicas um espaço onde descobrir o que significa ser definida por si mesma, ter amor próprio, indentificar-se enquanto mulher sem ser uma imitação de homem nem seu oposto objetificado. Apesar disso, no decorrer da história, lésbicas sobreviveram, trabalharam e apoiaram umas às outras em comunidade, e também amaram apaixonadamente (Rich, Adrienne, 2019, p.116).

Com isso, é possível compreender que cada grupo vivencia o preconceito de uma forma diferente. No exemplo do MLH e do GALF, fica perceptível que as mulheres lésbicas só conseguiram dar nomes às violências que atravessavam suas experiências quando se juntaram para ter um espaço onde pudessem discutir pautas específicas dos seus cotidianos.

Se as lésbicas que criaram os primeiros movimentos lésbicos no país não tivessem pensado assim, quantos direitos a menos nós lésbicas teríamos hoje? A conquista de direitos para nós nunca foi dada de mão beijada, nada foi oferecido para nós que minimamente nos garantisse condições mínimas de cidadania. E muitos direitos básicos, conquistados especificamente pensando nas lésbicas, só foram conquistados através do movimento lésbico.

Contudo, nem sempre essas mulheres deixaram os movimentos nas quais atuavam para formar um coletivo exclusivamente lésbico. Sendo assim, ao longo de toda a trajetória do movimento LGBT, as lésbicas estavam presentes tanto como membras quanto aliadas de luta. Ao longo da década de 1980 e do reflorescimento do movimento homossexual na década de 1990, as lésbicas se vincularam, tanto aos movimentos mistos quanto aos movimentos lésbicos e feministas, se fazendo presentes no cenário de luta e efervescência dos movimentos sociais no contexto de abertura democrática e posteriormente no contexto democrático brasileiro (Facchini, Regina, 2003).

Seguindo nessa perspectiva, ao observar o histórico do movimento homossexual em Belo Horizonte a experiência de invisibilização das lésbicas se repete dentro do movimento homossexual belorizontino. Como aponta Maria Ferraz, é importante pensar que “o nascimento de vários movimentos LGBTs da década de 1990 estão conectados a eventos nacionais” (Ferraz, Maria Cruz, 2021, p.157). Sendo assim, o movimento chega a Belo Horizonte a partir de uma forte influência do Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), um evento importante para a articulação dos movimentos lésbicos brasileiros, que inicialmente teve suas primeiras edições acontecendo anualmente e que teve sua terceira edição, no ano de 1998, realizada na capital mineira.

Soraya Menezes, a líder do primeiro movimento de lésbicas em Belo Horizonte, na época, após marcar presença na segunda edição do SENALE em Salvador, ficou responsável pela realização da terceira edição em Belo Horizonte. Com isso, ela passou a realizar as primeiras reuniões em busca de apoio de pessoas para contribuir na organização do evento. As primeiras reuniões só iam homens gays e nenhuma lésbica, e a partir disso, foi criado o grupo Gays, lésbicas e simpatizantes (GLS-MG), também conhecido como Associação Mineira GLS (AMGLS). A formação desse grupo, portanto, marcou o início do movimento homossexual em Belo Horizonte (Ferraz, Maria Cruz, 2021).

Como é possível perceber, a formação do movimento homossexual em Belo Horizonte se deu, justamente, a partir da liderança de uma mulher lésbica, que em busca de apoio para a realização da terceira edição do SENALE, reuniu um grupo de gays e lésbicas que viriam a ser o primeiro grupo organizado em prol da luta política pelos direitos das pessoas

homossexuais na capital mineira. Sendo assim, aqui é possível visualizar mais uma vez o importante papel das mulheres lésbicas na formação e concretização dos movimentos homossexuais.

Belo Horizonte oferece um exemplo ainda mais marcante da efetiva participação lésbica no movimento homossexual, uma vez que, a primeira Marcha do Orgulho Gay realizada na capital mineira foi amplamente organizada por lésbicas, tendo a trajetória da parada LGBT na cidade marcada pela iniciativa dessas mulheres. O evento passou a ser realizado depois que Soraya Menezes, líder do primeiro movimento lésbico de Belo Horizonte e uma das primeiras líderes do movimento homossexual misto da cidade, conheceu o evento no Rio de Janeiro e quis colocar a ideia em prática em Belo Horizonte também. Aqui, mais uma vez aparece também o forte contato com o movimento homossexual do Rio de Janeiro e a influência que este exerceu nos movimentos mineiros.

No exemplo de Belo Horizonte é possível encontrar outro ponto importante para se pensar nas tensões e nos espaços que as mulheres lésbicas ocupam dentro da militância LGBT. De acordo com a pesquisa de Maria da Cruz Ferraz, depois da formação do grupo Gays, lésbicas e simpatizantes (GLS-MG), Soraya pretendia ficar no movimento misto, mas quando se ausentou das reuniões e ações do grupo para conseguir organizar a terceira Edição do SENALE em Belo Horizonte, ao retornar para as atividades do grupo, ela encontrou um cenário em que os gays mudaram o nome do grupo para GURI sem levar em conta a participação das lésbicas que também faziam parte do grupo.

Essa exclusão e falta de consideração fez com que Soraya percebesse o lugar marginalizado que as lésbicas estavam ocupando naquele grupo, evidenciando a necessidade de se criar um espaço onde a presença delas fosse levada em conta e valorizada, e assim ela criou o que seria o primeiro movimento lésbico de Belo Horizonte: a Associação Lésbica de Minas (ALEM) (Ferraz, Maria Cruz, 2021).

Mais uma vez, fica perceptível a invisibilização e a marginalização das pautas e das ações lésbicas dentro do movimento homossexual, ainda que a presença dessas mulheres tenham sido extremamente importantes para que o movimento se desenvolvesse. Esse cenário não é exclusivo, e como eu venho buscando afirmar, se tornou um marcador constante na experiência de militância de mulheres lésbicas, tanto no Brasil, quanto em outros lugares do mundo.

Visualizar esses conflitos, não significa dizer que as lésbicas tenham sempre que agir sozinhas. Significa enxergar com clareza e criticidade a contribuição delas, para que assim, elas possam ocupar o seu devido e merecido lugar nessas histórias, que seguem insistindo em

colocá-las em posições secundárias, quando não as apaga completamente. Portanto, segue sendo importante afirmar que as lésbicas desempenharam papéis fundamentais em movimentos mistos ou em parceria com eles, e sempre foram figuras protagonistas da luta política da comunidade LGBT desde seu início, atravessando décadas e chegando ao final do século XX com um grande histórico de atuação (Ferraz, Maria Cruz, 2021).

A experiência da cidade de Juiz de Fora tem um cenário muito semelhante ao de Belo Horizonte, contudo, aqui as margens de ação das mulheres lésbicas dentro do movimento homossexual tiveram possibilidades e contornos distintos. Em relação às especificidades de como essa experiência aconteceu em Juiz de Fora, em primeiro lugar, cabe ressaltar que o movimento LGBT juizforano teve sua expressão institucional a partir do Movimento Gay de Minas, e uma das características centrais desse movimento é a centralização dos poderes na liderança (Nogueira, Júlia, 2025). Ou seja, todo o poder de decisão estava nas mãos de dois homens gays. O que isso significa para as lésbicas que queriam entrar para o movimento e atuar dentro dele? Que suas ações e ideias estariam sempre cerceadas pelo poder dos líderes de permitir ou não a ocupação delas naquele espaço.

Esse cenário dificultou a entrada e atuação de mulheres lésbicas dentro do movimento, que claramente estava voltado, principalmente, para os interesses dos gays. Contudo, ainda que a partir de um lugar que não lhes concedesse protagonismo dentro do movimento, as lésbicas atuaram de forma constante dentro e fora dele, seja como membras ativas do movimento ou como mulheres que frequentavam a sede para socializar e se informar sobre questões acerca da homossexualidade a partir das palestras e reuniões em grupo que o MGM oferecia.

Dentre as 16 lésbicas que eu entrevistei, 9 delas tiveram algum tipo de contato com o MGM em suas trajetórias, e a maioria desses contatos se deu ainda na primeira década dos anos 2000. Das 9 lésbicas que se envolveram com o Movimento Gay de Minas, 6 delas compareciam à sede do movimento com mais frequência, 2 foram poucas vezes, mas chegaram a frequentar o espaço, e 1 teve contato com os líderes do movimento e não o frequentava por uma escolha política, mas se envolveu com o MGM em 2010, quando foi escolhida como a DJ oficial da parada gay daquele ano.

A partir das respostas dessas 9 mulheres que disseram ter conhecido e frequentado a sede do Movimento Gay de Minas em algum momento, inicialmente, é possível afirmar que: ainda que a maioria das pesquisas sobre o MGM raramente mencione as contribuições e a participação de mulheres lésbicas no movimento de forma efetiva, as lésbicas estiveram sim

presentes, tanto na formação do movimento, quanto marcando presença nos eventos que o movimento realizava em sua sede e nos espaços públicos da cidade.

Uma das figuras centrais para se pensar na presença lésbica dentro do Movimento Gay de Minas é Monica Carvalho, que nasceu em Juiz de Fora e morou na cidade até a segunda metade da década de 2000. Ela foi a primeira mulher lésbica a fazer parte do Movimento Gay de Minas e ingressou na militância pela comunidade LGBT ainda antes do movimento se institucionalizar na cidade.

Monica Carvalho: “Então, eu conheci o MGM, foi uma casualidade. A gente tinha um vereador aqui em Juiz de Fora chamado Paulo Rogério, criador da Lei Rosa. O Paulo Rogério ia ter o lançamento da candidatura dele, ia ter uma feijoada no Real Grandeza. Eu tinha uma professora chamada Marta que era amiga do Paulo Rogério. E Marta me convidou para ajudar e participar, e eu fui como voluntária.

Chegando lá estava o Osvaldo Braga, ele e o Marcos Trajano, que era o casal e eram os presidentes do MGM e eles estavam envolvidos porque logo ali na frente ia ser lançada a Lei Rosa e eles iam colocar para votação em Juiz de Fora. E aí naquele momento que eu cheguei pra falar alguma coisa, o Osvaldo chega e vira pra mim “ô Monica eu tô precisando de cheiro verde, acabou o cheiro verde e a gente precisa pra feijoada, você consegue pedir alguém pra ver se acha?” A gente estava na Avenida 7, aí ele com o dinheiro na mão falei “me dá que eu mesma vou resolver isso, não vou pedir ninguém não. Sai que sai doida e voltei com o cheiro verde.

Acabou aquele movimento e eles me chamaram, os dois falaram “olha, a gente ficou impressionado com a sua proatividade, a sua determinação, aquela sua ação de você mesma ir atrás de cebolinha, é uma mulher assim que eu preciso no MGM, vem trabalhar com a gente”. E daí eu fui pro MGM, por causa de uma cebolinha, um cheiro verde. Aí eu passei 5 anos no MGM, e a gente foi assim a época do boom do MGM.”⁵

De acordo com a fala de Monica, e cruzando as informações dadas por ela com as datas de eleição e data de assinatura da Lei Rosa, é possível datar a entrada dela no MGM ainda no ano 2000. Portanto, Monica trabalhou e se envolveu diretamente como membra do Movimento Gay de Minas durante 5 anos, se constituindo como uma figura importante para se pensar na organização e ações do movimento entre 2000 e 2005, uma vez que o cargo que Monica ocupou dentro do MGM era responsável por grande parte da organização de tudo que eles faziam lá dentro.

⁵Entrevista realizada com Monica Mello de Carvalho em 12/07/2023.

Monica foi a primeira lésbica participante do Movimento Gay de Minas, uma vez que sua entrada no movimento se deu ainda antes dele se institucionalizar. Pois, segundo Júlia Nogueira (2025), a data de institucionalização do MGM é posterior à assinatura da Lei Rosa, e na situação de entrada de Monica no movimento, a lei ainda não havia nem entrado para votação.

Monica Carvalho: “Não tinha no MGM uma mulher, tinha uma pessoa ou outra, aí a gente começou fortalecer mesmo, aí veio o Psicólogo Toti aí a gente e criou a questão do apoio psicológico, aí alugamos a sede da Olegário, arrumou a sede, reformamos, e começou com toda força o MGM. Eu passei a participar de congressos como representante, tive em Brasília representando as lésbicas de Minas naquela época, e viajava, ia para todas as paradas como representante lésbica de Juiz de Fora, então assim, foi um momento muito bacana da minha vida, assim, de virar a chavinha mesmo e perceber que eu podia fazer muita coisa por muita gente. E aí foi chegando, foi chegando as mulheres, o MGM passou a ser povoado pela mulherada também.”⁶

A partir dessa fala de Monica, é possível perceber que ela esteve ativamente presente nos eventos os quais o MGM era convidado, viajando como representante lésbica do movimento para outras cidades e estados. Além de representar a forte atuação, isso demonstra como o movimento teceu redes de contato no cenário nacional, e uma lésbica estava presente compondo todo esse histórico de ações que foram sendo realizadas pelo MGM ao longo da primeira metade da década do século XXI.

Portanto, Monica além de ter feito parte do MGM em um cenário muito importante para se pensar, não só nas ações do movimento LGBT em Juiz de Fora, atuou em um momento histórico muito importante do avanço do movimento LGBT brasileiro. Sobre isso, Maria Cruz Ferraz (2021, p.189) aponta que:

No início da década de 2000, a luta dos movimentos LGBTs se consolidou. Houve a ampliação de ações nos espaços públicos, maior participação e cobranças nas casas legislativas, fortalecimento dos discursos no debate social e conquista gradual de direitos a partir de ações do Legislativo e Judiciário.

Com isso, Monica fez parte de um contexto histórico de grande ampliação e conquistas de direitos do movimento LGBT no Brasil. Essa movimentação é percebida na fala de Monica quando ela diz que viajava para eventos em outras cidades e estados representando as lésbicas de Minas, ou representando as lésbicas MGM. Inclusive, ela faz questão de marcar em sua fala o fato de que representou as lésbicas, e não necessariamente o movimento como

⁶Entrevista realizada com Monica Mello de Carvalho em 12/07/2023.

um todo, denotando o foco e a prioridade que ela dava para a questão lésbica dentro de sua atuação no Movimento Gay de Minas.

Outro ponto muito interessante na fala de Monica, e que se repete na fala de outras entrevistadas, é a afirmação de que as lésbicas também ocuparam o MGM, que foi um espaço que passou “ser povoado pela mulherada”, mostrando que a presença lésbica, a partir da entrada dela no movimento, passou a aumentar.

Monica Carvalho : “Antes era só pro público gay, pros homens, não se fazia nada pras mulheres, nada [...], aí falei: “não que isso, se eu vou entrar é por elas, é por nós, não vai ser por vocês mais não, agora vou seguir a minha linha”. E graças a deus, a gente conseguiu fazer muita coisa bacana, entendeu?” Joyce Mirella: “Isso foi depois que você entrou?” Monica Carvalho: “Foi, com certeza! Não tenho dúvida disso, foi um divisor de águas [...] A minha função era essa, ajudar, principalmente as meninas mais novinhas que procuravam o MGM com N dificuldades, N questões.”⁷

A fala de Monica recupera alguns aspectos importantes para pensar no lugar das lésbicas dentro do movimento LGBT em Juiz de Fora. Primeiramente, só se passou a realizar ações que pensassem na inclusão das mulheres a partir da entrada dela no movimento, que segundo ela, “foi um divisor de águas”. É importante perceber que, a partir do momento em que uma lésbica passa a fazer parte do movimento, as mulheres passaram a ter mais espaço, a ter um olhar específico para suas demandas e dificuldades.

Monica foi a única mulher lésbica que eu entrevistei que fez parte, efetivamente, da equipe oficial do MGM, além de ter sido quem ficou mais tempo vinculada ao movimento, atuando como uma figura central, que organizava diversas ações que o MGM fazia, além de viajar várias vezes como representante do movimento para eventos nacionais. Contudo, não tem como saber se ela foi, de fato, a única lésbica que fez parte oficialmente do MGM, uma vez que, outras mulheres também foram mencionadas nas entrevistas, mas não consegui contato com elas para entrevistar.

Quando nos debruçamos sobre pesquisas em torno do MGM, a presença de Monica não é citada, ainda que ela tenha sido uma figura importante do movimento, sobretudo, como ela mesmo menciona, nos primeiros anos que foi o “boom do MGM”. Ela já fazia parte do movimento desde sua institucionalização, da formação da sede, da realização das primeiras ações na cidade e também do momento chave de tecer relações com o movimento LGBT nacional, que estava em um momento importante de consolidação e ampliação .

⁷Entrevista realizada com Monica Mello de Carvalho em 12/07/2023.

Existe um ponto cego nas pesquisas ao não mencionar a presença de uma mulher lésbica atuando junto com os líderes do movimento. Esse ponto cego é um marcador chamado apagamento. A invisibilização das ações lésbicas dentro do movimento LGBT é um ponto de tensão que vem sendo denunciado pelos movimentos lésbicos desde sua formação, e que, ainda hoje é uma questão para nós, um problema para o qual é necessário olhar.

Essa invisibilidade nos traz muitas consequências negativas, pois tudo aquilo não pode ser visto, não pode ser imaginado, falado, pensado como possibilidade de vida. Essa invisibilidade é política, ela faz com que o acesso às ações das lésbicas no tempo sejam de difícil acesso, e consequentemente, se tornam pontos cegos na História.

O exemplo de Monica é somente 1 entre outros, que eu trouxe para demonstrar, em linhas gerais, como se deu a presença das lésbicas nesse cenário do movimento LGBT em Juiz de Fora na primeira década dos anos 2000. Além de Monica, outras lésbicas entrevistadas como Maria da Consolação Schiavon, Margareth Trigo, Ana Cláudia Macedo, Daniele Zancanella, Luciana Gerônimo, Fernanda⁸, Sara Silva, Giane Chaves e Lilian Pace, também tiveram contatos, em níveis diferentes, com o Movimento Gay de Minas.

Tivemos a primeira lésbica a ser DJ oficial da parada gay, uma lésbica que tentou criar um bar para as lésbicas dentro do MGM, e várias lésbicas que frequentaram o centro de convivência que existia na sede deles. As mulheres entrevistadas compõe um cenário que demonstra que, ainda que o ambiente do Movimento Gay de Minas fosse predominantemente pensado para os homens gays, com a maioria das suas ações voltadas para o público masculino, a presença das lésbicas foi uma constante, mesmo que em menor número e em segundo plano.

Apesar de saber que o Movimento Gay de Minas foi apenas 1 entre outros espaços que compunham a cena lésbica juizforana, eu utilizo esse movimento e seu contexto de formação como pano de fundo, por entender que, como as lésbicas também fizeram parte dele em alguma medida, sua atuação serve como um momento chave para pensar publicamente na homossexualidade, para além de uma prática sexual, também como existência política. Pois, foi na primeira e segunda década dos anos 2000, a partir dos aspectos da vida das mulheres lésbicas que aparecem nas entrevistas, que as lésbicas passaram a levar com mais força sua lesbianidade para a esfera pública.

Contudo, cabe ressaltar que, ainda que eu traga o contexto histórico de atuação do MGM como pano de fundo da história que busco contar na minha pesquisa, o meu foco principal é compreender de que maneira as mulheres lésbicas que eu entrevistei viveram esse

⁸A entrevistada Fernanda não quis se identificar, por isso não coloquei o nome completo dela.

momento, como elas se inseriram no debate público sobre a homossexualidade, como elas participaram, ou não do movimento LGBT juizforano.

Além disso, busco saber como elas teceram redes de apoio para que pudessem se afirmar enquanto lésbicas em um contexto onde direitos básicos ainda estavam sendo conquistados, onde o afeto em público ainda era uma questão, e a relação com a família era difícil, cheia de desafios, lesbofobia e apagamento. Sendo assim, entendo que olhar para esses aspectos é importante para saber como as lésbicas ocuparam o espaço público de Juiz de Fora, e quais foram as possibilidades de atuação dessas mulheres para além da militância.

Para além disso, busco ressaltar também alguns aspectos da historiografia no que diz respeito às experiências de mulheres lésbicas, demonstrando que a lesbianidade ainda é um tema muito pouco estudado dentro da História, e que, nos últimos anos esse cenário vem mudando. Um reflexo direto dessa mudança, é a possibilidade de existência dessa dissertação, pois, todas as páginas que eu escrevo, escrevo buscando colocar em evidência essas 16 histórias de mulheres lésbicas em Juiz de Fora.

Histórias estas que são extremamente importantes para entendermos como conquistamos os espaços a que temos direito hoje, quando passamos a poder demonstrar nosso afeto descendo a rua Halfeld⁹ de mãos dadas, quando foi que podemos dizer eu te amo sentadas na mesa de um bar, e quando ser lésbica deixou de ser uma ofensa para ser um orgulho.

1.5 - Qual lugar reservado para as lésbicas na história da comunidade LGBTQIAPN+ e na história das mulheres?

Considerando a ampliação de pesquisas sobre homossexualidades e história das mulheres no Brasil, qual lugar as lésbicas ocupam nas pesquisas sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e sobre as mulheres na área de História? Quais e quantas histórias dão protagonismo às ações das lésbicas? Como as lésbicas vêm sendo incluídas na escrita da História, sobretudo a partir dos estudos sobre homossexualidades e sobre história das mulheres? O que essas duas áreas têm em comum?

A história das mulheres tem uma característica marcante que a diferencia das outras, que “é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período ela foi escrita a partir de convicções feministas” (Tilly, Louise, 1994, p.31). Ou seja, a história das mulheres pode ser compreendida como uma consequência direta do movimento feminista.

⁹A rua Halfeld é uma das principais ruas do centro da cidade de Juiz de Fora.

Esse aspecto também pode ser encontrado nas pesquisas historiográficas sobre as homossexualidades, fazendo com que ambos sejam percebidas como “produtos do engajamento de pesquisadoras/es, em sua maioria ligadas/os aos movimentos feministas e aos LGBT, que demonstram que a visibilidade de determinadas temáticas da produção acadêmica, mais do que uma operação intelectual, é uma operação política” (Veras, Elias Ferreira; Pedro, Joana Maria, 2014, p.98).

Se tanto a escrita da história das mulheres quanto a escrita da história das homossexualidades tem como característica uma forte influência do movimento feminista e do movimento homossexual, como as lésbicas entraram nessa história? Essa pergunta é crucial ao levar em conta a forma como esses movimentos sociais lidaram com a presença das lésbicas, pois elas enfrentaram uma série de desafios, silenciamentos e apagamentos tanto no movimento homossexual quanto no movimento feminista.

Cabe ressaltar que, mesmo quando coloco em evidência esses pontos de tensão e teço críticas a esses dois movimentos sociais, eu compreendo a importância e a contribuição deles para que hoje uma pesquisa como a minha possa estar sendo feita. Portanto, o meu objetivo ao fazer esse tensionamento é trazer para os argumentos da minha pesquisa uma das primeiras contribuições do movimento lésbico e do pensamento lesbofeminista para outros movimentos sociais, que está no fato de

[...]lhes permitir se interrogar sobre seus limites e sobre o que não foi pensado tanto nas suas práticas cotidianas, quanto nos seus objetivos políticos, muito particularmente no domínio da sexualidade, da família, da divisão sexual do trabalho ou da definição dos papéis masculinos e femininos. (Falquet, Jules, 2012, p.15)

Ou seja, busco ressaltar aqui os limites desses 2 movimentos sociais, uma vez que ambos ainda têm uma série de dificuldades analíticas em incluir as lésbicas em suas pesquisas, não só mencionando-as uma vez ou outra, mas dedicando tempo e espaço para a compreensão da importância de suas ações ao longo do tempo.

Se para as historiadoras feministas, incluir as lésbicas na história prescinde de um compromisso em problematizar e desnaturalizar a heterossexualidade (Rich, Adrienne, 2019), para as historiadoras e historiadores que buscam recuperar a história da comunidade LGBT, incluir as lésbicas prescinde compreender que elas vivenciam o preconceito de forma diferente dos gays.

Ou seja, suas experiências não podem ser lidas e nem suas ações compreendidas a partir do mesmo olhar que se tem para os gays só por serem homossexuais. Existe uma diferença gritante entre ser um homen gay na sociedade e ser uma mulher lésbica na

sociedade, pois “as lésbicas nunca tiveram o poder econômico e cultural dos homens homossexuais”(Rich, Adrienne, 2019, p.115).

Ao mesmo tempo, suas experiências também não podem ser lidas como meros “estilos de vida diferentes” que algumas mulheres escolhem para si, pois, as lésbicas só serão de fato incluídas na história das mulheres, quando sua lesbianidade não for atrelada somente a uma prática sexual, e sim, atrelada a uma experiência política, uma vez que, a heterossexualidade é um regime que está na base de todas as relações sociais (Wittig, Monique, 2022). Portanto, quando as lésbicas negam viver sobre a égide dos signos dessa instituição, elas demonstram que a heterossexualidade não é natural, e sim, imposta de forma compulsória (Rich, Adrienne, 2019).

Ter essas duas compreensões em mente é essencial para que as lésbicas possam ser sujeitas, tanto na história das homossexualidades, quanto na história das mulheres. Sendo assim, enquanto as historiadoras e historiadores não se comprometerem a levar essa compreensão para suas pesquisas, as lésbicas ainda não serão totalmente incorporadas na historiografia. Daí, mais uma vez percebemos como o pensamento lésbico, historicamente, tem contribuído para que esses limites sejam evidenciados e potencialmente ultrapassados (Falquet, Jules, 2012), lançando luz em grandes zonas de sombra da História.

Onde estão as lésbicas na história da comunidade LGBT?

Ao longo das últimas décadas, a historiografia ampliou o número de produções em torno das homossexualidades. Tanto a comunidade, quanto os movimentos LGBTQIAPN+ foram temas de pesquisas em programas de pós-graduação em História espalhados por todo o Brasil. Contudo, mesmo com esse avanço, o número de teses e dissertações realizadas nessa área temática ainda está em desenvolvimento.

Mariana Souza (2022), ao realizar uma metapesquisa da produção histórica a respeito da comunidade LGBTQIAPN+ em sua dissertação, aponta que entre os anos de 1987 e 2018 o BDTD CAPES possuía 22.840 dissertações e teses produzidas pelos programas de pós graduação em História, e destas, somente 0,4% trazia como referência a população LGBTQIAPN+.

A amostra final de teses e dissertações levantados por Mariana Souza em sua pesquisa foi de 79 trabalhos. E ao analisar o levantamento realizado pela autora, dos 79 trabalhos, somente 3 tinham como foco principal as mulheres lésbicas como sujeitas históricas

protagonistas da pesquisa. Ainda assim, nenhum desses 3 trabalhos têm a palavra lésbica no título.

Ressalto isso, pois ao ler os títulos dos trabalhos levantados por Mariana Souza, pude encontrar pesquisas onde os títulos possuíam as palavras “gay” “travesti” e “transexual”. Portanto, é possível perceber que, ainda que as lésbicas façam parte da comunidade LGBTQIAPN+ e estejam associadas aos movimentos sociais em prol dos direitos dessa comunidade, suas histórias continuam sendo apagadas ou em segundo plano nas temáticas de pesquisa.

O levantamento realizado por Mariana Souza não esgota a existência de trabalhos sobre lésbicas, uma vez que pesquisas clássicas como a de Nadia Nogueira¹⁰ e Patrícia Lessa¹¹ foram realizadas ainda no ano de 2005 e 2007. Além disso, o levantamento feito pela autora foi realizado somente entre 1987 e 2018, portanto, existem mais 7 anos em que foram realizadas outras pesquisas em História tendo lésbicas como protagonistas.

Contudo, mesmo com essas ressalvas, a realidade apontada pela meta pesquisa realizada por Mariana Souza, ao mostrar apenas 3 trabalhos voltados para a temática lésbica é alarmante e reflete que “a História não fala e um silêncio de chumbo recai sobre as relações entre as mulheres.”¹² Além disso, o fato da ferramenta de busca utilizada pela autora ter sido o BDTD, um importante repositório de teses e dissertações nacionais, acentua ainda mais uma realidade que escancara como pesquisas sobre lésbicas seguem sendo uma temática marginalizada e invisibilizada na historiografia.

Isso acontece e tem sido aceitável, mesmo sabendo que essas mulheres foram e ainda são extremamente importantes para o movimento LGBTQIAPN+ e para o movimento feminista, dois movimentos sociais que têm influenciado muito na historiografia nas últimas décadas, fazendo com que sujeitas e sujeitos marginalizadas e marginalizados na sociedade sejam incluídos na História.

Ainda refletindo sobre o levantamento realizado por Mariana Souza, outro aspecto que considero importante salientar, é a extrema dificuldade em se encontrar trabalhos utilizando a palavra lésbica como palavra chave de pesquisa. Isso é ressaltado pela própria autora ao apontar que “foram encontrados trabalhos sobre lésbicas, por exemplo, porém eles foram

¹⁰NOGUEIRA, Nadia. Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: **amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de pós-graduação em História, 2005.

¹¹LESSA, Patrícia. **Lesbianas em Movimento: a criação de subjetividades (Brasil: 1979-2006)**. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em História, 2007.

¹²NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 18.

identificados a partir de outros descritores (como mulher ou mulheres)” (Souza, Mariana, 2022, p. 63).

Portanto, já no ano de 2018, Mariana Souza não encontrou nenhum resultado ao usar o termo lésbica no buscador de um repositório importante de teses e dissertações em História no Brasil. Enquanto termos como “gay”, “travesti” “transexuais” foram encontrados com mais facilidade. A invisibilidade da palavra lésbica na historiografia não é uma simples coincidência, pois como aponta Tania Navarro (2000, p.19) “[...] ao nomear cria-se uma imagem, cria-se um personagem no imaginário social.” Sendo assim, ao invisibilizar, relativizar e tornar turvo o acesso ao nome dado às mulheres homossexuais, nega-se também a possibilidade de apreender a sua existência no campo da realidade (Navarro, Tania, 2000).

A escrita da História ainda é um lugar de construção de conhecimento científico que as lésbicas precisam, dia após dia, disputar. Pois, ainda que a historiografia tenha incluído, desde a segunda metade do século XX, “uma série de novos sujeitos, novas abordagens e novas problemáticas” (Veras, Elias Ferreira; Pedro, Joana Maria, 2014, p. 90), e que mais recentemente, sobretudo a partir da década de 1990 (Souza, Mariana, 2022), as homossexualidades também tenham sido aos poucos incorporadas e ampliadas dentro da pesquisa em História, as lésbicas seguem necessitando de espaço para que suas histórias também sejam escritas.

Dos programas de pós graduação, aos clássicos da historiografia da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil : rastros do silêncio sobre as lésbicas na História

Ao analisar a trajetória da escrita da história das homossexualidades no Brasil dentro da História é possível perceber que estas foram uma das últimas disciplinas a incorporar essa temática. Antes que a História começasse a abordar o tema, a Antropologia e a sociologia já lançavam mão de pesquisas sobre as homossexualidades, se tornando uma bibliografia importante para a compreensão de temáticas em torno de sexualidades dissidentes no século XX no Brasil.

Ainda em 1959, o antropólogo José Fábio Barbosa da Silva, realizou o que James Green considera a primeira “pesquisa moderna, no final dos anos 1950, sobre a homossexualidade no Brasil” (Green, James, 2012, p.69). Na década de 1980, Luiz Mott, professor de antropologia, “mapeou uma geografia urbana do homoerotismo em Lisboa e Salvador” (Green, James, 2012, p.69). Em 1989, Lúcia Belini, orientada por Luiz Mott, também realizou uma pesquisa em torno da temática das homossexualidade, escrevendo sobre

relações entre mulheres e como estas recebiam menor atenção da Inquisição quando eram denúncias por sodomia (Green, James, 2012).

Na década de 1990 surgiram mais trabalhos clássicos como o de Peter Fry e Edward MacRae, também da área de antropologia. Esses pesquisadores realizaram pesquisas em torno das questões como os discursos médicos-legais e o moralismo religioso construíram as noções dominantes do que significava ser homossexual na sociedade do século XX (Green, James, 2012).

No ano 2000, foi público o trabalho do escritor e ativista João Silvério Trevisan, que é considerado pela bibliografia sobre o tema como o fundador do movimento LGBT brasileiro. O autor publicou a clássica obra “Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade” (2000). Esse livro de Trevisan, possui mais de 900 páginas, trazendo uma série de temáticas acerca da homossexualidade no Brasil nos últimos séculos, e atualmente é uma obra amplamente citada em trabalhos acadêmicos a respeito do tema.

Para finalizar essa amostra de alguns trabalhos chave que foram realizados em outras disciplinas e que se tornaram uma bibliografia amplamente utilizada pelas historiadoras e historiadores que pesquisam a comunidade LGBT, cito a socióloga Regina Facchini (2000) com sua dissertação de mestrado ““Sopa de letrinhas?” Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo”. A partir desse trabalho, Regina Facchini segue pesquisando questões em torno das homossexualidades, e é uma autora nacionalmente conhecida e usada como referencial teórico em diversas pesquisas sobre homossexualidades..

Portanto, a partir desse apanhado de trabalhos com temas a respeito das homossexualidades, fica perceptível a forte contribuição de outras disciplinas para a construção de uma historiografia LGBT no Brasil, sobretudo a Sociologia e a Antropologia, evidenciando esse diálogo constante com a História.

Pensando agora mais especificamente na disciplina da História, é possível perceber que esta passou a incorporar a temática das homossexualidades em suas pesquisas, sobretudo, a partir dos anos de 1990. Esse fato se confirma tanto na meta pesquisa realizada por Mariana Souza, mencionada anteriormente, quanto na bibliografia clássica sobre o tema, como é o caso do artigo de James Green que estou usando como referência bibliográfica para trazer essas informações.

Pensando sobre essa “bibliografia clássica” em torno do tema das homossexualidades, especificamente na historiografia brasileira, cabe ressaltar que existe uma historiografia base sendo consolidada em torno da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil. Um dos nomes mais

citados dessa historiografia é o do historiador James Green, conhecido pela sua tese de doutorado que se tornou um livro clássico da temática no país, intitulado “Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX” (Green, James, 1999).

Após James Green, já nos anos 2000, as pesquisas sobre a comunidade LGBT na História foram ampliadas, e uma rede de historiadoras e historiadores da área foi sendo construída, com seus trabalhos sendo cada vez mais utilizados como importantes bibliografias sobre a comunidade LGBT na historiografia brasileira.

Além de pesquisas como de Rita de Cássia Colaço Rodrigues (2012), Elias Veras (2015), Augusta da Silveira de Oliveira (2018), ocorreu também a publicação de livros importantes como o clássico “História do Movimento LGBT no Brasil”, publicado em 2018 e organizado por James Green, Marisa Fernandes, Renan Quinalha e Marcio Caetano; “Clio sai do armário”, organizado por Rita de Cássia Colaço Rodrigues, Elias Veras e Benito Bisso Schmidt e publicado em 2021, e “História Pública e queer” publicado recentemente, no ano de 2024, organizado por Benito Bisso Schmidt, reunindo uma série de ensaios de historiadores para debater o tema.

Cabe ressaltar, que os nomes de historiadores citados neste levantamento em linhas gerais que eu realizei, não esgotam o número de pesquisadoras e pesquisadores em torno do tema. A título de exemplo, trouxe alguns nomes que vem se destacando no cenário nacional, tendo seus trabalhos sendo utilizados como bases teóricas importantes para outros pesquisadores da área.

Qual lugar as lésbicas ocupam nesse espaço de produção de conhecimento? Para responder essa pergunta é necessário fazer algumas observações que encontrei ao analisar essa série de pesquisas mencionadas acima, e traçar um paralelo com o levantamento realizado por Mariana Souza (2022) em sua metapesquisa sobre a produção histórica em torno da temática LGBTQIAPN+ no Brasil.

Como eu apontei, inicialmente fazendo menção ao levantamento realizado por Mariana Souza em suas dissertação de mestrado, entre 79, encontrei somente 3 trabalhos que falem especificamente da experiência feminina com a homossexualidade. Ainda assim, nenhum dos 3 trabalhos possui o termo lésbica no título. Além disso, como mencionado pela própria autora, a palavra lésbica não foi encontrada no buscador, e para encontrar algum trabalho sobre a homossexualidade feminina, ela precisou buscar pelo termo “mulher ou mulheres” (Souza, Mariana, 2022).

Quando amplio a busca por representatividade lésbica nos trabalhos que mencionei acima, percebo que esse cenário se repete recorrentemente. Seguindo na ordem das pesquisas

que foram citadas, começo pelo fato de que, dos 15 nomes de pesquisadoras e pesquisadores que foram citados como importantes para pensar no desenvolvimento da história das homossexualidades no Brasil (José Fábio Barbosa da Silva, Luiz Mott, Lígia Belini, Peter Fry, Edward MacRae, João Silvério Trevisan, Regina Facchini, James Green, Benito Bisso Schmidt, Rita de Cássia Colaço Rodrigues, Elias Veras, Augusta da Silveira de Oliveira, Marisa Fernandes, Renan Quinalha e Marcio Caetano), somente 5 são mulheres.

Além do número 2 vezes menor de mulheres do que homens compondo esse breve levantamento que fiz a respeito de autoras e autores chave para compreender o desenvolvimento da história das homossexualidade no Brasil, não são todas que dão ênfase às mulheres em suas pesquisas. Das autoras mencionadas, temos Marisa Fernandes (2018), que escreveu o capítulo “Ações lésbicas” no livro “História do movimento LGBT no Brasil”; Ligia Bellini (1989), que em sua dissertação pesquisou como a Inquisição no Brasil Colônia tratou as relações entre mulheres, e Regina Facchini (2000), que em sua tese de doutorado estudou marcadores das experiências de homossexualidade feminina na cidade de São Paulo.

Considerando esse cenário é possível perceber que, ao analisar as autoras e autores que atualmente vem sendo os mais difundidos como uma bibliografia base para pensar as homossexualidades na História, a maior parte do que vem sendo produzido por essa bibliografia não tem como foco pensar no impacto das ações lésbicas nos temas que estudam.

Além disso, realizei uma breve análise dos 4 livros que mencionei serem importantes referências bibliográficas para pesquisadoras e pesquisadores sobre o tema das homossexualidades, que são: Devassos no Paraíso (Trevisan, João Silvério, 2000), História do movimento LGBT no Brasil (Green, James; Quinalha, Renan; Caetano, Márcio; Fernandes, Marisa, 2018), Clio sai do armário (Rodrigues, Rita; Veras, Elias, 2021) e História Pública e queer (Schmidt, Benito, 2024).

Os livros mencionados são compostos por uma série de ensaios que discutem questões em torno da homossexualidade de forma ampla, abarcando diversas sujeitas e sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+. Para fazer a análise dos livros, como o tempo de escrita para a dissertação é relativamente curto, o trabalho das fontes orais é demorado, e o espaço para essa discussão não é o foco central do capítulo o meu método de análise utilizado nas obras foi a leitura dos títulos dos capítulos e subcapítulos de cada uma deles.

O objetivo da análise que eu realizei é compreender como as lésbicas são incorporadas nessas obras, que considero serem importantes referenciais teóricos para uma gama de pesquisadoras e pesquisadores do tema, tanto na área de História, quanto em outras disciplinas que vem sendo aliadas na história das homossexualidades.

Começando por *Devassos no Paraíso*, o qual eu tive acesso à quarta edição, pela leitura dos títulos dos capítulos e, ou sub capítulos do livro, é possível observar que, mesmo se tratando de um livro cujo arquivo possui 909 páginas, não possui nenhum capítulo exclusivamente dedicado a falar das lésbicas.

Além disso, ao pesquisar as palavras chave “lésbica”, “gay” “transsexual” “travesti” e “bissexual”, foram encontrados: 85 resultados para a palavra lésbica, 208 resultados para palavra gay, 55 resultados para a palavra transexual, 328 resultados para a palavra travesti e 16 resultados para a palavra bissexual.

Achei que seria importante colocar esse buscador de palavras chave na obra de Trevisan, porque como se trata de um livro denso, com muitas páginas, e não encontrei nenhum capítulo só sobre lésbicas, eu queria mapear melhor como e em que frequência elas aparecem mencionadas no texto a partir da palavra “lésbica”. Com essa busca, fica evidente o espaço radicalmente menor que elas têm no livro.

Os termos bissexual e trans ainda não eram tão utilizados na época, passando a ser mais comuns já no decorrer dos anos 2000. Portanto, o que fica evidente é que, mesmo se tratando de um livro que se propõe analisar experiências da comunidade LGBT de forma ampla, abarcando as diversas sujeitas e sujeitos nela existentes, o protagonismo ainda está, sobretudo, na experiência dos homens. Ao avaliar de que maneira o termo “lésbica” é utilizado nas 85 menções no decorrer do livro, é possível perceber que, na maioria das vezes, ele está associado aos outros sujeitos da comunidade, sendo mencionado como por exemplo: “gays, lésbicas e travestis”.

Ou seja, a forma como a palavra aparece na história também nos dá pistas para compreender se a experiência lésbica é levada a cabo de forma específica dentro do livro, pois como observei anteriormente, acredito que para uma história das homossexualidades em que se pretende incluir a experiência das lésbicas, é necessário que suas experiências sejam lidas a partir de uma ótica que leve em consideração suas especificidades, tanto como homossexuais, quanto como mulheres, radicalmente diferentes das experiências de homens homossexuais.

Em suma, a partir das pistas dadas pela análise dos títulos dos capítulos e das palavras chaves pesquisadas ao longo do livro, pude observar que as lésbicas aparecem como sujeitas secundárias na obra, e que suas experiências, na maioria das vezes em que são mencionadas, estão interligadas às experiências de gays e travestis.

Partindo para os outros livros eu analisei apenas os títulos dos capítulos, e começando pela obra “História do movimento LGBT no Brasil”, a falta de protagonismo lésbico se repete. O livro possui 31 capítulos e 514 páginas, e destes, somente 2 capítulos foram

dedicados para as lésbicas. 1 capítulo escrito por Marisa Fernandes, intitulado “Ações lésbicas”, com 29 páginas, e 1 capítulo escrito por Ana Cristina Conceição Santos, intitulado “Lésbicas negras (re)existindo no movimento LGBT”, com 15 páginas.

Sendo assim, em um livro de 31 capítulos e 514 páginas dedicados a contar a história do movimento LGBT no Brasil, somente 2 capítulos e 44 páginas são destinados ao protagonismo das lésbicas dentro do movimento. Cabe ressaltar, que essa obra foi publicada em 2018, ou seja, muitas ações e contribuições dessas mulheres já haviam sido feitas para o movimento LGBT. Contudo, ainda que elas tenham sido cruciais para o desenvolvimento desse movimento social, tiveram pouco espaço para que suas histórias fossem contadas dentro do livro.

Partindo para o livro “Clio sai do armário”, publicado em 2021, ao analisar os títulos dos capítulos e a distribuição de temas, é possível perceber uma melhora em relação ao espaço que as lésbicas tiveram dentro da obra. O livro possui 15 capítulos, contando com a apresentação e o prefácio. Têm 3 capítulos destinados à temáticas exclusivamente lésbicas, 6 capítulos com protagonismo da homossexualidade masculina, 2 capítulos sobre experiências trans, 1 capítulo sobre travestis, e 2 capítulos com foco na comunidade em geral.

A partir dessa análise é possível perceber uma pequena melhora em relação à distribuição dos temas, contudo, continua predominando o protagonismo da homossexualidade masculina, com um número bem maior de capítulos destinados à sua temática. Com isso, fica evidente, mais uma vez, a necessidade, tanto de um desenvolvimento maior de pesquisas historiográficas sobre experiências lésbicas, quanto mais oportunidades para que essas pesquisas possam compor um maior número de capítulos em livros sobre a história das homossexualidades.

Por fim, temos o livro “História pública e queer”, publicado em 2024. A obra é composta por 172 páginas, dividida entre a introdução, 6 artigos e 2 entrevistas. Dentre eles, não existe nenhum com um direcionamento específico para temáticas relacionadas especificamente à experiência lésbica.

A maioria dos artigos traz como foco temático a comunidade em geral, discutindo questões de memória e desafios da história pública incorporar a comunidade LGBTQUIAPN+. Portanto, ao analisar a proposta do livro a partir dos artigos e entrevistas que o compõem, é possível perceber que não possui nenhuma discussão específica sobre lésbicas, e que, sua inclusão se dá incorporada às outras sujeitas e sujeitos da sigla.

Após realizar essa breve análise das 4 obras mencionadas, foi possível observar que existe um marcador atravessando todas elas no que diz respeito à forma como as lésbicas são

incorporadas na história: em todas elas são sujeitas históricas secundárias, com espaços reduzidos para a análise de suas ações, e muitas vezes tendo suas experiências observadas a partir de uma ótica que inclui sua homossexualidade na mesma esfera que a homossexualidade masculina, com poucos momentos de debates sobre as especificidades do que significa, historicamente, ser uma mulher homossexual na sociedade em que vivemos.

A história das homossexualidades está cada dia mais ganhando expressão no Brasil, com o núcleo de estudos compostos por historiadoras e historiadores que recentemente vêm produzindo obras importantes sobre a temática, mas a participação das lésbicas ainda continua sendo em menor número e tendo um espaço reduzido dentro dessa produção.

Esse lugar subalterno das lésbicas em importantes produções historiográficas a respeito das homossexualidades e da comunidade LGBTQIAPN+ em geral, portanto, ainda continua sendo uma realidade. O apagamento sistemático do impacto das ações lésbicas dentro e fora dos movimentos sociais é um marcador que denota como as lésbicas vêm sendo continuamente impedidas de serem sujeitas da História. Dialogando com esse apagamento, como aponta Patrícia Lessa (2003, p.5):

O silenciamento das vozes sociais não é o simples apagamento dos seus personagens, mas o silêncio marca uma existência abjeta, indesejável, por isso, quando se proíbem certas palavras de circularem proíbem-se junto a elas certos sentidos.

Ou seja, a existência lésbica ainda é uma existência amplamente silenciada dentro do tecido social no qual elas estão inseridas, e quando estas não possuem suas experiências e ações traduzidas em palavras escritas na História, suas existências também são impedidas de ser munidas de sentido e refletidas na realidade.

“É nas entrelinhas e nos sentidos do silêncio que a lesbianidade vem sendo tematizada em diferentes disciplinas” (Lessa, Patrícia, 2003, p.5), e conseqüentemente, esse silêncio vem se refletindo também em zonas temáticas as quais vozes lésbicas supostamente deveriam estar visíveis como a historiografia LGBTQIAPN+ e a história das mulheres.

Mas porque isso acontece? Bom, como ficou evidente, a maioria das produções historiográficas sobre a temática das homossexualidades atualmente no Brasil é protagonizada pela homossexualidade masculina. Essa característica está presente tanto na análise citada realizada por Mariana Souza, quanto nas produções “clássicas” em torno da temática, reunindo trabalhos de historiadoras e historiadores que vem se tornando importantes bases bibliográficas para pesquisas na área.

Existe na história das homossexualidades a predominância do sujeito masculino como protagonista, onde se privilegia as ações desses sujeitos ao mesmo tempo em que se

invisibiliza as contribuições e ações das mulheres lésbicas, deixando-as em segundo plano. E é necessário entendermos que esse tipo de composição é uma escolha política. Como aponta Tânia Navarro (2000), existe uma política do esquecimento colocada sobre a história das mulheres lésbicas, e essa política é empreendida em todas as produções de conhecimento que tomam os homens como centro, como universais.

Portanto, essa política do esquecimento é constantemente encontrada sendo colocada em ação quando homens são o centro da história, pois, toda vez que um homem é colocado no centro, uma mulher é relegada às margens. Todo processo de marginalização produz silêncios, e “a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento” (Navarro, Tânia, 2000, p.26).

Na historiografia das homossexualidades, os homens são os protagonistas, e mesmo sendo homossexuais, eles são homens, e se beneficiam do patriarcado, ainda que em medidas diferentes e a partir de lugares diferentes dos homens heterossexuais. Isso nos ajuda a compreender porque as lésbicas são marginalizadas na construção dessa historiografia, uma vez que, como aponta Nicole Brossard (2023, p. 106), “as lésbicas invalidam os dogmas patriarcais” e por fazerem isso, tornam-se intoleráveis.

Tendo esse cenário como ponto de partida, o que fazer para mudar essa realidade? Ainda que as lésbicas não tenham o mesmo espaço que os gays na produção de conhecimento historiográfico em relação às questões das homossexualidades, esta é uma área importante que precisamos buscar espaço para que nossas experiências sejam também contadas na história.

Tanto a história das homossexualidades, quanto a história das mulheres, ainda que não sejam espaços de produção de conhecimento que incorporam de forma efetiva as lésbicas, são espaços importantes, que contribuíram, historicamente, para que fosse possível, hoje, escrever pesquisas como essa dissertação. Sendo assim, para compreender de que maneira as lésbicas têm traçado caminhos para escrever uma história que leve em conta as especificidades de suas experiências enquanto homossexuais e enquanto mulheres, cabe antes, compreender como essas são incorporadas dentro das historiografias que tratam desses temas.

O lugar das lésbicas na história das mulheres: diálogos e tensões

A história das mulheres contempla as lésbicas? Qual lugar as lésbicas ocupam nessa história? Existe algum empreendimento teórico no campo da história das mulheres que visa compreender as especificidades das ações lésbicas ao longo do tempo? Focando no contexto do Brasil, durante minha pesquisa eu percebi que existe uma distância temporal de décadas

que separa os primeiros trabalhos sobre história das mulheres, dos primeiros trabalhos que as lésbicas aparecem como sujeitas protagonistas da história.

Sendo assim, creio que para encontrar possíveis respostas para essas perguntas e abranger os diálogos e tensionamentos das lésbicas com a história das mulheres, é importante compreender como esse campo da historiografia ganhou espaço dentro da academia, pois assim, será possível dimensionar o porque as lésbicas demoraram décadas a mais para aparecerem como sujeitas históricas protagonistas em pesquisas da área.

Segundo Gerda Lerner, ainda que as mulheres, durante séculos viessem tentando construir uma história das mulheres, esse movimento era constantemente apagado, e cada geração das que faziam essa empreitada partia novamente do zero, por não terem conhecimento do trabalho de suas antecessoras. Isso fica claro quando a autora aponta que, nas listas de mulheres bem sucedidas e trabalhos com a finalidade de falar de trajetórias de mulheres ao longo do tempo, eram utilizadas referências a trabalhos de homens e não de mulheres.

Com esse apagamento das intelectuais que falavam sobre o assunto, as mulheres desconheciam suas antecessoras no desafio de registrar historicamente a atividade feminina ao longo do tempo (Lerner, Gerda, 2022). A autora ressalta que esse cenário só muda de forma mais incisiva no século XIX, e sobretudo no século XX, levando em consideração a presença da temática em espaços institucionais de construção de conhecimento.

Em vista desse cenário, a história das mulheres adentrou a academia somente no século XX, a partir de um esforço de décadas que só se concretizou a partir da luta coletiva organizada das mulheres, traduzida no contexto da segunda onda do movimento feminista da década de 1960.

Dessa forma, as transformações na historiografia, articuladas ao movimento feminista nos fins de 1960, apresentaram um papel decisivo no processo, colocando as mulheres na condições de sujeito e objeto da História e marcando a emergência da História das Mulheres (Batista, Letícia Emília, 2020, p.72).

Sendo assim, a partir da atuação coletiva das feministas que ocupavam os espaços da academia, aproveitando as mudanças na historiografia, sobretudo a partir da influência da escola dos Annales, que se tornou um marcador emblemático na construção de uma nova historiografia (Mattos, Hebe, 1997), a História das mulheres passou a ter espaço institucional de desenvolvimento. Depois de séculos de tentativa, o movimento feminista foi definitivo para que as experiências femininas também fossem levadas a cabo na escrita da História (Lerner, Gerda, 2022).

Porque essa área do conhecimento não conseguiu espaço ainda na primeira onda do movimento feminista? Ao observar as reivindicações das mulheres da primeira onda, é possível identificar que a luta delas era inicialmente por direitos básicos como o voto, à propriedade, o trabalho e sobretudo à educação (Adams, Aline; Santos, André, 2020).

Sendo assim, antes que fosse possível existir uma história das mulheres dentro da academia, a feministas da primeira onda precisaram lutar para que as mulheres pudessem, primeiro, ocupar esse espaço como produtoras de conhecimento. Sobre isso, Gerda Lerner (2022) demonstra que as historiadoras demoraram muito para conseguir empregos nas universidades.

No final do século XIX, quando as historiadoras conseguiam empregos na academia, era em universidades femininas, e no início do século XX a autora pontua que as poucas historiadoras que tinham cargos nas universidades mistas, eram contratadas por terem um extenso conhecimento em áreas gerais da História, sem dar espaço para que uma história das mulheres pudesse amplamente se constituir dentro do espaço acadêmico daquele contexto (Lerner, Gerda, 2022).

Ao traçar um paralelo entre as possibilidades da escrita de uma história das mulheres com a luta pela inclusão das lésbicas nessa história, é possível encontrar alguns aspectos semelhantes, e outros conflituosos. Um de seus pontos em comum está na conexão entre as reivindicações da primeira onda do movimento feminista e as reivindicações da primeira geração do movimento lésbico brasileiro. Com isso, a principal semelhança é: ambos lutaram inicialmente por direitos básicos.

Enquanto a primeira onda do movimento feminista, ao longo do final do século XIX e início do século XX lutou pelo direito ao voto, pela igualdade entre homens e mulheres perante a lei, pelo direito à educação etc (Adams, Aline; Santos, André, 2020), a primeira década de existência do movimento lésbico no Brasil, em 1980, marcou a luta pelo direito das mulheres poderem se relacionar amorosa e sexualmente com outras mulheres. Em outros termos, marcou a luta das lésbicas para terem o direito de existir para além do âmbito privado.

Constatar isso, nos leva a perceber que, enquanto na década de 1980 no Brasil o “estudo da história das mulheres adquire estatuto próprio, afirmando-se como área de interesse na academia” (Rago, Margareth, 1995, p.84), as mulheres lésbicas ainda lutavam pelo direito básico de existir, pelo direito de poderem viver seu amor por outra mulher de forma livre, pública, e pelo fim da clandestinidade do seu afeto.

Resolvi trazer esse paralelo, para refletir em que momento as mulheres lésbicas chegaram para competir nessa disputa por um lugar na escrita da História. Se quando as

mulheres heterossexuais já haviam conquistado o direito de escrever suas histórias na academia, nós ainda estávamos lutando para poder existir de forma pública, lutando para poder falar a palavra lésbica a partir de um lugar humanizado, quando é que as lésbicas puderam fazer parte da historiografia no Brasil?

Assim como a luta coletiva dentro do movimento feminista foi fundamental para as mulheres se inserirem na historiografia, a luta coletiva das lésbicas no movimento Lésbico foi primordial para que suas histórias também pudessem ser contadas. Constatar isso não significa negar a contribuição das feministas heterossexuais e do campo da história das mulheres na construção da possibilidade das lésbicas terem suas histórias contadas. Significa reconhecer a importância da luta coletiva para que experiências de grupos marginalizados possam se inserir na escrita da História.

Ao levar em consideração os impactos da luta da primeira onda do movimento feminista, sobretudo no que tange o direito à educação, é possível identificar que as reverberações dessa luta são encontradas décadas depois, ao observar esse reflexo na atuação da segunda onda do movimento feminista, tendo mulheres inseridas dentro do espaço acadêmico de forma mais ampla.

Essa presença nos espaços institucionais do conhecimento científico permitiu que a História das mulheres pudesse existir na academia. Sendo assim, evidencia-se que foram necessárias décadas para que o processo de ocupação feminina nesse espaço legitimado de produção científica se manifestasse de forma concretizada (Lerner, Gerda, 2022). Ter isso em mente não significa dizer que o conhecimento sobre a História das mulheres não existisse, afinal, esse domínio foi se construindo durante décadas, e ainda no Século XIX já era possível observar o seu fortalecimento, mesmo que ainda não estivesse ocupando espaço dentro da academia.

Esse aspecto também pode ser encontrado ao mapear a trajetória de inserção das lésbicas na história das mulheres no Brasil. Na década de 1980 existe a presença histórica e marcante da criação do boletim Chanacomchana, organizado pelo Grupo de ação lésbico feminista (GALF). O boletim Chanacomchana é um dos resultados da atuação de um movimento social que percebia a importância de registrar em palavras e refletir sobre as experiências em comum das lésbicas (Ferraz, Maria Cruz, 2021).

Na década de 1980 as mulheres lésbicas realizaram a ação política de registrar suas experiências de vida, refletindo como estas eram experiências políticas diante de uma sociedade patriarcal e heterossexual (Wittig, Monique, 2022), conhecendo a obra de suas antecessoras. Isso pode ser observado pelo fato que as discussões do Chana com Chana

faziam um diálogo direto com intelectuais lesbofeministas internacionais (Batista, Letícia, 2020), como Adrienne Rich, lesbofeminista norte americana, criadora do conceito de heterossexualidade compulsória (Rich, Adrienne, 2019) e Monique Wittig, lesbofeminista francesa, criadora do conceito de “pensamento hétero” (Wittig, Monique, 2022).

O contato com intelectuais lésbicas que já refletiam e escreviam sobre o lugar social da mulher lésbica na sociedade, demonstra a importância e a potência de se ter “conhecimento da obra e dos argumentos de suas antecessoras” (Lerner, Gerda, 2022, p. 328). Quando esse conhecimento não existe, a operação cognitiva de historicizar essas experiências de vida, e antes de tudo, de compreender a importância histórica delas, é prejudicada e atrasada, algo que Gerda Lerner ressalta ser um dos principais motivos desse atraso na criação de uma consciência histórica.

Dessa forma, é possível observar que aspectos semelhantes também compõem a trajetória de inserção das mulheres lésbicas na historiografia. Essa inserção tem relação direta com a luta do movimento lésbico e com o conhecimento das teorias lesbofeministas. Os diálogos e tensões da participação das lésbicas na história das mulheres vêm de uma trajetória de encontros e desencontros quando refletimos sobre a criação da consciência histórica feminina, sua consequente busca por uma história das mulheres, e a criação de uma consciência histórica das mulheres lésbicas, que se encontram duplamente atrasadas nessa corrida pela presença na História. Esse atraso acontece porque, além de serem mulheres, são mulheres que contrariam toda a construção social em torno do que significa ser uma mulher, por não destinarem seu afeto e energia aos homens (Wittig, Monique, 2022).

Pensando ainda nesses pontos de tensão, cabe ressaltar um que já aparece em meu texto quando eu falo sobre o estigma das mulheres lésbicas dentro do movimento feminista. Desde a criação do movimento lésbico no Brasil, é possível identificar o constante conflito deste com o movimento feminista, e a maior razão para esse conflito é justamente o nó da heterossexualidade.

Trazendo o contexto de surgimento do primeiro movimento lésbico no Brasil, na década de 1980, enquanto as mulheres lésbicas já teciam críticas à heterossexualidade em suas reflexões, as mulheres heterossexuais do movimento feminista não tinham essa crítica como pauta em suas ações políticas. Dessa maneira, “as contribuições das lésbicas para o feminismo brasileiro foram diversas, perpassando desde discussões sobre a sexualidade até a crítica à heterossexualidade compulsória” (Kumpera, Julia Aleksandra Martucci, 2021, p.133).

O movimento feminista era completamente atravessado pela heterossexualidade de forma naturalizada. “Nesse contexto, as ativistas lésbicas estavam trazendo à tona a compreensão de que as sexualidades são histórica e socialmente construídas” (Kumpera, Julia Aleksandra Martucci, 2021, p.119), e esse posicionamento criou uma tensão constante entre as mulheres lésbicas e heterossexuais. Portanto, essa crítica à heterossexualidade, que pode ser considerada uma das maiores contribuições do movimento lésbico para o movimento feminista e outros movimentos sociais (Falquet, Jules, 2012), também é o mesmo que fez com que as lésbicas tivessem dificuldades de inserção dentro desses movimentos, sobretudo o movimento feminista.

A marginalização das mulheres lésbicas dentro do movimento feminista revela pistas do porque as lésbicas não são sujeitas históricas protagonistas das produções da história das mulheres. A equação é inevitável: se a criação da história das mulheres teve relação direta com o movimento feminista, e este movimento marginalizou as lésbicas, logo, as lésbicas também tiveram dificuldades em serem personagens inseridas nessa história.

Cabe lembrar que estamos falando de um momento em que o Brasil, além estar inserido em um contexto de ditadura militar, ainda tinha a homossexualidade classificada como patologia pela OMS (Organização Mundial de Saúde), o que fazia que com as lésbicas fossem alvo de violência não só fora, como também dentro das organizações feministas.

Ressalto esse conflito por compreender que, ainda que o movimento feminista tenha sido crucial para a existência da história das mulheres, as lésbicas precisaram lutar de forma autônoma para que esse espaço de construção de conhecimento também fosse ocupado por elas. E isso acontece porque mulheres lésbicas, historicamente transgridem ao mandado histórico da heterossexualidade presente na ampla socialização feminina (Pisano, Margarita, 2001), fazendo com que sua memória e suas pautas sejam invisibilizadas e negligenciadas, inclusive, pelo próprio movimento feminista (Fernandes, Marisa, 2018).

Para completar esse debate, trago algumas observações que fiz durante a leitura da bibliografia sobre história das mulheres realizada para escrever essa dissertação. Considerei importante ler autoras clássicas da área, tanto internacionais quanto nacionais. Portanto, realizei a leitura de produções das autoras brasileiras Joana Maria Pedro^{13 14}, Rachel Soihet¹⁵

¹³PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.25, n.1, P.77-98, 2005.

¹⁴PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v.12, n.22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

¹⁵SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp.77-87

¹⁶e Margareth Rago¹⁷, 3 nomes importantíssimos para se pensar na história das mulheres no Brasil. Além das autoras brasileiras, li também textos de autoras estrangeiras consideradas leituras clássicas quando o assunto é história das mulheres, sendo elas Michelle Perrot¹⁸, Louise Tilly¹⁹ e Gerda Lerner²⁰.

Após ler todos os trabalhos citados, a primeira observação que eu posso fazer, no que tange às possibilidades de inclusão das mulheres lésbicas, levando em conta o escopo de análises utilizadas pelas autoras, é que: nenhum dos textos mencionados trabalha com a categoria de análise da heterossexualidade. Ou seja, diante dos aportes teóricos e ferramentas de análises apresentados pelas autoras como métodos analíticos para se escrever uma história das mulheres, a heterossexualidade não aparece como uma questão que deve ser levada em conta.

Ter isso em mente possibilita pensar nos limites de participação das mulheres lésbicas em uma história das mulheres que não leve em consideração a análise da heterossexualidade. Isso porque, para que a experiência lésbica seja de fato contemplada em uma pesquisa sobre mulheres, a heterossexualidade não pode ser algo dado, nem naturalizado.

Quando não se questiona a heterossexualidade como uma estrutura de poder, os marcadores sociais que atravessam as experiências das mulheres lésbicas, justamente por serem lésbicas, são invisibilizados, fazendo com que as histórias dessas mulheres não sejam totalmente contempladas, causando assim, um ponto cego na análise, e conseqüentemente, um apagamento sistemático da experiência histórica das lésbicas.

Uma produção de conhecimento que não questiona a heterossexualidade é uma produção inserida dentro do que Monique Wittig (2022) chama de “pensamento hétero”. Para a autora, esse conceito diz respeito a um discurso que permeia todas as instituições sociais da sociedade em que vivemos. Esse discurso pressupõe a heterossexualidade como um dado universal e natural. Ao ter essa compreensão, Monique Wittig (2022) mostra que a heterossexualidade não é somente uma prática sexual, e sim um regime político que está na base das relações humanas.

¹⁶SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27, n° 54, p. 281-300, 2007.

¹⁷RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

¹⁸PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro, Coleção História, Bauru, São Paulo, 2005.

¹⁹TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu** (3) 1994: p. 31.

²⁰LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista: a luta de 1200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

Por seu caráter irrefutável, como conhecimento, como princípio óbvio, como um dado anterior à qualquer ciência, o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo (Wittig, Monique, 2022, p.69).

Assim, segundo Monique Wittig (2022, p.69), uma das principais consequências da universalização promovida pelo pensamento hétero é que este “não consegue conceber uma cultura, uma sociedade em que heterossexualidade não ordene não só as relações humanas, mas também sua própria produção de conceitos [...]”. Dessa forma, é possível perceber que, historicamente, toda produção de conhecimento científico vem sendo realizada a partir de uma linguagem que universaliza a heterossexualidade, tornando as experiências de homossexualidade como “o outro” da história. Sendo assim, a lesbianidade não consegue ser pensada nem historicizada se não existe uma crítica à heterossexualidade.

Ter esses aspectos em mente nos traz a percepção de que a história das mulheres foi e é importante para compreender as lésbicas, uma vez que nós, por sermos mulheres, compartilhamos diversas experiências e diversos marcadores em comum com as mulheres heterossexuais. Contudo, existem limitações claras na forma como podemos ser inseridas nessa história, sobretudo porque a historiografia clássica sobre o tema não trabalha a heterossexualidade como uma categoria de análise.

Isso demonstra, mais uma vez, como a produção de conhecimento lesbofeminista é extremamente enriquecedora como chave de compreensão das relações sociais entre os sexos (Falquet, Jules, 2012). Trago como exemplo disso 2 historiadoras brasileiras que são consideradas cânones para pensar as mulheres lésbicas na história: Tânia Navarro Swain (2000) e Patrícia Lessa (2003). Essas autoras incorporam discussões da história das mulheres em suas análises, ao mesmo tempo em que questionam a heterossexualidade, considerando-a como uma estrutura de poder.

Ao fazer esse movimento, elas tiram o véu da invisibilidade que cobre as relações entre as mulheres na História, demonstrando a importante contribuições que os conceitos lesbofeministas “heterossexualidade compulsória” (Rich, Adrienne, 2019) e o “pensamento hétero” (Wittig, Monique, 2022) têm a oferecer para a História.

Em linhas gerais, o meu objetivo com esse debate, tanto na compreensão da inserção das mulheres lésbicas na história das homossexualidades, quanto na inserção delas na história das mulheres, foi o de conseguir mapear quais são os limites e desafios que essas produções apresentam, demonstrando que as lésbicas ainda não são plenamente incorporadas em nenhuma dessas duas áreas.

Na história das homossexualidades, carece uma análise que leve em consideração a condição feminina das mulheres lésbicas, uma vez que, por serem mulheres, estas vivem a homossexualidade de forma distinta dos gays. Enquanto que na história das mulheres existe a falta de uma análise crítica em relação à heterossexualidade, entendendo-a não somente como uma prática sexual, mas também como um regime político que impacta diretamente nas relações de poder entre os sexos (Wittig, Monique, 2022). Essa “lacuna analítica” acaba por invisibilizar as lésbicas e suas especificidades.

Constatar esse “não lugar” das lésbicas em áreas da historiografia em que elas também deveriam ter espaço e protagonismo, escancara a necessidade de ampliação de conceitos, sobretudo no que diz respeito à compreensão da heterossexualidade como um regime político pautado em discursos que nos oprime, impedindo- nos de criar nossos próprios termos (Wittig, Monique, 2022). Além disso, nos faz perceber a urgência de pesquisadoras que estejam dispostas a questionar a linguagem heterossexual e machista que está impregnada na contrução de conhecimento científico ainda nos dias de hoje.

Acredito que uma das formas de mudar essa realidade, e produzir um conhecimento científico que tire as lésbicas desse “não lugar”, para colocá-las na História, é incorporar as chaves de leitura do mundo, os conceitos, as epistemologias lesbofeministas nas historiografia. Somente assim as lésbicas terão um lugar ao sol nesse campo do conhecimento.

Mas afinal, porque as mulheres lésbicas precisam ser incluídas na História como lésbicas e não somente como mulheres? Porque as lésbicas existem nesse mundo, e a sua existência marca uma vida pautada em ações que direcionam as mulheres umas para as outras. Uma vida marcada pelo amor e companheirismo entre mulheres, uma vida marcada por uma existência feminina que não condiz com a norma.

Incluir as lésbicas na escrita da História é uma tarefa de nos fazer existir para além de nossas restrições biográficas (Brossard, Nicole, 2023), pois “escrever é fazer existir, é como decidir o que existe e o que não existe” (Brossard, Nicole, 2023, p.123). Ao escrever nós decidimos sobre a realidade (Brossard, Nicole, 2023), e a realidade de ser lésbica precisa ser uma possibilidade, para que possamos ser humanizadas e exercer nossas potencialidades de vida nesse mundo. A História exerce esse papel social, a História é a ciência das mulheres (Tilly, Louise, 1994) e dos homens (Bloch, Marc, 2001) no tempo, portanto ela também pertence às mulheres lésbicas. Sendo assim temos o direito e o dever de nos apropriarmos dela.

1.6- Quando as lésbicas entram na História? Avanços da pesquisa historiográfica sobre lesbianidades no Brasil

Ao analisar de que maneira as pesquisas sobre história lésbica vão se desenvolvendo no Brasil, é possível afirmar que sua expressão mais concreta passou a existir a partir dos anos 2000, mas ganhou uma conotação maior em termos de números de pesquisas realizadas de 2019 em diante. Partindo dessa realidade, me vi na presença do desafio de mapear as pesquisas sobre lésbicas na área de História no Brasil.

Cabe ressaltar que não realizei um levantamento esgotante da produção de pesquisas em História com o protagonismo da temática lésbica, deixando em aberto a necessidade de se analisar e pesquisar a bibliografia existente com mais profundidade, uma vez que, trata-se de um levantamento geral que não teria espaço para detalhar nessa dissertação.

Portanto, busco trazer em linhas gerais a que pé anda a produção de conhecimento em História sobre mulheres lésbicas, a fim de refletir de que maneira essas sujeitas vem sendo inseridas na historiografia no geral e como o campo de história das mulheres abre espaço para que experiências femininas fora do padrão heterossexual possam fazer parte da construção de conhecimento a respeito da atuação das mulheres ao longo do tempo.

No levantamento que realizei, optei por incluir teses, dissertações e livros escritos por historiadoras e historiadores que tenham como foco as experiências lésbicas. Com isso, encontrei o total de 25 pesquisas realizadas em programas de pós-graduação em História de diferentes universidades do Brasil, contando com 5 teses e 20 dissertações. Além desses 25 trabalhos, encontrei apenas 1 livro, escrito pela historiadora Tânia Navarro Swain, intitulado “O que é lesbianismo”. Após fazer esse levantamento, montei uma tabela trazendo as principais produções encontradas em ordem cronológica para compreender e visualizar como se deu o avanço dessas pesquisas no decorrer do tempo.

Tabela 1 - Produção de pesquisas sobre lesbianidades em História (Brasil)

Título	Autora/autor	Tipo de produção	Ano de publicação
A coisa obscura: mulher, sodomia e Inquisição no Brasil Colônia	Lígia Bellini	Dissertação	1989
O que é lesbianismo	Tânia Navarro Swain	Livro	2000

Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960	Nadia Nogueira	Tese	2005
Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil 1979-2006)	Patrícia Lessa	Tese	2007
A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica	Maria Célia Orlato Selem	Dissertação	2007
Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Lingüística e Literatura.	Leticia Batista Rodrigues Leite	Dissertação	2009
“Onde estão as respostas para as minhas perguntas”? Cassandra Rios - A construção do nome e a vida escrita como tragédia de folhetim (1955-2001)	Kyara Maria de Almeida Vieira	Tese	2014
O que eu sei, o que eu acho que sei e o que me disseram: diálogos com jovens sobre lesbianidades	Talita Gonçalves Medeiros	Dissertação	2015
(I)moralidade e censura: prazeres desviantes e sexualidade na obra de Cassandra Rios	Isabela Silva Nóbrega	Dissertação	2015
A importância de se ver nas telas: lesbianidade no cinema brasileiro (1990-2010)	Camila Nadedja Teixeira Barbosa	Dissertação	2019
Chanacomchana: um sopro do lesbianismo paulista nos anos de 1980	Letícia Emília Batista	Dissertação	2020

Medicina Psiquiátrica e sexualidade feminina: um estudo de caso sobre lesbianismo e abjeção no Brasil (1930-1940)	José Eduardo Matos Tavolaro	Dissertação	2020
Em busca de visibilidade: o movimento das lésbicas em Belo Horizonte (1998-2024)	Maria Cruz Ferraz	Dissertação	2021
“O lesbianismo é um barato”: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979- 1990)	Julia Aleksandra Martucci Kumpera	Dissertação	2021
Vai ter chanacomchana sim!: construção de um grupo lesbiano feminista em São Paulo na década de 1980	Jaíne Chianca da Silva	Dissertação	2021
O cinema interseccional de Adélia Sampaio	Bárbara Brognoli Donini	Dissertação	2021
“Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906)	Vanessa Alves Gouveia	Dissertação	2022
Resistência e visibilidade lésbica na redemocratização: uma análise interseccional do boletim Chanacomchana (1981-1987)	Fanny Spina França	Dissertação	2022
Lesbianismo, juventude e violências: imprensa alternativa como forma de resistência (1978-1987)	Kleire Anny Pires de Souza	Dissertação	2023

“O jornal é nosso” e “o amor entre mulheres”: embates nas páginas do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)	Nayara Brito Pereira	Dissertação	2023
Um gato sem rabo e outras histórias lésbicas: a história de vida e a produção de vídeos de Rita Moreira	Alina dos Santos Nunes	Dissertação	2023
Lesbianidade censura e transgressão: a escrita autobiográfica de Cassandra Rios	Ingrid Mancilha Cesar	Dissertação	2023
Da volúpia do pecado e dos delírios da carne: desejo e sexualidade em Cassandra Rios (1948)	Flávia Mantovani	Tese	2023
Entre Repressões e Resistências: memórias lesbianas no contexto da ditadura civil-militar brasileira e redemocratização(1968-1988)	Camila Diane Silva	Tese	2023
Censura e Marginalidade em Cassandra Rios: o esquecimento como política	Hévila Maria Sousa Santos	Dissertação	2024
“ChanacomChana também é bacana”: lésbicas e comunicação militante na abertura política brasileira (1981-1987)	Wagner Roberto Locks Reis	Dissertação	2024

Fonte: elaboração própria.

A partir do levantamento e da construção dessa tabela, observei algumas questões importantes a serem ressaltadas. A primeira delas, é que, das 26 obras que mapeei, somente 2 foram escritas por homens, o que demonstra a relevância e o protagonismo das historiadoras em uma produção historiográfica sobre mulheres lésbicas. Além disso, ao visitar a biografia

das autoras, é possível perceber que a maioria das historiadoras que escrevem sobre lésbicas são lésbicas.

Sendo assim, fica explícito que, a produção historiográfica sobre lésbicas é predominantemente construída por historiadoras lésbicas. Essa característica revela pistas para pensar como escrever uma história lésbica. Quando eu uso a expressão “história lésbica”, uso porque as lésbicas não estão sendo colocadas como protagonistas nem da história das mulheres nem na história das homossexualidades, uma vez que, como venho buscado ressaltar, essas duas áreas temáticas da historiografia carecem de conceitos e ferramentas analíticas que dêem conta de captar as especificidades das experiências de mulheres lésbicas no decorrer do tempo.

Quando eu estava montando o esqueleto dessa parte do meu capítulo, eu tive uma dificuldade gigantesca no que diz respeito ao uso de termos, e isso demonstra como é necessária uma historiografia que possua conceitos que dêem conta de falar sobre lésbicas. Não existe um conceito de história lésbica no Brasil, e nem uma produção que esteja falando especificamente sobre isso. Não encontrei uma categoria de análise de historiografia que pudesse usar como referência nesse momento. Esse silêncio, essa falta de conceitos, de ferramentas de análise, de terminologias não é uma mera coincidência, e sim, um silêncio planejado, um silêncio que é fruto de todo um processo de apagamento das experiências de mulheres lésbicas, e também de sua produção teórica.

Contudo, cabe ressaltar que, ainda que as lésbicas tenham encontrado uma série de dificuldades para se colocar enquanto sujeitas históricas na historiografia, existe uma produção de pesquisas em História nessa área que vem crescendo nos últimos anos. Como é possível observar na tabela, até o ano de 2019 existiam apenas 9 pesquisas realizadas, sendo 2 teses e 7 dissertações. De 2019 a 2024, portanto, houve um “boom”, com a produção de 16 pesquisas. Ou seja, em 6 anos tivemos quase o dobro de produções do que em 30 anos. Esse “boom” de produções reflete a entrada de uma nova geração nos programas de pós-graduação em História.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que, a partir da leitura das referências bibliográficas das pesquisas citadas na tabela, é possível observar que mais de 90% dos trabalhos utilizam autoras lesbofeministas como referência bibliográfica. Dentre elas, as mais usadas são Adrienne Rich e Monique Wittig, sobretudo nos usos dos ensaios heterossexualidade compulsória e existência lésbica (Rich, Adrienne, 2019) e “O pensamento hétero” (Wittig, Monique, 2022).

Sendo assim, podemos perceber que a teoria lesbofeminista está presente na maior parte da produção historiográfica sobre lésbicas no Brasil, e que essa característica é importante para entender qual o nível de análise está sendo utilizado para compreender historicamente as questões em torno de sujeitas históricas lésbicas. Esse aspecto demonstra a materialidade da questão que eu venho tentando argumentar ao longo deste capítulo sobre a necessidade de questionar a heterossexualidade, de entendê-la como uma instituição (Rich, Adrienne, 2019) e um regime político (Wittig, Monique, 2022), para que assim as ações e experiências das mulheres lésbicas possam de fato serem historicizadas.

Outro ponto que me chamou atenção nesse levantamento de pesquisas sobre lésbicas na área de História é a grande importância do Boletim Chanacomchana, tanto como fonte, tanto como um marco para se pensar no registro das primeiras ações lésbicas a partir de um lugar de lesbianidade política no Brasil.

Dos 25 trabalhos mapeados, pelo menos 9 utilizam o boletim Chanacomchana como fonte importante para o desenvolvimento das pesquisas. Além disso, 5 pesquisas trabalham diretamente com o boletim como tema. Isso demonstra como o boletim Chanacomchana é importante para pensar na história das mulheres lésbicas no Brasil, podendo ser considerado um veículo de comunicação que foi ponto de partida para a construção e registro das ações de um dos primeiros movimentos lésbicos brasileiro, o GALF (Grupo de Ação Lésbico Feminista).

Quando eu decidi fazer essa pesquisa sobre a trajetória de uma geração de mulheres lésbicas em Juiz de Fora, o primeiro desafio que tive de enfrentar foi justamente a falta de fontes para a pesquisa. As ações das mulheres lésbicas não deixam registros, e na maioria das vezes é necessário garimpar e usar da nossa criatividade para acessar essas ações.

No meu caso, precisei cocriar todas as minhas fontes, a partir das entrevistas de história oral. Por isso, ao ver na prática os desafios em acessar as experiências e ações de mulheres lésbicas no passado, ainda que não seja um passado tão distante, fica ainda mais evidente a preciosidade de registros como o boletim Chanacomchana.

Portanto, acredito que a maneira como esse boletim aparece de forma recorrente em várias pesquisas que estão na tabela, se dá também por ter sido um dos primeiros espaços de escrita de reflexões em torno das experiências e ações lésbicas, sobretudo reflexões que partem de uma compreensão da lesbianidade como uma experiência política.

O boletim Chanacomchana foi a expressão de um processo de formação de uma consciência de grupo das mulheres lésbicas. As ativistas que o construíram tinham como objetivo além registrar e refletir sobre suas vivências e ações, uma preocupação em tirar esse

debate da esfera privada e torná-lo público, discutindo suas lesbianidades a partir de uma percepção política e não apenas uma prática sexual.

Esse pioneirismo pode ser considerado o evento inaugurador de uma geração (Sirinelli, Jean-François, 2006) de lésbicas que lia e expressava a sua lesbianidade não mais somente a partir do âmbito privado, como prática sexual, e sim a partir de um lugar político de reivindicação de direitos através de um debate na esfera pública.

Quis trazer esses apontamentos sobre o destaque do boletim Chanacomchana para pensar na importância do registro público das experiências e ações lésbicas ao longo do tempo. Uma vez que, se para as mulheres no geral o “mais significativo dos impedimentos quanto ao desenvolvimento da consciência de grupo das mulheres era a ausência de uma tradição que reafirmasse a independência e autonomia das mulheres em qualquer período do passado” (Lerner, Gerda, 2019, p.269), para as mulheres lésbicas esse impedimento também acontece.

A ausência de uma tradição e de um conhecimento sobre experiências de lesbianidade no passado, ou seja, a falta de referências positivas sobre ser lésbica na sociedade, ainda hoje é um dos grandes impedimentos que mulheres têm para viver sua lesbianidade de forma plena, impedindo também que essas possam se compreender enquanto grupo e produzir conhecimento histórico sobre si.

Como Gerda Lerner (2022) aponta, as mulheres durante séculos fizeram o movimento de registrar suas ações, contudo, até o século XIX elas faziam isso sem ter conhecimento da obra de suas antecessoras e isso teve como consequência um grande atraso na construção da consciência histórica feminina. Somente no século XIX elas conseguiram fazer esse movimento de registrar suas ações, refletir e escrever sobre as especificidades de suas experiências tendo conhecimento da obra de suas antecessoras.

Esse fenômeno é semelhante ao exemplo do boletim Chanacomchana. Ele foi a expressão da primeira atividade que as lésbicas brasileiras fizeram de registrar suas ações e debater sobre suas vivências a partir de um lugar específico no mundo: o lugar de uma mulher lésbica. Como mencionei anteriormente, o boletim Chanacomchana possuía um diálogo direto com intelectuais lesbofeministas como Monique Wittig e Adrienne Rich. Essas autoras estavam produzindo na mesma época que o GALF estava atuando aqui no Brasil. Ou seja, as ativistas do GALF conheciam as obras das intelectuais lésbicas internacionais, que eram contemporâneas.

Ter conhecimento dessas obras foi primordial para despertar nessas mulheres um senso de consciência política e histórica que as unia enquanto grupo, e isso se reflete

diretamente na forma como elas escreveram o boletim Chanacomchana e a forma como trabalharam suas lesbianidades de forma política.

Dessa forma é possível observar que, assim como o movimento feminista e todo o processo de construção de consciência política e histórica feminina formado como consequência desse movimento impactou diretamente na criação e desenvolvimento da história das mulheres (Tilly, Louise, 1994), o movimento homossexual juntamente com o processo de politização da homossexualidade impactou na escrita de uma história das homossexualidades (Pedro, Joana Maria; Veras, Elias, 2014).

O movimento lésbico e as produções teóricas do lesbofeminismo vêm traçando o mesmo caminho, sendo extremamente importantes para historicizar as experiências de mulheres lésbicas. Portanto, seguindo em uma experiência semelhante à história das mulheres e à história das homossexualidades, que estão relacionados ao movimento LGBT e ao movimento feminista, a historiografia que vem trabalhando temáticas sobre lesbianidade está também relacionada à atuação do movimento lésbico, e ao impacto das teorias lesbofeministas.

Considero extremamente importante evidenciar isso na minha pesquisa por perceber que, ao tentar encontrar as lésbicas dentro das produções historiográficas sobre homossexualidades e sobre mulheres, nenhuma dessas áreas conseguiu dar conta de realizar uma inserção plena das mulheres lésbicas em suas produções, sobretudo porque suas chaves analíticas deixavam de fora, ora as especificidades da homossexualidade feminina, ora as heterossexualidade enquanto instituição política e regime político.

Portanto em linhas gerais, as lésbicas só encontraram espaço de protagonismo em produções historiográficas quando essas produções passaram a incorporar, tanto uma discussão teórica que dê conta de compreender o que significa ser uma mulher homossexual, e compreender o que significa a heterossexualidade para além de uma prática sexual, para além de um elemento naturalizado das relações entre os sexos.

Isso só acontece quando existe um empreendimento, que é também uma escolha política, de incorporar as discussões lesbofeministas no debate, utilizando-as como ferramentas de análise, adicionando conceitos que falem especificamente das experiências lésbicas. Após realizar todo esse movimento de analisar, tanto produções clássicas sobre a história das homossexualidades, quanto produções clássicas sobre a história das mulheres e agora, as produções historiográficas sobre lésbicas, percebi que esse movimento só acontece plenamente nas pesquisas que tratam especificamente das experiências lésbicas.

Ou seja, as lésbicas foram plenamente incluídas na História quando esta foi produzida a partir de uma historiográfica que dialoga, em alguma medida, com as teorias lesbofeministas. Ter esses aspectos da influência do movimento lésbico e do lesbofeminismo na produção de uma historiografia lésbica é importante para compreender porque hoje é possível encontrar, de forma palpável, uma produção teórica e historiográfica, termos consolidados e amplamente utilizados como “história das mulheres”, “história das homossexualidades”, mas ainda não temos o termo “história lésbica” consolidado.

Se as lésbicas não podem ser encontradas como sujeitas históricas protagonistas de pesquisas nem dentro das produções clássicas da história das mulheres nem da história das homossexualidades, é necessário que seja possível falar sobre uma “história lésbica”. Nós lésbicas precisamos nos estabelecer no território da historiografia, construindo e trazendo nossos conceitos advindos das nossas lutas cotidianas, da nossa atuação política dentro dos movimentos lésbicos e da leitura das produções teóricas de nossas companheiras. Conceitos que dêem conta de falar plenamente sobre nossas experiências, conceitos produzidos por quem vive a lesbianidade na pele, pois como aponta Adrienne Rich (2019, p.115):

Nossas relações fieis e duradouras, nosso trabalho de ativistas sociais em nome das mulheres e das crianças, nossa ternura e força bem como nossos sonhos e visões de mulheres - apenas começaram a ser retratadas, na literatura e na academia, por lésbicas.

A partir desse posicionamento, acredito que mesmo que as produções sobre lésbicas em História no Brasil ainda tenham um número pequeno de trabalhos, esse cenário vem melhorando. As pesquisas historiográficas que trazem as lésbicas como protagonistas foram crescendo timidamente desde o final da década de 1980 até a segunda década dos anos 2000.

Ao perceber que entre 2019 e 2024 o número de pesquisas sobre o tema quase dobrou em relação aos últimos 30 anos, é possível observar que esse cenário vem melhorando no Brasil, trazendo as lésbicas para a historiografia, tanto como agentes históricas, quanto como intelectuais, sendo utilizadas como referências teóricas importantes. Acredito que a minha dissertação está inserida nesse contexto, no rol de uma geração de historiadoras lésbicas que, cada dia mais, vem trazendo a lesbianidade como tema na História.

Sendo assim, ao longo dos próximos capítulos, ao buscar compreender a inserção política e social das mulheres lésbicas em Juiz de Fora, a partir de suas redes de sociabilidades, e zonas de atuação tanto pública quanto privada, espero estar contribuindo para continuar mudando esse cenário de apagamento sistemático da história lésbica.

Esse apagamento faz com que nós fiquemos invisíveis dentro do tecido social no qual vivemos (Lessa, Patrícia, 2003). Precisamos nos tornar visíveis, uma vez que, só é possível

ser aquilo que podemos ver, aquilo que podemos imaginar. As lésbicas existem, portanto, precisam existir também na História, pois aquilo que a História não diz, não existiu (Navarro-Swain, Tânia, 2000).

Dessa maneira, se para entrarmos na História, precisamos criar conceitos, precisamos nos reinventar, precisamos trazer nossos conhecimentos para a historiografia, precisamos dar nomes para aquilo que ainda não tem nome, assim faremos. E quem sabe um dia, a próxima historiadora que for falar sobre lésbicas não tenha tantas dificuldades e desafios como eu tive para escrever essa parte do capítulo.

Se for preciso inventar e reinventar os termos para que possamos nos incluir nessa historiografia, nós aceitamos o desafio, pois “uma lésbica que não reinventa o mundo é uma lésbica em processo de extinção” (Brossard, Nicole. 2023, p. 107).

1.7- Como escrever História Lésbica?

Onde está escrita a minha história? A história da mulher que eu amo, a história daquelas duas que vi andar de mãos dadas na rua Halfeld outro dia? Porque eu nunca achei um livro contando essa história na biblioteca? As mulheres lésbicas existem nas palavras que registram a ação humana no tempo? Elas existem para além de suas silhuetas andando anonimamente pelas ruas da cidade?

As respostas para essas perguntas não são fáceis de encontrar, pois mesmo sabendo que existimos, que temos história, ela não está escrita nos livros, não é mencionada em nenhuma aula de História. É preciso abrir caminhos, picadas em meio à mata densa de todo um conhecimento que foi produzido deixando as mulheres à margem, e quem dirá as lésbicas. É preciso conhecer conceitos, e quando muitos deles nos faltam, é preciso coragem para criá-los. Por isso:

Para uma lésbica, escrever é aprender a remover os pôsteres patriarcais colados na parede de seu quarto. É aprender a conviver com paredes brancas por um tempo. É aprender a não ter medo dos fantasmas que assumem a cor da parede branca. Em termos mais literários, significa renovar comparações, estabelecer novas analogias, arriscar certas tautologias, certos paradoxos; significa começar mil vezes sua primeira frase [...] (Brossard, Nicole. 2023, p. 119).

Para nós lésbicas, nos inserir na historiografia é aprender a nos ver em todos os lugares que tentaram nos convencer que nunca estivemos. É entender que o nosso único exílio é o da nossa condição e não do nosso corpo (Brossard, Nicole. 2023). Nós fomos exiladas da História por sermos lésbicas e por sermos mulheres, mas nossos corpos sempre existiram, sempre estiveram presentes na história da humanidade.

Se fomos exiladas, agora, aos poucos, estamos voltando do exílio, e para adentrar no território da historiografia é preciso remover todos esses pôsteres de apagamento das nossas paredes, e lidar com a página em branco, pois somente com uma página em branco será possível ter espaço para perguntas.

O que as lésbicas fizeram durante todo esse tempo em que suas ações foram apagadas da História? Quais marcas deixaram? Quais ações das minhas antepassadas lésbicas ainda ecoam sobre o tempo em que vivo agora? Hoje eu posso demonstrar afeto em público, posso existir lésbica e não preciso esconder isso quando coloco os pés na rua, mas há menos de 25 anos atrás, isso ainda era uma realidade a ser conquistada.

Hoje eu posso fazer uma pesquisa sobre lésbicas em um programa de pós-graduação em História, mas há 100 anos atrás, as lésbicas ainda estavam lutando para ter o direito de estudar em uma universidade. Quem me concedeu o direito de contar a minha história? Quem me concedeu o direito de beijar a minha namorada na Avenida Getúlio Vargas²¹? Como foram as vidas das mulheres que conquistaram esses espaços que hoje eu ocupo?

Essas perguntas só saíram da minha mente e ocuparam uma página que antes era um espaço em branco depois que eu tive contato com o lesbofeminismo e com o movimento lésbico. Isso prova algo que Gerda Lerner diz quando afirma a importância de conhecer a obra e os argumentos das nossas antecessoras, e que conhecer o nosso passado nos possibilita uma perspectiva de futuro humanizada (Lerner, Gerda, 2022).

“No espaço há rastros. Os vestígios ainda quentes daquelas que nos precederam. Por vezes não muito visíveis, porque estão enterrados, escondidos, como muitas vezes estamos umas das outras. Mas os rastros despontam em nossas vidas” (Brossard, Nicole, 2023, p. 39). Uma história das mulheres que leve em consideração a existência lésbica e esteja preocupada em encontrar os rastros dessa existência ao longo do tempo, precisa que as historiadoras se perguntem:

[...] de que forma a heterossexualidade como instituição tem sido organizada e mantida pela escala salarial das mulheres, pela imposição do “lazer” às mulheres de classe média, a glamourização da chamada liberação sexual, o impedimento à educação das mulheres, as imagens da “alta cultura” e da cultura popular, a mistificação da esfera “pessoal” e muito mais (Rich, Adrienne, 2019, p. 86).

Sendo assim, para que a presença das mulheres lésbicas seja, de fato, considerada, é preciso que as historiadoras levem em contas, em suas pesquisas e análises, a questão da heterossexualidade. Além de Adrienne Rich, outras autoras como Monique Wittig²², Ochy

²¹A Avenida Getúlio Vargas é a segunda principal avenida do centro de Juiz de Fora.

²²WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero e outros ensaios** Tradução Maíra Mendes Galvão. Primeira edição, Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2022.

Curriel²³, e Jules Falquet²⁴ também apontam para a necessidade de olhar para a heterossexualidade de forma crítica e compreender que não se trata apenas de uma prática sexual, mas também de um regime e instituição política e social que está nas bases das relações sociais que estabelecemos.

Historicamente, umas das maiores contribuições do movimento lésbico e das produções das intelectuais lesbofeministas está nessa crítica à heterossexualidade. Contudo, ao olhar para esse debate de forma mais ampla dentro do feminismo e das produções teóricas de intelectuais feministas heterossexuais, é possível perceber que ainda existe uma grande resistência em tirar a heterossexualidade do âmbito do natural ou do privado (Wittig, Monique, 2022).

Uma das consequências de não lançar uma crítica contundente à heterossexualidade nas produções de conhecimento científico é um apagamento sistemático das lésbicas na história das mulheres.

Mas ao apagar a existência lésbica da história das mulheres, da teoria, da crítica literária... das abordagens feministas à estrutura econômica, das ideias sobre “a família” etc., uma enorme quantidade da agência das mulheres continua a ser indisponível e, portanto, inutilizável. Queria demonstrar que esse tipo de obliteração continua a ser aceitável em textos feministas considerados sérios (Rich, Adrienne, 2019, p.95).

Esses apontamentos de Adrienne Rich contribuem para dar pistas do porquê, mesmo sabendo que “muitas das ativistas mais intransigentes e heróicas de todos os movimentos por mudança social eram lésbicas” (Rich, Adrienne, 2019, p.116), sua presença na história das mulheres ainda é muito pouco mencionada. A exemplo do cenário brasileiro, as pesquisas em História que dão foco e protagonizam as ações das mulheres lésbicas no tempo ainda compõem um número muito pequeno.

Bom, se as lésbicas não foram plenamente incorporadas nem na história das mulheres, nem na história das homossexualidades, então onde elas estão? “É nas entrelinhas e nos sentidos do silêncio que a lesbianidade vem sendo tematizada em diferentes disciplinas” (Lessa, Patrícia, 2003, p, 5). Existe um “clima de mistério e de silêncio que envolve as relações entre mulheres; quando se ouve falar é em voz baixa” (Navarro-Swain, Tânia, 2000, p. 11). Sendo assim, ao contar com temáticas mais amplas para encontrar as lésbicas, elas são

²³CURIEL, Ochy. **A Nação Heterossexual: análise do discurso jurídico e do regime heterossexual a partir da antropologia da dominação**. Tradução Marina Waquil e Sheyla Miranda. Belo Horizonte: Editora Luas, 2024.

²⁴FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012.

colocadas em não lugares, em silêncios, em fendas escuras onde a luz dos conceitos não alcança.

Dessa forma, meu objetivo neste subcapítulo é trazer um debate inicial sobre possíveis soluções para esse silêncio. Meu propósito é estabelecer estratégias para descortinar a presença das mulheres lésbicas na História, retirando o véu da invisibilidade que recai sobre suas relações e ações ao longo do tempo.

Ouso afirmar que, se para Marc Bloch a História é a ciência dos homens no tempo (Bloch, Marc, 2001), e para Michelle Perrot, a História das Mulheres é a ciência das mulheres no tempo (Tilly, Louise, 1994), para que a história das mulheres lésbicas possam ser contempladas por essa ciência, é preciso que façamos uma ciência das lésbicas no tempo: a história lésbica.

Faço essa afirmação a partir da compreensão de que, nem os temas gerais da História “ciência dos homens no tempo”, nem os temas da História “ciência das mulheres no tempo” deram conta e tiveram o comprometimento de analisar as especificidades das experiências de mulheres lésbicas nesse tempo.

Mas então, como fazer essa história lésbica? O que diferencia a escrita de uma história das mulheres lésbicas de uma história das mulheres? Ao longo da minha trajetória acadêmica estudando o tema das lesbianidades, tendo contato com toda a produção de conhecimento construída por intelectuais lesbofeministas, eu enfrentei uma série de dificuldades no desafio de produzir um conhecimento em História que estivesse comprometido com a inserção plena das mulheres lésbicas na historiografia.

Essa dificuldade vem de diversos não lugares, diversos silêncios seculares no qual a experiência das mulheres lésbicas vem sendo submetida. Um desses não lugares é a falta de conceitos, de termos, de ferramentas de análise que possa ser usada para compreender de forma justa o que significou e significa viver sendo uma mulher lésbica na sociedade em que vivemos.

A história das mulheres que como bruxas, *femmes seules*, resistentes ao casamento, solteironas, viúvas autônomas, e/ou lésbicas, conseguiram, em diversos planos, *não* colaborar. É dessa história, precisamente, que as feministas têm tanto o que aprender e sobre a qual existe um silêncio tão generalizado (Rich, Adrienne, 2019, p. 37)

A partir desse silêncio generalizado, precisei encontrar formas de preencher os vazios conceituais, precisei buscar nomes para descrever as características específicas de experiências de mulheres lésbicas. Literalmente precisei buscar palavras, para que seja possível as lésbicas existirem na História, “pois ao nomear-se cria-se uma imagem, cria-se um personagem no imaginário social” (Navarro-Swain, Tânia, 2001, p. 19), e sendo assim, tudo

aquilo que não tem direito a um nome, não tem direito à existência (Navarro-Swain, Tânia, 2001, p. 19).

Precisei descobrir primeiro que as lésbicas não foram plenamente incluídas na história das homossexualidades e nem na história das mulheres, e depois descobrir também que, história das homossexualidades e história das mulheres existem como um termo consolidado, história lésbica não.

Portanto, além de buscar por palavras, é preciso descobrir onde essas palavras não são concedidas a nós, antes de quebrar com o silêncio, é preciso fazer a dolorosa maratona de descobrir que silêncio é esse, onde ele nasce, em qual lacuna da história ele se manifesta, para que seja possível olhar as características dessa lacuna, e preencher com conceitos, termos, palavras, explicações que nos contemple.

Essa é uma tarefa árdua que precisamos estar dispostas a realizar, e especialmente para as pesquisadoras lésbicas, é uma tarefa árdua na qual nos deparamos com o apagamento de nós mesmas, das nossas antepassadas, das nuances mais sutis do que significa existir sendo uma mulher lésbica. Portanto, é uma tarefa intelectual e emocional também. A pesquisadora é uma ser humana, que tem emoções, e muito do que somos se reflete na pesquisa que realizamos, na forma como escrevemos, na maneira como olhamos para as perguntas que fazemos em nossos trabalhos.

Sendo assim, para início de conversa, para escrever uma história das mulheres lésbicas é preciso um empreendimento político, um compromisso de nos fazer existir, um entendimento de que nós atuamos no tempo, que nossas ações impactam na sociedade em que vivemos, e que o lugar de uma lésbica na sociedade é um lugar específico, diferente do lugar de um homem gay, diferente do lugar de uma mulher heterossexual, e esse lugar se torna ainda mais específico quando cruzamos com imbricações de raça e classe.

“A História não fala, e um silêncio de chumbo recai sobre as relações entre as mulheres” (Navarro-Swain, Tânia, 2000, p. 18). Quando nos deparamos com os silêncios que nos envolve na História, precisamos buscar meios para combatê-lo, e para isso, precisamos entender as origens desse silêncio, qual é objetivo desse silêncio, e saber que esse silêncio é uma ferramenta política, pois a História:

Ilumina e descreve, analisa e proclama uma ordem, uma lógica, nos eventos que, por serem escolhidos, se tornam importantes. Assim, as relações sociais que escapam aos modelos concebidos são marginalizadas, esquecidas ou eliminadas da historiografia (Navarro-Swain, Tânia, 2000, p. 12).

Dessa forma, historicamente e sistematicamente, as relações sociais das mulheres lésbicas foram apagadas da historiografia, mesmo em temas nos quais essas relações supostamente deveriam ser contempladas.

Contudo, não basta denunciarmos os silêncios nos quais somos historicamente submetidas. A História é uma ciência que contempla as ações humanas ao longo do tempo, e portanto, temos o direito de ocupar esse espaço assim como todos os outros grupos de seres humanos. Sendo assim, precisamos pensar em como fazer esse movimento, pois não basta simplesmente incluir a palavra “lésbicas” em uma pesquisa para que essa pesquisa de fato incorpore as lésbicas nela.

Precisamos de conceitos, precisamos problematizar as nossas experiências enquanto um grupo que possui marcadores específicos, um grupo que sente na pele sensações que só uma lésbica irá sentir. Esses conceitos, portanto, precisam ter sido pensados e criados para refletir sobre o que significa viver como uma lésbica, e precisam questionar quais são as consequências que a lesbianidade traz para a vida de uma mulher, que uma mulher passará por ser lésbica e uma heterossexual não, o que uma lésbica passará por ser mulher e um gay não.

Hoje, nesse exato momento em que escrevo essas palavras, existe toda uma produção de conhecimento construída por intelectuais lesbofeministas. Essa teoria foi toda pensada para dar conta de compreender com complexidade questões em torno da lesbianidade. A teoria lesbofeminista olha para a lesbianidade a partir de um olhar positivo, compreendendo a existência lésbica como um potencial revolucionário, como uma existência política. É sobre essa teoria que quero falar agora.

Acredito que para escrever uma história das mulheres lésbicas é necessário incorporar a teoria lesbofeminista em nossas análises. Pelo menos 90% da produção historiográfica sobre lésbicas existente hoje no Brasil utiliza algum conceito da teoria lesbofeminista como ferramenta de análise das experiências de lesbianidade que aparecem nas pesquisas. Os conceitos mais disseminados são o de heterossexualidade compulsória, cunhado por Adrienne Rich, e o conceito de “pensamento hétero”, cunhado por Monique Wittig.

Observar o uso de teóricas lesbofeministas em produções historiográficas sobre lésbica denota a importância dessa teoria para compreensão das experiências das mulheres lésbicas ao longo do tempo. Contudo, para aprofundar o debate, considero que além de utilizar alguns conceitos lesbofeministas como ferramenta de análise, devemos ter em nossas pesquisas um comprometimento intelectual e político de trazer a teoria lesbofeminista como a principal ferramenta de análise das experiências lésbicas em que estamos estudando. Além

disso, essa teoria precisa estar presente também até mesmo nas escolhas que fazemos ao elencar o que escrever e o que não escrever, quais zonas lançar luz e quais deixar fora de foco.

Digo isso, porque acredito que para escrever uma história das mulheres lésbicas, precisamos começar a fazer o empreendimento de disseminar a teoria lesbofeminista de forma marcante em nosso texto. A História é uma disciplina que, historicamente, ao incluir novos sujeitas e sujeitos na historiografia, sempre se muniu do diálogo com outras disciplinas, como por exemplo, a sociologia e a antropologia. Isso aconteceu nas décadas de 1950 e 1960 com a história social, quando a historiografia tradicional, fortemente impactada pela escola dos Annales, se abriu para o diálogo com outras ciências sociais, sobretudo para a sociologia e a antropologia social (Mattos, Hebe, 1997).

A partir do exemplo da história social, é possível localizar também a criação da história das mulheres, que, inicialmente ganhou espaço a partir do campo história social, sendo fruto, tanto do movimento feminista, quanto das mudanças na historiografia. No rol dessas transformações temos em 1980 um estatuto próprio da história das mulheres dentro da academia (Rago, Margareth, 1995).

Sendo assim, a partir do exemplo citado, é possível observar o impacto que o diálogo com outras disciplinas e suas teorias têm na História. Esse diálogo tem sido primordial para a inclusão de novas perspectivas e agentes históricos dentro da historiografia. Portanto, ao olhar para esses exemplos, vemos como esse movimento de diálogo entre as teorias da História com as teorias vindas de outras disciplinas é fundamental para enriquecer os alcances da historiografia a novos objetos, novas problematizações, bem como novas sujeitas e sujeitos.

A partir dessa compreensão, é possível vislumbrar a importante contribuição que a teoria lesbofeminista pode trazer ao debate historiográfico, sobretudo, como é o meu foco aqui, no que diz respeito à incorporação das lésbicas como sujeitas históricas dentro das discussões da disciplina. Diante dessa proposta, trago a seguir algumas autoras e conceitos chave da teoria lesbofeminista que considero serem indispensáveis no esforço de um diálogo entre História e teoria lesbofeminista.

Movimento lésbico, lesbofeminismo e teoria lesbofeminista: expressões das vozes lésbicas na sociedade

O lesbofeminismo e a teoria lesbofeminista são duas faces da mesma moeda, imbricados um no outro. Nasceram a partir da expressão de uma voz lésbica dentro dos movimentos sociais, sobretudo com o impacto do movimento feminista da segunda onda.

Dessa forma, é possível mapear o surgimento do movimento lésbico no final da década de 1960. Segundo Jules Falquet (2013, p.9):

O movimento lésbico se desenvolve em estreita vinculação ideológica e organizativa com outros dois movimentos muito fortes: por um lado, o movimento feminista chamado de "Segunda Onda", e por outro, com o movimento homossexual, que se vai construindo rapidamente depois da "insurreição urbana" de 1969 em Stonewall.

A partir da evolução do movimento lésbico, algumas questões foram aparecendo para as ativistas, sobretudo no que diz respeito aos seus conflitos para com o movimento homossexual e o movimento feminista. E assim como esses movimentos sociais desenvolveram suas próprias categorias conceituais para dar conta de refletir sobre suas experiências, as lésbicas se viram diante da necessidade de desenvolver conceitos para falar sobre suas realidades.

No rol desse contexto, no final da década de 1970 houve uma multiplicação de análises teóricas especificamente lésbicas, sobretudo a partir de um aprofundamento das reflexões feministas (Falquet, Jules, 2013). Essas reflexões partem inicialmente de duas autoras chaves para compreender o desenvolvimento da teoria lesbofeminista: Adrienne Rich e Monique Wittig, que trazem como marca central de suas produções a crítica à heterossexualidade.

Adrienne Rich e Monique Wittig são cânones do pensamento lesbofeminista e produziram suas reflexões de forma paralela. Rich, norte americana, publicou o clássico ensaio “heterossexualidade compulsória e existência lésbica” em 1980, e Wittig publicou o ensaio “O pensamento héterossexual”, também em 1980 (Falquet, Jules, 2013).

Sendo assim, a teoria lesbofeminista tem seus princípios de construção a partir de uma temática considerada uma das principais contribuições do movimento lésbico para com os outros movimentos sociais, sendo ela a desnaturalização da heterossexualidade enquanto um dado natural da sociedade (Falquet, Jules, 2013). Tanto Monique Wittig quanto Adrienne Rich observam que a heterossexualidade não é apenas uma prática sexual, nem tão pouco um elemento próprio da vida privada. Ela é uma estrutura de poder, lida por Rich como uma instituição política (Rich, Adrienne, 2019) e por Wittig com um regime político (Wittig, Monique, 2022).

Além desses ensaios que podem ser tomados como pontos de partida para pensar na criação de um pensamento lésbico, tanto Monique Wittig, quanto Adrienne Rich seguiram suas carreiras escrevendo e refletindo sobre questões em torno do feminismo, e sobretudo, em torno do lugar das lésbicas na sociedade.

Monique Wittig tem uma produção extensa que reflete a forte influência do feminismo materialista francês, que a autora dialoga constantemente na produção de seus conceitos, como por exemplo seu entendimento sobre as relações entre os sexos como uma relação de classes (Wittig, Monique, 2022). A partir de sua produção intelectual, Monique Wittig “senta as bases de uma teoria lésbica autônoma, abrindo caminho para um poderoso caudal de análises e práticas políticas que desembocam na constituição de um verdadeiro movimento lésbico” (Falquet, Jules, 2013, p. 13).

A autora pode ser considerada “a primeira teórica contundente do lesbianismo como prática política e não sexual” (Curiel, Ochy. 2024, p. 61), e seu ensaio “o pensamento hétero” é um divisor de águas, onde a autora pontua que a heterossexualidade é um regime político que está na base das relações sociais (Wittig, Monique, 2022).

Além disso, Wittig mostra que o que ela chama de pensamento hétero pode ser refletido em uma série de elementos disseminados em toda a linguagem e produção de conhecimento científico que prevê a heterossexualidade como algo dado, natural. Dessa forma, todas as disciplinas, toda a linguagem na qual usamos traz a heterossexualidade como uma condição implícita e intrínseca ao comportamento humano (Wittig, Monique, 2022).

Por seu caráter irrefutável, como conhecimento, como princípio óbvio, como um dado anterior a qualquer ciência, o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo. [...] A consequência dessa tendência à universalidade é que o pensamento hétero não consegue conceber uma cultura, uma sociedade em que a heterossexualidade não ordene não só todas as relações humanas, mas também sua própria produção de conceitos e todos os processos que fogem do consciente (Wittig, Monique, 2022, p. 62).

A partir dessas afirmações de Wittig, fica mais fácil compreender porque temos tanta dificuldade em trabalhar com conceitos que deem conta de falar sobre nossas realidades. A falta de conceitos pode ser compreendida também como um processo de apagamento político e sistemático de experiências que fogem do que a autora está chamando de pensamento hétero.

Esses discursos de heterossexualidade nos oprimem uma vez que nos impedem de falar a não ser que falemos nos termos deles. [...] Esses discursos nos negam todas as possibilidades de criar nossas próprias categorias. Mas sua ação mais feroz é a tirania impiedosa que exercem sobre nossa pessoa, em termos tanto físicos quanto mentais (Wittig, Monique, 2022, p. 59).

Com essa compreensão, é possível visualizar a necessidade em se questionar a heterossexualidade. Monique Wittig escancara como a heterossexualidade é muito mais do que uma prática sexual, demonstrando que ela está intimamente enraizada em todo um sistema de signos que perpassa as ciências, as disciplinas, a linguagem, as relações entre os

sexos e sua consequente hierarquia que desumaniza as mulheres em detrimento da dominação masculina, tanto fisicamente quanto mentalmente.

O conceito de Pensamento Hétero de Wittig perpassa toda sua obra, sendo uma das bases analíticas que a autora utiliza em suas discussões os papéis sexuais masculinos e femininos, a linguagem masculina com suas estratégias de manutenção das estruturas de poder que sempre trabalham para manter os homens dominantes e as mulheres dominadas, e o lugar do pensamento lésbico como força revolucionária que pode contribuir para a libertação das mulheres.

A partir da compreensão do conceito de pensamento hétero, é possível afirmar que: para contemplar categorias que possam dar conta de compreender nossa realidade enquanto lésbicas, em primeiro lugar precisamos tirar a heterossexualidade desse lugar intrínseco à humanidade, desse lugar naturalizado e implícito. Sendo assim, considero que a produção intelectual de Monique Wittig é primordial para escrever uma história das mulheres lésbicas, sendo indispensável nessa proposta de diálogo entre História e pensamento lesbofeminista.

Adrienne Rich também fornece uma chave de compreensão crítica da heterossexualidade, examinando “a heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres” (Rich, Adrienne, 2019, p.27). Para a autora, a heterossexualidade é compulsória, assegurada por uma série de sanções, restrições e punições “que têm forçado ou garantido historicamente a formação de casais de mulheres e homens e obstruído ou penalizado a formação de casais de mulheres” (Rich, Adrienne, 2019, p. 39).

A partir dessa compreensão da heterossexualidade como uma instituição política colocada em prática de forma compulsória, Adrienne Rich traz em seu ensaio uma série de “métodos pelos quais o poder dos homens se manifesta e é mantido”. Essa análise nos permite avaliar uma série de marcadores que atravessam as realidades das mulheres na sociedade em que vivemos, o que, consequentemente, também afeta as mulheres lésbicas.

Além de uma análise da “instituição da heterossexualidade em si como uma cabeça de ponte da dominação masculina” (Rich, Adrienne, 2019, p.39), a autora também traz uma compreensão da “existência lésbica como fonte de conhecimento e de poder disponível para as mulheres” (Rich, Adrienne, 2019, p.39).

Ao fazer esse movimento, Adrienne Rich, ao mesmo tempo que mapeia as fontes do poder masculino, também dá conta de compreender o lugar das lésbicas, e como a lesbianidade oferece um caminho possível para combater a tirania masculina através do amor entre as mulheres. A partir disso, a autora aponta que:

A existência lésbica compreende tanto a quebra de um tabu quanto a rejeição de um modo de vida compulsório. Também é um ataque direto e indireto ao direito dos homens de acesso às mulheres. Mas é mais do que isso, embora comecemos a percebê-lo primeiro como uma forma de dizer não ao patriarcado, um ato de resistência (Rich, Adrienne, 2019, p.65 e 66).

A partir da localização das lésbicas nesse espaço de compreensão, a existência lésbica “sugere tanto o fato da presença histórica das lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa existência” (Rich, Adrienne, 2019, p.65 e 66). Sendo assim, podemos considerar que a contribuição dos conceitos de Adrienne Rich é fundamental para historicizar a presença das mulheres lésbicas na sociedade ao longo do tempo.

Adrienne Rich, assim como Monique Wittig, a partir dessa compreensão da heterossexualidade e da localização das lésbicas nesse lugar de resistência, produziu ao longo de sua carreira uma série de reflexões em torno de pautas lesbofeministas que conversam diretamente com o ensaio “heterossexualidade compulsória e existência lésbica”.

Cabe ressaltar que, ainda que ambas autoras trabalhem com a heterossexualidade como categoria de análise, existe uma diferença conceitual marcante entre elas. Para Adrienne Rich a heterossexualidade é lida como uma instituição social. Ou seja, a autora observa a heterossexualidade como um dos pilares da sociedade em que vivemos, como se ela fosse uma dentre outras instituições que regulamentam as relações de poder, nesse caso, entre homens e mulheres (Rich, Adrienne, 2019).

No caso de Monique Wittig, a análise da autora sobre a heterossexualidade é mais complexa e profunda, uma vez que para ela, a heterossexualidade é um regime político que está na base das relações sociais. Isso significa que para Wittig, o que ela chama de Pensamento Hétero é uma estrutura base da sociedade, e não somente uma instituição de poder entre outras (Wittig, Monique, 2022).

Dessa forma, a análise de Wittig se difere da análise de Rich em proporção e leitura, pois para ela, a heterossexualidade pode ser vista em toda produção de conhecimento, nas relações sociais, na política, na cultura, e em todos os espaços institucionais. Ou seja, para Monique Wittig, é como se a heterossexualidade fosse a essência da sociedade, como se ela estivesse impregnada em tudo na forma como a sociedade é construída, sobretudo pensando no mundo ocidental. Enquanto que para Adrienne Rich, a heterossexualidade não seria a essência em si da sociedade, somente um dos elementos que compõem essa essência.

Contudo, é importante salientar que, mesmo com essa diferença conceitual entre Adrienne Rich e Monique Wittig, a análise realizada por cada uma delas dialoga em diversos aspectos. Por isso, é plenamente possível utilizar as duas autoras em um mesmo trabalho, pois

ambas possuem em suas produções contribuições riquíssimas para analisar a heterossexualidade e as especificidades das experiências das mulheres lésbicas na sociedade.

Para trazer mais alguns nomes clássicos do pensamento lésbico, existem também autoras como Audre Lorde, Margarita Pisano, Ochy Curiel, Jules Falquet e Nicole Brossard. As análises e conceitos dessas autoras estão presentes ao longo de toda a minha dissertação, contribuindo para a investigação das singularidades presentes nas vivências das mulheres lésbicas que eu entrevistei.

Falando um pouco mais sobre as autoras mencionadas acima, começo com Audre Lorde, contemporânea das produções de Adrienne Rich e Monique Wittig. A autora norte americana, possui uma série de ensaios que falam sobre marcadores que permeiam a vida das mulheres, e faz análises a partir de uma perspectiva lésbica. Audre Lorde também trabalha com mais aprofundamento sobre questões de raça, refletindo também sobre o que significa ser uma mulher lésbica e negra na sociedade.

O livro “Irmã Outsider” reúne uma série de ensaios da autora, trazendo contribuições importantes, sobretudo no que diz respeito ao desafiador movimento que nós mulheres lésbicas precisamos fazer ao escrever: dar nomes para as coisas que vivemos, e transformar todo o silêncio no qual as lésbicas são submetidas em linguagem e ação (Lorde, Audre, 2019).

O ensaio de Audre Lorde intitulado “A transformação do silêncio em linguagem e ação” nos faz o convite revolucionário de dizer o que nos é mais importante, pois o silêncio nunca nos salvará das correntes do patriarcado (Lorde, Audre, 2019). A partir dessa convicção, a autora pontua que:

Se eu tivesse nascido muda, ou feito um voto de silêncio durante a vida toda em nome da minha segurança, eu ainda sofreria, eu ainda morreria. [...] E nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida. Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa (LORDE, Audre. 2019, p. 53).

Através desse posicionamento da autora, considero que ela contribui muito para refletir sobre os silêncios nos quais nossa existência foi mergulhada. E, sobretudo, refletir maneiras de transformar esse silêncio, de colocar em palavras aquilo que sentimos na pele, aquilo que nossas experiências cotidianas nos marca, pois “o que aprendemos às custas do nosso corpo não é nunca esquecido” (Brossard, Nicole, 2023, p. 31).

Esse conhecimento precisa ser compartilhado, precisa ser historicizado, e por isso, acredito que Audre Lorde também é uma autora lesbofeminista importante para historicizar as

experiências das mulheres lésbicas. O ensaio “a transformação do silêncio em linguagem e ação” é 1 exemplo entre as diversas contribuições que a autora pode nos trazer no diálogo entre pensamento lésbico e História.

Além de falar sobre os silêncios, Audre Lorde possui reflexões em torno da questão do racismo, que também compõe um campo de análise importante para compreender as diversas realidades de mulheres lésbicas, e como uma lésbica negra vive a experiência de lesbianidade de forma distinta que uma lésbica branca.

Ademais, Audre Lorde traz em suas análises uma série de reflexões em torno do potencial de criação das mulheres, da importância da escrita, de estratégias de combate ao machismo e ao racismo, e ferramentas para uma luta contra-hegemônica. A exemplo dessas discussões, temos ensaios como “A poesia não é um luxo”, “O filho homem: reflexões de uma lésbica, negra e feminista”, “As ferramentas do senhor nunca derrubaram a casa grande”, “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”, “Machismo: uma doença americana de blackface”, “Usos do erótico: O erótico como poder”, entre outros.

A partir de Monique Wittig, Adrienne Rich e Audre Lorde, outras autoras vão se constituindo como importantes nomes para se pensar na teoria lesbofeminista que temos hoje. Autoras como Ochy Curiel, Jules Falquet, Margarita Pisano e Nicole Brossard trazem em suas produções intelectuais uma série de análises que colocam a experiência lésbica como foco de compreensão. Uma característica importante de se ressaltar é que ambas as autoras utilizam Monique Wittig, Adrienne Rich e Audre Lorde como referência em seus trabalhos.

Não sei se é possível tratar essas autoras como uma segunda geração de intelectuais lésbicas, mas é perceptível que elas utilizam os conceitos e as análises de Wittig, Rich e Lorde como base para o desenvolvimento de suas pesquisas. Esse diálogo direto entre as autoras traz duas importantes contribuições: primeiramente, o trabalho de Nicole Brossard, Ochy Curiel, Margarita Pisano e Jules Falquet mostra como podemos utilizar as categorias de análise criadas por Monique Wittig, Adrienne Rich e Audre Lorde. Em outras palavras, esses trabalhos nos dão exemplos aprofundados de como as autoras cânones do pensamento lésbico podem ser utilizadas em análises lesbofeministas.

Em segundo lugar, os trabalhos de Pisano, Brossard, Curiel e Falquet também podem ser considerados uma continuação, uma ampliação do desenvolvimento do pensamento lésbico, que a partir de sua extensão na década de 1980, vem cada dia mais ganhando corpo e sendo refletido através de análises de autoras de diferentes países.

Jules Falquet, tem uma pesquisa extensa sobre os impactos do neoliberalismo na vida das mulheres. Em seu trabalho a autora traz uma crítica contundente à heterossexualidade,

seguindo uma das principais características do pensamento lésbico. Além disso, em seu artigo “Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política” a autora destrincha uma discussão muito importante sobre como o pensamento lésbico pode contribuir para o desenvolvimento de uma nova chave de análise em diferentes disciplinas, além de mostrar como o movimento lésbico vem contribuindo com outros movimentos sociais, sobretudo no que diz respeito à compreensão de seus limites de atuação, mostrando seus pontos fracos em análises como o “domínio da sexualidade, da família, da divisão sexual do trabalho ou da definição dos papéis masculinos e femininos” (Falquet, Jules, 2012, p, 15).

Em seu artigo “Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal”, a autora faz uma reflexão sobre a atual divisão sexual do trabalho e como ela impacta, sobretudo, a vida de mulheres do terceiro mundo, mostrando que heterossexualidade como um regime político está intimamente envolvida nessa estrutura (Falquet, Jules, 2008).

Dessa forma, além de contribuir para que possamos vislumbrar diferentes maneiras como a análise da heterossexualidade a partir do pensamento de Wittig e Rich podem ser empregados em uma investigação, a autora auxilia na compreensão de como essas dinâmicas se dão no contexto da globalização neoliberal no qual estamos inseridas nos dias atuais. Sendo assim, considero as análises de Jules Falquet fundamentais para analisar de que maneira a heterossexualidade está inserida nas instituições e nas características da sociedade neoliberal globalizada.

As análises de Falquet trazem um panorama para compreender o tempo presente, sobretudo no que diz respeito às temáticas de pesquisa que tratam do século XXI. Portanto, as investigações da autora são extremamente pertinentes para pesquisas como essa dissertação, e também para quem se debruça, por exemplo, nos movimentos sociais e seus desdobramentos nos anos 2000.

Sigo com a obra de Ochy Curiel, antropóloga e feminista decolonial dominicana que reside Colômbia. A autora realiza uma análise aprofundada do discurso jurídico a partir da compreensão da heterossexualidade como um regime político. A partir dessa análise, Ochy Curiel (2024) apresenta o conceito de antropologia da dominação, presente em sua obra “A nação heterossexual”.

Ochy Curiel aponta que a antropologia da dominação “consiste em desvendar as formas, os modos as estratégias, os discursos que vão definindo determinados grupos sociais como “outros” e “outras” a partir de lugares de poder e dominação” (Curiel, Ochy, 2024, p.33). Para fazer esse movimento, a autora realizou uma etnografia que lhe permitiu “estudar

um tipo de dominação, neste caso, a heterossexualidade como regime político, que produz exclusões, subordinações, opressões, que afetam principalmente as mulheres, particularmente as lésbicas (ambas consideradas “outras” pelo pensamento heterocêntrico e sexista)” (Curiel, Ochy, 2024, p.33).

A partir desse objetivo de análise, Ochy Curiel entende a heterossexualidade a partir das contribuições de Adrienne Rich e Monique Wittig. Com isso, a autora realiza sua investigação sob os pressupostos clássicos do pensamento lésbico, trazendo como referências obras canônicas da teoria lesbofeminista.

Dessa maneira, a análise da autora contribui para que possamos entender as estratégias de dominação masculina a partir do campo jurídico, e através de sua análise crítica da heterossexualidade, as lésbicas são incorporadas na pesquisa. Ochy Curiel, em seu livro “A Nação Heterossexual: análise do discurso jurídico e do regime heterossexual a partir da antropologia da dominação”, traz uma análise de como a família é colocada na constituição, e como esta foi construída a partir da heterossexualidade, compreendida pela autora como um regime político. Com isso, Ochy Curiel, além de demonstrar como o sistema jurídico de uma nação afeta todas as mulheres, demonstra também como ele afeta, particularmente a vida de mulheres lésbicas.

Margarita Pisano é outra intelectual lesbofeminista que traz importantes contribuições para pensar na inserção da discussão sobre lesbianidades na História. A autora aponta que ao construir uma história própria de mulheres (incluindo as lésbicas), é possível recuperar, não só o pensamento das mulheres, como também recuperar a nós mesmas (Pisano, Margarita, 2001).

Além disso, em sua obra “El triunfo de la masculinidad”, publicada em 2001, a autora realiza uma análise aprofundada sobre como a masculinidade opera através de um elemento intrínseco infiltrado na linguagem, na História e nas relações sociais. Dessa forma, ela proporciona uma nova chave de leitura, não somente a partir da crítica à heterossexualidade, como também a partir da compreensão de características em torno da masculinidade como uma estrutura de poder (Pisano, Margarita, 2001).

Margarita Pisano realiza toda sua análise a partir de um ponto de vista lesbofeminista. Portanto, ainda que a autora trace suas investigações a partir de uma temática mais ampla, como a questão da masculinidade, ela constantemente aponta como essa estrutura afeta as mulheres lésbicas. Isso se reflete na terceira parte da obra “El triunfo de la masculinidad” intitulada “incidências lésbicas ou o amor ao próprio reflexo”.

Nessa parte do livro a autora destrincha uma série de características que atravessam as experiências de mulheres lésbicas, e localiza a lesbianidade em um lugar diferente, tanto das mulheres heterossexuais quanto dos homens gays. Essa argumentação é extremamente importante para que possamos analisar com profundidade os marcadores exclusivos das vivências lésbicas. Somente dessa forma é possível historicizar e localizar as ações de mulheres lésbicas no tempo. Um dos apontamentos que Margarita Pisano (2001, p.76, tradução nossa) traz a lésbicas é que elas:

(...) não só transgridem a esse mandato histórico de subordinação ao masculino, senão que, ao mesmo tempo, possuem a potencialidade de curar-se da própria misoginia para se re-simbolizar, não em função de outro, mas de si mesmas.

Outro ponto importante dessa parte da obra de Margarita Pisano é que ela traz uma série de reflexões em torno do amor entre mulheres, da singularidades presentes na experiência de uma casal lésbico e como essas singularidades não podem ser lidas a partir de uma mera comparação com a homossexualidade masculina.

Dessa maneira, as contribuições da autora perpassam por temas como, as estruturas de poder masculinistas, o questionamento da heterossexualidade como um destino natural de todos os seres humanos, o lugar de transgressão das mulheres lésbicas diante de uma sociedade heteropatriarcal, e as os marcadores próprios das experiências amorosas entre duas mulheres (Pisano, Margarita, 2001).

Por fim, trago Nicole Brossard, uma escritora franco-canadense, que tem uma extensa obra onde trabalha tanto questões da lesbianidade em diálogo o feminismo. A autora também traz Monique Wittig e Adrienne Rich como referência em suas obras, sobretudo Monique Wittig. Em sua obra “Cartas Lésbicas”, recentemente traduzida no Brasil, a autora traz uma série de ensaios onde reflete o poder da escrita na existência feminina.

A crítica à heterossexualidade e a reflexão do lugar das lésbicas na sociedade perpassa toda a obra de Nicole Brossard. A autora realiza uma série de reflexões em torno da construção de ferramentas para combater a linguagem masculina em nossa escrita, e como trazer a dimensão da existência lésbica a partir das palavras. Sobre isso, a autora afirma:

As palavras se movem na direção de nosso desejo, e nosso desejo é duplo: ao mesmo tempo em que tende à imagem positiva, é também a expressão de lamento por sua ausência no simbólico. Pois o desejo que tende a ela como presença, ao tentar abordá-la como sujeita, terá de lamentar sua ausência, ou seja, terá de reclamar na linguagem essa ausência inconcebível (Brossard, Nicole, 2023, p. 127).

A partir desse posicionamento, Nicole Brossard faz apontamentos de como as mulheres têm acesso à escrita, refletindo sobre os desafios da inserção feminina em uma linguagem que foi toda produzida a partir da ausência da mulher como sujeita. Essa ausência

pode também ser traduzida nos silêncios. A dificuldade em encontrar termos para falar de nós é trabalhada pela autora, onde ela ensina que, ao tentar nos inserir como sujeitas, nos deparamos com o movimento de nos enxergar a partir de uma imagem positiva, e ao mesmo tempo, com a angústia de perceber que essa imagem positiva não existe no campo simbólico da linguagem (Brossard, Nicole, 2023).

Nicole Brossard compreende as lésbicas como mulheres que invalidam os princípios do patriarcado apontando que “qualquer uma de nós, lésbicas, somos intoleráveis porque eludimos, ofendemos ou invalidamos o sentido patriarcal. A lésbica desafia o senso comum” (Brossard, Nicole, 2023, p.106). Além disso, a autora considera que a “lésbica é uma realidade ameaçadora para a realidade. Ela é a realização de uma realidade dita impossível” (Brossard, Nicole, 2023, p.105).

A partir dessa localização das mulheres lésbicas como sujeitas que desafiam a ordem da realidade heteronormativa, Nicole Brossard (2023) parte da proposta da necessidade que temos de ocupar o espaço da escrita, pois se desafiamos a realidade na qual vivemos, desafiamos também todo um sistema de linguagens que apaga as mulheres, e de forma ainda mais violenta, as mulheres lésbicas. Dessa forma, Brossard (2023, p.123) aponta que:

A escrita é algo desejável. Porque sei que a escrita é memória, poder de presença e preposição. Também sei que, em minha prática, a escrita é um ato que me permite existir com e além de minhas restrições biográficas. [...] Sei que escrever é fazer existir, é como decidir o que existe e o que não existe, é como decidir sobre a realidade.

Em diálogo com a compreensão de Nicole Brossard, penso que, escrever uma história das mulheres lésbicas é dizer que as lésbicas existem na história, que elas existem na realidade, é decidir que suas ações como lésbicas têm um impacto específico que deve ser observado, analisado e historicizado.

Através da apresentação das autoras mencionadas, meu principal objetivo foi demonstrar como a teoria lesbofeminista é fundamental para que possamos escrever uma história das mulheres lésbicas. Portanto, proponho que esse diálogo entre pensamento lésbico e historiografia seja realizado nas pesquisas em História que buscam analisar a presença das mulheres lésbicas na sociedade ao longo do tempo.

Louise Tilly (1994), em seu artigo “gênero, história das mulheres e história social”, propõe que a história das mulheres precisa, além de descrever as ações e contextos nos quais as mulheres se inserem, deve também oferecer análises complexas que dêem conta de resolver problemas mais gerais da História. Penso que isso também deve ser um empreendimento nosso ao escrever uma história das mulheres lésbicas.

A teoria lesbofeminista, assim como a teoria advinda do feminismo, “permite explicar diferentes relações sociais, como as relações entre os sexos e aquelas que são atravessadas pela raça e pela classe” (Curiel, Ochy, 2024, p, 40). Dessa forma, compreendo que, ao utilizar do diálogo entre teoria lésbofeminista, teoria feminista e história das mulheres, daremos conta de fazer com que nossas pesquisas em História sobre lésbicas possam também oferecer respostas para problemas gerais da História, sobretudo no que diz respeito à crítica à heterossexualidade.

Ao apresentar brevemente algumas ideias e conceitos das autoras que mencionei ao longo deste subcapítulo, não tive o objetivo de esgotar os nomes de teóricas lesbofeministas que podem trazer grandes contribuições ao diálogo entre História e pensamento lésbico. Além de Monique Wittig, Adrienne Rich, Audre Lorde, Ochy Curiel, Margarita Pisano, Jules Falquet e Nicole Brossard, temos uma série de outras autoras que vem, ano após ano, compondo um cenário nacional e mundial de produção de conhecimento lesbofeminista.

Minha intenção ao citar essas autoras, foi demonstrar que existe um conhecimento lésbico produzido e consolidado que deve ser utilizado como fonte e ferramenta teórica e analítica para compreender as especificidades da experiência de mulheres lésbicas na História. Além disso, como mencionei aqui, o lesbofeminismo também pode nos oferecer uma série de recursos analíticos complexos para entender a sociedade na qual vivemos, fazendo com que possamos resolver problemas mais gerais da sociedade, sobretudo no que diz respeito à todas as mulheres, e não somente às mulheres lésbicas.

Esse tipo de ferramenta deve ser considerada ao escrever a História, e quando esse conhecimento é ignorado, uma série de experiências permanece nas sombras e no silêncio do conhecimento. Através dessa proposta e a partir dessas leituras como base para as minhas escolhas, tenho como objetivo central do capítulo a seguir, dar a ler uma série experiências de vida de mulheres lésbicas, historicizando essas experiências a partir de uma compreensão complexa do que significa ser uma mulher lésbica na sociedade.

Conto com a teoria lesbofeminista para escrever essa história, e contribuir para que cada vez mais, as lésbicas ocupem o seu lugar de direito na historiografia, pois assim como Nicole Brossard (2023, p.130) “desejo que toda mulher - pelo menos uma vez na vida - reconte sua história com a paixão de sua esperança.”

Parte 2

Trajetórias lésbicas na cidade: o caso de Juiz de Fora

Ser o que não se pode ver

Sabe quando os raios de sol passam em meio aos galhos das árvores
Fazendo um efeito de luz sobre o chão?
Existe uma língua em que esse fenômeno tem um nome específico
Aqui quando a gente vê isso acontecendo precisamos explicar
Pois não temos nenhum nome para isso
A minha experiência lésbica me faz lembrar dessa informação aleatória
Que alguma amiga me contou em uma das nossas conversas corriqueiras

Quando eu era mais nova eu não sabia o nome do meu sentimento por mulheres
Então eu ficava fazendo rodeios para explicar o que era
Igual quando eu tento explicar esse efeito de luz
Que acontece quando os raios de sol atravessam os galhos das árvores
Eu não vi mulheres amando mulheres na minha infância
Não vi elas de mãos dadas nos filmes que eu assisti
Meu pai fazia piadas sobre nós
E minha mãe ria sem graça para não desagradá-lo
Então eu cresci tentando dar nome para os meus sentimentos

Passei muito tempo sem referências
E não se pode ser aquilo que não se pode ver
Mas quando vi entendi que eu poderia ser
E escolhendo ser escolhi também me tornar visível para outras mulheres
Me olhei no espelho e permiti que o meu reflexo me olhasse de volta
E então mesmo sem me ver nos filmes e nos lugares que eu ia
Eu me vi em mim

Quando receosa e assustada segurei as mãos de outra mulher
Nunca mais precisei rir das piadas que fizeram sobre nós
Pois agora ao invés de piadas
Eu ouço as nossas histórias e as nossas poesias
Contadas pelas vozes harmônicas das mulheres que eu amo
Eu precisei de um bom tempo para me perdoar
Ser gentil comigo depois de perceber o quanto eu não fui mesmo sendo
Mas não se pode ser aquilo que não se pode ver
E até para que uma pequena trilha se forme no meio do mato
É preciso que mais de uma pessoa passe exatamente pelo mesmo lugar

E deixe as marcas de seus passos nele

Então para todas as mulheres que sentem raiva por não terem sido
Se perdoem e direcionem sua fúria a quem nos aprisionou no breu
Não se pode ser aquilo que não se pode ver
Mas mesmo em meio a esse breu eu escolhi ser visível
Permiti que o meu reflexo no espelho olhasse de volta para mim
E amei o que vi
Desde então nunca mais deixei de amar mulheres
E descobri o nome dado para esse amor:

Lésbica

Quando eu era criança detestava brincar de boneca, odiava ganhar roupas rosa, e achava saia a peça de roupa mais horrível e inútil do mundo. Como eu ia poder brincar à vontade com aquela roupa tão desconfortável? Todas as datas comemorativas em que crianças ganham presentes, eu torcia para ganhar um brinquedo que eu realmente gostasse. Massinha, carrinhos, bolinhas de gude, jogos de tabuleiro. E era sempre uma frustração quando eu rasgava o papel de presente e tinha uma boneca lá dentro.

Meus pais costumavam deixar eu escolher as roupas que eu queria, e eu ia sempre nos shorts, camisas fechadas, lembro até hoje de um tênis da Hot Wheels que eu consegui ganhar. Minha mochila era do Street Fighter, um jogo de luta do Nintendo que eu adorava jogar. Desde criança eu sempre fui na contramão do que era esperado do comportamento de uma menina, e isso foi se reproduzindo em todas as fases da minha vida.

Na minha adolescência, enquanto as meninas da minha turma estavam apaixonadinhas por algum menino, lá estava eu, tentando ser a melhor amiga de uma menina que eu achava linda. Quando eu via ela meu coração disparava, e eu nunca conseguia entender porque isso acontecia, eu só sabia que gostava de ficar perto dela. Eu chegava mais cedo e ficava esperando ela apontar no final da rua que eu sabia que era o caminho que ela fazia pra chegar na escola. Ficava observando ela de longe, e quanto mais perto ela estava, eu sentia um frio na barriga.

Passei bons anos da minha vida escolar tentando ser amiga dela, sem saber que o que eu sentia por ela era mais que amizade. Acho que quando eu ouvi a palavra lésbica pela primeira vez eu já era adolescente. Foi uma época que estava passando uma novela com a Bruna Linzmeyer e tinha saído a notícia que ela se relacionava com mulheres.

Até os 17 anos, eu não tinha palavras para nomear o que eu sentia pelas mulheres, mas ao mesmo tempo, lembro que, desde muito nova, eu já sofria bullying e era chamada de sapatão e Maria homem. Eu não entendia porque as pessoas falavam aquilo de mim, eu nem sabia o que significava a palavra sapatão. Hoje eu vejo o quanto somos privadas de nós mesmas, e dos significados mais sutis da nossa existência nesse mundo.

Quando eu tinha 17 anos, eu fui numa festa com dois amigos, e eu bebi muito aquele dia. Como sempre fui fraca pra bebidas, passei mal. Meus dois amigos que estavam comigo me deixaram pra trás e foram curtir a festa. Por sorte, uma amiga minha que também estava na festa me encontrou e viu que eu precisava de ajuda. Ela me levou pra casa de um primo dela e cuidou de mim até eu melhorar. Lembro da sensação dela chegar muito perto de mim e do meu desconcerto com aquela situação embaraçosa.

No dia seguinte, eu fui pra casa pensativa. Quanto mais avançava a minha adolescência, mais se intensificava o bullying a respeito da minha sexualidade. Parece que todo mundo sabia que eu era lésbica, menos eu. Depois dessa festa, eu fiquei pensando no meu desconcerto com essa amiga chegando muito perto de mim na noite anterior. E fiquei pensando também o quanto eu não pude contar com meus amigos homens, e que no fim, foi uma mulher que me ajudou.

Eu detestava a ideia pejorativa do significado de ser lésbica, e queria me distanciar dela o máximo possível. Então neste dia eu olhei por outro lado: e se ser lésbica não fosse ruim? E se na verdade fosse bom? Afinal, quem esteve comigo quando eu precisei foi uma mulher e não um homem.

Fui deixando a ideia fluir, e com isso passaram filmes na minha cabeça, de todas as vezes que eu me questionava o porque minhas amigas da escola sempre se apaixonavam pelos meninos que elas ficavam, enquanto eu não gostava de nenhum, e achava eles todos bobos e sem graça. Ficava me perguntando porque as minhas amigas lindas se interessavam por meninos tão medíocres e feios. E foi assim, que eu descobri que gostava de mulheres, e me permitir gostar. E só fiz esse movimento quando eu compreendi que ser lésbica podia ser bom, e não todas aquelas coisas ruins que diziam.

Aos poucos eu fui entendendo todos os outros momentos que eu senti atração por outra mulher e não entendi o que senti. Foram 17 anos sem referências, sem nomes para os meus sentimentos, só a sensação constante de estranhamento e de não me encaixar. Eu estava sempre me sentindo alheia, não gostava de maquiagem, não gostava de ficar falando de meninos, achava aquilo uma perda de tempo. E tudo foi fazendo sentido.

Quando eu me apaixonei conscientemente por outra mulher, eu me afirmei publicamente como lésbica, logo de cara, sem pensar muito, só ouvi o que meu corpo estava dizendo e fui. Eu fui a primeira e única homossexual que se assumiu na minha família. Não tive muitos problemas com eles em relação a isso, e hoje todo mundo já se acostumou com a ideia.

Faz 10 anos que me entendo como lésbica, e hoje, olhando pra trás, e por tudo que me atravessa, por ser lésbica no mundo, eu afirmo que a compreensão da nossa lesbianidade nunca será uma ação única, isolada e irremediável. A primeira vez que eu entendi os aspectos iniciais de que era lésbica foi aos 17 anos, mas ao longo dessa década que se passou desde esse dia, eu estou em um processo constante de entender as nuances que atravessam a minha vida, cotidianamente, por ser lésbica.

Teve dias que precisei sair arrebatando tudo, precisei gritar para que minha lesbianidade não fosse completamente anulada pelo mundo. Outros dias em que precisei fazer silêncio, precisei mapear esse silêncio. Ser lésbica é um processo constante de conhecer as diversas versões suas que se perderam na educação heterossexual que te deram, no mundo que tentou de moldar para que você fosse uma pessoa programada para seguir um roteiro. Roteiro que, com certeza, não foi escrito por uma mulher.

A nossa lesbianidade sempre está em construção, pois quando procuramos os rastros de nossas histórias, percebemos o quanto somos interditadas, o quanto nossas sutilezas mais humanas são constantemente devoradas pelo mundo ao nosso redor. Nos últimos 4 anos eu descobri a falta de consciência política e histórica da minha própria existência. Eu conheci o lesbofeminismo em 2022, e de lá pra cá eu mudei muito a relação que tenho com a minha lesbianidade. Ela saiu das margens e veio para o centro da minha vida, porque no fim das contas, ser uma mulher lésbica sempre atravessou tudo que eu vivi.

Com esse processo, eu percebi, mais uma vez, o quanto nós lésbicas somos constantemente privadas de conhecer nossa história, de ter bases sobre o que significa ser mulher e amar outra mulher, ser mulher e priorizar as mulheres em todos os âmbitos das nossas vidas. O processo de entender todos os lugares da vida que são impactados pela nossa lesbianidade é como um labirinto, um espelho mágico, possui muitos compartimentos, muitas faces, mazelas e sutilezas.

Nós temos as especificidades que nos atravessam por sermos mulheres, por vivermos em um mundo que é mentalmente e fisicamente dominado por homens. E cada dia que uma mulher se entende lésbica e se apropria dos próprios desejos, é um dia em que avançamos.

Avançamos individualmente e coletivamente. Pois quando uma lésbica avança, todas as mulheres avançam também.

Assim como eu, todas as mulheres sujeitas da minha pesquisa pesquisa também se entenderam e se colocaram no mundo como lésbicas. Suas histórias se cruzam com a minha, quando eu conto minha história, parte da história delas também é contada, e quando conto a história delas, estou colocando palavras em experiências que também me atravessaram ao longo da minha vida.

Sonia, Monica, Sol, Fernanda, Margareth, Dani, Sara, Samira, Ana Cláudia, Luciana, Lilian, Daniela, Cláudia, Camila, Kelly, e Giane, todas lésbicas, que têm suas histórias construídas ou atravessadas pelo chão de Juiz de Fora, sobre as ruas, os becos, os bares, as casas, as lojas, os pontos turísticos, e todas as entranhas dessa cidade. As histórias que essas mulheres me contaram demonstram claramente que se entender lésbica não é uma ação única. Pode até ser um evento canônico, mas jamais se resume a um só dia, e sim, compreensões diárias dos elementos que nos atravessam a vida por sermos lésbicas.

Quando eu comecei a me interessar pela metodologia da história oral, eu jamais poderia imaginar o quanto essa área de estudos impactaria na minha vida pessoal. Falo disso aqui, porque acredito que toda pesquisa científica parte de uma inquietação particular da pesquisadora, e isso muitas vezes não vem escrito em nossas pesquisas.

A história oral, portanto, foi mais que uma metodologia para mim, ela é como um mapa, uma ferramenta que me possibilita acessar nuances da minha própria história através das histórias das mulheres que eu entrevisto. E é desafiador, muito mais do que eu poderia imaginar, pois quando você pesquisa um tema que está tão ligado a sentimentos cotidianos que você sente na pele, escrever e pesquisar se torna não só uma atividade acadêmica e profissional, mas também um exercício de olhar para a própria realidade, nua e crua, e lidar com dores que também são minhas.

Não foi fácil, em muitos momentos eu pausei as entrevistas pra chorar, pra tomar um ar. Em muitos momentos eu fugi da escrita porque não queria lidar com o turbilhão de emoções que é encarar uma história que também é minha. No início da dissertação eu me escondi por trás de uma escrita que não deixava muitas brechas para conhecer quem é a pesquisadora por trás da pesquisa. Isso é algo a que já estamos habituadas quando lemos trabalhos acadêmicos, mas só porque estamos habituadas, não significa que é a única maneira de produzir conhecimento.

Quando se pesquisa um tema que atravessa a sua pele diariamente 24 horas por dia na sua vida, ela não é mais somente sobre seu trabalho, sua carreira, sua profissão. Ela se torna

algo que você trabalha também em si mesma, é um movimento de processar suas próprias angústias, entender as sutilezas que fazem parte da sua história de vida. Entender porque você passa por certas situações no cotidiano, e sobretudo, é um processo de valorização da sua própria história e compreensão do impacto que essa história tem no mundo.

Quando se é uma mulher lésbica, ao fazer esse movimento, fazemos história duas vezes: uma como historiadora, e a outra como sujeita. Em um mundo que, consistentemente e sistematicamente faz de tudo para nos apagar, para negligenciar nossos desejos, nossas nuances mais humanas, olhar para a história de outras mulheres lésbicas, antes mesmo de tornar essa história legível para outras pessoas, já é histórico. E é muito importante ter isso em perspectiva.

Fazer essa pesquisa, sendo uma mulher lésbica, clareou o meu caminho, me deu perspectiva, me fez olhar para vidas inteiras de mulheres lésbicas e admirar o sucesso que essas mulheres são. Lésbicas são vencedoras, donas do próprio nariz, independentes, e têm uma vida linda, cheia de possibilidades. Conhecer essas mulheres, me deu perspectiva de futuro, de sucesso, de autonomia, e mudou a minha vida.

Diante de todos os desafios, da falta de referência e de palavras para nomear nossas experiências, e da carga emocional de olhar para as nuances mais humanas de uma trajetória de vida lésbica, vale a pena. A minha pesquisa só faz sentido para mim porque é sobre isso. “Dizer “eu” não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou a conveniência do esquecimento de si mesma” (Perrot, 2005, p.42). Dizer “eu” para uma mulher lésbica, é como fazer o movimento de se lembrar de uma história que nunca nos contaram.

A gente tem que se lembrar de nós como lésbicas, muitas vezes sem ter visto outras lésbicas ao nosso redor durante grande parte de nossas vidas, sem ter conversado com lésbicas de outras idades, com mais experiências de vida, para que pudéssemos ter uma perspectiva de futuro onde possamos ser lésbicas e estar vivas na Terra, andando pelas ruas, frequentando os lugares.

Para uma lésbica dizer eu, ela precisa enfrentar a barreira da sua condição de mulher duas vezes. A primeira, pelo simples fato de ser mulher, e a segunda, pelo fato de amar outra mulher. E foi nesse caminho sinuoso, com poucos mapas, que eu adentrei na minha profissão de historiadora. Um caminho cheio de desafios, mas que traz consigo uma paisagem linda, porque é muito bonito observar e admirar a vida de mulheres que são donas dos seus próprios desejos, e foi, com toda certeza, um dos caminhos mais bonitos que eu já percorri.

Não significa que as histórias são todas coloridas só com momentos felizes, existe muita dor também, mas a beleza não está somente no final feliz, a beleza está em ter o

privilégio de poder conhecer os detalhes, e a potência do que uma lésbica é capaz de fazer com sua própria vida. A História passou a fazer muito mais sentido para mim depois que eu descobri isso, e é essa beleza que me motiva todos os dias a seguir a carreira de historiadora.

2.1 - Quem são as lésbicas dessa história?

A primeira mulher que eu entrevistei foi Maria da Consolação Schiavon, que gosta de ser chamada de Sol Schiavon. Realizei duas entrevistas com ela, uma no dia 15 de março de 2023 e outra no dia 5 de fevereiro de 2024. Depois da entrevista com Sol, um mundo de histórias lésbicas foi se abrindo pra mim aqui em Juiz de Fora. Usando o clássico método bola de neve, muito comum em trabalhos de história oral, eu fui conseguindo indicações de outras mulheres para entrevistar.

A amostra de entrevistas utilizadas inclui somente mulheres cis lésbicas, não apenas porque eram o foco da minha pesquisa original, mas também por que mulheres trans lésbicas, não surgiram espontaneamente da bola de neve produzida a partir da entrevista matriz, mapeando um contexto de sociabilidade predominantemente de mulheres cis que assumiram publicamente a identidade lésbica na cidade.

A última entrevista para essa pesquisa foi realizada com Sonia Ribeiro no dia 15/06/2025, e ao longo desses 2 anos e 3 meses, eu realizei o total de 26 entrevistas com 22 mulheres. 5 delas eu entrevistei 2 vezes, por isso existe uma diferença entre o número de entrevistas e o número de mulheres entrevistadas.

Depois de realizar as entrevistas com essas 22 mulheres, e com o desenrolar da pesquisa, eu precisei aplicar alguns filtros para escolher quais seriam usadas como fonte de pesquisa nesta dissertação. Eu não esperava que iria produzir tanto material, sobretudo levando em conta o quanto a experiência das mulheres lésbicas é, historicamente, apagada do tecido histórico e social no qual vivemos (Lessa, Patrícia, 2003). Mas costumo brincar que fui muito abençoada por Safo, e os caminhos da minha pesquisa me revelaram histórias incríveis e uma documentação abundante para refletir sobre a experiência lésbica em Juiz de Fora.

Essa abundância de material, cruzada com o prazo curto do mestrado, fez com que eu precisasse fazer escolhas, e avaliar quais entrevistas se encaixam no que a minha dissertação se propõe a discutir. O primeiro filtro que usei foi o geracional, pois no decorrer da pesquisa, ficou claro que eu precisava focar em uma experiência específica localizada no tempo. Portanto, a faixa etária das mulheres entrevistadas vai dos 34 aos 61 anos.

A idade com que essas mulheres se entenderam lésbicas varia muito. Algumas se entenderam ainda adolescentes, outras no início da juventude, na casa dos 20, e temos experiências de mulheres que se entenderam depois dos 40. O tempo que uma mulher leva para acessar sua lesbianidade, compreendê-la e afirmá-la também é um fator que faz com que uma lésbica de 34 anos, vivencie esse momento de descoberta e compreensão no mesmo momento, mesmo contexto histórico, mesma cidade que uma mulher de 44 anos, ou 61 anos. Por essas razões, mapeei a geração de lésbicas que eu estudo, através de uma série de experiências em comum que essas mulheres viveram, abarcando uma faixa etária alargada.

Todas as mulheres entrevistadas para essa pesquisa possuem marcadores que demonstram que elas viveram um momento em comum da história de Juiz de Fora. Um momento histórico de conquistas da comunidade LGBTQIA+ juiz-forana, que foram conquistadas através de uma forte atuação das sujeitas e sujeitos dessa comunidade na esfera pública da cidade. Dessa maneira, o contexto histórico que abarqueei revela experiências de lesbianidade em Juiz de Fora entre o final da década de 1990 até 2025.

Através das entrevistas, fica claro que, sobretudo na primeira década dos anos 2000, houve uma virada de chave em Juiz de Fora, no que tange às possibilidades de perceber uma maior ocupação lésbica na esfera pública da cidade. Não necessariamente a partir de uma via de militância, mas sim, através de sua presença marcante nas ruas, com demonstrações de afeto entre mulheres cada vez mais frequente nos espaços públicos, e uma forte ocupação de lugares de sociabilidade característicos, que aparecem com muita força nas entrevistas.

A partir de todas essas nuances, escolhi trabalhar com 16 entrevistas, todas realizadas com mulheres cis lésbicas, que tiveram suas experiências de vida atravessadas pela cidade de Juiz de Fora em algum momento de suas vidas. Com isso, essa pesquisa é composta pelas histórias de Maria da Consolação Schiavon, Monica Mello de Carvalho, Lilian Maria Pace Souza, Samira Abreu e Silva, Sara Abreu e Silva, Fernanda, Claudia Regina Lahni, Daniela Auad, Giane Chaves Fernandes, Daniele Guimarães Zancanella, Luciana da Costa Gerônimo, Margareth Virgínia Trigo Passos, Sonia Regina de Souza Ribeiro, Ana Cláudia de Macedo, Camila dos Passos Roseno, e Kelly da Silva.

No decorrer das entrevistas com essas mulheres, pude mapear uma série de elementos que atravessam a experiência lésbica Juizforana, e produzi um arquivo composto, tanto pelas entrevistas, quanto por acervos fotográficos pessoais de algumas das mulheres entrevistadas, e algumas reportagens de jornal guardadas por elas. Refletindo sobre esse conjunto de elementos em comum entre as mulheres que eu entrevistei para essa pesquisa, observei que um dos que mais se destaca é o marcador da classe social. Todas as entrevistas que eu fiz

foram com mulheres de classe média trabalhadora. São mulheres que têm independência financeira e sobrevivem com os frutos de seus trabalhos. Esse aspecto está presente em todas as entrevistas, e considero ele extremamente importante para entender as possibilidades de existência lésbicas.

Cabe ressaltar que quando eu falo de classe média trabalhadora eu quero dizer que são mulheres que vendem sua força de trabalho para se sustentar, e que conseguem se manter com independência financeira. As profissões exercidas pelas mulheres entrevistadas são variadas, mas todas elas têm em comum que precisam do trabalho para se sustentar.

Ao analisar as entrevistas, fica claro que praticamente todas as mulheres se afirmam lésbicas de forma pública quando têm independência financeira. Essa compreensão é um dos principais fios condutores da minha pesquisa, e mapear a colocar em evidência esse marcador me possibilita fazer uma relação complexa entre classe e sexualidade.

A autonomia e coragem dessas mulheres para falar de si, para dar significado às suas vidas a partir da compreensão de que são vidas lésbicas, também é atravessada pela autonomia de se sustentar, de andar com as próprias pernas, ter independência o suficiente para saber que pode ser lésbica e deixar essa identidade lésbica aparecer em uma pesquisa pública, e que isso não vai tirar o seu alimento, sua casa, seu chão, sua dignidade. Portanto, ao analisar as entrevistas em conjunto, eu compreendo a independência financeira como uma das principais bases para a construção dessa autonomia.

Diante dessas compreensões iniciais a respeito das mulheres protagonistas dessa história, cada entrevistada me possibilitou acessar uma camada das histórias lésbicas que cobrem as ruas da cidade, os bares, os apartamentos, as margens e os centros. A maneira como essas mulheres enxergam o mundo e compreendem suas experiências moldam e dão cor à forma como Juiz de Fora permite uma possibilidade de vida para lésbicas. Foi fascinante conhecer cada uma dessas mulheres, e poder acessar as cores de uma história que não pode ser vista a olho nu quando ando pela cidade.

A História conhecerá nossos nomes

Maria da Consolação Schiavon (Sol Schiavon)

Maria da Consolação Schiavon, mais conhecida como Sol Schiavon, é uma mulher de 60 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Atualmente ela mora em São Paulo, e trabalha em um hotel. Eu fiz 2 entrevistas com ela. Uma em 2023, junto com uma

colega de profissão, e depois fiz outra em 2024. A primeira entrevista dela durou quase 5 horas, e a segunda 9 horas e meia. Sol contou com detalhes muitos momentos marcantes de sua vida, e a sua entrevista revela milhares de marcadores sutis que atravessam a experiência de uma mulher lésbica. Para essa dissertação eu escolhi utilizar somente a segunda entrevista que realizei com ela.

Ela é uma mulher que passou a infância na Zona Rural, perto de Rodeiro. A estrutura familiar e social de Sol é de uma família do interior de Minas que tinha terras e fazia do seu trabalho com a terra o seu sustento. Ao longo da entrevista de Sol, é possível perceber que suas experiências são atravessadas, tanto por uma cultura de uma classe média trabalhadora da zona rural, quanto por uma cultura da classe trabalhadora urbana. Isso porque Sol, ao completar 17 anos, foi em busca de sua autonomia e se mudou para Rodeiro, a cidade próxima de onde ela morava. Seu objetivo era conseguir um emprego e fazer sua vida.

Durante a entrevista com Sol, houve diversos momentos em que nos emocionamos. A história dela me marcou muito, e até hoje, quando eu ouço algumas partes da entrevista eu me emociono. A trajetória dela morando na cidade de Juiz de Fora começou em 1992, e durou até 2011, quando ela se mudou para São Paulo.

Ao longo desses 19 anos, Sol protagonizou e esteve presente em eventos marcantes e históricos da comunidade LGBT na cidade, como por exemplo, a assinatura da Lei Rosa no ano 2000, em que ela foi a única mulher lésbica a estar no gabinete do prefeito para a assinatura. 10 anos depois, Sol foi a primeira mulher lésbica a ser DJ oficial da parada Gay de Juiz de Fora, em 2010.

Além de protagonizar esses momentos históricos, a trajetória de Sol em Juiz de Fora revela elementos do cotidiano das lésbicas na cidade, e traz à tona uma luta que foi construída dia após dia, em cada lugar que ela ocupava. Sol também foi DJ na Standup, uma das boates gays mais conhecidas do centro na época. Desde que saiu da casa dos pais com 17 anos, Sol construiu para si uma história de vida pautada na autonomia e independência, sempre lutando e trabalhando muito, sendo exemplo e referência lésbica para muitas mulheres que a conhecem.

Monica Mello de Carvalho

Monica é uma mulher de 55 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Nasceu em Juiz de Fora, vive aqui e tem uma longa trajetória de luta na cidade.

Ela voltou a morar em Juiz de Fora no final de 2025, depois de 11 anos morando em São Paulo.

Foi a única lésbica a fazer parte da gestão principal do Movimento Gay de Minas, e uma figura central para entender o papel das lésbicas na luta política da comunidade LGBT em Juiz de Fora. Fiz 2 entrevistas com ela, a primeira em 2023 junto com outra colega de profissão, e a segunda em 2024. Ambas duraram cerca de 3 horas.

Além de ter tido essa atuação política fazendo parte do Movimento Gay de Minas, a história de Monica é central para entendermos as dinâmicas de sociabilidade Lésbica em Juiz de Fora, e as possibilidades de existência no tecido histórico e social na cidade, sobretudo nas décadas de 1990, e 2000.

Essa entrevista foi fundamental para que eu pudesse acessar, a partir de uma perspectiva lésbica, a experiência de Juiz de Fora como uma cidade chave para se pensar no desenvolvimento do movimento LGBT no Brasil. Esta é uma cidade que desde o início do Movimento Gay de Minas em 1998 esteve em diálogo constante com o movimento nacional e foi cenário de conquistas históricas da comunidade, tendo como sua maior expressão a assinatura da Lei Rosa, no ano 2000.

Em sua fala, Monica conta sobre os eventos nacionais do movimento LGBT que ela participou como representante lésbica, tanto de Juiz de Fora, quanto de Minas Gerais. Ela fala com muita emoção que ajudou a organizar as primeiras paradas gay da cidade e traz detalhes preciosos sobre o impacto desse evento para a comunidade LGBT juiz-forana. Durante a primeira década dos anos 2000, a parada gay de Juiz de Fora era conhecida nacionalmente e atraía pessoas de vários lugares do país, lotando os hotéis da cidade e movimentando o comércio local. Tudo isso tendo como pano de fundo os cenários centrais da cidade de Juiz de Fora.

As ruas mais conhecidas da cidade são mencionadas como palco da parada gay, principalmente a Avenida Rio Branco, a maior do centro, o calçadão da rua Halfeld, que fica no coração da cidade, e a Praça Antônio Carlos, um cenário de grande efervescência cultural de Juiz de Fora. Esses elementos também aparecem em outras entrevistas, mas na fala de Monica ganham contornos específicos de alguém que vivenciou esses eventos não apenas como participante, mas como organizadora, como alguém de dentro do movimento, que foi fundamental para que esse eventos acontecessem tal como aconteceram.

Outro ponto importante para pensar na trajetória de Monica em sua relação com a cidade de Juiz de Fora e com o Movimento Gay de Minas, é que ela fez questão de mostrar, o tempo todo durante a entrevista, que se engajou nessa luta pelas lésbicas, e que sempre se

preocupou em levar as pautas das mulheres para dentro do movimento, que esse era um dos objetivos centrais dela lá dentro.

Esse posicionamento de Mônica teve um impacto muito importante para refletir sobre a presença das mulheres lésbicas dentro do movimento LGBT em Juiz de Fora, uma vez que o Movimento Gay de Minas só passou a contar com a presença de mulheres depois que ela passou a fazer parte dele. Isso fica evidente na entrevista dela, e se confirma quando comparo com as entrevistas de outras mulheres que tiveram contato com o MGM nessa época.

Além de me permitir acessar um ponto cego da história do movimento LGBT em Juiz de Fora, a entrevista com Monica também revelou um cenário de sociabilidade lésbica complexo e central nas suas histórias. Quando ela me contou os lugares que ia para se divertir, deu para perceber que, principalmente na primeira década do ano 2000, as lésbicas estavam ocupando bares na região central da cidade, em bairros como Centro, São Mateus e Manoel Honório. Dessa forma, a entrevista com ela foi fundamental para ter acesso a 2 elementos que se cruzam na experiência lésbica juizforana: a atuação política e a atuação a partir das redes de sociabilidade.

Lilian Maria Pace Souza

Lilian Pace é uma mulher de 60 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em Juiz de Fora e sempre morou aqui. Ela é jornalista e trabalhou em um dos jornais mais conhecidos da cidade, o Tribuna de Minas, por 22 anos. A entrevista com Lilian foi marcante em diversos aspectos, mas creio que o principal deles foi conseguir mapear, ao longo de toda a trajetória de vida dela, uma forte ligação com a cidade de Juiz de Fora. Ela morou aqui a vida toda, então foi possível acessar várias camadas de tempo da experiência de uma mulher lésbica na cidade.

Além disso, o trabalho de Lilian como jornalista, fazia com que ela circulasse na cidade a partir de um lugar específico, e o fato dela ser uma mulher lésbica e ocupar o cargo que ocupava impactou de várias maneiras na forma como o jornal operava, por exemplo, como veículo de notícias sobre a comunidade LGBT na cidade.

Ela conhecia o Movimento Gay de Minas, e chegou até a trabalhar em reportagens sobre eles. Ocupava muito os lugares de sociabilidade lésbica na cidade, e trouxe em suas histórias, grandes elementos da maneira como as mulheres lésbicas ocupam os lugares públicos juizforanos. Todos esses componentes tornaram a entrevista de Lilian uma fonte muito potente para mapear a relação das lésbicas com Juiz de Fora.

Outro aspecto muito importante que aparece na entrevista de Lilian reforça a compreensão da importância da autonomia financeira das mulheres para que elas possam se afirmar como lésbicas e viver uma vida lésbica. Na fala dela, isso fica muito evidente quando abordamos questões como vida profissional e moradia.

Samira Abreu e Silva

Samira Silva é uma mulher de 45 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em Leopoldina e veio para Juiz de Fora ainda na infância, com 10 anos de idade. Samira trabalha como psicóloga, e é irmã gêmea da Sara, outra lésbica que eu entrevistei. A experiência de entrevistar irmãs gêmeas, ambas lésbicas, foi muito enriquecedora e trouxe mais elementos para minha pesquisa. Samira é uma lésbica tardia, ela se entendeu como lésbica já na casa dos 30 anos de idade. Durante a entrevista ela me contou da sua experiência na heterossexualidade compulsória, que se traduziu mais fortemente em um casamento de 10 anos com um homem. Ela me contou como foi pra ela sair desse relacionamento e como ela percebeu que era lésbica.

Além da entrevista de Samira trazer contornos que mostram como a lesbianidade é um processo que chega em tempos diferentes para cada mulher, suas histórias evidenciam uma conexão profunda com a cidade de Juiz de Fora, trazendo para a cena os lugares de sociabilidade lésbica que ela frequenta, e como ela passou a acessar esses lugares.

Samira criou, junto com Sara, um grupo de lésbicas e bissexuais em Juiz de Fora em 2023. O grupo se chama “Brejô JF” e rapidamente passou a ser conhecido por boa parte da comunidade lésbica juizforana. O “Brejô JF” traz uma caráter de fortalecimento das redes de sociabilidade lésbica juizforana na atualidade. Elas criaram dentro do grupo um evento que a cada ano que passa se torna mais famoso entre as lésbicas da cidade: o arraiaá do Brejô JF, uma festa junina exclusiva para mulheres. Essa festa pode ser considerada a primeira festa abertamente só para mulheres que ocorre em Juiz de Fora.

Diante dessa experiência com a criação do grupo, a entrevista com Samira rendeu frutos importantes, tanto para entender o processo de compreensão da lesbianidade e como ele se dá em diferentes momentos da vida de uma mulher, quanto para mapear o fortalecimento recente de uma rede de sociabilidade lésbica na cidade, que coloca em diálogo as mulheres da geração que eu estudo, com lésbicas da minha geração.

Sara Abreu e Silva

Sara Abreu é uma mulher de 45 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em Leopoldina e também veio para Juiz de Fora na infância, com 10 anos de idade. Sara trabalha como servidora pública na Universidade Federal de Juiz de Fora e é irmã gêmea da Samira, que também foi entrevistada por mim. Sara se colocou como lésbica aos 25 anos, e traz em sua entrevista aspectos muito ricos das redes de sociabilidade lésbica em Juiz de Fora na primeira década dos anos 2000.

Ela teve um contato breve com o Movimento Gay de Minas, e tem algumas falas interessantes para pensar o alcance do movimento entre as mulheres lésbicas e como estas enxergavam a atuação da militância LGBT na cidade naquele momento. O momento em que Sara se entende lésbica faz com que ela traga em suas histórias aspectos da sociabilidade lésbica juizforana que não aparecem na entrevista da Samira. Além disso, ver essa diferença entre as duas reforça a compreensão de que se descobrir lésbica é um processo que pode acontecer em momentos muito distintos na vida de uma mulher, e que isso impacta também na forma como essa mulher vai viver sua lesbianidade.

Sara também participou da criação do grupo “Brejô JF”, e a entrevista com ela remonta um fio riquíssimo que coloca em diálogo duas gerações de lésbicas na cidade, fazendo com que possamos compreender os processos de ruptura e continuidade na realidade juizforana no que tange às vivências de mulheres lésbicas nos espaços públicos e privados da cidade.

Giane Chaves Fernandes

Giane Chaves é uma mulher de 43 anos, se considera parda, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu e vive em Juiz de Fora, e trabalha como servidora pública na Universidade Federal de Juiz de Fora. A entrevista com ela me marcou em muitos aspectos. Sua trajetória de vida revela uma riqueza imensa no que diz respeito à variedade das redes de sociabilidade lésbica em Juiz de Fora no início dos anos 2000. Ela me contou com muitos detalhes momentos históricos para a comunidade LGBT na cidade. Problematicizou a parada gay, falou também sobre o MGM, e sobre a forma como as mulheres lésbicas se relacionam em Juiz de Fora.

A História de Giane revela sutilezas profundas da existência lésbica, e os detalhes que ela conta na entrevista complexificam e humanizam as experiências de lesbianidade. Ela é uma mulher que participou ativamente dos espaços de sociabilidade lésbica na cidade, e

alguém que fala constantemente do quanto via a necessidade das lésbicas se unirem mais e se engajarem para além da “curtição e bebedeira”.

Ela traz de forma muito rica a importância de ocupar os espaços públicos como lésbica, e também do papel social que a cidade de Juiz de Fora tem, uma vez que ela aponta que Juiz de Fora é uma cidade que acolhe muito a comunidade LGBT, mesmo sendo também considerada uma cidade conservadora, pois muitas vezes, essas pessoas são invisíveis dentro da própria família e encontraram força nas redes que puderam construir nos espaços da cidade.

Daniele Guimarães Zancanella

Daniele Guimarães Zancanella é uma mulher de 47 anos, se considera parda, e é de classe média trabalhadora. Nasceu e viveu em Juiz de Fora a vida inteira. A entrevista com ela foi muito importante para eu entender a forma como as lésbicas ocuparam os espaços criados pelo Movimento Gay de Minas. Ela participou do grupo de dança do MGM, e contou bastante sobre essa experiência. Em sua fala, ela coloca em evidência as possibilidades de atuação das mulheres lésbicas dentro do movimento, e mostra como essa atuação era reduzida, predominando sempre um protagonismo gay, voltado mais para os homens gays.

Além disso, Daniele também traz em sua entrevista muitas histórias que enriquecem a cena das redes de sociabilidade lésbica na cidade no começo dos anos 2000. Sua presença nesses espaços me possibilitou acessar as nuances dessas redes, e também complexificar e humanizar as experiências de lesbianidade na cidade. Outro ponto importante que aparece com clareza na entrevista e que me ajudou muito é a questão da independência financeira, e como isso impacta nas possibilidades de existência lésbica.

Daniele é uma mulher que está conectada com outras que eu entrevistei, como Monica Carvalho, Cláudia Macedo e Luciana Gerônimo, um aspecto que também considero muito bom para a pesquisa, pois me possibilita mapear um grupo de mulheres que se conheciam e que estavam vivendo experiências semelhantes no mesmo espaço de tempo na cidade.

Fernanda

Fernanda, é uma mulher de 34 anos, se considera negra, de classe média trabalhadora. Ela nasceu e viveu em Juiz de Fora durante toda sua vida, e trabalha como servidora pública na secretaria de turismo da prefeitura de Juiz de Fora. A entrevista realizada com ela foi

muito interessante para entender mais como funciona as dinâmicas sociais de cada região da cidade, uma vez que ela morou tanto em bairros considerados de classe média alta, quanto em bairros periféricos da cidade.

Além disso, Fernanda traz em suas histórias aspectos marcantes da efervescência das redes de sociabilidade lésbica em Juiz de Fora, sobretudo no contexto entre 2005 e 2015. Mesmo com uma idade de 10 anos de diferença para a média das outras entrevistadas, eu considero que Fernanda faz parte da geração que eu estudo, uma vez que, durante a entrevista, os lugares e momentos os quais ela fala estão intimamente conectados com as redes das outras entrevistadas.

Essa característica coloca a entrevista com Fernanda como mais uma prova de que o processo para a compreensão da lesbianidade, por variar muito entre uma mulher e outra, faz com que uma mesma geração tenha mulheres com uma diferença de idade significativa. Digo isso a partir da compreensão de geração como uma experiência em comum, em um mesmo contexto, e não necessariamente a partir de uma compatibilidade de idades.

A entrevista com Fernanda também trouxe aspectos importantes no que diz respeito às imbricações entre raça, classe e sexualidade. A experiência de lesbianidade de Fernanda é constantemente atravessada também pela sua experiência como mulher negra, e isso trouxe contornos importantes para se pensar onde as mulheres lésbicas negras transitam em Juiz de Fora, e também o porquê de não transitarem em determinados espaços. Outro ponto muito importante que aparece na entrevista com Fernanda é a relação da família com a lesbianidade dela, sobretudo a relação com a mãe. Os conflitos que ela traz em sua história complexifica o desafio de ser lésbica dentro da própria casa, com a família.

Observação: o nome de Fernanda está sem sobrenome porque ela não quis se identificar e preferiu dar uma entrevista anônima.

Luciana da Costa Gerônimo

Luciana da Costa Gerônimo é uma mulher de 46 anos, se considera parda e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu na cidade de Santos Dumont, e veio morar em Juiz de Fora com a família quando tinha 7 anos. Ela trabalha como educadora física e tem um estúdio de treinamento funcional na zona norte da cidade.

Ela fez parte do Movimento Gay de Minas como uma das lésbicas que frequentavam os espaços de sociabilidade na sede do MGM, e também esteve intimamente ligada às redes de sociabilidade lésbica em Juiz de Fora na primeira década dos anos 2000. A entrevista com

Luciana complexificou 3 questões que considero extremamente importantes na minha pesquisa: a primeira é a questão das redes de sociabilidade. Luciana frequentava espaços que são citados em várias outras entrevistas, e é uma mulher conectada com outras entrevistadas. Esse aspecto revela uma rede que existia naquele momento, e ainda existe até hoje, uma vez que essas mulheres ainda se encontram e são amigas.

A segunda questão que apareceu muito forte na entrevista com Luciana é a questão da independência financeira e da luta das mulheres lésbicas por uma vida com autonomia e integridade. Durante vários momentos de sua fala, Luciana menciona a importância de se sustentar, e como o trabalho impactou a vida dela no sentido de poder se afirmar enquanto mulher lésbica.

A terceira questão que Luciana traz de forma muito forte na entrevista é a relação com a família e sobretudo as questões com a figura materna. A dificuldade da família em lidar com a lesbianidade dela, e como ela lidou e lida com essa situação. Dessa forma, a entrevista com ela me permitiu acessar pontos centrais que trabalho em minha pesquisa e que considero serem marcadores muito fortes na vida das mulheres lésbicas em geral.

Sonia Regina de Souza Ribeiro

Sonia Regina de Souza Ribeiro é uma mulher de 62 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu e viveu em Mar de Espanha até os 23 anos, e depois veio para Juiz de Fora, onde mora até os dias atuais. Sonia trabalhou em bares durante muitos anos de sua vida e atualmente trabalha como babá. A entrevista com ela, que é mais conhecida como “Soninha do Marrakesh”, foi um divisor de águas em minha pesquisa de mestrado, e também para a minha carreira, pois foi através dela que eu encontrei fontes inéditas que me levaram para o doutorado.

Sonia tem uma relação muito forte com Juiz de Fora, e em sua fala ela deixa claro o quanto a cidade foi importante para que ela pudesse se entender lésbica e viver sua lesbianidade. Além disso, ela foi uma figura central no bar Marrakesh, considerado o primeiro bar lésbico e gay de Juiz de Fora. Ela trabalhou do final da década de 1980 até 1996, e com isso, eu pude acessar detalhes da história do local, e também um acervo fotográfico riquíssimo de lá.

As histórias de Sonia foram fundamentais para eu entender o impacto do Marrakesh como um lugar chave para refletir sobre as redes de sociabilidade lésbica de Juiz de Fora, e perceber o quanto o bar foi importante para fortalecer as mulheres que frequentavam o local, e

também como ele impactou diretamente no fortalecimento de uma rede de sociabilidade LGBT na cidade, e a consequente formação do Movimento Gay de Minas, o primeiro movimento LGBT de Juiz de Fora, que surgiu em 1998.

Além de toda essa contribuição que foi um divisor de águas, a entrevista com Sonia revela aspectos fundamentais para entender a forma como essa geração de mulheres lésbicas lidou e lida com sua sexualidade na relação com a família. Aparece de forma direto os conflitos com a mãe, o silêncio em torno da palavra lésbica, e também as estratégias que ela usou para poder viver a lesbianidade dela.

Margareth Virgínia Trigo Passos

Margareth Virgínia Trigo Passos é uma mulher de 61 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em Juiz de Fora e sempre viveu na cidade, e trabalhou no banco Caixa. Atualmente ela é aposentada. A entrevista com ela possui muitas complexidades em torno da experiência lésbica, e contribuiu muito no sentido de acessar sutilezas em torno do processo de descoberta da lesbianidade, e como este varia de acordo com cada mulher. No caso dela, foi um processo mais leve que ela encarou com naturalidade e sem sofrimento, e isso aparece de forma muito forte na entrevista.

Outro ponto que me marcou muito na entrevista dela, é a forte atuação política que ela teve na cidade através dos sindicatos e da luta dentro dos movimentos sociais, sobretudo o movimento das trabalhadoras e trabalhadores. Ela traz em suas histórias alguns aspectos como por exemplo o fato de ter sido a primeira mulher a ocupar o cargo de gerente sindical no sindicato dos bancários de Juiz de Fora. A entrevista com ela foi excelente para refletir em pontos de imbricação entre raça, classe e sexo. Fez eu pensar sobre o impacto que uma lésbica tem ao ocupar esses espaços, ao mesmo tempo em que esses espaços raramente dão abertura para que essa lésbica traga como pauta questões específicas da lesbianidade.

Além disso, Margareth também traz em suas histórias uma relação muito forte com Juiz de Fora e com os lugares de sociabilidade lésbica da cidade. Ela foi uma frequentadora do Marrakesh, depois do Muzik, do bar do Gil, entre outros lugares que também aparecem em outras entrevistas. Essa característica me possibilitou mapear ainda mais essa rede que eu venho estudando, observar as conexões dessa geração de mulheres lésbicas que eu entrevistei, e como ela observou esse cenário efervescente cidade.

Ana Cláudia de Macedo

Ana Cláudia de Macedo é uma mulher de 54 anos, se considera parda, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em Manaus, e com tantos anos foi morar em tal cidade. O contato dela com Juiz de Fora começou em 19... quando ela se mudou para a cidade, e vive aqui até os dias atuais. Atualmente ela trabalha em um bar.

Ela é conhecida como claudinha macedo pelas mulheres da geração que eu entrevistei, e como klau macedo pelas mulheres da geração posterior. A entrevista com Ana Claudia também foi um divisor de águas na minha pesquisa, pois ela trouxe alguns pontos que me permitiram acessar as nuances e complexidades em torno das redes de sociabilidade lésbica na cidade, além de ter sido uma figura central para me indicar outras mulheres para entrevistar. Foi através da indicação dela que eu conheci a Monica, por exemplo.

Ana Claudia é uma das mulheres que eu entrevistei que mais tem conexão com outras entrevistadas. Ela é amiga da Monica, da Daniela Zancanelli, e da Luciana Gerônimo, o que revela que essas 4 mulheres estavam vivenciando juntas o contexto de efervescência das redes de sociabilidade lésbica na cidade. Os lugares que elas citam na entrevista são os mesmos. Acredito que essa conexão dela com mais mulheres vem também do fato de que ela ficou muito conhecida por organizar várias festas lésbicas na cidade, sobretudo na primeira década dos anos 2000.

Através de entrevista com Ana Claudia, eu pude conhecer todo um universo de festas lésbicas que ela organizou, que se tornaram eventos de encontro e união dessas mulheres. As festas dela são citadas em outras entrevistas, sempre com um tom de saudade e também com um aspecto que deixa claro o quanto foram importantes para fortalecer a rede de apoio das mulheres que frequentavam os eventos.

Depois da entrevista ela me cedeu um grande acervo de fliers das festas que ela organizava, o que enriqueceu ainda mais as minhas fontes. Os locais que as festas aconteciam eram sempre na região central da cidade, o que revela que as lésbicas estavam ocupando espaços públicos emblemáticos de Juiz de Fora.

Cláudia Regina Lahni

Cláudia Regina Lahni é uma mulher de 56 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em Mojimirim, no interior de São Paulo, e se mudou para Juiz de Fora no ano 2000 e viveu na cidade por 21 anos. Atualmente, Cláudia voltou a morar em

São Paulo e trabalha como professora universitária, compondo o corpo docente da UFSCAR, mas ainda possui vínculo com a UFJF.

A entrevista com ela foi muito impactante e me ajudou a entender aspectos da atuação lésbica em Juiz de Fora em um espaço que ainda não havia sido muito abordado: a universidade. Isso porque ela é professora do departamento de comunicação da UFJF, e teve uma forte atuação no que tange a discussão sobre lesbianidade dentro da universidade.

Durante suas falas, Cláudia colocou em evidência os desafios de ser uma professora lésbica, de falar sobre lesbianidade e feminismo, e como ter uma conduta voltada para a valorização das mulheres nos espaços de produção de conhecimento traz como consequência uma experiência atravessada pelo isolamento e pelo enfrentamento de preconceitos.

A atuação de Cláudia, sobretudo no que tange a um trabalho voltado, especificamente em torno da questão lésbica, aconteceu em conjunto com a esposa dela, Daniela Auad, que atualmente também trabalha na UFSCAR mas ainda possui vínculo com a faculdade de Educação da UFJF, e também foi uma das entrevistadas por mim. O contato com as histórias de Cláudia, portanto, me possibilitou reconhecer o impacto que ela e Daniela tiveram na vida das lésbicas na UFJF, e também a entender os aspectos da atuação política das mulheres lésbicas em Juiz de Fora, partindo do ambiente da Universidade, mas se expandindo para toda a esfera pública Juizforana.

A entrevista com Cláudia também traz marcadores de classe que são muito importantes para entender as nuances, complexidades e imbricações que existem nas experiências de mulheres lésbicas. As falas dela também possibilitam refletir sobre a relação da família com a lesbianidade dela, e as estratégias que ela utilizou para poder viver essa lesbianidade. Ademais, Cláudia também trouxe falas muito importantes e enriquecedoras no que diz respeito à sua experiência de maternidade lésbica junto com Daniela Auad.

Além disso, a entrevista com Cláudia também me possibilitou acessar uma experiência diferente com a cidade de Juiz de Fora. Suas falas revelam um pouco de como é ser uma mulher lésbica de outra cidade vivendo aqui, como ela foi recebida pelas pessoas, os lugares que ela frequentava e a forma como ela entendia o acolhimento ou não nos espaços da cidade. Além disso, Cláudia também trouxe falas muito importantes e enriquecedoras no que diz respeito à sua experiência de maternidade lésbica junto com Daniela Auad.

Daniela Auad

Daniela Auad é uma mulher de 52 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu e viveu em São Paulo até 2010, ano em que se mudou para Juiz de Fora, morando na cidade até 2021, quando voltou a residir em São Paulo. Ao longo de sua trajetória em Juiz de Fora atuou como professora universitária, compondo o corpo docente da faculdade de Educação da UFJF. Atualmente ela é professora na UFSCAR, mas ainda possui vínculo com a UFJF.

A entrevista com ela foi extremamente importante em vários aspectos da minha pesquisa. Em primeiro lugar, ao ter contato com sua trajetória como professora da UFJF, eu tive acesso às nuances da atuação política das lésbicas dentro do espaço acadêmico, e pude perceber o impacto que ela causou para as estudantes lésbicas da universidade.

Toda a dedicação dela, em conjunto com sua esposa Cláudia, estabeleceu um grande movimento de letramento sobre lesbianidades nos projetos que elas criaram. Esse letramento, que considero um trabalho de base fundamental, foi uma realidade que existiu dentro da UFJF durante os anos que estiveram aqui. Campanhas pela visibilidade lésbica, cine sapatão, projetos de extensão, grupos de estudos, e ações que extrapolaram os muros da universidade e chegaram em espaços públicos centrais da cidade.

Além disso, a entrevista com ela me possibilitou perceber as redes de pesquisa e atuação política tecidas entre Juiz de Fora e outros lugares, me permitindo o movimento de colocar a cidade dentro de um circuito nacional, tanto de produção de conhecimento, quanto de atuação política.

A entrevista com Daniela tem aspectos como a relação com a família e questões de classe que complexificam a experiência lésbica tratada em minha pesquisa, dialogando constantemente com as outras entrevistadas. Além disso, um ponto muito importante da entrevista com Daniela é sobre a questão da maternidade. Em diversos momentos ela traz reflexões sobre a experiência dela e de Cláudia como mães de Leila, e como os marcadores da maternidade atravessam de forma distinta as mulheres lésbicas.

Camila dos Passos Roseno

Camila dos Passos Roseno é uma mulher de 37 anos, se considera branca, e é de classe média trabalhadora. Ela nasceu em São Paulo, e se mudou para Remanso, no interior da Bahia, quando tinha 10 anos de idade. Ela morou em Juiz de Fora durante 1 ano, em 2018,

quando estava cursando o doutorado, orientada pela professora Daniela Auad na faculdade de Educação da UFJF.

Mesmo esse contato com a cidade tendo sido durante um curto período de tempo, sobretudo se comparado às experiências das outras mulheres entrevistadas, considero a entrevista com Camila extremamente importante para entender as nuances de possibilidades de uma vida lésbica em Juiz de Fora. Durante suas falas, ela problematizou a forma como foi recebida na cidade, e trouxe questões como a dificuldade de acolhimento e o isolamento. A experiência dela não foi retratada de forma positiva, e isso demonstra também a maneira como a comunidade lésbica juizforana é também muitas vezes fechada, e as redes de sociabilidade nem sempre são acolhedoras com quem vem de fora.

Além disso, a entrevista com Camila me possibilitou refletir sobre o impacto das professoras Daniela e Cláudia na universidade, e também entender de que forma o espaço acadêmico produz uma luta coletiva das mulheres lésbicas a partir das pesquisas que são realizadas. Dessa forma, foi possível ver outras nuances da experiência lésbica em Juiz de Fora, através do olhar de alguém que veio de fora e ficou pouco tempo.

Um outro aspecto importante que aparece na entrevista com Camila é a relação com a família, os marcadores de gênero, de classe, e a forma como as experiências dela, mesmo vivendo em outra cidade, outro estado, se aproximam muito das experiências de mulheres que viveram a maior parte de suas vidas em Juiz de Fora.

Ademais, a entrevista com Camila também me possibilitou entender de forma mais íntima e complexa, as redes Lésbicas nas quais Juiz de Fora está inserido. Ela veio estudar aqui para ser orientada pela professora Daniela Auad, que possui conexão com pesquisadoras e ativistas lésbicas organizadas de outros estados, como por exemplo São Paulo e Bahia. Perceber os fios dessa conexão é importante para inserir Juiz de Fora nesse circuito de atuação lésbica, através não somente da militância, mas também da produção de conhecimento e de um alastramento das redes de sociabilidade lésbica para além das fronteiras da cidade.

Kelly da Silva

Kelly da Silva é uma mulher de 44 anos, se considera negra, e é de classe média trabalhadora. Ela trabalha na Universidade Estadual de Minas Gerais, no Campus de Ubá. Já atuou como professora e atua como vice-diretora na área da educação pertencente ao Departamento de Ciências Humanas. Ela nasceu na cidade de Nova Era, na região do Vale do Aço em Minas Gerais.

A trajetória de Kelly em Juiz de Fora começou em 2009 quando ela se mudou para cursar o mestrado em Educação na UFJF. Desde então ela morou na cidade até o ano de 2023, quando se mudou para Ubá, cidade em que mora e trabalha atualmente. A entrevista com ela trouxe marcadores importantes de classe e raça, mostrando como essas imbricações se inter cruzam e impactam nas experiências de lesbianidade.

Outro ponto importante da entrevista com Kelly é perceber o impacto da educação, da experiência da graduação em universidade pública na vida de uma mulher. Ao longo de suas falas fica claro como a trajetória dela no curso de Pedagogia na UFV foi importante para que ela pudesse se afirmar lésbica, descobrir novos horizontes e construir autonomia para viver a vida dela de maneira plena.

Considero esse marcador potente para entender como o papel social da universidade pública impacta nas experiências de mulheres lésbicas. Ademais, quando Kelly conta sobre sua trajetória de construção de conhecimento na universidade, um outro ponto importante é colocado: o impacto das pesquisas que são realizadas a partir das experiências de vida da pesquisadora. Isso porque toda trajetória acadêmica de Kelly como pesquisadora é atravessada por investigações que estão intimamente ligadas às suas experiências cotidianas como uma mulher lésbica e negra.

Kelly também traz em suas falas reflexões sobre descoberta, e sobre como a experiência de mulheres lésbicas de cidades do interior possui também marcadores específicos, demonstrando o impacto que tem quando essas mulheres deixam suas cidades no interior e vão em busca de outras experiências em cidades maiores. Além disso, as falas de Kelly também revelam marcadores sociais de lesbianidade “clássicos” que também aparecem em outras entrevistas, como a questão da independência financeira.

2.2 - Ser o que não se pode ver

Ao longo desses anos em que me entendo lésbica, eu fui percebendo que existem lugares de silêncio, apagamento e negligência dos quais precisamos sempre sair. Me lembro de uma situação corriqueira do dia-a-dia que reflete bem o que eu quero dizer. Várias vezes eu já estive na fila do mercado com a mulher que eu namorava e a gente esquecia de pegar algum produto.

Quando ela saía para buscar e dava a nossa vez de passar no caixa, eu precisava comunicar que estava esperando ela voltar. Ela quem? Eu pensava alguns segundos pra falar “espera só um minuto que a minha namorada foi pegar um produto que esquecemos de

colocar no carrinho”. Namorada? Amiga? Sempre dava um receio de receber cara feia, e muitas vezes a cara feia veio. E naqueles dias que você não está com a sua armadura? Nos dias difíceis, os dias vulneráveis que a casca grossa que você criou está fina? Nesses dias, a vontade de chamar de amiga é grande. Isso são pequenas afirmações lésbicas cotidianas que sempre nos vemos na necessidade de fazer.

Mas antes das afirmações cotidianas, existe uma que está dentro da nossa cabeça, e que pra mim é uma das mais desafiadoras de sair. O caminho para compreender a nossa lesbianidade, na maioria das vezes é sinuoso, silencioso, escuro, sem mapas, e o que nos guia às vezes é a pura intuição.

Toda história lésbica começa com uma mulher entendendo seu amor por outra mulher. Entendendo esse amor dentro de si, antes de mostrar pro mundo. Quando eu era adolescente e não sabia o que era o sentimento que eu tinha pelas mulheres, eu não tive um livro que contasse um pouco sobre como é esse processo. Claro que cada uma vivencia essa experiência de uma forma única, contudo é inegável que existem marcadores em comum que atravessam as vivências de todas as mulheres lésbicas na sociedade em que vivemos. Por isso, considero que um dos pontos iniciais para trabalhar com as entrevistas, é justamente falar sobre esse momento canônico na vida de todas as lésbicas: a descoberta de si.

Quando falamos da descoberta de si nas experiências lésbicas também falamos sobre a compreensão de si enquanto mulher. Diante de toda a socialização feminina e a pressão para que mulheres exerçam determinados papéis sociais, as mulheres lésbicas vão na contra mão desses papéis masculinos e femininos (Falquet, Jules. 2012) previamente impostos. Dessa forma, uma mulher que se entende lésbica também passa pelo processo de se reconhecer enquanto mulher, e a partir disso, afirmam seu amor por outras mulheres.

Sol Schiavon: “A mulher é muito penalizada. vamos voltar lá na infância, aquela tecla que eu adoro bater, panelinha, bonequinha, fogãozinho, os brinquedinhos, são coisas para te encaixar num limite, para te colocar numa realidade. Desde sempre o que foge disso é imoral, então, por mais livre que a gente cresça, por mais gritos de liberdade que a gente dê, quando a gente sai da casa dos pais e arruma um emprego e “agora eu posso sair do trabalho, encontrar com minhas amigas, porque eu vou pagar minha cerveja”, falando de uma forma bem lésbica, essa coisa de sentir o peso da culpa moral é muito difícil de tirar.

Então, de uma forma muito inconsciente, a mulher acaba fazendo esse movimento, ela não quer ter o trabalho, a fadiga, o desgaste de ficar lutando por uma coisa que vai estar sempre à margem. Porque por mais que ela lute e crie um movimento, por mais que ela

consiga estabelecer uma constante para esse movimento, ela nunca vai relaxar da posição marginalizada, então esse desconforto a gente sempre vai ter, todas nós, é inconsciente.

Se você perguntar para uma lésbica que estiver passando ali, que você conhece, que joga bola todo sábado com as amigas dela, que vai num barzinho, que vive com a namorada, que ela se sente razoavelmente tranquila, você falar isso para ela, ela vai falar “não, nunca pensei nisso”. Exatamente! Você cresceu tão enquadrada nisso que você não precisa pensar, isso está em você, isso cresce com você, isso é um estigma que você carrega. Você é mulher, todas carregam esse estigma da imoralidade velada. Qualquer coisa que foge ao estabelecido é imoral, entendeu?

Então é onde, por mais que se tente de N formas, criar um movimento que dê abertura a esses espaços, sem perceber, a gente meio que abandona, vai se perdendo pelo caminho, porque o estigma pesa. Então, por que eu falei para você um dia que necessariamente numa ordem, o feminismo para mim vem primeiro? Primeiro eu sou mulher, depois eu sou feminista, depois eu sou lésbica, porque eu preciso desses dois antes.”²⁵

Essa fala de Sol retrata bem o que eu quero dizer ao afirmar que a compreensão da lesbianidade também atravessa a nossa compreensão enquanto mulheres. Primeiro somos mulheres, depois lésbicas, esses marcadores nos atravessam, necessariamente, nessa ordem. Portanto, ao refletir sobre os variados processos de descoberta da lesbianidade presentes nas histórias das minhas entrevistadas, o marcador de gênero, que é uma experiência socialmente construída (Rago, Margareth, 1998, p.89-98), está presente de forma intrínseca na história delas.

Trata-se não somente de experiências de homossexualidade no geral, e sim, das especificidades da homossexualidade feminina. Através da compreensão da lesbianidade como uma existência política, atravessada por marcadores específicos da condição da mulher na sociedade em que vivemos, cabe então perguntar: como as mulheres se entendem e se afirmam lésbicas?

Como você se descobriu e se afirmou lésbica?

Daniela Auad: “Então, pra mim era muito importante isso de passar no vestibular e estudar, ter uma profissão, mas eu sempre me perguntava, desde quando eu era nova, ficava ansiosa, tinha noite que eu não dormia. Aí eu ficava escrevendo, ficava lendo. Minha mãe

²⁵Entrevista realizada com Maria da Consolação Schiavon em 05/02/2024.

vinha, falava “Daniela, você não vai dormir não? Mas o que que você tá pensando?” “Eu tô pensando no que vem depois. O que vem depois?” “Depois do que Daniela?” “Porque vocês dizem que é pra eu acabar de estudar, nesse meio tempo também noivar, casar, trabalhar e depois de formada ter bebês. O que vem depois?” Aí minha mãe falava assim “isso é o que é, né?”

Eu me lembro de uma noite insone [...] A gente tava olhando assim pro céu, tinha uma janela do meu quarto aberta assim, e aí eu falava “eu tô aqui olhando as estrelas pra ver se eu tenho alguma ideia do que fazer depois, porque não sei o que vem depois”. “Não precisa ter depois, isso aí vai te ocupar, ocupar por muitos anos, ter um marido, ter um filho, ter uma família, ter uma profissão, ser professora das crianças”. Eu falava assim não é possível, alguma coisa tem que vir depois.

Me dava uma angústia do que vem depois [...] E aí eu comecei a ter uma ideia do que podia vir depois, mas comigo pensando no depois, ninguém ia me falar o que vinha depois.[...] E aí eu não me percebia se eu era hétero, se eu era bi ou se eu era lésbica, porque eu nem sabia que eu podia pensar no depois, só fui descobrir depois. Pensar no que pensar, em tudo, no depois, na profissão.

Hoje, por exemplo, eu viro pra minha filha e falo assim filha, se você quer, ela tá entre medicina, relações internacionais, e jornalismo, e às vezes ela quer ciências sociais. Mas aí a gente combinou que se ela estudar para passar em medicina, ela pode fazer o que ela quiser, quando ela quiser. Eu falo pra ela “como é que vai ser a sua rotina, como é que você vai acordar, como é que vai almoçar, como você vai passar seu dia se você for estudar e for jornalista, se você for estudar medicina e for médica?” Então a gente faz esse trabalho da pessoa exercitar como é que vai ser a vida dela pra ela [...] Pra mim não tinha isso.

Então você me pergunta. Quando eu me percebi lésbica, eu me percebi lésbica quando eu já era mãe. Mentira, não, foi antes de ser mãe, muito antes. Aí a vida vai, vida vem e eu me percebendo hétero [...] Eu falava com meu segundo marido “eu não me vejo envelhecendo com você, eu acho que a gente vai ter uma filha, nós vamos ser família dela, e aí eu vou me casar com uma mulher.” O meu ex-marido falava assim: “Daniela, qual das tuas amigas”, que eu tinha muitas amigas lésbicas, “qual das suas amigas você vai casar?” “Eu não vou casar com as minhas amigas, você acha que só tem minhas amigas? Elas são minhas amigas, tem outras mulheres, outros horizontes”.

Porque daí, o que acontecia? A perspectiva do feminismo desde a minha graduação. Eu me lembro que quando eu fui fazer uma parte do meu doutorado em Paris, eu coloquei essa frase no computador, assim passando de descanso de tela: “o feminismo como exercício

do desejo”, e respondi essa pergunta do que vem depois: “não sei, ninguém sabe, mas você que vai escolhendo no caminho pelo exercício do desejo.” Autonomamente, percebido, sentido.

Bom, daí quando a Leila nasceu, tudo foi se encaminhando, meu relacionamento com meu ex-marido foi ficando como ficam, o script hétero, né? A mulher engravida, o homem piora no sentido de ficar ausente, não fazer o mínimo do seu papel parental, o mínimo do seu papel conjugal. Então eu disse a ele “você está demais nessa casa, é preciso que você more em outro lugar”. Era um apartamento no Jardins de oitenta e dois metros. “Estamos eu, a criança, dois gatos, a empregada e a babá, 6 corações, e todos eles têm uma função, inclusive os gatos que amam, são presentes. Você está sobrando, você vem aqui pra lavar roupa e pra comer alguma coisa, então você vai ter que ir embora lindo, você tem que ir embora, viu?”

[...] Antes disso, antes de ser grávida, eu vi aquele filme “Desejo Proibido” e aí tem aquele episódio da Sharon Stone com a Ellen DeGeneres e eu assisti. A primeira vez que eu assisti esse filme foi com o pai da minha filha à noite [...] E aí eu falei assim “eu queria ser mãe assim.” [...] Ele falou assim “só tem um detalhe, eu não sou a Ellen DeGeneres”. Eu falei “exatamente!” [...] “Então, você não me ama mais?” Eu falei “eu te amo, mas o meu ideal de relacionamento é aquele episódio do desejo proibido, não é o que nós temos aqui, me incomoda ter o que nós temos aqui, porque parece que eu milito uma coisa, ensino um tema, sei todas as abordagens e não aplico. Eu, que sempre fui uma intelectual orgânica, não é possível, isso não é possível, eu não vou ser uma mulher madura e velha casada com você.

Veja, não é porque é você, não é pessoal, mas é que, na perspectiva da minha coerência, não é possível”. Aí ele falou “você não gosta de ficar comigo?” “Gosto, mas não é você, o problema não é você, tira do teu umbigo e eu tenho que fazer escolhas, ficar aqui é muito cumprir um script que fizeram pra mim”. E as feministas nunca estão nos lugares que foram preparados para elas como mulheres. Sabe aquela música da Bethânia “você não me pega, você não chega a me ver, meu som te cega careta, quem é você?” É isso que a gente tem que viver. [...]

Bom, nesse meio tempo engravidei porque eu quis engravidar mesmo. Eu grávida foi o ano que eu quis ir na caminhada lésbica e meu ex-marido não colaborou pra isso, ficou enrolando, brigando comigo, não me deixou ir. Ele me fez perder a hora, ele queria que a gente fosse fazer um ultrassom que eu não lembrava, não sabia que era a caminhada lésbica do sábado, eu tinha agendado. E aí eu soube que era caminhada lésbica naquela data. Depois, eu falei “olha, você não quer ir na caminhada?” E eu era uma grávida muito grande, aí não dava pra eu ir sozinha mesmo. E aí eu falava que eu ia com uma amiga minha, Rita Quadros,

que, aliás, é uma das mulheres que fez o filme. E aí ele falava “se você for com a Rita Quadros, vão achar que você tá grávida e vocês são um casal. Eu falei “não seria lindo?” Ele “tá louca?”[...] “Você não pode ir, você está grávida”. Aí ficou ligando pra uns amigos pra vir pra casa, pra chegar visita e eu não conseguir sair. Foi o que aconteceu.

Aí quando a Leila já tinha nascido, nasceu em outubro [...] Com sete pra oito meses foi a primeira caminhada lésbica dela. Ela foi, só dava a Leila indo de mão em mão, voltando de mão em mão parecendo o Rei Leão versão sapatão, incrível [...] A partir disso, foi ficando muito evidente pra mim meu desprezo pelos homens. Então, se você me fala quando foi ao longo da minha existência que eu fui constituindo a minha lesbianidade, e aqui eu não falo de lesbianidade política, que agora também tem uma moda das mulheres falarem que são lésbicas políticas e não transarem com mulher, né? Não existe isso, eu acho que é falta de respeito com a gente, não concordo muito com isso não

[...] Ai eu fui me desagradando de estar naquela situação que era um combo, e os itens não eram vendidos à parte. Não era possível aderir à parte, era “tenha um marido e já que você tem um marido e você é professora universitária e trabalha, você terá que ter uma babá e uma empregada, porque senão quem é que vai cuidar da filha e do marido e da casa? É você e você não vai conseguir porque você descobriu ser pesquisadora.

O que vem depois? Sabe o que vinha depois? Militante feminista, professora universitária, esquisadora, escritora. A primeira coisa que eu sou na vida é escritora. Inclusive eu fui ser professora de federal numa maneira de escrever sendo remunerada e de dialogar sobre livros meus e das outras pessoas sendo remunerada. Bom, chegamos em 2009 e começou uma situação assim, de eu ir com o meu ex-marido nos lugares e Leila ficava com a babá. Eu ia com meu ex-marido nos lugares e ele queria dar a mão, eu falava “pra quê que vai dar a mão? Eu não vou cair, porque vai dar mão?” “Porque a gente é um casal, a gente se ama.” “Não enche o saco, que coisa pegajosa”[...] Aí eu fazia terapia, tinha uma terapeuta minha que eu falei “eu acho que eu estou ficando muito lésbica”. “Não, não, não, não mexa com isso, pelo amor de Deus, você tem uma filha pequena”. Bom, mudei de terapeuta, né? Não mexa com isso? Por favor!

A segunda vez que eu ouvi “não mexe com isso” foi em Juiz de Fora. Uma vez eu cheguei no açougue e pedi linguicinha de frango, aquela senhora mineira que ama bacon falou assim “mexe com isso não, minha filha, leve essa linguiça toscana pura maravilhosa, linguiça de frango não mexe com isso não.” Aí eu saí desse açougue de Juiz de Fora lembrando dessa terapeuta. Foi em 2011 o açougue, e essa terapeuta 2009, seria eu, na visão dela, uma linguiça de frango?

Bom, mudei a terapeuta e expliquei pro meu ex-marido isso em julho de 2009, que a gente não era mais casado. Ele tinha que arrumar uma outra casa, porque eu o amava como pai da minha filha, nós éramos a família da nossa filha, ele sempre seria o pai dela, mas que de fato, eu não podia mais ter relacionamento sexual algum com ele. Não podia mais suportar a ideia de dormir com um homem, porque é uma coisa inacreditável como que aquilo ocupa o lugar. São seres que ocupam o lugar porque a eles foi ensinado essa corporeidade que a nós não foi. Mas se você reconstrói a sua a sua corporeidade numa perspectiva de liberdade e autonomia, você também é um ser que se expande ao dormir. Com dois seres grandes que se expandem ao dormir numa cama que não é King Plus, vai dar problema. Falei “a gente não pode mais dormir junto, porque não me descansa, sua presença na cama me estressa e a gente também não vai mais transar, então não vai mais transar, a gente vai se separar.” “A, você me dá um tempo pra eu...” Aquela coisa da pessoa tá achando que é uma fase, né? Mas para mim não era.

A ficha que começou a cair quando eu tinha 12 anos [...] O processo todo foi se dando aos 12 anos, ou seja, foi de 1985 a 2009. Vejam pra daí em julho 2009 eu falar pra aquele senhor “não vou mais transar com você, eu vou ter namorada, eu vou me relacionar com mulheres”. Aí meu ex-marido falava assim “você vai casar com a Rita Quadros?” Eu falei “deixa eu te falar, você tem uma fixação com Rita Quadros, você quer ser sapatão e casar com Rita? Você é meu convidado a fazer isso, tenta, quem sabe se ela não te dá uma moral, porque ela é minha amiga, eu não vou casar com a Rita Quadros.”

A Rita Quadros brincava que muitas mulheres feministas pelo Brasil achavam que eu era lésbica e ficavam tristes quando sabiam que eu tinha um marido. Então a certeza era que eu era lésbica, só eu que não sabia, é muito engraçadinho isso, né? Pô, então a Rita Quadros brincava que havia pretendentes espalhadas pelo Brasil, que ela estava organizando o ordenamento da fila, mas que quando começasse a fila andar era pra eu avisar.

Bom, me separei, comuniquei ao meu ex-marido que não ia mais ter nada entre nós em julho de 2009 e aí em agosto eu comecei a me relacionar com mulheres que estavam ao meu redor, seja na militância, seja na na academia de ginástica, que eu tinha uma professora da academia de ginástica, namorei com ela. Depois namorei uma mulher que era integrante do Movimento Sem Terra, trabalhava no Incra, e a única namorada que eu tive fora de movimento social foi a Kátia, que é essa professora da ginástica.

[...] E aí isso foi muito interessante, porque teve uma coisa das pessoas falarem assim “mas quando você descobriu que você era lésbica”, eu falava “acho que eu sempre fui, mas eu esqueci”, porque foi uma repressão tão grande com relação a Elisabeth e a minha mãe me

repreendia, porque quando a minha mãe me chamava atenção era assim “Daniela, você está com cara de sapatão, vai trocar essa roupa.” “Nossa Daniela é de sapatão, não ponha isso, não fale dessa maneira, que sapatão que fala assim”. Então, eu achava que era uma coisa ruim, né?

Então 2009 foi quando eu disse pra mim e para o mundo “eu não vou mais me relacionar amorosa e sexualmente com homens, não vou, não quero, que as minhas convicções políticas e as minhas certezas teóricas constroem em mim o desejo orientado para as mulheres e me afasta de vivências de intimidade, quaisquer que sejam elas com homens. E tudo quanto se refere à virilidade como é percebida para o homem essa masculinidade padrão etc, etc, não me diz respeito. Eu repouso, já tive a minha cota.”

Eu até falo, eu sempre quis ter uma filha, tenho a minha filha, e aí é muito louco, porque é como se eu tivesse falado assim “nossa, agora o “depois” de verdade começou, nem sei o que eu vou fazer agora”. Depois de julho, nove meses depois, conheci Cláudia [...] Isso ficou muito forte em mim, uma perspectiva de como se exerce a intelectualidade orgânica, mas sem eu pensar nisso, naquele momento [...] As minhas convicções políticas nesses anos todos foram trabalhando os meus desejos [...] Essa angústia toda começou com 12, 13 anos.”

(Entrevista com Daniela Auad, 13/08/2024)

* * *

Daniele Zancanella: “Não vou conseguir te falar exatamente como eu me descobri, porque eu acho que eu sempre tive isso em mim, e foi uma coisa com o tempo. Na adolescência as minhas amigas ficavam com os namorados e vinham falar comigo, e eu também tinha namorados, mas eu não conseguia sentir aquilo que elas falavam. E eu achava que o problema era comigo, que eu tinha alguma coisa errada. Por que elas sentiam esse prazer de estar ao lado de um homem e eu só queria ter a companhia, não queria sentir nada além disso.

E eu tinha um interesse diferente pelas professoras, era um carinho até então de criança, eu não sabia desse apego, porque a gente pode ter uma falta, uma carência de alguma coisa. Então eu não sabia o que era esse apego ainda, até que quando eu me assumi descobri isso em mim, eu tive noção que já vinha lá de trás.

[...] Então, quando eu me descobri, eu não sei dizer, mas eu sei que foi de uma forma natural e me apaixonei por algumas professoras. E aí eu comecei a perceber que aquilo ali já era uma coisa que eu saía da aula e ia para casa e aquilo ficava na minha cabeça e já montava uma situação. E aí eu comecei a perceber que tinha alguma coisa estranha, mas não sabia que aquilo ali era ainda uma afirmação de que eu gostava de mulheres. Até que um dia eu me apaixonei pelo sorriso de uma mulher. E quando me apaixonei pelo sorriso de uma mulher e fui dar o meu primeiro beijo eu consegui sentir o que minhas amigas falavam que sentiam. Eu falei, “me encontrei”, e de lá para cá, sou realizada e feliz. Fui casada algumas vezes e tenho muito orgulho da minha história, da minha trajetória até aqui.”

Joyce Mirella: “Você teve alguma referência lésbica na sua adolescência?” Daniele Zancanella: “Não. Eu fui minha referência.” Joyce Mirella: “Você falou que com 18 anos você teve a sua primeira namorada, conta um pouco dessa experiência, como que foi?” Daniele Zancanella: “Na verdade, meu primeiro beijo foi com uma mulher, foi aos 13 anos [...] Levei um susto quando aconteceu e comecei a chorar, mas eu lembro que eu gostei e gostei muito, quis mais. E aí depois disso eu voltei a ficar com os meninos, eu até tive dois namorados depois disso, que foram namorados de um período longo, mas tinha esse fato que eu não conseguia transar e ao mesmo tempo eu não sentia essa atração, essa vontade.

[...] Aí eu comecei a dançar numa banda de formatura, banda de axé, de carnaval e a gente também tinha um grupo que também era voltado para essa parte. A gente já tinha a nossa comunidade, vamos assim dizer, que é onde eu me sentia mais à vontade nesse período. E aí a gente foi para um churrasco na casa da dona da banda, que tinha vários amigos e chegou essa pessoa. Quando essa pessoa chegou, eu já olhei e já me bateu uma coisa diferente, eu falei “quem é essa mulher?” E aí eu lembro que ela estava jogando sinuca, eu estava sentada e ela deu um sorriso. Na hora que ela deu um sorriso, eu apaixonei. Coisa muito nossa mesmo, não tem jeito, eu me apaixonei de uma forma que eu não consegui explicar

[...] Nós ficamos durante 9 meses [...] Eu acho que foi nessa fase mesmo, de transição de 17 pra 18 anos, aí fiquei com ela nesse período de 9 meses, mas depois que eu fiquei com ela e eu não larguei mais de ficar com quem eu queria, de me sentir bem naqueles abraços, naqueles beijos que só me completaram e me completam até hoje

Joyce Mirella: “E qual foi a primeira vez que você ouviu a palavra lésbica? Não precisa ser um dia específico, mas você consegue pensar num contexto da sua vida que essa palavra começou a ser mais, mais familiarizada assim no seu cotidiano?” Danielle Zancanella: “Não consigo me lembrar, porque às vezes, até hoje também não é. Hoje eu consigo falar

sapatão de uma forma muito suave, porque antes era uma ofensa, sempre foi uma ofensa chamar de sapatão.

Então, hoje, até mesmo graças a essa nova geração que está vindo, está fazendo com que isso seja uma coisa muito leve. Então, lésbica era muito difícil de ouvir, a gente era entendida, a gente não era lésbica, era sapatão e entendida, não tinha lésbica, não tinha esse nome lindo pra falar “você é lésbica”. Então como tudo na minha vida, foi gradual e acontecendo, eu não me recordo de ter tido isso tão familiarizado, mas hoje em dia é presente na minha vida o tempo todo, eu até tatuaria.”

Joyce Mirella: “Você, já se sentiu representada por alguma lésbica na TV, na música, na política?” Danielle Zancanella: “Nossa, que difícil! Cara, eu vou ter que falar de novo que não. Vou falar de novo que não, não me vi representada. Eu acho que eu já fui representatividade para algumas pessoas, mas me ver representada não.”

[...] Eu fui aprendendo com as minhas namoradas como é que elas tratavam a família, o que era ter uma família e fui trazendo isso para mim. Então hoje eu acho que tá tudo muito mais amplo, está muito mais aberto. As mulheres hoje já conseguem andar de mãos dadas, já conseguem se beijar nos ambientes, você tem uma troca de carinho, de olhar, coisa que antigamente você tinha que esconder, tinha que esconder a mão, tinha que passar o dedinho.

Se você quisesse abraçar, você cutucava assim com o dedo, você passava o código, era código. Na época eu tive um código com a minha namorada, que era “1, 2, 3”, significava “eu te amo”. Então quando eu falava “1, 2, 3” era “eu te amo”, porque você não podia se expressar. Então acho que hoje, graças a Deus, vocês estão vindo de uma era, de uma fase que quem tinha que sofrer por vocês lá atrás, eu falo até antes de mim, sofreu muito mais. Antes da minha geração também, foi um sofrimento muito mais pesado, muito mais carregado.”

(Entrevista com Daniele Zancanella, 25/07/2024)

* * *

Sol Schiavon: “Eu nunca me preocupei muito com o assunto em si. A palavra lésbica pra mim era uma coisa que na verdade acho que eu desconhecia. Sempre existiu muito adjetivo né, com o tempo vai mudando os adjetivos, mas, é, eu tinha aquela coisa de criança, era muito menino, mas pra mim isso era normal.

Me apaixonava por professora, me apaixonava pela dentista. Ficou muito marcado que eu me apaixonei pela minha dentista, eu tinha o que, uns 13, 14, talvez menos. Olhar para aquele rosto muito perto do meu, eu ficava sorrindo com os olhos, aquela sensação de tá ali perto daquela pessoa que despertava um prazer diferente, despertava um bem estar específico. Mas era uma coisa muito inocente né, era só aquela sensação boa de estar perto daquela pessoa. Passava, passou.

[...] Quando eu tinha 17 anos eu fui embora pra cidade. Ai eu me apaixonei por uma mulher. Ai isso deu um nó na minha cabeça, porque eu me apaixonei de uma forma que não era uma sensação lúdica, não era aquele prazer quase infantil da adolescência, já era uma vontade gigante de estar com aquela pessoa. Só que eu também não sabia exatamente o que eu sentia. Eu queria estar com aquela pessoa, eu queria namorar com aquela pessoa, mas a sensação que eu tinha era de que, “como? Como eu vou fazer isso? Se pelo menos ela fosse um menino, ai eu conseguiria namorar com ela. Como que eu vou chegar perto dela e falar eu gosto de você, eu durmo e acordo pensando em você, e eu não sei como que isso aconteceu? Eu só te vejo saindo com a sua mobilete todo dia, eu gosto de chegar na janela pra te ver sair”, porque eu já sabia a hora que ela saía de tarde pra dar as voltinhas dela e eu ficava olhando, até o dia que ela olhou também. E aí eu tive certeza de que eu gostava de verdade de uma mulher, e administrar isso foi muito difícil, porque eu não sabia o que era isso. Como assim? Eu não conhecia ninguém que vivia essa situação.

[...] Foi doloroso, por causa da igreja, por causa da religião, por causa do grupo de jovens, por causa do mundo externo. Então eu guardei pra mim até o momento que eu não pude mais, que eu não consegui mais guardar. E a gente acabou, depois de muitas muitas muitas conversas, se revelando, uma falando pra outra o que sentia. E o estar com ela, independente de todas as situações que isso envolveu, que não foram simples, doeu, e separar foi pior ainda.

A gente nunca transou, eu não sabia o que que era transar com uma mulher, ela nunca falou porque ela tinha medo de me assustar. Eu acho que foi o amor mais puro que eu vivi, mas mesmo assim, não respondeu à toda aquela confusão interna que eu vivi. Demorou muito, eu precisei de um outro relacionamento pra que isso se explicasse. Foi muito difícil, e quando isso aconteceu eu já tinha uns 20 anos.

Joyce Mirella: “Então quando você percebeu que estava gostando de uma mulher ainda demorou um tempo pra você entender que era lésbica?” Sol Schiavon: “Uns 3 anos. Na verdade eu meio que entendia, mas achava que era uma fase, eu não queria aceitar, tanto que eu tive muitos namoros rápidos com homens. Antes eu tive um namoradinho, depois dela, eu

tive um namoro hétero de verdade, um namoro com homem, que também não cheguei aos finais. Ele era o meu melhor amigo namorado e eu achava que com isso eu ia conseguir distinguir se o que eu estava vivendo era uma sensação passageira, sei lá, alguma coisa que ia passar, mas não passou.

Eu namorei muitos meninos, aquele namoro rápido de 1 mês, 2 meses. Começava achando que era sério, não dava conta, deixava ir embora, vinha outro, mesma coisa. Na verdade eu chamava mais atenção de meninos do que de meninas, muito mais, e isso também era mais confortável, porque é o que era “normal” né? Então eu acho que eu meio que bloqueei uma realidade que eu não queria aceitar. Eu demorei a aceitar, e não querer aceitar também não me deixava entender. Aquela coisa assim, “eu vou magoar tanta gente”, não era eu, era uma realidade, é o que eu era, não é uma receita que alguém te dá e você segue, é uma coisa que nasce com você, faz parte de você, não é uma situação a parte, é você, não tem como mudar isso. A, eu vou namorar um menino pra ver se isso passa, não passou.”

Joyce Mirella: “Você se lembra da primeira vez que você se sentiu apaixonada por uma mulher?” Sol Schiavon: “A gente tem aquelas paixonites de adolescente, pós infância. A minha última professora, eu vou considerar isso. Eu tinha 12 anos, tinha acabado de fazer 12 anos, minha professora de quarta série, eu achava ela muito bonita. Era aquela admiração assim, muito pura né. Porque eu não sabia que sensação era aquela. Era um amor platônico. Hoje as pessoas chamariam de crush. Mas a minha crush então, no caso, foi a minha última professora lá da infância, era quase uma devoção, eu ia embora contando as horas pro outro dia chegar pra eu ir pra escola pra ficar babando. Isso é uma coisa bem pós infância mesmo.

Depois foi a minha dentista, quando eu tinha uns 15, 16 anos e ficava querendo ter problema pra ir na dentista. Eu queria que ela cuidasse dos meus dentes por ser ela. Depois foi o meu primeiro amor mesmo, que foi aquela história que eu te falei. Essas são as lembranças marcantes de sensações de estar apaixonada sem explicação alguma, considero amor puro, é aquela devoção por aquela pessoa. Ela não precisa ser mais nada, ela só precisa estar ali na minha vista, que tá ótimo, eu tô feliz. Eu considero isso amor de verdade. Meu dia, minha vida tava ganha, realizada. Que nem aqueles amor da história lá da idade média, que a pessoa idealizava. Via uma vez e idealizava um mundo, pra lá de romântico, lindo, só com aquele minuto, aquele segundo que viu a pessoa. Eu vivi isso, com essas 3 pessoas.

[...] No começo, o fato de eu estar atraída por outra mulher não me deixava com a preocupação de querer entender o meu sentir, eu sentia e passava. Era bom, era problemático, mas era meu, podia ficar só comigo, sentir bastava. O que ficou difícil é que o sentir depois começou a se estender pra uma necessidade maior de estar. Sentir bastava, sentir não bastava

mais, sentir e estar. Estar onde? Estar junto, estar perto, e isso complicou, porque o estar ele implicava uma questão física e isso envolvia mais pessoas. Eu gosto de uma pessoa, eu quero estar perto dela, mas outras pessoas impedem isso, e isso é muito difícil.

Ai isso implica na curiosidade, porque começou com curiosidade. Na verdade, com a necessidade e a curiosidade na sequência né. Que que é isso? O que que eu sinto? E porque que é errado, se eu nunca conversei sobre isso com ninguém, ninguém me falou nada, porque que a sensação de errado? Porque ela é outra mulher, e o certo é haver homens e mulheres. Aí vem aquele turbilhão de questionamento interno né, que te coloca em guerra com você mesma, é um atrito muito grande o tempo todo, uma batalha de uma mulher só, consigo mesma, de buscar respostas sem ter que perguntar pra ninguém, e eu vou aonde buscar isso? Eu posso perguntar? Acho que não. Estranho, esquisito, errado, errado bem grandão. Ai o errado vem acompanhado de religião, o carro chefe.

Me senti responsável pela tristeza alheia, pelo sofrimento alheio. Esse conjunto de dúvidas e de perguntas sem resposta porque não pergunta pra ninguém, e você não tem as respostas, tudo isso junto tem um nome: lésbica. Só que essa palavra não existia pra mim, essa palavra resume isso tudo aí. Ela não existia pra mim, então eu tinha essa lista inteira, essa lista enorme, infinita de sinônimos de sofrimento e de dúvida que extrapolou depois o meu controle. Aí eu tive que enfrentar isso tudo silenciosamente de uma forma quase discreta. Porque chega num ponto que você não consegue mais esconder mínimas coisas, porque você desperta a curiosidade alheia, aí você se torna um ser vigiado, tudo isso por causa da palavrinha.

Quando eu ouvi lésbica a primeira vez, se não me engano foi numa entrevista da Angela Ro Ro. Depois daí a pouco o termo sapatão se popularizou com a marchinha do Chacrinha, Maria Sapatão. Ficou mais fácil, aí depois também tem os adjetivos todos. Mas o que pesava mais mesmo era essa coisa de ter que guardar tudo pra si. Aí quando eu finalmente chutei o balde, a palavra e os adjetivos todos perderam força, perderam sentido, perderam. Fodasse, essa palavrinha que cobriu todas as outras é ótima. Fodasse!

Foi bem mais forte que definir termos, não me preocupou muito definição de termos, me preocupou o estar, o me posicionar e o tipo, “caramba, tanta coisa na vida já tentou me engolir, essa não vai não”. Não foi muito difícil não, foi difícil enquanto eu travei aquela batalha interna porque eu não me abria com ninguém. Mas a partir do momento que eu consegui fazer isso ficou mais leve, poder conversar com outra pessoa sobre isso.

Mesmo que tivessem momentos que eram difíceis de contornar, eu acho que o sentir e o estar ocupou tanto espaço que eu não me preocupei muito com essa coisa, com o rótulo,

com o adjetivo, com o termo e com todo o resto que envolve isso, e aos poucos isso foi perdendo o espaço, é como se fosse um prédio muito alto e eu fui subindo as escadas e cada andar que eu passava eu deixava os outros pra baixo, e depois eu tava lá em cima, tô na cobertura, quem quiser ficar aí, tá, eu tô aqui. Tipo isso, se eu fosse definir assim numa imagem seria essa, então não foi tão difícil não. Outras coisas mais difíceis aconteceram.”

(Entrevista com Maria da Consolação Schiavon, 05/04/2024).

* * *

Cláudia Lahni: “Eu me entendi como lésbica aos 15 anos de idade, em 1984. E se afirmar lésbica é algo que a gente faz cotidianamente, porque vivendo numa sociedade heteronormativa e que, infelizmente, é machista e lesbofóbica, a gente a todo momento se afirma, a gente diariamente se afirma como lésbica.”

Joyce Mirella: “E como foi essa a primeira vez que você se sentiu apaixonada por uma mulher?” Cláudia Lahni: “Meu primeiro relacionamento lésbico foi aos 15 anos de idade, foi a primeira vez que eu me percebi apaixonada por uma mulher, e foi muito difícil por conta da lesbofobia. Foi muito difícil porque eu tinha 15, e também foi muito difícil porque era uma mulher mais velha. Então teve todas essas dificuldades.”

Joyce Mirella: “E quando você descobriu que se sentia atraída por mulheres, você logo se assumiu ou não? Como foi esse processo para você se entender Lésbica e depois de se colocar como uma lésbica?” Cláudia Lahni: “Olha, digamos que entre praticamente 1 ano eu fiquei assim. Na verdade, um pouco menos de 1 ano, entre os 15 e os 16, talvez uma gestação de 9 meses. Eu fiquei assim “é, sou lésbica”, no caso, “sou entendida”. Falei pra minha mãe e ela falou que não podia, que aquilo tava errado e eu falei “a tá”, e continuei com aquilo, continuo até hoje, né? Então, nesse primeiro momento, eu não tive acolhida da minha mãe e também não tive acolhida do Flávio, esse meu professor querido gay. Então ficou difícil, e eu fiquei nessa situação de assumir para mim. Não assumia para minha família, não assumia para os meus amigos, não assumia.

E nesse mesmo período que podemos dizer assim, que foi de pouco mais de 9 meses, eu nem cheguei a completar 16 anos, foi antes de eu completar 16. Nesse momento de 15

anos, eu tive uma outra situação muito dura com a minha família, inclusive da minha irmã cogitar da minha família me internar, porque a homossexualidade não era normal naquele momento. Que bom que não levaram a sério essa sugestão dela, que bom que minha mãe não fez isso. Então, eu sempre fui muito funcional em tudo, sabe? Uma pessoa muito funcional, sempre trabalhei muito, sempre estudei muito, sempre cuidei muito de casa, então, também acho que é difícil falar da normalidade pelo desejo de uma pessoa, diante de tanta normalidade da parte dela.

Mas sim, chegaram a falar isso de mim dentro da minha própria casa, difícil. Logo no momento que eu tava assim, namorando um garoto, não porque eu quisesse, eu tava namorando pra dar o truque mesmo, sabe? Tava dando um disfarce com aquele namoro. E depois foi tanta pegação no meu pé que até tentei que aquele namoro fosse real, mas sem chance, era real da parte dele e da minha, não.

E aí, a partir dos 16 anos, eu assumo para mim mesma o que é algo importantíssimo, com toda a firmeza, e isso não se volta atrás, é isso, e é isso mesmo. E assumo para as pessoas próximas a mim, no caso, amigos e amigas, e digamos que aos poucos assumo para a família também, mas não nesse momento, por conta ainda dessa dificuldade financeira de qualquer adolescente, e da lesbofobia que eu já tinha sofrido e poderia sofrer ainda na casa da minha mãe.

(Entrevista com Cláudia Lahni, 13/06/2024)

* * *

Camila Roseno: “Quando eu comecei os meus primeiros namoros já tava ali indo sei lá, 11, 12 anos, aquela coisinha de namoro de escola, 13 anos, mas eu comecei a perceber que eu tava me apaixonando muito pelas minhas amigas. Principalmente por uma amiga específica, eu tava apaixonada, mas eu não entendia que era uma paixão. Eu sentia mais o ciúmes do que de fato uma paixão, atração física ou outra coisa do tipo assim.

E aí foi passando eu comecei a entender, achando que era mais ciúmes de amizade mesmo, mas com algumas desconfianças. E aí quando eu tava perto dos 15 anos, 15, 16, eu me apaixonei por uma mulher mais velha da cidade, que a gente nunca teve nada, nunca ficamos, mas a gente se encarava muito nas festas, e cidade pequena tem muita festa de festejo, de clube né, de banda de forró tocando essas coisas. E a gente passava a festa todinha se encarando, se olhando e tal, aquela coisa.

Chegou num momento que eu não sei como, mas eu consegui o número de celular dela, e aí eu mandava mensagem ou então ligava pra ela pra conversar, e naquela época era super difícil assim, tipo, eu to falando de 2005, era super caro ter crédito no celular, era super difícil, e eu fazia o maior esforço pra conseguir colocar 10 reais de crédito, mas no final das contas não rolou nada e eu tava já ali com 16 anos de idade.

Eu já começava a me interessar por imagens assim de representações lésbicas, eu tenho um recorte, inclusive, na minha tese de doutorado, que é um recorte que é aquele clipe da Britney e da Madonna, que elas dão um quase beijo. E aí aquela revista apareceu na minha casa porque mainha é costureira né, aí as mulheres levavam as revistas pra dizer “olha dona Raimunda, eu quero fazer um modelo dessa roupa aqui dessa atriz”. E aí acabava que as revistas ficavam lá e essa revista apareceu com essa matéria dizendo que a Madonna mais a Britney estavam com um marketing lesbian chic. Era o auge também daquela banda T.A.T.U., estava naquele momento em que estava surgindo essas imagens, essas representações lésbicas e pseudolésbicas.

Aí eu recortei, guardei e fiquei com isso assim, só que eu estava muito apaixonada por essa mulher, muito apaixonada. Eu passei 1 ano sofrendo mesmo, escrevendo textos no meu caderno, minha irmã encontrou inclusive uma das cartas e aí eu disse “não velho essa cidade não vai dar pra mim”, porque a única imagem que eu tinha de mulher lésbica era de uma mulher que nem é lésbica, mas era tida como “machão” na cidade, então tinha muita violência atrelada a isso, muitas ofensas, e aí eu falei pros meus pais que eu queria vir estudar em Juazeiro, que é aqui próximo né de Remanso, a 200km. É um pólo grande universitário, tem Petrolina de um lado, tem Juazeiro do outro. Aqui juntando a quantidade de habitantes dá mais de 500 mil habitantes, então pense que é como se fosse uma metrópole no meio de um sertão ne. Ai tem aeroporto, enfim, coisas que nos dão acesso à saúde, ao comércio etc.

Aí eu falei pros meus pais que eu queria vir, porque queria vir pra cá assim, estudar, mas na real na real mesmo não era, eu precisava poder ter outras vivências, ter essa experiência, eu tava atrás porque eu disse assim “olha, em Remanso eu sei que não vai rolar, em Juazeiro eu sei que é uma cidade maior, deve ter uma boate, deve ter outras coisas eu vou me aproximando até conseguir achar alguém pra poder entender”. Porque na minha cabeça era tipo assim “eu preciso ter um teste drive, preciso beijar a boca de uma mulher pra ter certeza se eu gosto de mulher”.

Eu já tinha ficado com meninos, com homens, já tinha perdido a virgindade, estava ali nos meus 16, 17 anos, e aí eu vim pra cá, pra Juazeiro, decidi vir, meus pais resolveram também, acompanhar. E aí a primeira coisa que eu fiz foi tipo assim, “onde tem uma festa de

música eletrônica?” E aí fui pra festa de música eletrônica, encarava as meninas, tentava fazer de tudo e meio que não rolou nada nesse momento, mas na escola no colégio, no terceiro ano do ensino médio eu conheci a galera da fanfarra, das orquestras, eu não sei se vocês chamam de fanfarra aí também, mas a fanfarra aqui pra gente é um local que, inclusive eu queria muito escrever ainda sobre isso, porque pra mim é um local das dissidências de gênero assim. Você chega lá tem as viadas que estão fazendo as coreografias, você tem as sapatão que estão tocando, você tem os maconheiros, os que comem viado, mas que diz que é homem, tem de tudo assim né.

E aí todo mundo falava “olha a fanfarra é onde tem a bagunça inteira e tal”. E aí de fato tinha muita bagunça, mas tinha uma que era conhecida como “a sapatão da fanfarra” que era a Dadaí, e a gente paquerou ali um dia, outro e ela já chegou em mim e a gente ficou né. Foi até bem traumático, porque eu precisei tomar muito vinho, era o dia de uma festa. Eu precisei tomar muito muito muito vinho pra poder, era como assim, chegou aquele momento que você mais esperava, mas você tava sem coragem. Porque eu esperava que sei lá, eu disse “eu vou dar um beijo e vai acontecer alguma coisa assim”, acho que a ideia de uma fantasia assim.

E aí a gente ficou, eu dei o primeiro beijo, quando eu dei esse primeiro beijo eu já comecei a passar mal e fui sair de perto pra vomitar. Vomitei e perdi o date inteiro porque eu fiquei vomitando, não conseguia ficar bem. Mas foi esse processo, eu tô contando dessa primeira vez, desse primeiro beijo, porque pra mim parece que foi tipo assim, passei, ultrapassei a fronteira que eu esperava [...] Pra mim parece que só poderia assumir o fato de ser uma mulher lésbica ou bissexual, naquele momento eu pensava um pouco, acho que pensava um pouco sobre bissexualidade. Mas pra mim parece que só se eu tivesse o ato sexual né e aí o afetivo sexual, o beijar, o abraçar, o sexo etc.

[...] Eu tinha certeza que eu era uma mulher lésbica, eu tinha certeza, mas eu perfomei por muito tempo uma bissexualidade pra poder ser aceita nos espaços. Eu me escondia, então eu ainda cheguei a ficar com homens, após ficar com mulher. Esse primeiro beijo com mulher foi o meu primeiro namoro, a gente namorou um ano, e a minha primeira vez eu lembro perfeitamente assim, o prazer que eu senti. Eu lembro de andar com os olhos fechados por uma semana assim, sabe quando você tá nas nuvens, batendo nas coisas, que eu fechava o olho e tinha aquela lembrança gostosa, ficava naquilo.

Por mais que tenha sido bastante violento o processo também de ter sido descoberta, porque as pessoas falavam da gente, falavam de mim, e, na escola, foi tenso assim. Mas eu

ainda cheguei a ficar com homens algumas vezes, muito por conta disso de tentar performar uma heterossexualidade ali perante os colegas, perante a família.

Mas também é um lugar muito doloroso, eu me lembro, por exemplo, dessa primeira namorada que eu tive, que eu arrumei um namoradinho e ela arrumou um namoradinho pra disfarçar. Só que eu ficava com menino e ela ficava com esse outro menino. Aí eu lembro de um dia que eu fiquei com muito ciúmes de ver os dois se beijando, de ver os dois se agarrando, de estarem ali naquele climão, e eu ali do lado assim, sabendo que ela era minha namorada e no final da noite ia dormir comigo, no final da noite a gente ia pra mesma casa, no final da noite a gente ia ficar juntas, mas antes ela tinha que passar por outra pessoa pra validar a existência dela. Isso é muito doloroso, doía muito, isso doía muito no ciúmes, o ciúmes latente do momento, mas às vezes eu paro assim e fico sentindo uma dor até hoje, sabe, do tipo, nossa, porque que eu tive que passar por isso? Pra que?”

(Entrevista com Camila Roseno, 21/10/2024)

* * *

Monica Carvalho: “Antes de me assumir, de entender o que acontecia, eu sempre me relacionei com homens, mas eu achava que tinha alguma coisa que não batia, e eu não entendia muito bem o que era. Aí um dia conversando com duas amigas que são héterossexuais, que eram amigas de infância, falando “pô, sei lá, parece que não encaixa, não rola”. E aí uma dessas uma dessas amigas falou “Mônica você já parou para pensar talvez que você seja lésbica?” Aí eu falei assim “olha pensar, pensar eu nunca tinha pensado, mas é uma possibilidade”. E aí a partir daquele dia eu comecei a pensar, comecei a pensar de coisas para trás que vinha na minha cabeça e que eu não tinha dado atenção para aquilo, de amigas, de pessoas que tinham passado pela minha vida e que em algum momento me chamava atenção, mas, isso não tinha muita importância ainda.

E foi daí que eu comecei, aí eu fui trabalhar no local onde eu reencontrei uma colega que estudou comigo no colégio Santos Anjos e ela já era assumida naquela época e ela veio trabalhar no mesmo local que eu. E ali quando ela entrou lá que eu vi ela, ligou a luzinha na minha cabeça. Eu nunca tive nada com ela, nem depois, mas foi através dela que eu conheci uma pessoa e que eu me descobri ali eu falei “cara é isso na minha vida, que bobagem eu ter

perdido tanto tempo.” E foi assim através de papo mesmo sabe, de perceber que me relacionar com homem faltava alguma coisa, entendeu?”

Joyce Mirella: “E essa colega que estudou contigo, depois você trocou ideia com ela sobre isso? Que você falou que acendeu a luzinha né, você trocou ideia com ela de novo?

Monica Carvalho: “A gente conversou umas vezes e ela falava comigo assim “amiga eu sempre te achei sapatão, sempre te achei, não se iluda”. Então tava na cara eu acho, mas não era por medo, por preconceito, por não ser aceita que eu não enxergava, não era isso. Eu acho que eu vivia num outro mundo naquela época, eu fazia parte do mundo hétero, eu não tinha contato, eu não participava, eu não convivía. Talvez se desde sempre eu tivesse tido esses contatos, talvez muito antes se eu tivesse despertado para isso, entendeu?”

[...] Eu tinha certeza absoluta que algo tava errado, que eu não estava dando liga ali, mas acho que aconteceu quando tinha que acontecer, na hora que tinha que acontecer, no momento que tinha que acontecer também, quando eu já tinha um pouco mais de maturidade. Talvez se eu tivesse descoberto muito cedo, talvez eu não tivesse lidado como eu lidei, não tivesse tido o comportamento que eu tive quando de fato eu me assumi”.

Joyce Mirella: “Você se lembra da primeira vez que você se sentiu apaixonada por uma mulher?” Monica Carvalho: “Sim, claro, total, foi graças a isso que eu assumi para minha família inteira. Eu me apaixonei por uma pessoa e na minha família ninguém sabia, meu pai tinha morrido pouco tempo. E aí eu cheguei perto dessa pessoa e falei “olha você me espera à noite, que eu não consigo ficar com você sem que minha família saiba. Eu vou contar para todo mundo primeiro, quando for à noite eu volto e a gente resolve”.

E aí eu reuni meus quatro irmãos, durante a semana, na casa de um irmão meu. Eles achavam que eu ia dar a notícia que eu tava grávida. Quando eu cheguei lá, eu não coloquei minha mãe nesse grupo porque minha mãe estava muito fragilizada ainda com a morte do meu pai, eu achei que naquele momento já era o suficiente os meninos saberem, os quatro. E foi assim, reunimos, os quatro foram, porque eles tinham certeza que eu ia falar que estava grávida. E aí eu contei para eles que eu tava apaixonada por uma mulher e que eu ia assumir aquilo, só que antes de acontecer qualquer coisa eu queria que eles soubessem. Perguntei o que cada um achava, cada um deu a sua opinião. Falei “olha minha mãe por enquanto eu não quero que saiba porque eu acho que não tá na hora, mas em breve eu vou contar”. Eu falei “agora eu vou ter meu primeiro relacionamento de alma lavada” e aí fui, e a gente ficou junta por seis meses.”

Joyce Mirella: “Os seus irmãos falaram o quê quando você perguntou o que que cada um achava?” Monica Carvalho: “Eu fui perguntando nome a nome, “Marcos, o que você

acha?” “A para mim não faz diferença”. “Marcim?” “A tô nem aí, isso é contigo, para mim também não faz diferença”. Aí o Caçula que falou na época que achava complicado porque tinha medo do que eu poderia sofrer, porque as pessoas poderiam pensar, falar, que não sei o quê, mas que eu era irmã para eles do jeito que eu era e não importava. Então, dos quatro eu recebi total apoio.

Até hoje eu nunca tive problema com ninguém da minha família, de verdade, nenhum, nem dos mais velhos aos mais novos. Todos, eu tenho 11 sobrinhos, desde o primeiro, meu sobrinho mais velho tem 40 anos. Desde que ele nasceu ele entende o que é e acabou, isso não é assunto para ter reunião na casa, é um assunto que todo mundo lida, todo mundo, não tem problema algum. Eu tenho sobrinhas, uma sobrinha que é lésbica.

Joyce Mirella: “E você falou assim que deixou pra contar pra sua mãe depois, como que foi contar pra ela?” Monica Carvalho: “Uns dois meses, eu não sei te dizer o tempo que foi, mas não demorou não. Chamei ela, a gente se encontrou, eu contei para ela no barzinho, ela recebeu muito mal no primeiro momento, falou que não entendia. E não entendia mesmo, não era um assunto da vida dela pra ela entender aquilo com facilidade. Ela disse “deixa eu pensar” e foi embora para casa.

Alguns dias depois ela me chamou e falou comigo exatamente o que ela falou com todos os meus irmãos: “você tem todo meu apoio, só te peço duas coisas: a primeira: não desfaça casamento de ninguém, não entre na vida de ninguém que tem uma família e desfaça essa família e respeite todo mundo, principalmente as crianças”. Mas isso ela falava pros meus irmãos também. E a partir daquele dia nunca tive problema nenhum na vida com a minha mãe, nunca, pelo contrário, minha mãe sempre foi uma grande defensora e orgulhosa do que eu me tornei.”

Joyce Mirella: “E você lembra, mas não precisa ser exatamente a primeira vez, mas você lembra quando que a palavra lésbica ela começou ser mais comum no seu dia a dia?” Monica Carvalho: “De verdade a palavra que era do meu dia a dia era sapatão, não era lésbica. Isso veio a ficar mais, um pouco mais velha, embora para mim, Mônica, não me ofende nada me chamar de sapatão, nada, absolutamente nada, pelo contrário. Para mim era um pouco normal porque como eu te falei eu convivia com lésbicas. Eu já convivia, eu já tinha amiga, entendeu. Então essa palavra sempre foi normal para mim, sempre, não teve peso para mim.”

(Entrevista com Monica Carvalho, 08/10/2024)

* * *

Lilian Pacce: “Eu me descobri lésbica com 15 anos e tive minhas primeiras experiências com 16 anos. Mas ao mesmo tempo, no decorrer desse mesmo ano, eu tive experiência com homem e com mulher, mas porque para mim ainda era uma coisa assim, “não sei o que está acontecendo, é ou não é?” Mas assim, o que marcou realmente? Porque quando eu tinha 15 anos eu me apaixonei por uma mulher, ela tinha 22 anos e eu me apaixonei. Aí eu percebi “peraí, eu nunca senti isso por ninguém”. Então eu percebi que ali tinha uma coisa diferente.

Na minha trajetória, então, por que que eu nunca achei que eu fosse bissexual propriamente? Porque apesar de eu ter me relacionado com homens também, eu nunca me apaixonei por homens [...] Comecei minha vida sexual com 16 anos, mas aí a gente vai estar em 1981, então não era uma coisa que você saia falando para todo mundo, né? Mas eu nunca tive uma preocupação muito grande. Igual, eu tive muitas amigas e conheci muitas pessoas que se envolviam, que namoravam, que iam noivar para esconder a sexualidade. Eu nunca fiz isso. Eu namorei alguns caras assim, mas não tinha essa intenção de esconder, eu acho que eu ainda estava me entendendo ali na história.

Depois de muitos anos é que eu percebi que eu só me apaixonava por mulheres, depois de muitos anos que eu fui perceber isso de fato, entendeu? Então não houve uma afirmação nesse momento, e por muito tempo não houve uma afirmação disso. [...] Mas também não escondia, então foi assim por muitos anos. Aí depois, a afirmação mesmo veio quando a minha mãe abriu para mim, não fui eu que abri para ela, foi ela que abriu para mim.

Eu estava numa situação em que eu estava terminando um relacionamento longo porque eu tinha me apaixonado por outra pessoa e ia iniciar um relacionamento com essa outra pessoa. Eu estava feliz com isso e triste com o término desse relacionamento que eu achava que ia ser muito assim pro resto da vida. E coincidiu que meus pais tinham se separado, uma irmã minha já não morava em casa e a outra irmã estava fazendo faculdade no Rio. Estava eu e a minha mãe sozinha, a gente se pegou sozinha numa casa que antes era mais cheia. Aí ela percebeu minha tristeza e veio falar para mim, e depois disso, se eu não tinha muita preocupação do que as pessoas pensavam sobre a minha sexualidade ou sobre quem eu namorava ou se eu estava namorando ou não estava, nunca mais me preocupei com isso.

Joyce Mirella: “Como foi a primeira vez que você se sentiu apaixonada por uma mulher?” Lilian Pacce: “Então, ela era amiga da minha irmã [...] Eu convivia muito com ela e

ela era muito interessante, ela era bonita, achava muito bonita, muito morena, ela tinha um cheiro de terra, um cheiro diferente que eu nunca tinha sentido em ninguém, o cheiro pessoal, e ela era muito inteligente, muito interessante. Ela me explicava muitos livros, me ouvia muito, me dava muita atenção.

A gente tinha muita troca e ela me supria das conversas interessantes que eu queria ter sobre as coisas que eu queria ter. E aí eu fiquei apaixonada por ela, apaixonada. E ela estava vivendo um momento muito conturbado na vida dela. E aí depois ela saiu de casa e foi morar sozinha. E aí eu tinha mais contato com ela porque eu ia pra casa dela direto e a gente ficava lá. Ao mesmo tempo, ela sabia que eu estava apaixonada por ela e lidava com aquilo naturalmente.

E foi assim que eu tive certeza [...] Eu sempre via mais as meninas, sempre, antes da adolescência, sempre via mais beleza nas meninas, mas ali eu tive certeza. Aí teve aquela coisa “A meu Deus, por que eu?” Mas só durou cinco minutos. Depois fui eu mesmo, acho legal, gosto disso e é mais interessante mesmo. O que que eu posso fazer? Se Deus inventou coisa melhor, guardou para ele.

Joyce Mirella: “Então, durante esse período você já sabia que gostava, continuou se relacionando com mulheres, mas sem se colocar dessa forma?” Lilian Pacce: “Eu não levava em casa, não levava em festas de família, não tinha essa coisa toda assim, mas ao mesmo tempo eu tive amigas, conheci pessoas ao longo da minha vida inteira, contemporâneas minhas que forçaram amizade de namorar para poder encobrir a escolha. Às vezes até namorava cara gay também, estavam fazendo ali uma fachada para o outro. Eu não fiz isso não, eu não me escondia, eu vivia aquilo ali [...] Eu nunca achei que eu estava fazendo nada errado, sabe? Por isso que eu brinco com esse negócio “ai meu deus, porque eu?” que durou só cinco minutos, porque foi assim mesmo.

Eu sabia que não era socialmente aceito, eu sabia que eu tinha que às vezes esconder algumas coisas, mentir para os meus pais, falar que estava num lugar e estava em outro, falar que estava fazendo uma coisa e fazendo outra, mas eu achava que a vida tinha que ser assim. Não achava que eu estava fazendo nada errado, nunca achei, nunca tive essas crises de consciência, nunca.”

(Entrevista com Lilian Pacce, 11/06/2024)

Sara Abreu: “A primeira vez que eu percebi eu tinha 14 anos de idade. Eu estava na escola e tinha uma menina da minha sala e eu comecei a olhar para ela diferente. E aí quando eu ia para casa, eu ficava pensando nela, falei “isso aí tá diferente, né?” Mas eu era uma adolescente, não tinha muita noção disso ainda, eu sabia que era alguma coisa diferente, que não era, entre aspas, “normal”.

Mas aí passou e eu não estimulei essa vontade, continuei me escondendo, na verdade. Aí eu comecei a perceber que eu era muito diferente das outras meninas e de uma certa forma eu tentava não transparecer o que eu era, eu sempre tentava sentar de pernas cruzadas. Eu era uma menina que jogava futebol, jogava tudo quanto é esporte, eu era um moleque. Na verdade, desde pequena sempre fui um molequinho, uma menina que gostava de brincar só com meninos e só com brincadeiras de meninos, porque antigamente tinha essa separação, hoje em dia não tem mais, tá melhorando.

Então eu passei muitos anos da minha vida ainda me escondendo e tentando seguir a norma que era me casar com homem, namorar homem, e aí eu namorei alguns meninos, alguns rapazes, gostava muito deles assim, no sentido de ter mais carinho, tinha tesão, aquela coisa toda, mas não é a mesma coisa. Então, na faculdade, uma menina da minha sala, a gente começou a ter mais intimidade, conversar e acabou rolando com ela. Depois disso eu vi que realmente é muito bom e é o que eu quero pra minha vida.

Foi um período bem complicado até eu me sentir bem com isso, então eu me entendi quando eu tinha 14 anos, mas a prática mesmo eu fui quando estava na faculdade, 20 e poucos anos. Então demorou esse tempo todo para eu me libertar das amarras da sociedade, da cultura, né? [...] Eu sabia que eu era diferente, que eu gostava de meninas, mas eu tinha medo da sociedade me criticar, então eu me escondia. Além disso, tinha a questão da minha família que isso também me travou muito.

Joyce Mirella: “Como foi a primeira vez que você ficou com uma mulher? Logo que você ficou, você se assumiu? Você se entendeu lésbica naquele momento e se afirmou, ou foi um processo? Sara Abreu: “Eu já me entendia como lésbica desde o 14, que eu tive a ideia, mas depois, no passar dos anos que eu falei “não, eu gosto mesmo”. Eu achava que eu era bi com preferência maior por mulheres, mas depois que eu fiquei a primeira vez, falei “cara, isso aqui que eu gosto tá muito maneiro”.

Aí você vai descobrindo como se relacionar com mulher, você estava acostumada a se relacionar com um homem, então você fica ali naquela descoberta, mas é muito legal porque você não sabe o que você vai fazer, mas ao mesmo tempo você vai ali aprendendo junto,

aquela coisa toda, então foi muito legal, eu já sabia que eu gostava. E minha primeira vez foi aquela coisa assim “nossa, eu devia ter feito antes, eu perdi tempo na vida”. Aí eu comecei a namorar essa menina quando a gente ficou e foi muito bom, foi realmente aquela definição de que realmente eu gosto e é isso que eu quero. Depois disso eu não lembro de ter ficado com homens.

Joyce Mirella: “Em linhas gerais, como você diria que foi a experiência da adolescência para você?” Sara Abreu: “Não foi fácil. Não foi difícil financeiramente, foi difícil em relação ao que eu sou, por ser lésbica, foi muito difícil para mim. Foi muito difícil, porque eu, ao mesmo tempo que eu sabia o que eu era, eu sabia o que eu gostava, eu mesma me travava. Eu trabalhava na minha mente falando que eu não podia ser isso. Então, tipo assim, eu tentava o máximo evitar contato com pessoas que eram lésbicas, eu mesma tinha preconceito [...] Eu levei muitos anos para poder me libertar disso, foi bem complicado. Eu chorava porque era apaixonada por uma menina e eu não tinha coragem de falar com ela, aí eu chorava toda noite, foi bem complicada nesse sentido.

Eu tive essas questões minhas específicas por ser lésbica, com relação à sociedade, à religião. A religião pesou muito na época, hoje em dia não pesa, não é a questão, eu quero deixar claro, não é a religião que é o problema, é o movimento, são as pessoas que acham que tem que agir de certa forma. Então, assim, por medo, meus pais tinham muito medo disso, até hoje eles falam “você tomam cuidado porque as pessoas não gostam de gays, os gays sofrem violência, então toma cuidado, se preserve”. Hoje em dia é nesse sentido, mas antigamente eles falavam assim “A, isso aí é complicado né? [...] Deposita essa energia sexual em outras coisas”. Não, não dá, né, gente? Não dá! São coisas totalmente diferentes.

Então até a minha família entender, que aquilo sou eu foi um pouquinho difícil. Isso sou eu, essa é a Sara, lide, lide de qualquer forma, lide! Se me ama, tem que lidar e pronto, e acabou! Então, hoje em dia é assim, a Sara é assim e pronto. Mas eu tive muita dificuldade com relação a isso, com relação à sociedade. Eu tinha muita vergonha do que eu era, tinha medo e eu fugia dessa questão, eu fugia, eu tentava namorar um menino para ver qual é. Tipo assim, legal, vou ficar com ele, mas chegou um ponto que não tinha mais jeito, não era o que eu queria. Até que fiquei com a menina, e comecei a namorar, mas meus pais não sabiam.

Então foi isso, a adolescência e o início da maturidade. Depois dos 21 que eu entrei na faculdade, durante a faculdade, que foi melhorar essa questão. Aí você começa a trabalhar, você começa a conviver com outras pessoas, pessoas mais velhas, você muda seu círculo de amizade. Então essa questão da adolescência não foi muito fácil nesse sentido de ser lésbica.”

(Entrevista com Sara Abreu, 23/08/2024)

* * *

Samira Abreu: “Tem pouco tempo, que eu me descobri lésbica, relativamente pouco tempo, foi no finalzinho de 2014. Até então todas as minhas experiências foram hétero. Eu era casada com um homem por uns 10 anos de relacionamento e aí eu me separei. E quando eu me separei eu tive outras experiências e conheci uma pessoa, uma menina, e quando eu conheci foi muito diferente pra mim, diferente das outras experiências que eu tive com homens. Eu senti uma afinidade maior, uma proximidade, senti que existia uma igualdade ali na relação.

A gente começou como amigas, conversando, e a gente se encontrava sempre. E eu fui percebendo que eu tinha mais sentimento, não era só de amizade, e aí a gente começou a ficar. Tivemos um relacionamento breve e aí eu entendi, inclusive, não só as questões de estar com a pessoa, de conviver com uma mulher, mas também em relação à minha sexualidade. Eu tive uma experiência muito mais completa com uma mulher do que com um homem.

Joyce Mirella: “Você falou que foi lá em Ubatuba que você teve esse primeiro relacionamento com outra mulher. Conta como foi isso pra você, e eu quero saber também, se depois dessa primeira experiência se relacionando com outra mulher, você logo se entendeu lésbica, se assumiu lésbica ou se foi um processo. Como foi?” Samira Abreu: “Então, eu a conheci no meu trabalho e a gente tinha contato diário, então era algo muito natural. A gente começou a conversar, eu me separei, eu me abri para outras possibilidades, né? E aí eu estava solteira e tudo e a gente começou a conversar.

Cada dia mais a gente estava sempre juntas e eu entendi aquela questão de que ali não era mais como era como com as minhas amigas, não era o mesmo sentimento que eu tinha em relação às minhas amigas, eu tinha um desejo, tinha algo diferente. E aí a gente ficou algumas vezes, mas não foi com ela que eu entendi. Depois dela, eu conheci a mulher que eu namorei por 5 anos, e aí sim eu entendi que eu não queria mais ter relacionamentos com homens.

Eu entendi como era para mim ali, aí eu tô falando sexualmente mesmo, eu entendia que com homem era muito mais difícil para mim, eu sentia uma hierarquia, não sei, uma coisa assim ativo e passivo, ou superior e inferior. Com mulher não, com mulher eu sentia uma igualdade, eu podia ser eu, eu podia fazer o que eu quisesse. Eu sentia que no corpo de uma

mulher eu tinha mais prazer. Eu conseguia ver uma mulher e ter prazer e deixar que essa mulher me desse prazer muito mais do que com um homem, com um homem era muito mais difícil. Era difícil. Eu achava que eu tinha problema ou alguma coisa, que o problema estava comigo, e aí eu entendi que não e desde então, desde essa vez, eu só me relaciono com mulheres e tive outros namoros de alguns anos.

Joyce Mirella: “Teve algum momento na sua vida que você sentiu atração por mulheres, ou essa possibilidade surgiu para você só a partir do momento que você não se sentia mais naquele lugar de ter que lidar com as expectativas das pessoas à sua volta? Samira Abreu: “Então, essa é uma questão que muita gente pergunta. Eu lembro que eu falava “nossa, se eu fosse lésbica, eu ia ficar com a Cássia Eller, porque acho ela linda, maravilhosa, acho ela que ela tem uma força”, um negócio assim.

Mas isso passava assim porque eu achava que eu tinha que seguir um protocolo, que eu ia casar, que eu teria um filho, que eu teria uma família. Casar com um homem, né? Teria uma família normativa, e é isso, a minha ideia era essa. E aí eu me casei, fiquei dez anos com uma pessoa. Só que foi essa construção de entender “não, isso aqui não é para mim”. E eu comecei a perceber isso, “não, isso aqui não é para mim, não quero, não quero ter filho com essa pessoa”. Não tive filho com ele, “não quero essa estrutura familiar, não quero isso aqui”. E aí que as coisas foram se encaixando para que eu entendesse e que eu pudesse viver aquilo que eu estava sentindo.”

(Entrevista com Samira Abreu, 15/08/2024)

* * *

Margareth Trigo: “Então, para mim, isso foi uma coisa muito tranquila, apesar da minha geração. Eu nasci em 1964, tenho 60 anos. Quando eu estava lá com os meus 17, 18 anos, era o início dos anos 80. Para mim, isso foi uma coisa natural, eu não tive aquelas crises de “ó, será que eu sou?” Porque a minha geração viveu muito isso, as mulheres lésbicas sempre, quando se descobriam, viviam um conflito familiar, muitas vezes religioso, a coisa do catolicismo, basicamente. E depois aquela crise de “será que eu gosto de mulher?” Ficava naquela crise de identidade, vamos dizer assim.

Para mim, a coisa foi mais natural, pelo seguinte, na época eu tinha uns 16 anos, sei lá, meus 15, 16 anos. Eu convivía com umas duas primas. Eu sempre gostei muito de praticar esporte na escola, era handebol, basquete, vôlei, o que tinha eu praticava. E havia uma turma grande de meninas que conviviam e a gente saía junto e tal. Essa minha prima mais velha que se chama Renata, a mais nova se chama Sara, ela um dia se declarou que ela tinha terminado. A Renata deve hoje deve ter uns 65 anos por aí. Na época eu tinha 15, 26 e ela tinha 20, e ela um dia muito triste falou que ela tinha terminado um relacionamento com uma menina que era muito amiga nossa também.

Então aquilo num primeiro momento foi uma grande novidade, mas eu sempre me percebi assim, sabe aquela coisa de você gostar muito de uma amiga, não ter muito interesse por namorar? Tive namorados, meu primeiro namorado até era de Belo Horizonte, era uma figura, amigo dos meus primos e tal, mas eu não tinha o menor interesse. E eu tinha uma grande amiga que nunca tivemos nada, nossa coisa foi muita amizade, mas foi a primeira pessoa. Eu comparava o que eu sentia por ela e o que eu sentia por ele, com quem eu gostava de ficar mais perto, conversar.

Quando a Renata se abriu, eu falei “olha, que interessante”. E nessa turma éramos várias, deviam ser umas 20 meninas e ali muitas de nós eram lésbicas [...] E aí a gente começou a perceber, tinha uma outra amiga nossa também do handebol, nós três andávamos muito juntas. E a gente começou a somar dois mais dois [...] Aí eu comecei a falar “cara, eu acho que eu sou também”.

A minha primeira vez, vamos dizer assim, que eu senti interesse por alguém, eu tinha 16 anos, e essa menina acabou se tornando uma grande amiga. Eu estudava na Academia e estava no segundo científico, quase indo fazer o pré vestibular. E teve um dia que ela teve um problema de família, eu não lembro o que foi, sei que acabou a aula e a gente ficou conversando, ela ficou contando e eu me encantei com aquilo. Dali pra frente eu comecei a me interessar por ela, mas não era por ela em si, era pelo universo feminino. Nunca rolou nada entre nós.

Quando eu estava fazendo um cursinho, lá com meus 18 anos, aí sim eu tive a minha primeira paixão por uma mulher. Eu até namorava esse Renatinho, esse meu amigo lá de Belo Horizonte e terminei com ele. Não tive nada com essa menina, porque não rolou, a família dela era muito repressora, era uma pessoa muito reprimida. Ela acabou indo embora de Juiz de Fora para assumir a sexualidade dela. Enfim, mas foi ali, e para mim foi muito natural, porque eu vi a Renata, vi a Bel, aquela turma toda, então não tive trauma, não tive problema, não fiquei em crise. Para mim foi uma coisa muito tranquila.

Joyce Mirella: “Você se lembra da primeira vez que você se sentiu apaixonada por uma mulher?” Margareth Trigo: “Sim, eu estava fazendo cursinho no CAVE e lá eu conheci uma menina que foi paixão mesmo, arrebatadora. Depois eu vi que, hoje analisando, ela foi uma grande filha da puta. Sabe aquela figura que dá, dá, dá, dá e sai fora? Então ela fazia isso. E foi assim, uns seis meses nisso, nós não concretizamos, nunca demos um beijo, mas aquilo me marcou muito. Foi a primeira pessoa por quem eu me apaixonei mesmo, foi a primeira paixão.

[...] Depois da minha primeira namorada eu conheci essa menina que foi assim, uma paixão, uma coisa é amor, outra coisa paixão, né? E nós não vingamos por essa circunstância do mundo. O que é isso? A família dela era absolutamente preconceituosa, muito preconceituosa. E ela tinha tido uma namorada antes que ela deu muita bandeira e a família dela ficou de ciúmes, então todo mundo tomava conta dela. Sabe aquela pessoa que o alvará dela era ir para faculdade, voltar para casa, ir trabalhar, voltar para casa? Se fosse sair tinha que sair com uma irmã dela, que era um pé no saco. Então nós não tínhamos espaço para namorar e isso arrebenta qualquer relacionamento, né?

O que eu percebo é o seguinte: a minha condição de família. Aquela época em que nós namoramos foi um dos piores momentos do relacionamento familiar na minha casa. O meu pai estava muito problemático, a gente às vezes passava a noite sem dormir, então assim eu não tinha, eu não tinha. [...] Eu não me sentia com liberdade para conversar sobre isso com ela, porque para mim era uma coisa que eu mesma não compreendia o que que era aquilo que a gente vivia lá em casa e aí a nossa relação se esvaiu.

Perdemos o contato durante muitos anos e na época da pandemia um dia a gente se encontrou e conversamos. Mas ela é uma pessoa que ela embutiu, ela casou com um homem logo depois, eu fui a última namorada dela. Um dia a gente falando sobre isso ela até falou “eu fui muito filha da puta com você”. Ela foi mesmo muito filha da puta comigo mas eu falei “mas cada um faz o que dá conta” e ela falou “eu só dei conta disso”. E eu percebi que ela é uma pessoa muito infeliz, mas é muito difícil, a realidade dela era muito diversa. Eu só vejo o seguinte: ela só teria tido condições de assumir a sexualidade se ela fosse embora de Juiz de Fora, isso é o que eu percebo. Mas aí, para ela entrar no processo de negação, para não ter outra namorada, ela namorou esse cara, casou e resolveu. Triste, muito triste.

(Entrevista com Margareth Trigo, 19/08/2024)

* * *

Ana Cláudia Macedo: “Na verdade eu era criança, tinha 9 anos, mais ou menos, mas eu só fui perceber mesmo aos 18 anos. Eu fui entender depois de muitos e muitos anos isso, aí veio na minha mente algumas coisas de quando eu era criança, que eu já tinha sentido atração por uma mulher, mas eu não sabia e depois que fui lembrar. Muito doido isso, né? Mas aí aos 18 eu entendi assim.

Joyce Mirella: “E aí foi que você teve a sua primeira experiência com mulher?” Ana Claudia Macedo: “Não, não. Não tive. Eu já estava com 22 anos”. Joyce Mirella: “E aí, quando você ficou, você já entendeu que você era lésbica, ou demorou pra você entender?” Ana Claudia Macedo: Sim, eu já entendi, não demorei, eu achei que era isso mesmo que eu gostava mesmo. Eu já não gostava de homem, só que eu não sabia, entendeu? E depois eu fui e vi “não, acho que é isso mesmo”, e eu fui levando a vida normal.

(Entrevista com Ana Claudia Macedo, 19/05/2024)

* * *

Sonia Ribeiro: “Quando resolvi ir com mais atenção nas histórias das minhas amigas eu percebi que tinha uma amiga de infância muito especial que morava fora e eu sentia muita saudade dela. A gente se comunicava com cartas, naquela época eram cartas, então chegava uma carta minha a outra respondia e era uma amizade muito forte, mas era uma amizade que começou a me despertar que era uma amizade diferente. Eu estava, de alguma forma, empolgada demais, e assim eu fui descobrindo através das minhas amizades, das possibilidades daquela época. Inclusive essa amiga minha é hétero, não tem nada a ver, mas naquela época era muito mais difícil você encontrar alguém para você paquerar, por isso é que entra o Marrakesh nessa história, sabe?

[...] Eu desabafei com a minha prima que estava me apaixonando e ela me desaconselhou ir para esse caminho [...] Num carnaval, sentada na calçada eu virei e falei assim “Cidinha, eu estou extremamente apaixonada por uma pessoa, eu gosto de ver mulheres dançando, só me despertam as mulheres. Ela falou assim “Sonia, eu sou sua prima e vou te

dar um conselho: não vai por esse caminho”. Eu falei assim, “mas como não ir, eu já estou nesse caminho, eu já faço parte desse caminho”. Ela falou assim “a vida é sua”. Nossa, graças a Deus, a vida é minha, e assim eu segui. Tive dificuldades? Muitas. Tive amigas minhas que acharam muito estranho, falavam assim “Sonia não é mais aquela não”. Eu ouvia falar assim, mas a Sonia não é aquela mais mesmo, qual é o problema? Aí eu me afastei de Mar de Espanha e vim para Juiz de Fora, que eu já adquiri mais amizades. Aqui foi o divisor de águas da minha vida, eu deixei o passado lá. E aí eu comecei a viver coisas novas aqui.

Joyce Mirella: “Então, quando você teve essa conversa com a sua prima você ainda estava em Mar de Espanha?” Sonia Ribeiro: “Estava, mas já estava doida para vir para Juiz de Fora, para mim ter minha vida, morar com amigas em república, poder chegar a hora que eu quisesse. Meu pai tomava às vezes uma pinguinha, ficava bravo, nervoso e tínhamos uma hora certa para chegar em casa. Então eu ficava assim, como aquariana que sou, detestava ficar obedecendo ordens, eu queria minha liberdade.

Joyce Mirella: “E quando você percebeu que você se sentia atraída por mulheres, você logo entendeu que era lésbica ou demorou um pouco para entender isso? Como foi o processo de entender? Você já tinha escutado a palavra lésbica também? Isso já fazia parte do seu universo?” Sonia Ribeiro: “Na minha época tinha uma palavra muito horrível, falava sapatão. Eu não gostava dessa palavra, achava ela vulgar.

Eu sempre fui uma pessoa muito contida, talvez pela minha criação, para não manifestar meus sentimentos que eram diferentes para a sociedade ver. Então aí eu sempre pensei que meu relacionamento ia ser entre quatro paredes e assim fui seguindo. Só tínhamos liberdade quando era festa dos meus amigos, aí a gente botava para quebrar e dançávamos. Aí era ótimo.

Joyce Mirella: “Você se lembra qual foi a primeira vez que você ouviu a palavra lésbica?” Sonia Ribeiro: “Quando eu ouvi, soou estranho para mim. Bom, foi há 25 atrás, então soou pesado. Eu nunca falei, na hora de me apresentar, eu falei assim “eu sou lésbica”, não, nunca falava assim. Deixava a pessoa perceber o que eu era. Eu não tinha essa necessidade de me rotular para as pessoas, eu queria ser eu, falar dos meus sonhos, das minhas alegrias. E essa, essa parte era para quem estava paquerando, que eu falava e tudo. Que tínhamos um diálogo mais aberto, mas sem se declarar.

Joyce Mirella: “Eu vi que você usa muito a palavra “entendida”. Sonia Ribeiro: E eu gosto dessa palavra, a gente usava “Soninha entendida”. Ninguém falava Lésbica, falava entendida. Soninha Entendida. Joyce Mirella: “Eu acho essa palavra sensacional assim, acho ela uma das melhores, porque entendida é uma mulher que entendeu, ela entendeu tudo, ela

compreendeu”. Sonia Ribeiro: “Sim, ela se libertou. Para mim foi uma grande libertação Joyce, minhas amigas todas casaram, tiveram filhos e eu não quis ir por aquele lado, a vida para mim era muito mais além do que aquilo. Não estou desfazendo de quem teve filhos não, quem quis construir uma família, maravilhoso, eu amo criança e tudo. Só que eu me adaptava melhor com as mulheres, eu queria ter uma esposinha.

(Entrevista com Sonia Ribeiro, 15/06/2025)

* * *

Luciana Geronimo: “Assim, como eu me descobri, eu não sei, eu sei que quando eu era adolescente eu gostava das minhas amigas diferente de como eu gostava dos meninos, só que eu tive namorados meninos. Aí eu achava que eu tinha algum problema, porque isso não era normal, porque naquela época era muito mais difícil. Eu comecei a perceber que eu tinha um interesse maior nas meninas do que nos meninos, mas até então, pra mim era coisinha boba que ia passar. E eu tinha outros comportamentos que os meninos, os meninos me chamavam sapatão, Maria João, um monte de coisa, mas para mim também passava despercebido.

Depois, quando eu fui crescendo, fui virando um pouco mais adolescente, eu comecei a ter interesse pelas meninas de verdade, mas mesmo assim tive relacionamentos com homens. Aí quando eu fui fazer um curso, eu tive a certeza do que eu queria, eu comecei a me interessar de verdade pelas mulheres e vi que era aquilo que eu queria.

[...] Meu primeiro amor foi minha professora de português Elizabeth, ela foi minha primeira paixão [...] eu escrevia cartinhas, não entregava, mas eu escrevia cartinhas pra mim mesma, fingindo que tava entregando pra ela, eu tinha 7 anos de idade. Então eu já tinha aquela paixonite pela professora de português, só que pra mim era coisa de criança, mas quando eu realmente percebi, falei assim “agora eu tenho certeza que é isso”, foi quando eu fiz o curso e eu tive minha primeira paixão mesmo, de verdade.

Eu tinha 20, 21 anos quando eu fiquei com a primeira menina mesmo, de verdade. Quando eu era mais nova, eu tinha lá no meu prédio umas menininhas que a gente dava uns selinhos, mas eu não sabia se aquilo lá era alguma coisa, eu não sei se já era uma

intenção, não lembro. Eu lembro de um selinho de uma amiguinha ou outro, mas namoro mesmo foi com 20, 21 anos com a menina que eu estudei com ela.

Joyce Mirella: “Você se lembra qual foi a primeira vez, ou as primeiras vezes, que vier na sua memória, que você ouviu a palavra lésbica?” Luciana Geronimo: “Antigamente a gente não usava. Antigamente era sapatão, então não lembro quando que eu comecei a escutar essa palavra lésbica”. Joyce Mirella: “Então não foi uma coisa comum para você, digamos assim, na sua adolescência, início da sua juventude?” Luciana Geronimo: “Não, tudo era sapatão, esse era o termo, lésbica começou muito depois, nem lembro.”

(Entrevista com Luciana Geronimo, 30/07/2024)

* * *

Fernanda: “Acho que desde criança, né? As pessoas viram e falam assim “você virou”. Não, gente, eu sempre fui. Mas eu acho que desde os meus 13 anos quando eu ainda estava no ensino fundamental eu comecei a gostar de uma amiga de sala. Eu acho que foi mais ou menos ali, por volta dos 12, 13 anos, que eu já comecei a associar o sentimento, que eu acho que é quando a gente passa mais pra adolescência; Então foi aonde eu comecei a associar esse sentimento do que eu estava sentindo, porque eu ainda tinha aquele talvez na minha cabeça. Eu tinha um carinho muito grande pela pessoa, mas era só isso.

Claro, né gente? Desde criança eu gostava mais das coisas, tinha umas bonecas ali de enfeite, mas eu gostava de soltar pipa, andar de skate, futebol. Eu gostava mais disso, videogame, sempre fui dessa vibe. Eu sou filha única então eu brincava mais com o meu pai mesmo, a gente ia soltar pipa, ia fazer algumas coisas desse tipo. Sempre gostei, mas foi por volta dos 12, 13 anos que eu comecei a identificar o meu sentimento por mulher, por meninas.

[...] Eu acho que eu demorei a ter essa consciência racial, porque assim, eu andava com as meninas que eram brancas e tal. Nossa, foi muito bullying, só que naquela época você ainda não tinha entendimento de racismo, naquela época você não processava muito, não tinha essa cabeça. Mas sempre tinha os grupinhos separados, tanto que nessa época de 12 anos eu era doida nas garotinhas, assim, nas meninas. Aí eu via que quando tinha um grupinho mais descolado delas, que curtia *rock and roll* não sei o quê, elas beijavam as amigas, eu ficava assim “ai me chama, me chama”, ficava assim.”

Joyce Mirella: “Você se lembra da primeira vez que se sentiu apaixonada por uma mulher?” Fernanda: “Eu fiquei deslumbrada com ela, apaixonei, apaixonei. Era bem Cirilo e Maria Joaquina, nem dormia de noite, só escutava os pagodes pensando nela, Nossa Senhora, e cartinha? Era um rolo de carta que eu mandava pra ela, não é possível que fui idiota de não saber naquela época, pelo amor de deus, eu fazia rolo de carta, era “eu te amo”. E eu era palhaça, levava pirulito para ela, ia para casa dela, louca, né? Eu acho que talvez também faltou atitude minha para certas coisas ali que hoje eu falo assim “cara, se eu tivesse naquela época eu tinha pegado ela antes”, mas acho que como eu era inocente entre aspas, foi assim. Foi minha primeira paixão avassaladora por mulher.”

Joyce Mirella: “E quando você descobriu que se sentia atraída por mulheres, você logo se assumiu ou não? Como foi esse processo para você?” Fernanda: “Eu não me assumi [...] Ninguém sabia, esse meu amigo gay Vinícius, ele sabia porque a gente saía juntos, mas eu não pegava ninguém, praticamente. Eu só me assumi de fato mesmo quando eu estava quase me formando na faculdade. Em 2015 que eu consegui de fato, por mais que já era nítido o meu rolê, que todo mundo já tava vendo onde é que eu estava indo, com quem que eu estava andando na escola.

Eu consegui entrar no grupinho LGBT, eu comecei a ter amizade com o pessoal e tal, ninguém comentava, ninguém falava nada e eu também não falava nada, deixava pra lá. Foi em 2015 que eu contei pra turma da minha faculdade, quando a gente estava se formando [...] Então deixa eu voltar um pouquinho, que isso aí é que eu assumi para algumas pessoas, mas em 2012 eu comecei a namorar. E como é que você namora escondido? E eu namorei com uma pessoa que ela era assumida, já conversava com as meninas do futebol, e em casa, ela já tinha tido namorada.

Ela foi minha primeira namorada, 2012 foi minha primeira namorada. E pra mim era diferente, porque ela já tinha namorado outras meninas e a família dela já sabia, todo mundo já sabia. E aquilo eu assim “meu Deus do céu, o que que eu arrumei pra minha cabeça?” O pessoal do handebol não sabe, o pessoal da faculdade não sabe, tanto que a gente teve muito embate porque às vezes a gente saía e ela queria fazer alguma coisa em público e não segurar a onda. Eu demorei bastante e foi ruim, eu entendo o lado dela e também acho que ela deveria ter entendido meu sinal. Ela nem teria ficado comigo, porque assim eu não consegui naquele momento sair do armário e ela começou a frequentar minha casa.

Aí é aquela coisa “mãe, vou trazer minha amiga pra dormir aqui em casa”. O meu pai começou a desconfiar, eu acho que meu pai uma vez entrou no quarto e eu tava abraçada com ela alguma coisa do tipo. Então eu falei assim “gente onde que eu vou esconder essa menina?

Não tem jeito mais”. E onde que eu ia ela tava atrás de mim, aí eu comecei a inventar que era uma afilhada da minha mãe, eu não tinha mais o que inventar. Até que um dia, antes de 2015, o cunhado dela que namorava com a irmã dela tinha discutido com ela e ele tinha uma carrocinha de cachorro quente lá em Barbosa Lage e minha mãe às vezes ia lá. Aí a irmã dela virou e falou assim pra minha mãe “cadê a Fernanda?” e ela “acho que ela tá com fulana”. Aí ele virou e falou assim, “pois é, em vez de caçar um homem pra elas, essas duas não dão um jeito né?”. Estragou o rolê. Aí ele falou desse jeito e minha mãe meio que ficou “opa”, começou a fazer igual a Nazaré e juntar as peças.

Aí chegou em casa, minha mãe falou assim “o que que você tem com a fulana?” Aí eu “hã?” Aí ela “o que que você tem com a fulana?” Aí eu falei assim “agora fodeu, eu já tô quase dois anos namorando com a porra da menina e o que eu falo?” E ela parada na escada. Eu não sabia falar nada. E ela “você não é mais minha filha, vai morar com ela, a partir de hoje você não me considera mais”. E bateu a porta na minha cara.

A partir daí eu falei assim “tá, minha mãe já sabe, então a partir daqui eu acho que eu vou para a parte menos pior, que a pior era a minha mãe e meu pai saber. Aí, em 2015, eu contei para o pessoal da minha faculdade, as minhas amigas de Barbosa Lage [...] Aí nisso eu fui em cada uma eu falei “ vou te contar um negócio”. Aí foi, falou assim “bem que eu desconfiava, aquela fulana lá”. Então eu fui em cada uma, no meu momento e contei. Hoje eu não tenho mais problema.

[...] Na minha época eu tive que fazer um chá revelação pra todo mundo, mas eu acho que hoje eu tô lidando mais normal com isso[...] Eu fui aos poucos, fui falando aos poucos, mas eu fui arrancada do armário pela minha ex, que me forçou muito, e pelo parente dela, né? O marido da irmã que fez isso. Eu não tive meu momento, foi meio que um chute assim, aí eu saio do armário. Por mais que eu já tava ali, num nicho de pessoas eu já tinha saído eu tava nem aí, mas pra outros eu preservava, então eu saí do armário assim, à força.”

(Entrevista com Fernanda, 14/06/2024)

* * *

Kelly Silva: “Eu me descobri desde a infância. Desde criança eu soube que eu era lésbica, entre 10 e 12 anos, acredito eu já tinha essa consciência. Mas nasci no interior, tinha

muito receio, né? Até da palavra lésbica, sapatão, na cidade eram termos tabus, não se falava da questão, mas eu sabia que eu tinha interesses diferentes da maioria dos meus colegas de escola, Agora me assumir e viver a lesbianidade foi só na graduação, eu já estava com 21 pra 22 anos em Viçosa, onde eu fiz a graduação. Eu fui ter a minha primeira experiência e aí conheci uma garota, namorei e daí em diante eu passei a viver e assumi a visibilidade. Tanto para família quanto para as pessoas que eu convivia”.

Joyce Mirella: “Você se lembra da sua primeira experiência se relacionando com uma mulher?” Kelly Silva: “Eu ouvi uma dessas colegas de diretório acadêmico demonstrando interesse em uma outra colega nossa. E eu nunca tinha percebido nada a respeito dela, mas já também já tinha percebido a respeito da colega que ela estava xavecando. E aí a essa colega nossa que ela tava xavecando não entendeu nada. Eu percebi que ela não tinha entendido nada e aí eu cheguei perto dessa moça que estava xavecando a nossa colega e falei “olha, você tá de olho na fulana, mas tem outras pessoas por aí”. Fui direta, né? Aí ela meio que não acreditou, falou que eu não tinha nada a ver, que eu não parecia assim. Falei “mas não tem que parecer, né?” E aí acabou que nesse dia a gente ficou na primeira vez e ficamos 4 anos juntas”.

(Entrevista com Kelly Silva, 24/09/2024)

* * *

Giane Chaves: “Foi uma coisa meio engraçada, porque na verdade eu não tinha noção nenhuma. Eu vivia num mundo hétero e ali permaneci. Percebi que realmente eu não tinha um amor romântico por nenhum homem, mas também eu era muito nova. E aí eu tinha um amigo que tivemos um mini relacionamento, só que ele sumiu. E eu sempre suspeitei que ele fosse gay. Naquela época eu tinha 17, 18 anos, mais ou menos.

A gente não tinha muito acesso à internet, e quando eu comecei a ter esse acesso, tinha alguns grupos de bate papo que eram muito comuns na época. E eram nesses grupos de bate papo que as pessoas começavam a sondar a sua vida obscura naquela época, porque todo mundo tinha muito medo. E aí eu comecei a perceber que o grupo estava principalmente nas salas de bate papo aqui de Juiz de Fora. Estava aparecendo muita gente, muitos homens e mulheres que se atraíam por outras pessoas do mesmo sexo.

Para mim, aquilo ali não fazia diferença. Achava aquilo natural para mim, não parecia nem algo a ser questionado, não houve muito estranhamento, mas esse rapaz sumiu e eu fiquei na suspeita de que ele poderia estar nesse conflito. E aí eu resolvi procurá-lo para conversar dentro dos sites mesmo, porque a gente se conhecia virtualmente. Comecei a procurar ele no meio dos chats da vida e tinha um programa que chamava MIRC. Na época esse MIRC tinha algumas salas e aí eu descobri que uma dessas salas que existiam era uma sala LGBT de Juiz de Fora, e aí eu entrei pra conversar com as pessoas. A maioria era homem, e comecei a questionar: “cadê essa figura?” E acabou que nunca encontrei.

Só que uma das pessoas me abordou e depois eu vim a descobrir que era na verdade um casal. E aí eles começaram a me questionar algumas coisas. Aí eu fui falando e tudo, e acabou que nesse processo eu comecei a sentir a vontade e a curiosidade. Talvez assim a naturalidade de experimentar. E aí fui lá, experimentei e percebi que, ao longo desse tempo, realmente tinha algumas coisas que antes eu não entendia e que começaram a se encaixar. Aí eu comecei a participar desses grupos que tinham via internet mesmo, que eram grupos que naquela época, para mim e para algumas pessoas da minha geração foi quase um abrir do armário, dar uma olhadinha e ver se podia.

A maioria de nós, naquela época, tinha entre 15 e 35 anos, então era um grupo variado, e as pessoas iam se relacionando, conversando, trocando experiências e falando as coisas. Era quase como se fosse um grupo de apoio onde todos poderiam ter voz, e a gente fez daquele espaço um lugar de encontro, de acolhimento. Foi muito importante para muitas pessoas do meu grupo, da universidade, da minha geração. E gente acabava que depois ia marcando os encontros fora dali e socializando.”

Joyce Mirella: “Você se lembra da primeira vez que você se sentiu apaixonada por uma mulher. E como foi isso para você?” Giane Chaves: “Foi aqui na universidade, porque até então eu ficava com mulheres, mas não era aquela coisa, ficava com mulheres e ficava com homens. Mas eu percebi que realmente eu tinha uma tendência de querer ficar com mulheres, só que até então eu não tinha entendido exatamente como funcionava.

Tinha muito aquela coisa, por eu ser uma mulher mais feminina, acaba que todo mundo falava “essa daí tá só experimentando, daqui a pouco ela tá voltando pro mundinho hétero dela”. Então eu também olhava assim e acreditava, né? Tá bom, já que eu vou voltar pro meu mundo hétero, vou experimentar aqui. Até que eu a conheci, e depois ela veio até se tornar minha esposa. Eu fui casada com uma antiga estudante daqui, a gente se conheceu na universidade e começamos a ter um relacionamento. Eu achava, na época, que ninguém sabia da gente e todo mundo sabia.”

(Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024)

O caminho por uma existência lésbica como possibilidade de vida

As histórias de como essas mulheres se descobriram lésbicas revelam uma série de marcadores que se encontram, se repetem e dialogam entre si. Quando eu realizei as entrevistas, em todos esses relatos eu pude identificar um pouco da minha história também. Isso acontece porque nós, lésbicas, ainda que partamos de lugares diferentes, de núcleos familiares diversos, existe uma estrutura que atravessa as nossas experiências.

Ao ler esses trechos das entrevistas em conjunto, alguns marcadores se destacam. O primeiro deles é o grande silêncio em torno da palavra lésbica. Eu perguntei para todas as mulheres que eu entrevistei se elas se lembravam mais ou menos quando a palavra lésbica passou fazer parte de uma expressão do cotidiano delas. Ao longo desse trecho sobre descobrimento eu trouxe algumas respostas que demonstram que a palavra lésbica não é acessível para as mulheres e a maioria delas só ouviu essa palavra já na vida adulta.

Ao mesmo tempo, todas elas mencionam que a palavra que conheciam era “sapatão”. Como fica perceptível ao longo das falas, o termo sapatão vinha carregado com uma conotação negativa, pejorativa. Paralelamente a isso, é possível perceber também um processo de ressignificação dessa palavra, uma vez que a maioria das mulheres entrevistadas, atualmente, não se importam em serem chamadas de sapatão.

Mas a questão aqui é: nós, mulheres lésbicas, somos privadas de conhecer a palavra lésbica, a maioria de nós tem acesso a essa palavra em momentos avançados da nossa vida. Sabemos o peso que tem as palavras, elas dão materialidade às coisas que existem no mundo. A privação do conhecimento à palavra lésbica se dá a partir de um processo enraizado de silêncio em torno das relações entre as mulheres. Ainda hoje, em gerações recentes, é possível perceber que o clima de mistério em torno das relações entre as mulheres denunciado por Tania Navarro Swain em seu livro “O que é lesbianismo”, publicado há 26 anos atrás, ainda é uma realidade atual (Navarro-Swain, Tânia, 2000).

Esse silêncio de chumbo (Navarro-Swain, Tânia, 2000) pode ser percebido como um marcador fundamental que aparece em todas as entrevistas. “Lésbica era muito difícil de ouvir, a gente era entendida, a gente não era lésbica, era sapatão e entendida, não tinha

lésbica, não tinha esse nome lindo pra falar “você é lésbica””.²⁶ Nós lésbicas crescemos sem ter esse “nome lindo” para falar de nós. Nesse ponto, considero muito importante refletir no peso das palavras que foram criadas e que são, historicamente, usadas pelos movimentos de mulheres lésbicas, em contraste com as palavras que foram ressignificadas em ato de resistência.

A palavra lésbica é historicamente a que vem sendo mais utilizada pelos movimentos lésbicos, tanto no Brasil, quanto em outros lugares do mundo. A palavra sapatão foi ressignificada pelas lésbicas, mas não criada e nem disseminada por elas, uma vez que trata-se de um termo criado em tom pejorativo e ofensivo, utilizado muitas vezes para violentar verbalmente e referir-se negativamente à mulheres que relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, especialmente mulheres fora do padrão de feminilidade.

O que eu quero dizer com isso? Tenho plena consciência da importância da ressignificação do termo “sapatão”, e considero essa palavra importante para a História Lésbica. Atualmente a sua conotação negativa perdeu força, sobretudo pela própria apropriação do termo por grande parte das lésbicas. Contudo, cabe ressaltar que o grande silêncio que persiste em pairar sobre a palavra lésbica não é uma mera coincidência.

Não é atoa que todas as mulheres que eu entrevistei tenham demorado para acessar a palavra lésbica muito mais do que demoraram para acessar a palavra sapatão. É uma estratégia de poder, uma lei do silêncio que está tão permeada na nossa vivência que nem nos damos conta que ela existe, mas ao observar com calma as falas das mulheres entrevistadas fica claro que esse processo existe e é real.

É importante conhecer palavras positivas para falar de si. Nicole Brossard (2023) aponta que uma das ferramentas necessárias para que possamos reivindicar a nossa lesbianidade, é ter uma imagem cativante de si mesma. Essa imagem precisa ser palpável, para que possa também ser possível para outras mulheres, por isso a importância das palavras. Ao mesmo tempo, pensar sobre essa questão me leva para a reflexão de Rita de Cássia Colaço (2023), quando ela argumenta que o movimento LGBT só se constituiu a partir do momento que os sujeitos que o compuseram passaram a ter visão positiva sobre si mesmos.

Visualizar essa compreensão me leva a crer que a lesbianidade é uma vivência que foge do alcance das mulheres a partir de diversos mecanismos patriarcais, e um deles, muito potente, é justamente impedir que a gente possa ter referências positivas sobre a nossa existência. Isso está intimamente ligado à linguagem a que temos acesso, às palavras que ouvimos quando somos crianças e o sentido dado a elas.

²⁶Entrevista realizada com Daniele Zancanella, 25/07/2024.

Outro marcador que aparece em praticamente todas as entrevistas diz respeito aos sinais da lesbianidade ainda na infância. A maioria esmagadora das mulheres que eu entrevistei trazem em suas falas histórias de infância em que elas veem ali um tipo de “prenúncio” da lesbianidade delas. Luciana por exemplo, menciona uma paixão inocente que teve pela professora dela aos 7 anos. Sonia traz sua paixão de infância com sua amiga e das cartas que elas trocavam. Daniela Auad fala de sua amiga Elizabeth e dos sentimentos interrompidos e incompreendidos que elas tinham uma pela outra também na infância e início da adolescência. Sol conta de sua paixão pela dentista na pré adolescência. Margareth, Camila, Kelly, Sara e Fernanda contam como se apaixonaram por amigas da escola, também no final da infância e início da pré adolescência.

Ao olhar para a trajetória de todas essas mulheres e perceber que os sinais de lesbianidade, os sinais do amor delas por outras mulheres, já se manifestaram muito cedo em suas vidas, a pergunta que fica é: porque a maioria dessas mulheres só se entendem e se afirmam lésbicas já na juventude, vida adulta, e algumas no finalzinho da adolescência? Os sentimentos que essas mulheres tinham por outras mulheres, quando não eram completamente reprimidos pela família, pela escola e por todos os códigos de linguagem que vemos em nossa sociedade, eram também, muitas vezes, incompreensíveis para elas.

Afinal de contas, como vamos entender um sentimento que não tem nome? Um sentimento que não é falado, que é velado, escondido a sete chaves em um pacto de silêncio milenar? São nesses momentos que eu digo que nós lésbicas, muitas vezes, ao longo de nossas experiências, somos reféns da nossa própria intuição, pois temos pouco ou quase nada de acesso a elementos que possam nos ajudar a entender a nossa lesbianidade, sobretudo a partir de um lugar digno, possível, que pareça ser uma boa forma de se viver neste mundo.

Contudo, ainda que a lesbianidade seja uma possibilidade dificultada para nós, através dos mecanismos que eu citei e de diversos outros que sabemos existir nessa sociedade com bases fundadas sobre a heterossexualidade, nós lésbicas seguimos sendo uma fenda. A geração dessas mulheres quebrou diversos silêncios, uma geração de mulheres que acreditaram na possibilidade de ser aquilo que elas não puderam ver: lésbicas

2.3 - Podemos ser lésbicas em nossas famílias?

O modelo clássico de família que conhecemos e que está legitimado na sociedade em que vivemos é pautado no ideal heterossexual. Como aponta Monique Wittig (2022), a heterossexualidade é um regime político que dita as normas em diversas esferas da sociedade

e cria uma linguagem universal em que parâmetros científicos e sociais são baseados no pensamento hétero.

Levando em conta essa chave de leitura, portanto, é inevitável que a estrutura, a ideia semântica e prática que se tem sobre família, seja baseada na heterossexualidade como ponto de partida. Mas afinal, como isso impacta a vida das mulheres lésbicas? Como a estrutura familiar das mulheres atravessa as experiências de lesbianidade das entrevistadas desta pesquisa?

Como é a relação da sua família com a sua lesbianidade?

Sol Schiavon: “Para mim nunca foi importante reunir a família para comunicar que sou lésbica, porque é basicamente isso que me parece que se espera que a gente faça. Eu contei para minha irmã que na época tinha 15 anos e ela chorou horrores, sofreu e falou que nos outros é uma coisa mais fácil de aceitar, mas na família é assustador. Aí eu já tive aquilo como uma resposta muito negativa, uma reação inesperada. Eu esperava que ela fosse mais aberta.

A minha irmã mais velha ficou sabendo por outras pessoas e ela veio me perguntar. Com ela aconteceu uma coisa interessante. Ela perguntou se eu culpava alguém e se eu culpava a Deus e eu falei que não, e ficou tudo bem, ela ficou de boa. Meus irmãos, acho que têm a mesma opinião sobre o assunto até hoje, eu só vou dizer que eles são bolsonaristas, não preciso falar muita coisa. Aquele conservadorismo ridículo, estúpido.

Meu pai, eu nunca falei, mas aconteceu uma cena, uma situação interessante, que a fofoca chegou no ouvido dele. Aí um dia eu estava lá em casa no domingo de almoço e ele esperou um momento que não tivesse ninguém perto e me perguntou, só nós dois conversando. Aí eu pensei como vou explicar isso para o meu pai? Apesar de ser uma pessoa muito inteligente, muito observadora, muito do bem eu sei que eu vou precisar ter muito português claro para não deixar dúvida, e isso pode machucar. Eu não quero. Aí eu falei “pai, isso é fofoca, quem te falou isso?” “A fulano que falou para mim”. “Fofoca, né pai? A resposta que eu te der vai te satisfazer?” Aí ele falou “depende do que você tem para me falar”, “eu prefiro que o senhor confie em mim, só isso”. E ficamos, acabou a conversa, nunca mais ele me perguntou nada.

Vai passando o tempo, você leva a namorada em casa, aí você vai na sua casa, na sua família, como uma amiga. Só que aquela amiga vai na sua casa com você muitas vezes, e só

aquela amiga, e quando um dia o seu namoro termina, aquela amiga não aparece mais. E passa um tempo de repente aparece outra amiga que faz o mesmo movimento. Isso era observado, mas ninguém falava nada. Principalmente se essa amiga tratasse todo mundo muito bem.

Meu pai não ficava observando muito, ele não tinha essa preocupação. A minha mãe era mais observadora, mas também ficava na dela. Depois que a gente teve aquela conversa que eu chutei o pau da barraca com ela, foi uma conversa muito dolorosa e eu falei para ela que eu não queria desapontá-la e tentei explicar sobre os sentimentos, que isso era mais importante. Mas a preocupação religiosa dela me levou para a terapeuta para fazer terapia [...] Foi aquela psicóloga evangélica que tentou me converter e eu acabei fazendo muita raiva nela e eu me dei alta.

Passado quase um ano, a minha mãe veio me perguntar sobre a terapia, se tinha surtido um bom resultado, e eu falei “a senhora tá me achando melhor, menos confusa e mais tranquila, mais na minha?” “É por isso que eu te perguntei, eu tô achando mesmo”. “Então esquece esse assunto, isso já me machucou tanto, não quero falar mais disso, não quero pensar mais nisso. Eu não sei como vai ficar minha cabeça, foi fase, eu acho que passou, deixa, deixa quieto, vamos deixar do jeito que tá, não quero falar disso”. Ela não perguntou mais, não se convenceu, mas ficou na dela. Tenho certeza que ela não se convenceu, mas ficou na dela.

Então, eu penso assim, eu tentei preservar minha família e a mim nesse momento. Não rolou, eu me expus para minha família, todo mundo ficou sabendo e depois fingiu que a terapia me mudou e eu fingi que a terapia me mudou. Eles fingiram que acreditaram que a terapia me mudou e assim é até hoje.

Não falo sobre isso em casa, falo com as minhas irmãs todas, a Ana Cláudia, que é mais conservadora, eu falo menos, mas se há necessidade de conversar sobre, a gente conversa sem problema. Todas as minhas irmãs, meus dois irmãos, todos sabem, eu não escondo, não devo satisfação a nenhum deles, mas nunca cheguei em casa e falei “essa é minha namorada”.

Então eu não posso falar que eu sou assumida em casa. Eu sou assumida para mim, eu sou assumida para as minhas irmãs, mas não tem aquela liberdade, aquela tranquilidade de chegar em casa todo mundo saber que é a minha namorada. Se eu chegar apresentando como minha namorada, o bicho tá solto, com certeza. Então é melhor não, não houve essa aceitação, não há.

Existe um catolicismo medieval, minha mãe reza por mim, tenho certeza, para eu não ir para o inferno quando eu morrer. E ela se sente culpada de alguma forma, possivelmente

por não ter me dado a devida educação para que isso não acontecesse, é desse nível. Talvez ela acredite até na cura do corpo, com reza, penitência e castigos divinos. Vamos supor que eu sou casada com uma outra mulher e a minha mãe vai passar um mês na minha casa, isso é um problema. Se isso fosse uma realidade, seria um problema, alguém que teria que sair de casa.

[...] Eu sempre insisto nessa tecla, no sentir, no querer, no estar, no abstrato, na emoção. E eu insisti nessa tecla com a minha mãe, todas as vezes que nós conversamos, umas três ou quatro, “não ignore o sentimento que eu tenho, não é uma coisa como almoçar, estou com fome, comi e a fome passou. Eu vou sentir fome de novo. Não é isso, não materializa uma coisa que você não conhece, que você não vive, não é assim”. Mas não adianta nada eu falar, pra ela é “eu quero que seja assim e foda-se você, foda-se o que você sente”.

Eu não quero passar por isso, então foda-se essa situação toda, deixa eu com a minha vida, eu não tenho essa necessidade. Sabe por quê? Tem uma outra coisa também Joyce, isso é um conceito hétero, a gente tem que desconstruir esse conceito na nossa realidade. Nós não somos hétero, hétero que tem necessidade de manter tradição, porque isso é tradição sistêmica.

Quando criaram, inventaram núcleo, família, isso tudo é uma forma de controle, é uma coisa de sistema. Então você não precisa de nada disso, criaram o conceito dessa necessidade. A gente, o ser humano na sua essência, no seu início ele não tinha esse sentimento de família, a família é sagrada, a família é uma instituição criada por Deus. Não existia nada disso, a gente era tão animal quanto os outros, tão sem sentimentos quanto os outros. O sentimento foi uma coisa inventada e criada, o afeto familiar foi fabricado e é claro que ele é hereditário, a gente passou a ter, ok, tudo bem, só que ele foi produzido. Ele foi criado, da mesma forma que se domesticou os bichos porque eles eram úteis em casa [...] Então a gente foi inserido num sistema que foi cuidadosamente planejado para ser desse jeito.

Eu e você, nós que temos essa questão de estar na contramão do politicamente correto, do definido para ser, a gente não tem que ter, eu estimulo muito as pessoas a pensarem nisso, você não tem que pensar que você tem que ter aquela coisa de comunicar tudo à família, porque isso é legal, porque isso vai fazer bem, porque isso é o certo. Isso é um conceito hétero.

Gay, lésbica não tem família, não é família. A partir do momento que você sai da sua casa, vai viver a sua vida como indivíduo e você conhece uma outra pessoa, se apaixona por ela e começa a construir a sua vida com aquela pessoa, aquela pessoa é a sua família e você faz a sua família do jeito que você quiser. Você não precisa se apegar aos vícios tradicionais do mundo hétero, porque é isso que nós fazemos. O dia que a nossa classe, a gente se

conscientizar de verdade disso, a gente não vai mais sentir essa necessidade, porque ela é uma obrigação. Nós não temos essa obrigação porque a gente sabe que ela não é bem vinda, mas a gente mesmo assim, ainda se sente na obrigação. Porque? Porque você tá tendo consideração? Não tá não, isso não é consideração, isso é costume, isso é tradição e isso é hétero.

O cara sai de casa, a mulher sai de casa, virou gente grande, vai trabalhar, vai não sei onde, vai passear, conhece alguém, se apaixona e vai apresentar pra família, porque depois vai noivar, vai pedir a mão. O noivado é o quê? Pedir permissão para entrar na sua família. Normalmente é o homem que pede. Olha quanto isso é antigo [...] E por que o rapaz vai na casa da moça? Por que isso é normal? Ele vai na casa da moça pedir a mão dela em casamento, porque ela vai ser propriedade dele? E por que nós temos que nos submeter a isso? A gente concorda com isso? Você vai na casa da mãe dela pedir ela em casamento? Ai todo mundo vai falar assim no momento que uma tiver pedindo a mão da outra: “mas quem é que manda em quem? Quem é o homem da relação?”

É o homem que tem que ir lá na casa fazer esse papelão, porque tem que ter uma propriedade e um proprietário, é uma relação de posse. E você tem um dote para levar, você quer comprar um carro velho ou você quer uma mulher? Você vai ter um dote para levar? Porque eu faço essa pergunta para todos os meus amigos, homens, sobrinhos, tudo mais. “Você vai lá pedir a mão dela em casamento, vai pagar esse mico?” Ela vai todo dia para o bar com você, racha a conta, vai no salão racha a conta, vai no cinema racha a conta, vai montar a casa para casar racha a conta, vai comprar o imóvel para casar, racha a conta. Mas na hora de pedir a mão em casamento, é o homem que vai lá, todo proprietário, todo mandão e compra a mulher, mas o dote foi pago pelos dois. Que coisa absurda, medieval.

Aí você quer repetir a mesma coisa mulher sapatão? Vai lá pedir a mão em casamento? Que coisa ridícula! Vai lá dar satisfação “porque eu sou gay, eu queria falar que eu sou lésbica, eu queria ser aceita.” Ridículo duplo, ao cubo, isso tem que parar, isso não é liberdade não, isso é prisão consentida. Nem sei se é tão consentida, porque ela é automatizada, né? A gente tem que tirar a importância disso, porque na verdade, a gente não é importante. A gente só tá cumprindo com a vontade dos outros [...] Liguei o foda-se pra isso também e pronto.

Saí de casa muito cedo, sou dona do meu nariz, da minha responsabilidade, dos meus perrengues todos da minha vida. Porque eu tenho que falar que eu tô gostando de uma mulher? “Não sente falta, não acha que tá faltando alguma coisa?” “Não”. “Sua mãe foi na sua casa e sua namorada vai ficar quinze dias no hotel ou na casa da família dela?” “Vai passar umas férias na casa da família dela”. “E você acha que isso está certo?” “Eu acho que isso é mais fácil, vou evitar estresse, tá ótimo, depois que a minha mãe for embora ela volta

para casa, tá tudo bem”. Ou eu saio da nossa casa para a mãe dela fazer o mesmo, tá ótimo também, e se não quiser vir para não ver, quem não quer ver estrela não olha pro céu. Pronto, não vem, deixa que eu vou e pronto.

Você acha que eu nunca dificultei a visita da minha mãe porque eu não queria que a minha namorada saísse de dentro de casa? Eu não, não vai aceitar a minha vida como eu sou, então “não vai dar mãe, o negócio aqui tá meio difícil. Um dia eu vou entrar de férias, vou passar duas semanas fora, a gente vai sair, vai se divertir, vai fazer, vai rir, vai ser feliz. Agora a senhora não vem, que no momento não tá dando”. E não deu a maior parte da vida, simplifiquei as coisas.

[...] Você simplesmente aceita uma coisa que te faz bem porque faz bem. É o meu sentir. Por que é que eu tenho que falar para os outros? E ainda mais sabendo que não vão gostar de saber, mas são seus pais [...] É desconfortável, ruim e sofrido. Prefiro que finjam que não estão vendo, e eu finjo que não estou percebendo, que estão vendo e que estão fingindo, como muita gente faz. Tipo, “aceitei, mas não quero conversar sobre isso, então deixa para lá”.

Tenho várias amigas e amigos que vivem isso, seus pais sabem, sua família sabe e finge que não sabe. Eu também finjo que não, que não estou percebendo que sabe, e toco o barco. Ninguém pergunta nada para ninguém, mas te respeita enquanto pessoa, acredita em você enquanto família, então tá bom, tá ótimo, não precisa mais que isso.

(Entrevista com Maria da Consolação Schiavon, 05/02/2024)

* * *

Daniela Auad: A gente quer viver bastante e quer viver bem. Porque a melhor vingança é ser feliz e saudável. Vingança de quê e pra quem? Pras pessoas que querem que as lésbicas não existam, que a lesbianidade não exista [...] Essas pessoas são aquelas que também estão representadas na minha família de origem consanguínea, na perspectiva da parentalidade antropológica da consanguinidade. Essa minha família, que assim recebe esse nome por causa da consanguinidade, é, hoje é composta pela minha mãe, em São Paulo, que fez 80 anos esse ano, por uma tia minha, que deve ter quase 90 anos, é minha tia avó e é tia da

minha mãe. Meu pai morreu com 47 anos, eu tinha feito 15. Eu tenho tios em BH que eu vi uma vez, um deles, irmãos do meu pai.

Eu tenho primos em Barra Mansa, filhos de primos em Juiz de Fora, mas são pessoas que mesmo que estudem, por exemplo, na Uni Academia, na UFJF, na Unifesp, não me procuram. Estão na mesma cidade que eu e não me procuram. Eu soube dessas pessoas da parte da família do meu pai estarem mais próximas porque uma tia minha irmã do papai morreu, meu pai era o mais velho, tem 13 irmãos, e destes sobraram 8. E aí essa minha tia morreu ano passado e eu soube através da companheira dela, e eu sabia que ela era lésbica, ela nunca falou nada e eu soube através da companheira dela que se chama Maria Angélica e que eu chamo de tia porque ela era companheira da minha tia.

Eu não tinha contato com a minha tia porque essa minha tia ela não tinha contato com a família, talvez também por causa da lesbianidade, e quando ela morreu Maria Angélica me ligou porque não tinha quem fosse reconhecer o corpo, e Maria Angélica não era casada documentalmente. Maria Angélica inclusive teve dificuldade em assumir que tinha uma relação com ela, e aí eu arranjei uma advogado para Maria Angélica aí de Minas, que ela mora em Caratinga, minha tia morava em BH, elas moravam separadas. Maria Angélica tem mãe, tem filho e tudo, e é professora da rede pública de Caratinga de criança pequena no ensino fundamental.

Elas tinham uns 20 anos de diferença, minha tia era professora aposentada da rede estadual de Minas Gerais de ensino fundamental, quando se aposentou tava trabalhando em sala de leitura. Então minha tia morre e aí eu ganho essa tia de presente que era esposa dela, e que eu sabia que era esposa dela, não sei porque eu sabia, eu sabia que ela era lésbica. Tanto que quando eu mudei para Juiz de Fora eu lembrava da tia Maria Imaculada Auad, liguei pra ela em Sabará, falei tia tenho uma esposa, ela me atendeu super bem, mas depois ela não quis mais falar comigo.

Meus 12 anos em Minas Gerais eu não encontrei a família do meu pai que mora em Minas entre Juiz de Fora, São Paulo e Barra Mansa, não encontrei as pessoas porque as pessoas todas sabiam que eu tinha me divorciado, conheciam o meu ex-marido, obviamente conhecem a minha mãe, e a minha mãe tomou muitas dores do meu ex-marido e se colocou ao lado dele inclusive escrevendo cartas para um processo de violência contra mulher que eu abri em Juiz de fora contra ele.

Ele ficava aqui em São Paulo, mas ele ficava indo em Juiz de fora para visitar a Leila algumas vezes e era super violento com a Leila e comigo. Ele era stalker, assediador, cometeu violência material, violência patrimonial, psicológica. E aí a minha mãe escreveu uma

cartinha para dizer o quanto ele era maravilhoso e o quanto eu e Cláudia não criávamos bem Leila. E essa carta ela se colocava à disposição para inclusive depor nos processos de guarda.

E foi muito interessante quando em juízo, em audiência, que na época era presencial ainda, me perguntaram o que eu achava da minha mãe ter uma carta contra mim no processo defendendo a outra parte, e eu respondi assim “olha eu só posso achar que a senhora está tendo, uma expressão genuína do que a homofobia faz no interior das famílias. As mães perdem suas filhas, as mães perdem suas netas em nome de quererem parecer moralmente corretas aos olhos de outras pessoas que nem são mais família delas, nunca foram, mas que fazem com que elas sintam o privilégio hétero, ainda que viúvas e velhas”.

Um privilégio hétero por empréstimo da filha que era casada com aquele homem e não é mais, então ela quer continuar com essa aderência, nesse privilégio no rolê, né. Como ela faz isso? Se contrapondo à filha lésbica e se oferecendo para depor escrevendo para os juízes para colocar nos processos, falando perto da Leila que não era pro pai da Leila pagar pensão mesmo.

[...] Então nessa situação toda de violência psicológica, patrimonial, minha mãe apoiou muito o meu ex-marido pai da Leila, e fala muito mal de nós para as pessoas, então era muito incrível isso porque eu saí de São Paulo e fui para Juiz de Fora e o pai da Leila e a minha mãe continuava se relacionando, falando ao meu respeito. O que eles tinham em comum? Eu. Nessas situações em que o ódio e o moralismo, a hipocrisia unem as pessoas, mais que o amor né.

Mas eu quero saber do que pode dar certo né, de amar de ser amada. Por isso que eu digo né, muitas lésbicas em Juiz de Fora, se colocam, diferente de mim e de Cláudia, e continuam indo na casa da mãe, e aí a esposa vai na casa da mãe no natal ela vai na casa da mãe dela no natal, se separam no Natal, só que o irmão ou a irmã que tem um casamento heterossexual não se separam no natal, né? E eu a Cláudia a gente nunca admitiu isso. Não era nem uma questão se a gente ia ou não ficar juntas no natal, não era uma pergunta, por suposto não é uma pergunta nunca se a gente vai juntas em um lugar ou se uma vai e a outra não vai.

[...] De diferentes maneiras a gente não tem relação com as famílias da Cláudia, não tem relação com família da minha mãe nenhuma, e com a família do meu pai eu tive que ter relação judiciária, mas não foi pro judiciário, não precisou ir. Porque quando a minha tia Maria imaculada morreu eu fui na reunião que eles chamaram para ver quem que ia ser inventariante.

Deixei todo mundo falar, no final aparecemos na tela eu e Cláudia [...] era uma reunião online da família, aí eu falei “então, eu pedi a palavra agora porque eu sei que vocês

estão vendo quem que vai ser inventariante, e o que vocês não estão sabendo é um dado novo, que eu também não sabia, é que a tia Maria Imaculada era casada com uma moça chamada Maria Angélica que tem 50 anos hoje. Tia Maria Imaculada tinha 70, e a Maria Angélica tem que ser a inventariante”.

Aí todo mundo se fez de desentendido que não sabia que a tia Maria era sapatão. Falei “o seguinte gente, vocês tem o direito de dizer que não sabiam que ela era sapatão. Pra mim era evidente, ninguém me falou nada, mas dizem que boi preto conhece boi preto, como vocês são tudo uns héteros, eu vou ser inclusiva e dar a vocês o benefício da dúvida.” Aí minha tia Joana que mora em BH, a mais velha das mulheres disse assim “eu me lembro sim de Maria Angélica ela cresceu lá em casa, ela era filha da empregada, Maria Imaculada pois ela para estudar, fazer magistério, prestar concurso e as duas namoravam, estavam juntas”. Falou “namoravam, estavam juntas”. Falei “então obrigada tia Joana pelo depoimento, porque eu tô cansada de ser a sapatão louca nas festas da família que eu não vou, aliás, porque vocês não me chamam, muito obrigada”.

Eu e Cláudia fizemos uma união lesboafetiva e depois nos casamos com comunhão universal de bens, o que tia Maria Imaculada não fez e não deixou testamento, pela vergonha de quem lavrasse o testamento, ela tinha vergonha de ser lésbica, e Maria Angélica me disse que elas não tinham um relacionamento e não queria assumir [...] Só que daí o advogado dela me procurou e disse que para ele ela disse que elas tinham um relacionamento. Tanto que o seguro saúde, nos estado de Minas quando um funcionário público morre tem um seguro de vida e a aposentadoria que fica para dependente que foi cadastrada como dependente. Tia Maria Imaculada cadastrou o seguro e aposentadoria para ficar com Maria Angélica.

Então o apartamento de tia Maria Imaculada é de Maria Angélica, nós não temos direito a esse imóvel. E a parte da casa do vovô que nós temos que vender, porque a tia Maria Imaculada não queria assinar a venda da casa do vovô. Com ela morrendo todo mundo ficou feliz da vida porque daí morreu, a gente faz primeiro inventário da que morreu, da filha, para daí desenrolar da casa grande, que é em Caratinga. Pra você ter ideia, é uma casa que é um quarto de quarteirão, metade de um quarteirão, onde funcionam os principais serviços da prefeitura da cidade. E aí um cara comprou a casa pra alugar, pra continuar alugando pra prefeitura e tudo, só que o cara tinha um contrato que até o ano tal a tia Maria Imaculada tinha que assinar senão a gente tinha que devolver o dinheiro, desfazer o negócio.

Ai eu falei, “bom, a tia Imaculada morreu, mas se você não reconhecerem que a tia Angélica era casada com ela e pode ser inventariante a gente pode perder esse vendedor e ter que devolver o dinheiro a ele com multa, então agora é o seguinte gente, não me interessa se

vocês são homofóbicos, se vocês são amor livre, se vocês são o amor é tudo a mesma coisa, o amor entre pessoas, o que me interessa é que se desfizer esse negócio, essa reunião está sendo gravada por mim e vocês vão ter que pagar a minha parte da multa porque eu reconheço a união estável das duas”.

Isso gerou na família uma coisa muito interessante. Eu fiquei liderando o grupo de 8 herdeiros que concordam por gosto ou por necessidade que Maria Angélica seja inventariante [...] E uma tia minha não reconhece o casamento das duas, então temos essa pendência de ter que resolver o reconhecimento da união estável delas por uma pessoa só. E pra tirar as declarações dos tios e primos de que “reconheço Maria Angélica foi casada, teve um relacionamento...”, Eles todos tiveram que fazer isso, mas alguns não queriam fazer, aí eu mandei um áudio no grupo da família e disse assim “se vocês não fizerem não tem problema, aquela reunião em que vocês 8 concordaram eu vou transcrever juridicamente num cartório e serve como documento, vai ser caro viu, vocês vão ter que pagar depois, eu pago agora, mas não vai ser bom isso aí pra vocês. Porque além de tudo aí, isso aí é homofobia, eu tô vendo, ninguém tá me contando. Homofobia é crime, vocês podem ser processados”.

Aí todo mundo rapidamente ficou moderno, deu declaração, eu falei que eu me orgulhava deles e delas e só uma tia ficou nessa história pra demorar mais mesmo, mas agora é o tempo da justiça não tem problema né, mas vai sair. Então a relação com a minha família do meu pai é uma relação que era apenas de aguardar o patrimônio e assinar, porque mesmo que eu não quisesse patrimônio eles não conseguem vender, distribuir o patrimônio que vai herdando sem a minha assinatura de herdeira, tipo se tem 11 herdeiros, 11 herdeiros tem que assinar entendeu, então eles tem que pedir minha assinatura.

[...] Minha tia Zezé que tá com 78 anos, falou assim “nossa, mas quem diria que essa menina é advogada, que bonito isso”. Aí alguém disse pra ela “Zezé, cala a boca, ela não é advogada, ela é lésbica.” Isso é maravilhoso, entende? Você percebe? Olha só. “É lésbica?” “Lésbica! Tia eu sou lésbica”![...] Gente me dá carinho, você entende? Me dá carinho. Ainda bem que eu não gasto meu tempo com essas pessoas, e eu não dou o direito a elas de entrar, a energia delas não entra na nossa família, e ainda mais quando é minha mãe. É muito triste não poder ver a mãe envelhecer, não poder cuidar da mãe como idosa.

Porque veja, as pessoas aguentam homofobias vindas de gerações anteriores em razão da educação que tiveram, da visão de mundo que ainda têm. O que acontece é que, a partir do momento que ela dá declarações para serem colocadas no interior dos processos que tiram a guarda de Leila de mim, que são para baixar a pensão, ela dava declarações que eu tinha dinheiro. Eu abri o meu imposto de renda pro juiz ver em segredo de justiça, no processo você

pode, só pro juiz ver, abrir a sua conta bancária, então eu abri e falei “olha, minha mãe falou que eu tenho dinheiro, deve estar com ela, tá aqui meu imposto de renda”. Acabou, e aí o pai da Leila tá pra ser preso de novo, percebe?

Então quando ela se coloca em defesa do pai de Leila, sem necessidade, pra mostrar que é contra a nossa família, utilizando-se de Leila, de processos que envolvem Leila, aí eu tenho que ser mais mãe do que filha, porque minha mãe já tem 80 anos e minha filha ainda é menor de idade e precisa de mim para defendê-la. Aí eu sou mais mãe do que filha e não tenho contato, não tenho relação. Não me preocupo com patrimônio, eu sou filha única, há um patrimônio. A Leila fica dizendo que ela quer morar sozinha, que é pra eu pedir um dos apartamentos pra minha mãe e eu falei “não, eu não vou pedir nada, nunca, jamais, em tempo algum, entendeu?”

E ela pode gastar 100%, a lei permite 50 né. Agora você vê, quanto de jurídico eu to falando com você nessa conversa. Então quando você me fala família, a primeira coisa que eu penso é assegurar direitos, porque a primeira instância que querem nos tirar direitos é a nossa família de origem. E também é o primeiro lugar em que a gente escuta que ser sapatão é errado, é feio e é xingamento. Minha mãe minha infância inteira disse “Daniela não põe essa roupa que você fica com cara de sapatão. Daniela não senta assim que sapatão que senta assim. Tal pessoa não fala com ela porque ela é sapatão, não fala com ele porque ele é viado”. E eram pessoas interessantíssimas, então eu queria ser interessante também, né.

Então é isso, quando você me fala família são todas essas questões que me vem, não é algo simples, não é algo fácil. É algo do que eu tenho que me defender pra poder ter a minha. Eu tenho que me defender da minha família pra poder ter a minha família e defender a minha família da minha família. Parece um trava língua, porque tem famílias e famílias, né? E eu gosto muito dessa família que eu construí, sendo mãe da Leila, sendo casada com Cláudia, vendo Cláudia se tornar mãe de Leila, e eu me tornando mãe de Leila nas suas várias idades com a maternidade de Cláudia ao meu lado.

Eu não conseguiria ser mãe da Leila casada com um homem, ainda que eu amasse o pai dela quando eu me divorciei dele, pra mim ficou muito claro isso, eu não tinha deixado de amar o pai da Leila, mas o combo que vinha junto com esse amor que era o casamento num modelo heterossexual me violentava, de modo que ser amada por um homem, com todo combo que vinha junto, pra mim não era possível de ser lido como amor, né?

Eram expectativas, por exemplo, a Leila vai fazer 3 anos, é, as avós vão dar, como se fosse hoje, 10 mil reais, 15 mil reais pra fazer uma festa. Se a gente puser mais 5 dá pra pegar aquele buffet super lindo, 20 pau uma festa. Ai, mas a gente tem 5 pau pra fazer isso? Não, a

gente dá um jeito! An, e aí? E aí que você só precisa ir lá, escolher tudo, ver. Quer dizer [...] as avós e ele pagavam e eu fazia. Eu falei “nossa, mas vocês estão muito chiques né, de ter uma secretária”. Nem sei como chama isso, uma assistente de festa infantil com pós doutorado ué. Tá chique demais essa família. Uma cozinheira com pós-doutorado, uma governanta que administra a empregada, a babá do dia, a babá da noite, a babá folguista

[...] Sabe o que é você administrar 4 mulheres dentro da tua casa porque é uma estrutura que tem um homem, que tem camisa, que tem a criança. Gente, não é possível que viver seja isso, não é esse o meu lugar, eu não quero administrar outras mulheres que vêm trabalhar na minha casa, eu não quero, eu não quero, e aí eu falei “não quero eu vou embora disso” e fui. E os desdobramentos são esses.

Depois eu fui desconvidada pro natal da família do meu pai, porque eu tinha sido convidada pro natal com o pai da Leila, quando eles souberam que eu tinha me divorciado, eles convidaram um ano antes, “olha vocês venham no natal do ano que vem”. Convidaram a gente no ano novo, no meio do ano eu me separei. “Ai, então melhor vocês não virem no natal”, eu falei assim “então, mas eu me separei de uma pessoa que não é Auad, Auad sou eu e Leila Auad”. “Não, mas é melhor vocês não virem, vocês estão muito fragilizadas”. Eu falei “Eu não estou fragilizada”. Então família é tudo isso, sabe, é isso.

(Entrevista com Daniela Auad, 13/08/2024)

* * *

Lilian Pacce: “A relação era mais essa coisa não falada. Algumas vezes, quando eles achavam que eu estava extrapolando, eles vinham e falavam alguma coisa e implicava com aquilo ali. À medida que eu já estava na faculdade, eu já era maior de 18 anos, eu não dava problema nenhum em casa, eles começaram a não prestar muita atenção, não incomodar mais tanto. Então era a coisa do não falado”.

Joyce Mirella: “Chegou algum momento que você falou claramente assim “sou lésbica”?” Lilian Pacce: “Não, porque minha mãe que abriu para mim, ela falou “eu sei que você está chorando aqui, que você está triste porque você terminou aquele relacionamento”. Eu terminei porque eu quis, porque eu me interessei por outra pessoa, mas eu gostava demais daquela pessoa, como gosto até hoje. E eu me sentia mal porque eu tinha caído naquele clichê

de achar que era pro resto da vida [...] Então ela que veio falar para mim, eu acho que eu nunca falei para ninguém na minha vida “sou lésbica”, acho que eu nunca falei isso, acho que eu nunca tive necessidade de falar isso, ou oportunidade, as pessoas foram entendendo.

[...] Meus pais adoram a minha esposa, sabe? Ela convive com eles. O meu pai fez o trajeto ao contrário da minha mãe. A minha mãe, a gente achava que ela era uma pessoa e depois que eles se separaram, nós percebemos que ela era uma outra pessoa, uma pessoa aberta para o mundo, que gosta de todo mundo, que não importa, que foi no meu casamento, que participa, que foi no casamento da minha irmã mais velha e carregou a aliança.

Meu pai não foi nos nossos casamentos, ele foi no casamento da minha irmã mais nova. A minha irmã mais velha também é casada com uma mulher. Então a minha mãe é essa pessoa, e meu pai, aquele que falou para mim “você não acha que esse relacionamento é um fardo muito pesado para você carregar?” É um homem que depois que virou evangélico virou uma pessoa muito mais carregada de preconceitos que ele nem tinha antes, sabe?

Acho que isso é a coisa mais importante que eu podia falar para você, e quase que eu não falo. Meu pai não quer estar num lugar social, com muitas pessoas ali e dizendo “minha filha está se casando com outra mulher”, isso é demais para ele, e eu respeito ele nisso. Quando eu casei, primeiro que a minha irmã, quando resolvemos nos casar, a gente chamou o juiz de paz, foi lá no lugar onde a gente foi fazer uma festinha pequena. Eu entreguei o convite para ele e falei “olha, você fica à vontade para ir, se quiser”. Ele me respondeu na mesma hora “eu fico mais à vontade se eu não for”.

As minhas irmãs ficaram iradas, iradas, porque um ano antes a minha irmã mais nova casou, e nós somos muito unidas, ela frequenta o meu grupo de amigos, que são também amigos dela. Os gays todos, quando ela se casou, ela convidou alguns pares, alguns casais desse grupo para serem madrinhas e padrinhos. E na época minha irmã mais velha não estava namorando ninguém e convidou eu e Fabíola para sermos madrinhas. E aí foi um casamento muito bonito, num lugar muito bonito e ela pediu que as pessoas que eram padrinhos e madrinhas, que celebrassem o casamento, então cada par falou alguma coisa para os noivos, e para chegar nesse lugar onde os noivos estavam tinha que descer uma rampa assim comprida. E o primeiro casal era eu e a minha esposa.

O meu pai estava lá com a esposa dele, que é carola, muito carola, evangélica, e eu imagino que ele, não sei, o que ele quis fazer. Então os nossos amigos casais de homens, casais de mulheres, todos foram padrinhos e participaram desse momento. No casamento, no meu casamento, ele não quis ir. Minhas irmãs ficaram com muita raiva dele. Aí eu disse “olha, gente, o meu pai sempre respeitou a gente, meu pai nunca desrespeitou a gente. A gente

também pode respeitar ele. É um direito que ele tem, ele recebe a minha esposa, ele convive com ela, ele ajuda a gente. Quando a gente foi comprar um imóvel, ele ajudou a procurar. Ele não ajuda assim, tipo “tô ajudando minha filha”, ele entende que aquilo ali é um relacionamento, que aquilo ali é um casamento. Ele não quer ir numa festa porque aquilo é demais para ele. Um homem de 80 anos eu vou respeitar como ele me respeitou, eu não vou ficar com raiva dele. Elas ficaram. Aí, quando minha irmã foi se casar, ele também não quis ir.”

(Entrevista com Lilian Pacce, 11/06/2024)

* * *

Camila Roseno: “Eu comecei a ficar com mulheres e a primeira namorada minha eu fiquei por 1 ano com ela. A minha mãe sacou que eu tava namorando com ela, porque é aquela coisa da amiga ir dormir todo dia em casa. Essa ex namorada minha era muito sapatão assim, sapatão caminhoneira, então tava na cara, inclusive o pessoal falava com meu pai, “a sua filha anda com sapatão”, então assim, já era muito tachada, então eu acho que mãe sempre soube, mãe sempre sabe as coisas, mas ela ficou segurando.

Agora as violências que minha irmã fazia, que eu falei pra você era muito disso de dizer, me ameaçar na hora da briga, a gente morava junto então ela ameaçava, dizia assim “vou contar pra mãe que você é sapatão, vou dizer pra mãe”. E eu lembro que tipo falar que era sapatão era muito agressivo, doía muito, a palavra sapatão ela trazia um peso muito grande pra situação, e aí num desses momentos de raiva, de briga, ela devia tá com uns 19, 20 anos mais ou menos, ela falou isso perto de minha mãe, ela disse “você é sapatão” e aí nesse dia eu virei pra ela e disse “sou, sou, sou mesmo”. Das outras vezes ela falava, ameaçava, eu chorava, saía, era uma moeda ali dela né, uma arma dela. Dessa vez eu disse “sou, sou mesmo, e aí você vai fazer o que? Eu não consegui fazer nada, o que você vai fazer? Eu não consegui fazer nada”.

Nesse dia minha atitude quebrou o padrão das brigas, tanto porque eu respondi que era, mas também eu saí da casa, eu não continuei brigando, eu não continuei respondendo, eu peguei, saí de casa. Depois se você quiser dar uma olhada no Google, em Juazeiro tem uma

orla bem bonita em volta do Rio São Francisco, e aí eu fui sentar lá na orla do rio, fiquei pensando e voltei pra casa mais calma, fiquei mais tranquila.

Esse dia me acompanhou muito nesse processo da descoberta, porque quando eu começo a ficar com mulheres e começa ter a lesbofobia na escola, muitas vezes eu ia pra lá. Tanto de pensar em me jogar no rio e me matar mesmo, como de ter calma. O rio sempre fez muito parte desse momento. Eu já pensei até em tomar, em briga com minha irmã, antes dessa briga, eu tinha pensado em me matar, tinha pensado em tomar sei lá, desinfetante, o que fosse, sei lá uma água sanitária, pensado em coisas assim absurdas, e aí nesse dia minha mãe tava em casa, ela ouviu isso tudo e não falou, pediu pra parar com aquilo.

Aí eu saí de casa e quando eu voltei, no outro dia eu fui resolver uma coisa com a minha mãe na rua e aí foi interessante, que a gente foi atravessar, Juazeiro é do lado de Petrolina, que é Bahia e Pernambuco. A gente atravessa um estado a outro pela ponte ou pela barquinha. Tem um barco que faz a travessia que leva de 10 minutos para atravessar de um lado até a outra margem. E aí nesse caminho eu mais minha mãe estávamos indo pra Petrolina, que é a cidade do lado, e aí na hora que a gente entrou na barca eu falei “mãe quero falar um negócio com você”, e aí ela disse “se for o que eu tô pensando fica tranquila que eu te amo, vou te respeitar sempre, não se preocupe, eu não quero mais que você brigue com Adriana e tá tudo bem pra mim”.

Então assim, ela não quis que eu falasse, mas ela já sacava, e isso foi muito importante pra mim porque ela sempre foi essa pessoa que não consegue conversar, mas que consegue respeitar, cuidar, estar perto. Então com minha mãe foi isso, e aí antes do meu pai falecer, meu pai e minha mãe voltam pra Remanso, eu já saio de casa, já tinha saído de casa, e aí meu pai morre e no dia do velório eu falei isso pra ela e ela disse “eu já sabia, sempre soube”, então com minha mãe sempre foi muito mais tranquilo essa conversa

[...] Naquele momento que eu falei pra você no G1, da matéria, antes da matéria eu falei pra ela que eu tinha dado entrevista, eu disse assim “ó mãe eu dei uma entrevista para o G1” para preparar ela naquele momento. A entrevista acho que saiu no dia da visibilidade, acho que foi no dia do orgulho, no dia 19 de agosto se eu não me engano ou no dia 29, nesses dias. Só que eu preparei o terreno com ela antes e disse assim “ó mãe vai sair uma matéria”, falei que eu sou e pronto aí ela disse “mas para quê precisa disso mesmo? Precisa disso, Camila?”

Nesse dia foi muito doloroso para mim porque eu disse assim poxa mas ela sempre me apoiou e agora ela tá falando isso como se quisesse me esconder, e aí eu lembro que eu discuti com ela eu disse “mas mãe eu tenho que sair mesmo, eu tô cansada, tem 1 ano que eu tô nessa

luta” e aí ela disse “beleza tudo bem”, e aí acabou que quando saiu a matéria ela também compartilhou o link, ficou feliz me deu parabéns e ela é muito orgulhosa de mim. Hoje eu sou a filha que deu certo, a filha que conseguiu estudar, a filha que conseguiu um emprego bom, a filha que deu uma casa para minha mãe. Depois que meu pai morreu eu financiei uma casa e dei para minha mãe, então a casa que ela mora é a casa que eu dei para ela.

Hoje eu dou uma mesada para ela, ela tem um cartão adicional meu que tem uma mesada todo mês e ela faz a feira, faz a compra de alimentos. Eu sou a filha que cuida, sou a filha que não dá trabalho, a filha que nunca deu trabalho, que nunca arrumou grandes confusões, a filha centrada, a filha que viaja o Brasil. Então eu sou a filha que sempre dei muito orgulho para ela, nos estudos e no trabalho.

Então para ela nunca foi uma questão de olhar para mim e achar que eu não ia ser uma pessoa bem de vida, não que eu seja ótima de vida, mas comparada a outras pessoas, principalmente a relação que se tem quando você tem só uma irmã você compara muito um irmão com outro né, enquanto a minha irmã teve toda uma instabilidade de vida, agora que talvez ela esteja mais estável, eu sempre fui uma pessoa muito esperta, muito correria, trabalhando muito cedo, com empregos bons, concursos, então eu sempre fui a filha que ela sentiu orgulho, com ela foi bem tranquilo.

(Entrevista com Camila Roseno, 21/10/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Como era a sensação que você tinha ao estar na sua casa? Você consegue descrever?” Cláudia Lahni: “Era uma sensação, nesse momento de criança e começo da adolescência até os 15 anos, principalmente, era uma sensação boa de ser acolhida, de diálogo e amor, especialmente por parte da minha mãe. A partir dos 15 ficou tudo muito diferente, porque eu era lésbica e as pessoas lésbofóbicas, aí fica diferente, as pessoas mudam de atitude com a gente desde aquele momento até um pouco antes dela falecer.

Minha mãe passou a ter uma relação comigo que oscilava entre a gente tá bem e a gente ter um distanciamento, uma briga, por conta da minha lesbianidade. Então a partir dos meus 15 anos, passou a ser a minha casa, mas também o lugar de onde eu queria sair para morar em outro lugar, tendo mais autonomia e liberdade para exercer minha sexualidade, inclusive dentro da minha própria casa.”

(Entrevista com Cláudia Lahni, 13/06/2024)

* * *

Sara Abreu: “Quando meus pais descobriram, eles descobriram através da mãe da menina que eu namorava. A mãe da menina ligou pra eles falando que eu estava namorando a filha dela e que não queria aquilo, então foi bem complicado. Ela ameaçou, falou que ia contratar um cara pra me bater na rua, essas paradas desse jeito. Aí meus pais ficaram apavorados, meu pai me levou no trabalho durante 1 ano. Ele me levava e buscava durante 1 ano com medo de eu ser atacada por alguém, mas a gente não deixou de namorar, a gente namorou escondidinho e eu falei com meus pais “olha, realmente eu estou com ela”. Eu queria continuar com ela, mas eu dei a entender que eu ia tentar não ficar mais, mas era uma coisa muito forte para mim, não tinha como.

Aí depois eu acabei assumindo para meus irmãos e eu tive outro relacionamento, e aí eu escrevi uma carta pros meus pais explicando o que eu estava sentindo, e o que eu queria. Não me lembro exatamente o que eu escrevi, mas era assumindo que eu era lésbica, que eu queria ser lésbica, que eu estava namorando uma menina e queria que eles respeitassem. Eles me chamaram para conversar [...] Meu pai é mais compreensivo no sentido de “tá tudo bem, é o que você quer? Eu respeito, entendo, só não quero agarrão, igual não quero sua irmã, que tem um namorado, ficar de agarrão aqui em casa, tipo beijar, são essas coisas, é um comportamento que eu não gosto, não porque você seja mulher e a outra menina seja mulher, eu não quero esse comportamento x”. E aí minha mãe falou que teve um pouco mais de dificuldade, mas que ela ia entendendo, ia tentando lidar, melhorar essa questão dentro dela, é uma questão dela com relação a isso, mas hoje em dia está muito tranquilo. Isso foi em 2012 mais ou menos, que eu realmente assumi mesmo verdadeiramente “sou lésbica”.

(Entrevista com Sara Abreu, 23/08/2024)

* * *

Samira Abreu: “Eu falei, agora eu vou contar pra minha família, aí foi um horror para minha família, foi um choque, mas eu lembro de pensar assim “não, isso aqui ninguém tem nada com isso, eu quero, eu quero viver isso, e é isso aí, pra mim tá tudo bem assim, viver essa experiência”. Porque para mim era o início, eu estava descobrindo, experimentando. Foi assim.

Joyce Mirella: “Então a relação da sua família, dos seus familiares com a sua lesbianidade não foi positiva, ou depois foi tranquilo? Como foi esse processo? Samira Abreu: “No começo eu cheguei e falei tudo. E morava em Ubatuba e quando eu vim pra Juiz de Fora de férias, eu falei. Depois, quando eu fui embora, eles foram e conversaram, falaram que não entendiam o que estava acontecendo, que achavam que era porque eu tinha me separado, eu tava carente, que eu tava precisando, que eu tava sozinha aqui na cidade, que eu não era assim, que a minha irmã era desde criança, todo mundo via, mas que eu não.

Aí eles tiveram muita dificuldade em entender e acho que não entendem ainda, mas aceitam. Meus pais têm uma vontade de lidar com a coisa com naturalidade. Eles tem isso assim. É uma conversa que acontece às vezes lá em casa, a minha mãe fala muito “eu queria muito ter essa naturalidade que vocês tem, mas eu não consigo, eu tô trabalhando isso em mim e tal”. Ela tem 75, então é uma outra geração, uma outra vivência [...] Hoje em dia as nossas relações são tranquilas e minha namorada pode ir lá lá em casa, tá tudo bem, a gente tem essa convivência normal natural, mas eles têm essa dificuldade e eu entendo que é uma dificuldade muito da vida dele, das experiências deles.

(Entrevista com Samira Abreu, 15/08/2024)

* * *

Daniele Zancanella: “Eu tinha muito medo do meu avô, que já era idoso, saber e assustar, até porque eles são de uma família conservadora, e a minha mãe eu não tinha medo. As pessoas que eu queria que soubessem eram minha mãe e meu avô, no mais, não me importava. A minha mãe descobriu fazendo a minha unha, a gente estava conversando e foi nessa época que eu cortei o cabelo e ela veio falar para mim que estavam falando na rua que

eu era sapatão, que eu tinha cortado o cabelo. Aí eu falei com ela “e se eu for?” ela “vou te aceitar”, eu falei “então eu sou”. Aí a gente chorou muito, e naquele momento ela entendeu.

Eu fui viajar com a minha namorada. A gente ficou 15 dias fora e eu fui saber anos depois, que ela sofreu muito, mas não por eu ter me assumido e sim porque ela tinha medo das pessoas julgarem ela, “a minha filha agora é assim porque eu não criei. Onde eu errei? O que o pai dela vai falar? Eles vão me jogar mais pedras? Vão apontar o quê?” Então ela teve muito esse medo, que foi a maior preocupação dela e ela sofreu muito com isso, só que eu não soube, eu vim saber anos depois.

A minha mãe sempre foi muito minha amiga, sempre foi muito parceira e trata as minhas namoradas super bem, nunca teve problema nenhum, e nenhum tipo de preconceito, de olhar diferente. Assim como meu irmão leva as noivas, as namoradas, eu levo as minhas namoradas e a gente faz nosso encontro em família da forma mais natural possível. Aí o meu avô soube na época e também me apoiou, e os demais ficaram sabendo assim, cada um soube de um jeito e tudo certo.

Nunca cheguei e falei olha, eu sou sapatão, eu sou lésbica, eu sou entendida, se você me perguntar eu te responderia, mas eu chegar e falar não. Assim como no meu trabalho, eu sempre gostei de ser eu, então, se meu patrão chegasse para mim e falasse Dani, você tem namorada? Eu falava que sim, e para mim era um alívio, mas se ele não me perguntasse também, eu fazia sombra, ficava deixando, deixava fluir, então, sempre fui assim, nunca forcei nada, nunca fiz nada para mostrar que eu não era.

(Entrevista com Daniele Zancanella, 25/07/2024)

* * *

Margareth Trigo: “Meu pai morreu sem saber porque ele jamais aceitaria, e a minha mãe foi tranquilíssima. Ela deu um flagra, pegou uma situação e a gente conversou. Dali, no primeiro momento ela ficou em choque e depois foi de boa. E a minha irmã, pra você ter ideia, um dia conversando com a mãe que eu estava começando um relacionamento, falei “Mãe, tô namorando e vou ficar umas noites fora, não vou dormir aqui [...] Aí ela falou “tudo bem, mas posso falar um negócio? Não comenta nada com a Bernadete não, você sabe como é a cabeça dela, como que é ruim”.

A minha irmã é preconceituosa, ela sempre teve uma relação de muita agressividade comigo, então na cabeça dela eu sou mal resolvida, eu não sou assumida, eu finjo que eu não sou lésbica, eu não me assumo para ninguém, entendeu? Então eu deixo ela pensar as coisas que ela quiser. Eu não vou ficar perdendo meu tempo de brigar pra ser.

(Entrevista com Margareth Trigo, 19/08/2024)

* * *

Giane Chaves: “A minha mãe percebeu que eu estava mais ausente, isso foi em 2001, 2002, e como a minha mãe trabalhava à noite, ela não ficava em casa, porque ela fazia plantão, e eu também não ficava. Só que ela começou a perceber que eu estava ficando cada vez mais ausente da minha casa e que eu não falava muito para onde eu estava indo. Aí ela começou a questionar e teve um dia que ela veio e falou assim “você deve estar na casa de alguma mulher”, porque por incrível que pareça, minha mãe acho que foi a primeira pessoa a sacar que eu era lésbica, mesmo antes de eu imaginar. Aí ela disse “você deve estar na casa de alguma sapata”.

Aí eu peguei e falei assim “tá, o que que eu resolvo?” Aí peguei, cheguei em casa, minha mãe fingiu que aquela briga por telefone não tinha acontecido. Eu só cheguei perto dela e falei “aqui o tal telefone, aonde que eu estou todas as noites” Aí ela “o que significa isso?” “É exatamente isso que está no papel, é o nome da minha namorada. Aí ela “o que você tá dizendo?” Falei “essa aqui é a minha namorada e pra lá que eu estou indo. Aí ela chorou, quis que eu fizesse tratamento psicológico, achando que era um problema por eu não ter tido figura paterna. Houve todas essas questões, “aí, você não teve figura feminina? Alguém abusou sexualmente de você?” Umas coisas assim para justificar o fato.

Até que depois ela achou que pudesse ser uma praga, que ela tinha ofendido uma pessoa uma vez e essa pessoa tinha uma filha trans, e ela achou que era a praga da mulher, então era quase como se ela tivesse sido amaldiçoada por ter uma filha lésbica. Aí eu peguei e falei com ela que eu não ia fazer tratamento algum, que eu era daquele jeito, que eu estava ótima e que ela ia ter que me aceitar, ou então ia ter que sair de casa, e eu nem tinha trabalho, não tinha nada, não tinha condições alguma, mal tinha namorada, porque a gente tinha uns 2 a 3 meses de relacionamento e ela era totalmente dentro do armário, desesperada.

Ela não se aceitava de jeito nenhum, e foi um dos grandes problemas do nosso relacionamento, porque enquanto eu comecei a levantar a bandeira para tudo quanto é lado, ela queria ficar dentro do armário, agarrada lá dentro, Ela só foi desgrudar desse armário 10 anos depois, que ela foi assumir para a família dela que ela de fato era bi, que nem tinha coragem para falar que era lésbica. Aí agora não, agora eu já sei que ela se assumiu lésbica, mas ela tinha muita dificuldade, inclusive tinha namorado também. Então, a gente vivia nesse mundo, né? A pessoa tinha namorado e namorava com a gente porque não se assumia.

Joyce Mirella: “Mas aí, depois, como que foi isso? A sua relação com sua mãe em relação à sua lesbianidade melhorou?” Giane Chaves: “Não, ela não pergunta, eu não falo e fica tudo assim. A minha mãe é assim, a gente tolera o assunto, mas todas as vezes que ela percebe que eu posso estar em algum relacionamento, ela começa a dar os chiliques dela e começa a brigar comigo, ou falar mal da pessoa com quem eu estiver junto. No caso, se eu tiver namorando e ela vê minha parceira, ela pega qualquer componente que ela veja dessa parceira e fala mal para tentar minar, porque ela não aceita de jeito nenhum.”

(Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024)

* * *

Sonia Ribeiro: A minha mãe não aceitava não, mas ela me respeitava. Minha mãe era uma pessoa muito contida, então a gente não tinha essas conversas. Eu apresentava as minhas namoradas e falava que eram amigas e ficava por aquilo ali. Eu sempre respeitei e nunca me coloquei, nunca tive nenhum ato de afeto na frente dos meus pais. Mas óbvio, obviamente que eles deveriam saber, mas como eram pessoas tão maravilhosas nunca batemos de frente quanto a isso [...] Era bem respeitoso porque, já que meus pais não debateram comigo e não tivemos um choque de frente assim, eu falei assim para quê vou criar? Então vamos seguir a vida, eu sendo eu aqui e eles lá. Era muito respeitoso, sempre foi uma relação muito respeitosa com os meus pais, de dar bença, bença, mãe, bença, pai.

Joyce Mirella: “Mas se você chegasse e falasse, você acha que seria um problema?”
Sonia Ribeiro: “Seria uma questão séria, porque eu já ouvi conversas da minha mãe com as amigas dela que ela não aceitava uma filha assim de jeito nenhum. Então eu tinha medo

mesmo de bater de frente a frente, eu não queria. Porque, graças a Deus, nós nunca batemos de frente.

E eu nem sei de história se a minha mãe já desabafou com alguma amiga dela ou com minha irmã. Se desabafou não se falava nisso, foi bola pra frente. Hoje minha mãe se encontra em outro plano, ela já tem uma compreensão melhor quanto a isso, porque o ambiente que ela foi criada, tudo aquilo, aquela coisa que mulher nasceu para casar, ter filho, sabe, trabalhar em casa.

(Entrevista com Sonia Ribeiro, 18/11/ 2025)

* * *

Kelly Silva: “Então eu não precisei falar muito não, porque eu fiquei com a Jana lá no final do primeiro ano de graduação e aí a gente ficou e logo depois foi férias e eu fui pra Nova Era, para a casa da minha família. E ela apareceu lá em janeiro, do nada, assim, eu fui para casa no final de dezembro, em janeiro, ela só me avisou “tô chegando”. E aí eu não tive como, não precisei falar nada. Quando ela chegou lá em casa, minha irmã falou “é sua namorada?” e eu falei “é”, foi assim. Meu irmão a gente não falou, mas ficou subentendido. Então ela frequentou minha casa nas vezes que eu ia pra lá, e eu fui muito. Ela era de Paula Cruz, então eu fui muito para a casa dela também, para a casa dos pais dela, da família dela. Aí, com o tempo, eu fui falando para alguns colegas, colegas próximos de diretório, que eram amigas em comum, e as do quarto eu não falei não.

(Entrevista com Kelly Silva, 24/09/2024)

* * *

Luciana Geronimo: “Eu nunca me assumi pra família, na verdade, eu nunca tentei, cheguei e falei “Mãe, sou lésbica”, não. O que acontece? Eu acho que meu pai já tinha percebido alguma coisa estranha, porque o namoradinho que eu levei lá em casa no começo,

eu acho que eu até gostava dele, e pouco depois eu passei a não gostar mais, eu não sei, eu não conseguia ficar junto dele.

O que acontecia? Ele trabalhava, então ele chegava lá em casa pra gente namorar porque namorava em casa. A gente chegava lá em casa e quando ele ia pro meu quarto dormir eu ficava na sala vendo televisão com meu pai. Aí ele falava “mas esse namoro de vocês é muito estranho de ficar dormindo aqui na sala.” então para mim começou a ser tipo assim “que ótimo que ele vai dormir”, porque eu não queria mais ali estar ali, mas eu não entendia [...] Até que a gente terminou.

Mas assim, eu nunca sentei e falei, eu acho que ele começou a perceber que alguma coisa estava errada ali. Porque naquela época você tem 16, 17 anos, você tem um fogo na bunda. Eu não tinha, porque eu não queria estar ali com ele. Então, assim, pra mim tanto faz. Só que assim, eu sempre namorei meninas masculinas. Eu nunca namorei uma menina feminina. Então, quando a pessoa, depois desse menino, que eu levei em casa foi uma sapatão masculina, a minha mãe começou a ligar uma coisa na outra, até que teve uma falação na família.

Eu levei a primeira namorada lá, só que eu nunca cheguei a falar assim “Mãe, essa aqui é fulana, minha namorada”. Não, eu levava e entendia quem queria entender. Só que aí teve uma falação na família que a Luciana virou sapatão, aí minha mãe teve uma crise, entrou em depressão. Isso minha tia que me contou, ela não conversou comigo, não me perguntou, aí essa minha tia falou com a minha mãe “você prefere que a Luciana seja sapatão, lésbica, ou você prefere ver a Luciana infeliz, morta? E ela começou a entender.

Então hoje eles sabem que eu sou lésbica, mas não pela minha boca. Eu não tive coragem de falar, porque a gente nunca sentou para falar sobre mim. Então, assim, eu não vejo porque eu tenho que sentar lá, minha mãe nunca me ensinou, minha mãe nunca conversou comigo sobre menstruação. O dia que eu fiquei menstruada ela me deu um dinheiro para comprar um gás, eu lembro disso direitinho, coloquei o dinheiro na cintura e fui para a rua brincar. Eu perdi esse dinheiro do gás e o gás acabou e eu fiquei menstruada no mesmo dia ela falou comigo assim “você só não vai levar uma coça”, porque eu apanhava muito, “você só não vai levar uma coça porque você ficou mocinha, porque senão você ia levar uma coça”. Aí ela falou “vai acontecer isso com você todo mês, aí você vai pegar o absorvente, vai abrir e colocar aqui” e essa foi a conversa dela sobre menstruação.

Então depois disso, eu não sinto a necessidade de falar nem sobre esse assunto nem outro assunto, não é corriqueiro, não tenho necessidade de sentar e fazer, porque eu nunca tive isso, então eu não sei, acho que nem sei como fazer. Também pode ser isso, porque eu não

aprendi a ser assim com ela, porque ela me ensinou a ser assim, então, na verdade, eu não tive coragem de falar e não senti necessidade de falar.

[...] Como a gente não conversou sobre o assunto, nunca teve essa pauta lá em casa, só que a minha mãe já foi muito dura com relação a isso, ela nunca chegou perto de mim e falou “você é isso”, mas teve uma vez que eu tava no quarto e ela tava na sala, e no meu segundo namoro eu namorei uma pessoa que a gente tinha umas brigas, e uma vez a gente teve uma briga muito feia. Aí essa menina estava na casa da minha mãe e eu estava no meu quarto. Minha mãe na mesa da sala da cozinha falando [...] “Olha como é que fica essa aberração que não sei o que é. Deus não criou isso não”. Assim que ela falava, ela falava de longe para mim escutar. Então assim, esse dia foi um dia que eu falei “vou sair de casa hoje, hoje eu saio daqui”. Cacei uma Kitnet no dia seguinte. Então essa fala ela usava de vez em quando para me diminuir, para me deixar triste. Essa fala ela já usou algumas vezes de longe, mas eu escutava, ela falava pra eu ouvir, mas discussão sobre o assunto não tivemos.”

Joyce Mirella: “E como foi a experiência da adolescência e início da juventude para você?” “Luciana Geronimo: “Foi uma experiência boa, só que eu não sei se naquela época se eu tivesse me assumido, eu ia ter a vida que eu tenho hoje. Às vezes se naquela época eu tivesse falado “ó, eu gosto de meninas”, poderia ser que pudessem me expulsar de casa. Eu acredito que eu me recolhi, que eu me reprimi naquela época por causa disso. Porque eu sei que se naquela época eu tivesse falado alguma coisa, eu não acho que eu estaria nessa vida que eu tenho hoje. Então foi tranquilo porque eu guardei isso para mim, se eu tivesse expressado isso não tinha sido legal, só foi legal porque eu não me revelei.”

(Entrevista com Luciana Geronimo, 30/07/2024)

Lésbicas na família, lésbicas apesar da família

Nós lésbicas enfrentamos uma série de desafios para compreender e afirmar a nossa lesbianidade. Depois que eu entrevistei essas mulheres, a cada história de vida que eu escutava e ficava dias pensativa, eu fui percebendo que um dos maiores desafios de uma lésbica é lidar com a família. Houve muitas histórias de violência familiar que me deixaram com o estômago revirado por dias.

Ao observar a forma como as mulheres entrevistadas falam sobre a relação da família com a lesbianidade delas, o silêncio é, mais uma vez, um dos marcadores centrais. “A coisa não falada”, é um marcador muito presente. A “amiga” que você leva em casa, e que todo

mundo sabe que é sua namorada e finge que não sabe. Aqui o silêncio pode ou não ser quebrado ao longo da trajetória delas, e a maioria das vezes que isso acontece é quando elas já possuem independência financeira. Mas aqui o que fica claro é: se depender de nossas famílias, a nossa lesbianidade sempre ficará no âmbito do não falado.

Na minha família, nunca houve nenhum tipo de conversa que pudesse dar alguma abertura à possibilidade da minha lesbianidade. Não se falava sobre lésbicas, não se usava essa palavra, e raramente era mencionado qualquer coisa sobre relacionamentos amorosos entre mulheres. Quando acontecia era sempre em tom de chacota, como algo ruim que não se deve ser. Isso fica evidente também nas histórias das mulheres que eu entrevistei.

Portanto, se somos lésbicas em nossas famílias, somos apesar da nossa família, que é essencialmente heterossexual. Como Sol colocou muito bem em sua fala, a ideia que se tem de família quando pensamos em nossos núcleos familiares, é uma ideia baseada na “família tradicional”. A isso se acrescenta as crenças religiosas e toda a moralidade, algo que também aparece muito nas falas.

Um outro ponto interessante que surge como marcador é a relação conflituosa das lésbicas com suas figuras maternas, justamente porque as mães têm um papel social moralizador no núcleo familiar. Então aqui, o que vemos é que a maioria das relações são atravessadas por inúmeros momentos de violência e lesbofobia das mães com suas filhas lésbicas. As entrevistas de Daniela, Sol, Giane e Luciana escancaram isso, demonstrando o quanto a régua moral de mães conservadoras acaba se tornando um grande mecanismo de violência contra suas filhas lésbicas.

Quando eu paro para analisar as entrevistas em conjunto, é possível perceber, portanto, que a relação da família com a lesbianidade das mulheres entrevistadas transita em níveis. Tem famílias que aceitam, tem famílias que aceitam em partes e tem famílias que não aceitam de jeito nenhum. Mas, independente do nível de aceitação dessas famílias, uma coisa fica clara: nenhuma delas jamais lidou com a lesbianidade como uma forma de existência possível, no sentido de falar sobre relações entre mulheres a partir de um lugar positivo. Existe um silêncio, e esse silêncio só é quebrado quando a lésbica fala.

Apesar de observar esse marcador, é fundamental ressaltar a importância das famílias que lidam melhor com a lesbianidade de suas filhas, netas e sobrinhas. Fica evidente que o acolhimento da família impacta diretamente na qualidade de vida dessas mulheres, na tranquilidade, no jeito mais leve que elas falaram sobre o assunto quando eu perguntava da família delas. Casos como o de Margareth e Monica evidenciam isso.

Observar a relação dessas mulheres com suas famílias é fundamental para compreender também a forma como elas buscaram por autonomia financeira e a forma como elas ocuparam ou não a esfera pública juiz-forana. Portanto, as bases familiares afetam diretamente nas possibilidades de afirmação da lesbianidade delas, dentro e fora de casa. E ainda que se possa ter leituras positivas através de algumas falas presentes aqui, o que vemos é que a relação das lésbicas com suas famílias ainda é atravessada por uma série de conflitos, violências e silenciamentos, afinal como aponta Giane, trata-se de uma geração “que não militou, mas levou muito na cara, numa cidade que ainda nos protege, porque a gente levava de família”²⁷

2.4 - Ter um chão e um teto: autonomia e independência como possibilidade de existência lésbica

Do que todas e todos nós precisamos para sobreviver? Em primeiro lugar, comida, depois um teto para morar, roupas para vestir, um lugar para dormir. Antes que qualquer pessoa possa ser qualquer coisa, ela precisa estar viva e ter condições dignas de sobrevivência. Comida, teto, vestimenta.

Bom, isso, independente se for mulher ou homem, é algo necessário para todo mundo, mas quem tem mais esses recursos? Quem tem mais dinheiro? Mais bens? Mais poder econômico e social, que consequentemente traz comida, roupa, teto? Os homens. Ainda que, nas últimas décadas, tenhamos observado uma série de mudanças positivas a respeito de direitos e conquistas das mulheres, é incontestável que os homens ainda possuem um poder estrutural que as mulheres não têm. Esse poder, como demonstra Adrienne Rich (2019), tem sido utilizado como um dos mecanismos de coerção e dominação masculina sobre as mulheres.

Quando pensamos em experiências femininas de lesbianidade, essa relação de poder e dominação se complexifica. Como os mecanismos de dominação masculina afetam mulheres que fogem da heterossexualidade? Ou melhor: quais são as estratégias utilizadas pelas mulheres lésbicas para escaparem da heterossexualidade? Isso levando em conta que vivemos em uma sociedade capitalista e patriarcal, cujas bases das relações sociais estão firmadas na heterossexualidade.

As mulheres lésbicas passam por todo um processo de silenciamento, de não terem

²⁷Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024.

acesso às palavras, termos, conceitos humanos e positivos sobre suas experiências. Passam por diversos conflitos em suas relações familiares, mas ainda assim elas conseguem enfrentar todos esses obstáculos e se afirmarem lésbicas. Assim como ao longo de toda a história tivemos mulheres que fizeram isso, todas as minhas entrevistadas também passaram por esse processo. Analisando os marcadores sociais presentes em suas histórias eu percebi que a questão da autonomia financeira é um ponto fundamental, uma estratégia crucial, e um aspecto que precisa ser colocado em evidência.

Todas as minhas entrevistadas alegam que a independência financeira delas foi fundamental para que elas pudessem viver a lesbianidade delas com plenitude e dignidade. Obviamente que isso não é apenas um marcador de sexualidade, aqui temos complexidades em torno da questão de classe social, mas vejo que a independência financeira afeta as lésbicas em um ponto específico. Aqui ela aparece como um ponto chave para pensar na possibilidade de uma vida lésbica.

Você acha que ter independência financeira te deu mais autonomia para viver sua lesbianidade?

Camila Roseno: “Eu tenho uma história de assumir minha sexualidade que ela é dolorosa, porque é um processo da independência financeira, junto com outras coisas. Para me assumir como lésbica eu precisei passar por muitas situações, então eu tive que correr atrás de fazer uma faculdade, arrumar uma profissão, sair de casa etc.”

[...] A minha vida adulta ela é pautada pela minha sexualidade. Ou seja, eu preciso ter um emprego. Quando eu tô ali me descobrindo no terceiro ano do ensino médio e que eu sofro essas violências na escola, que meu nome tá pichado em banheiro, piadas, grupo de Orkut com comunidade da escola, alguém fazendo fake e falando sobre mim, sobre minha minha namorada, sobre a gente, eu quase desisto de estudar, na verdade eu pensei em desistir da vida mesmo, pensei em morte muitas vezes, pensei em suicídio diversas vezes.

Mas eu tinha uma coisa assim na minha cabeça que era a ideia que “eu só vou conseguir ser eu se eu conseguir pagar as minhas contas, ponto”! Se eu consigo pagar minhas contas, porque era aquela coisa assim do tipo “ó você fica calada porque quem banca sua vida sou eu”. Então a independência financeira na vida adulta ela era pautada por sair do armário, eu consigo sair do armário se eu pago minhas contas. Como eu falei para você, hoje eu sou a

filha que ajuda a família, eu me tornei arrimo de família depois que meu pai morreu. Depois que meu pai morreu, quem vai sustentar as pontas da casa sou eu, então a independência financeira era meu horizonte.

Tem uma transição mais cultural, mais de sociabilidade, assim, consumo de algumas drogas sabe do tipo assim “a, eu quero consumir isso, eu quero experimentar isso, eu quero fumar maconha, cheirar pó, fazer isso, tomar um doce para poder me tornar uma mulher mais adulta, jovem adulta, ir para festa ir pra uma rave, sei lá o quê; Experiências sexuais também, ficar com mais de duas pessoas, fazer uma menage, tinha e essas coisas.

Mas o que marca no sentido de trabalho, na verdade assim, nem de trabalho, acho que é de objetivo de vida, o que que eu quero para poder viver bem, era isso, a afirmação da lesbianidade a partir da minha independência financeira. Quando eu entro no curso de História, necessariamente eu não sabia que eu ia me tornar professora. Eu entro para o curso de História querendo ser historiadora, numa perspectiva muito ainda romântica do profissional de história, acho que você sabe muito bem, que é um profissional de gabinete que tá escrevendo história de vida, como a gente tá aqui nesse momento, e é ótimo, excelente a vida dos pesquisadores se a gente tivesse financeiramente condições para poder ser pesquisador e trabalhar anos uma pesquisa, perfeito.

Mas eu descubro que eu vou ser professora da educação básica, e aí foi um momento meio estranho, meio ruim, porque eu não queria ser professora [...] Então quando eu termino o curso de História eu já consegui emprego, antes de terminar o curso de História eu já tinha estágios remunerados, eu já tinha bolsa, então eu já consegui me bancar, bancar meu corre do dia, minha passagem de ônibus, minha comida, minha roupa, minha festa.

Então quando eu termino a graduação eu já consigo emprego de carteira assinada, eu já consigo passar numa seleção pública e aí eu já consigo bancar, tanto que eu falei para você que eu passei três anos fora da academia, fora da universidade mesmo sendo considerada pelos professores uma aluna excepcional, uma pesquisadora potencial. Eles ficavam assim o tempo todo reclamando “como é que Camila não tá no mestrado? Porque que você não foi pra faculdade? Vai fazer um mestrado”. Mas eu precisava Joyce, passar 3 anos dando condições de viver numa casa onde tem a geladeira que comprei, o fogão que eu comprei, a cama que eu comprei, viajar porque eu tô pagando.

Então, por mais que eu não falasse para os meus pais, não tivesse aberto e que eu não tivesse nem contato com os pais ou a família de uma namorada, mas assim eu podia estar numa festa beijando minha namorada que eu não ia ser repreendida por ninguém, e se eu fosse eu ia dizer “foda-se, vá se fuder”. É tanto que eu persisti, por exemplo, em passar em seleções

públicas ou concurso para não ter que estar o tempo inteiro bajulando ou performando a heteronormatividade para poder estar num emprego.

Eu queria tá sempre livre disso, então a independência até mesmo no emprego era uma busca pra mim. Até passar num concurso era algo tipo assim, crucial, porque eu passei no concurso pelo mérito do conhecimento e não porque eu bajulei fulano ou ciclano que me deu emprego e eu tô aqui com medo de vestir tal roupa e ser demitida, ou então tá na rua com alguém ser vista namorando ou beijando na boca, ou postar uma foto no instagram, e no facebook na época e a pessoa falar assim “ó, é sapatão, demite ela porque ela vai ser mau exemplo”. Então eu sempre tive esse processo da vida adulta, da afirmação da lesbianidade através da independência financeira na vida adulta.

(Entrevista com Camila Roseno, 21/10/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você se lembra do seu primeiro emprego? Conta um pouco como foi”.
Sol Schiavon: “Excluindo a casa da minha tia, cuidando dos últimos meses de vida da minha prima, que foi o que aconteceu quando eu saí de casa da roça. Excluindo isso, eu diria que foi o período mais difícil da minha vida, que envolve aquilo que eu falei antes sobre “deixa a vaga para outra pessoa, você tem um nome conhecido na cidade, você tem uma aparência”.

A busca pelo primeiro emprego foi um desafio muito grande, eu só queria trabalhar, eu só queria achar uma casa onde tivesse uma família que me aceitasse para trabalhar. Foi muito difícil, demorou muito para eu conseguir, passei muito aperto. Aí, depois que eu consegui esse emprego, sofri agressão sexual, aquela coisa de você tá trabalhando numa casa, o seu patrão te acha bonita, mas você é só a empregada, então eu posso passar a mão na sua bunda. Posso vir por trás, passar a mão nos seus peitos, posso entrar no seu quarto à noite e achar que você vai transar comigo porque eu sou seu patrão, você precisa do emprego, passei por tudo isso. De acordar assustada, virar a mão e acertar na cara de alguém e era o patrão querendo fazer sexo. Passei por isso. Aí você levanta, pega suas coisas e vai embora. Para onde Exatamente? Passei por isso.

Aí você fica um dia na casa de um parente, um dia na casa do outro parente, até você não achar que está incomodando. Outra hora a própria pessoa te dá aquele olhar tipo “até que dia você vai ficar? Porque sei lá, né? Tanta coisa”. Eu não tive muito acolhimento familiar,

nesse sentido. Até conseguir uma outra casa para trabalhar e para morar trabalhando, eu passei por isso quase 2 anos, quase 2 longos anos. Aí, nesse meio tempo, aquela energia da juventude que eu falei antes, da adolescência. Quando você luta muito pela sua liberdade, você luta com as armas que você tem, e se você é uma adolescente de 17 anos sem informação nenhuma, até os riscos que você corre são as armas que você está usando.

Então, quando você conhece alguém que te olha, seja lá como for, só dessa pessoa olhar para você já é um amparo. Aí, quando você conhece uma outra lésbica que te olha com preocupação, é um mega amparo! A minha professora de História foi essa pessoa. Outras meninas que me levaram para o futebol que eu conheci na balada, porque apesar de todos os problemas, eu sei que eu vou amanhecer o dia, mas eu não sei como eu vou terminar, mas eu consigo ir para balada porque eu quero muito, porque ela me mantém viva, porque ela me mantém inserida no movimento que eu busco. Não sei qual é, ainda não achei exatamente, mas eu sei que é por aqui.

E ali você vai conhecendo as pessoas e elas vão te amparando como elas podem, porque elas também têm algum tipo de desamparo. Elas também não podem levar aquela amiga pra casa, porque a casa também não é delas, é da família. Então a gente meio que vai se amparando e esse amparo passa a ser a sua tábua de salvação, assim você se mantém viva. Eu me mantive viva na pirraça durante esses quase 2 anos, de 1983 a 1985. E a música, o movimento, o me manter em movimento, nem que seja andando, passando o dia inteiro andando pela rua, pensando no que fazer, fez toda diferença. Não sentei ali e chorei o meu dia, não tive esse tempo. Precisava estar em movimento.

Teve uma noite que eu guardo ela comigo, porque ela me é muito útil até hoje, quando eu estou em algum momento de decisão difícil, então eu vou lá nessa noite, eu olho o que eu estava fazendo ali e vejo se ali tem uma saída. A minha prima tinha morrido porque eu saí da casa dos meus pais, fui para a casa da minha tia para cuidar da minha prima e a minha irmã foi um pouco depois, e ela ficou e eu tive que sair. Mesmo que eu quisesse estar lá, tipo assim, vocês me buscaram para cuidar dela e então eu vou ficar aqui para isso, mas ela morreu e eu não tinha mais a função que me tirou de casa para fazer. E o meu tio não queria eu e minha irmã na casa deles porque não tinha trabalho para as duas.

Eu assumi a responsabilidade de deixar ela e sair, aquele instinto protetor. “Eu acho que eu consigo lidar melhor com a situação do que você”, e fui embora. Amanhecia na casa de um, anoitecia na casa de outro parente. Aí teve um dia que eu estava menstruada, eu não tinha dinheiro para comprar absorvente e eu não tinha mais coragem, não me vinha à mente um lugar que eu pudesse entrar na casa de alguém e pedir para trocar o absorvente, pedir para

ir ao banheiro. Eu andei a noite inteira pensando em como fazer isso, vi o dia clarear, pensando onde que eu poderia ir sem que isso me fosse um problema.

Eu meio que recortei essa noite de todas as lembranças e coloquei ela aqui, porque foi uma das noites mais desafiadoras da minha vida. Você está naquele dia de fluxo intenso de menstruação e você não vai sentar porque você vai se sujar, então você se mantém em movimento, você vê a noite inteirinha passando, você vê tudo o que acontece nas ruas onde você está passando e o que não acontece. Ainda bem que Ubá era uma cidade muito tranquila nessa época, não tinha problema nenhum nisso, e não me senti em risco. E a fome? E a sede? Mas eu não podia voltar, não podia voltar atrás na decisão tomada, ela implicava toda uma vida.

Ninguém na minha casa sabe disso, não é necessário. É uma das coisas que me trouxe até aqui. Lembra que eu falei antes que o alicerce é oculto e não é bonito? Essa é uma das partes deste alicerce. Por isso que eu me dou ao direito de poder tudo que eu quiser, percorri milhas e milhas antes, e tenho muito orgulho disso, não lamento!” (Nessa hora ficamos quase um minuto em silêncio, chorando...).

“Mas você é muito bonita para estar na minha casa”. Eu não queria ouvir isso, eu tinha pavor de ouvir isso, me incomodava demais. “Nossa, com esses olhos tão lindos, você está com dificuldade de encontrar um trabalho? Um homem bonito para você casar?” Casar era a solução. Eu não queria ouvir isso de jeito nenhum, eu não queria um homem, um gosto e um olhar. Como você acha que é a autoestima de uma pessoa que tem isso? É muito difícil, é muito difícil lidar com o julgamento. Parece que eu tenho 150 anos.

Não dou direito às pessoas de falarem muitas coisas não é porque eu sou arrogante, um dia desses eu estava falando para uma amiga aquela frase que é um bordão que fala assim “se de repente eu me comportar como se eu não precisasse de ninguém, me desculpe, porque a maior parte, as partes mais importantes da minha vida, eu caminhei sozinha. Nas partes mais importantes da minha vida eu estive caminhando sozinha.” Aí eu vou complementar com uma frase da Clarice Lispector: “se você se sentir obrigado a me entender e a me respeitar, faça isso, por favor, porque até eu tive que me entender e me respeitar.”

E porque eu não vou compartilhar isso com as pessoas? É mimimi? É autopiedade? Se você vê assim, paciência, mas se você acha que isso pode servir de referência para ajudar alguém, que bom, porque a intenção é essa. Por isso que eu acho tão importante eu olhar pra você e falar “pode contar comigo”, eu sei do que eu tô falando. Eu não estou falando exatamente desse momento, eu estou falando de N momentos que podem acontecer, porque

apesar de toda facilidade que o mundo traz agora, ele cobra muito também e com muita pressa.

(Entrevista com Maria da Consolação Schiavon, 05/02/2024).

* * *

Joyce Mirella: “Você acha que foi importante ter uma casa sua e um teto seu para você viver sua lesbianidade, ter sua liberdade? Você sentiu alguma diferença?” Daniele Zancanella: “Então, total! Você poder andar em todos os cômodos da casa e poder ser você, poder cozinhar com a pessoa que você ama, poder tomar um banho com a pessoa que você ama, poder dormir e acordar sem ninguém bater na porta se alguém passar. É uma liberdade, é um respirar e faz muita diferença.

Quando você não tem uma opção, não tem como, não tem o que fazer, você lida com o que você tem, mas podendo, isso aí eu acho que é para qualquer um né? Vamos assim dizer. Você está me perguntando de uma forma muito específica, eu estou falando de mim, mas eu acho que é liberdade para o ser humano e dignidade, acho que é digno cada um ter o seu próprio canto, querer viver da forma que você bem entender.

(Entrevista com Daniele Zancanella, 25/07/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Como que foi para você o impacto de ter sua própria casa?” Margareth Trigo: “Foi muito bom, porque a gente tem a casa da gente, e na época, durante muito tempo, minha mãe morou comigo, era um espaço muito bom, um espaço de paz. Sabe aquela coisa você tá em casa, tá de boa? Muito tranquilo, ninguém enchia o saco da gente. A gente brincava muito, falava “você não manda em mim, eu não mando em você e tá tudo ótimo”. É muito bom a gente ter um lugar para chamar de seu, que você sinta que é seu”.

Joyce Mirella: “E você acha que ter a sua própria casa em um momento que você teve a estabilidade financeira que o seu emprego te deu, você acha que isso contribuiu para que você pudesse viver de forma mais plena sua lesbianidade?” Margareth Trigo: “Claro, eu acho que a primeira coisa no mundo capitalista manda quem tem dinheiro. Se você é bancada por alguém, a sua liberdade está cerceada pelo o que ele quer pagar para você. Seja seu pai, seja sua companheira, seja seu irmão. Enfim, a partir do momento que você adquire sua independência financeira, você fala “eu vou sair”, “não vai”, “vou porque o dinheiro é meu, o carro é meu, vou sim, você não está pagando nada para mim” Então, infelizmente na nossa sociedade esse é o preponderante, é você ter a sua vida, você ser dona da sua vida.

Minha mãe criou a gente muito independente [...] Ela sempre foi uma pessoa muito independente, mas muito carinhosa, muito acolhedora de dar beijinho, dar um abraço, dar presente, foi uma mãe presente, mas não foi aquela coisa de abafar. Então, essa independência da minha mãe, eu também sempre valorizei muito. Então é você ter você, ser dona da sua vida do ponto de vista financeiro e criar sua própria independência, isso é fundamental para qualquer coisa. Para você ficar sozinha e para você namorar alguém, eu acho que é fundamental.”

(Entrevista com Margareth Trigo, 19/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Essa questão da moradia é um marcador também na experiência das mulheres lésbicas. Quando a gente sai da casa dos nossos pais para morar em outro lugar. Então eu quero te perguntar, como foi isso para você? A diferença que você sentiu? Você acha que conseguiu viver mais plenamente a sua lesbianidade quando você foi morar com a sua companheira?” Lilian Pacce: “Com certeza [...] Como eu já falei para você antes era uma coisa não falada. Então, em determinado momento, eu optei por não levar meus amigos, minhas amigas, minhas namoradas na casa dos meus pais. Quando a gente vai morar juntas, eu e a Fabíola, agora é a sua casa, então você tem a liberdade de convidar quem você quer, então isso aí já é um marcador, como você diz, muito importante.

E acho que tem muitas outras coisas pequenas de você se sentir mais à vontade mesmo para viver isso, você pode viver isso mais plenamente, muito mais horas do dia, muito mais

dias da semana. Então, com certeza faz toda a diferença essa saída, porque eu, desde muito jovem, já tinha um lugar fora de casa. Assim que eu me formei, tenho uns amigos que tem uma casa ali e tal. Aí você paga, você tem um quarto. É uma coisa que é da minha trajetória, isso também tem a ver com o fato de que eu não levava essas pessoas para casa dos meus pais. Então era bom para mim ter esse lugar, um lugar onde eu dormia com minhas namoradas, um lugar que eu saía e podia chegar a hora que eu quisesse, virar a noite na rua, essas coisas você faz. Eu já tinha essa experiência.

Então com a Fabíola a gente já tinha uma casa, a gente já tinha um apartamento, mas não tinha aquela coisa ainda, porque eu não tava querendo deixar minha mãe sozinha, essa coisa da mulher também, né? A mulher tem esse lugar na sociedade de ter que estar cuidando do outro, da outra, do pai, da mãe, do não sei quem, do filho da filha. Aí quando a gente vai morar junto, claro que tudo muda, porque aquilo ali é a minha casa, meu lugar.

(Entrevista com Lilian Pacce, 11/06/2024)

* * *

Daniela Auad: “É a primeira vez na minha vida que não sei como será março, abril, junho. Quando eu tiver 52 anos, o que eu estarei fazendo então? Mas é o privilégio de você saber que você vai ter emprego, você vai ter casa. Veja, a gente se dá ao luxo de não saber pra onde vai quando a gente tem muito chão pra pisar e bastante teto na cabeça. Nosso básico está resolvido, entende? Então é um privilégio mesmo. Sim, eu vou ficar parada aqui igual a Hannah Arendt, e aí depois eu vejo. Primeira vez na minha vida que “depois eu vejo isso”, é bom também, isso é ótimo também.”

(Entrevista com Daniela Auad, 01/10/2024)

* * *

Sara Abreu: “Eu fui trabalhar em uma academia de ginástica e aí tinha uma menina lá

que ficava me atentando, aí um dia a gente começou a ficar. A mãe dela foi lá na hora que eu fazia estágio na academia de ginástica e um dia chegou lá brigando comigo. A mãe dela era evangélica e falou um negócio do sermão de não sei o quê lá. Aí o moço que trabalhava lá falou para o dono da academia e o dono da academia me chamou. Foi na época da faculdade ainda, aí ele falou assim “olha, eu tô sabendo disso, disso e disso, coisa complicada, né?” Porque era um ambiente ali de musculação e a mãe dela chegou gritando aquela coisa, “mas assim vê se vocês não se encontram no mesmo horário”. Eu falei “olha, tá no meu trabalho, vou respeitar o que você quer, não preciso encontrar com ela no horário”

Aí um dia ela foi lá só falar tchau no meu horário, a menina que eu estava namorando. Aí ele viu e me chamou e falou assim “não dá, não dá mais pra você ficar aqui”. Aí eu pensei até em processar, na época, mas aí eu pensei em várias questões, e tem minha família, minha família não sabe, dá medo, né? Tipo assim, depois ninguém vai me aceitar pra trabalhar porque se hoje em dia ainda têm preconceito, imagina em quantos anos, era 2006. Então, naquela época era assim, a gente tinha essas questões, a gente tinha que se esconder para a sociedade.

[...] Depois eu 9 anos nessa outra academia, trabalhando lá. Todo mundo sabia de mim, minha namorada malhava lá. Então, assim, foi um ambiente bem tranquilo com relação a isso, um ambiente bem legal para mim, não tive problema em ser lésbica nesse ambiente. Claro que eu já sofri a questão de ser mulher. Você tá numa musculação, num ambiente assim, que é muito masculinizado. Eu peguei a turma de professor que eram só professores grandes, homens musculosos que trabalhavam lá. Aí chega uma menina, uma mulher magrinha ainda, crescendo no conhecimento que eu tinha.

Eu comecei lá fazendo estágio, não tinha terminado a faculdade e depois que eu me formei. Então, assim, você tem aquele preconceito, “eu não vou fazer ficha com ela não, porque ela é mulher”. Então eu sofri esse preconceito. A questão de ser lésbica, não me lembro de ter sofrido, não, mas por ser mulher, eu sofri muito preconceito. Então a gente tem que batalhar mais do que pessoas comuns, a gente tem que batalhar pelo respeito. Mas isso é em todos os lugares, no meu trabalho também tenho questões por ser mulher também. Hoje em dia, então, é em tudo quanto é lugar. Então, eu sofri mesmo, tem isso certinho de “a, eu não faço ficha com ela porque ela é mulher, ela não sabe. Aí, depois de uns anos trabalhando, “faço ficha com ela, porque ela sabe”. Então, depois você passa a ser respeitada, mas aí você tem que manter e fazer um esforço três vezes maior para você ser respeitada.

[...] Teve também a questão do trabalho, de você ser lésbica e as pessoas acharem que

você tem que fazer bacanal. O cara falava direto coisas assim tipo “deixa eu ver você e sua namorada transando e eu vou ficar de mão amarrada, não vou tocar em vocês”. Então no trabalho eu tive essa questão também, as pessoas chegavam para mim e achava que por eu ser lésbica, eu tinha que ficar com outras pessoas e levar uma vida sexual tipo desenfreada. Não é desenfreada, não é isso, mas achando que eles podiam me chamar para fazer coisas. Não, gente, o meu relacionamento é sério, não é bagunça, a gente sofre muito isso.

O cara faz piadinha, estou eu e minha namorada, o cara faz a piadinha, fala da minha namorada. Se fosse um casal hétero, eu homem e ela mulher e o cara fizesse piadinha com a minha namorada, ia dar muito ruim. Mas isso é muito comum até na amizade. O homem hétero, amigo nosso fala isso, fala “mas a namorada gostosa fala isso pra namorada do seu amigo, não fala?” Então, a mulher lésbica tem esse problema também, além de ser mulher, de ter que passar por cima do preconceito de ser mulher, tem que passar por cima do preconceito de ser lésbica. Eu passei muito isso no trabalho.”

Joyce Mirella: “E você acha que ter o seu trabalho, ter a sua renda contribuiu para que você pudesse viver sua lesbianidade de forma mais plena?” Sara Abreu: “Sim, com certeza. Nossa, com certeza, muita, muita, muita, muita diferença. Até porque você se sente mais segura, eu acho que é muito isso, você se sente segura. Não que minha situação financeira estivesse estável porque profissional de educação física trabalhando em academia de ginástica não é estável. Tem meses que você não ganha nada de personal, tem meses que você ganha bem, não é bem pago, na musculação não é bem pago, você não tem aquele salário maravilhoso aqui em Juiz de Fora [...] Mas assim, eu tinha o meu dinheiro, eu tinha o meu carrinho. Então eu tinha minhas condições e me tornei mais segura.

A faculdade também me ajudou a ser mais segura na vida também, na profissional e na vida afetiva. Porque eu acho que teve essa mudança da universidade também, de você sair do colinho da mamãe, do papai e você se virar e se tornar um pouco mais segura. Você tem que se virar, eu não estava mais com a minha irmã para me dar o apoio, porque a minha irmã sempre foi caruda.

Então é sim muito importante você ter seu dinheiro [...] Não tô falando do status que você não precisa estar ganhando 100 mil reais, mas você ter o seu dinheiro é diferente. Quando a pessoa não tem o próprio dinheiro, você se sente mais impotente, não que seja uma potência enorme, mas tô afim de comer um negócio ali eu como. Então você acaba ficando mais segura de si e isso leva e desencadeia outras coisas também. Você fica segura em outras coisas, na relação com o outro, na relação amorosa, na relação com a família. Agora eu tenho

meu dinheiro, vou fazer o que eu quero, eu que pago minhas contas, vou ficar com quem eu quero. Então, realmente, isso influencia demais.

(Entrevista com Sara Abreu, 23/08/2024)

* * *

Samira Abreu: Chegou o final de 2013, e eu já queria me separar já tinha um tempo. E aí, o que eu fiz? Eu vi que tinha um concurso para Ubatuba e aí eu comecei a estudar para o concurso, passei e fui embora para Ubatuba em 2014, e aí no meio do ano eu me separei, porque ele ficou em São Paulo e eu em Ubatuba. Ele ia e voltava final de semana e aí eu me separei, foi bem estratégico para sair fora [...] Foi muito bom, a separação foi ótima, maravilhosa, foi um peso que eu tirei da minha vida.

Chegar numa cidade que eu não conhecia ninguém e ter que começar tudo de novo, em relação à amizade foi um pouquinho difícil no começo, mas eu logo já tinha amigos. E é muito bom você chegar numa cidade que ninguém te conhece, você pode ser você e eu acho que isso tem muito a ver com as minhas decisões, com os meus posicionamentos. Estar numa cidade que ninguém me conhecia, que eu estava lá e eu poderia ser eu, longe da minha família, de todo o histórico familiar de questões que a minha família acha certo ou errado. E aí acho que tem muito a ver eu ter me permitido seguir o que eu queria, o que eu estava com vontade, porque eu estava lá e sem ter ninguém ali que eu tivesse que dar algum tipo de satisfação, eu podia ser eu. Para mim foi um momento muito bom”.

Joyce Mirella: “E você acha que essa estabilidade financeira e o fato de você ir morar sozinha te deu mais autonomia para você viver sua lesbianidade?” Samira Abreu: “Com certeza, é muito importante. Eu vejo muito isso em todas as nossas escolhas de vida, seja escolhas ou orientações, o que você quiser fazer da sua vida. Eu acho que é fundamental a nossa capacidade de se sustentar, autonomia é tudo, foi fundamental para mim, porque eu sabia que a minha vida dependia de mim, eu tinha o controle sobre a minha vida, sobre o que eu queria para mim. Eu sabia até onde eu poderia ir com o salário de concursado, eu sabia o quanto que eu podia e foi muito importante para que eu pudesse falar “não, agora isso aqui é uma escolha minha, eu vou viver desse jeito”.

Quando eu estava lá, eu morava no apartamento que é do meu pai, aí quando aconteceu essa questão que eu fiquei com uma menina e tava namorando, eles queriam que eu voltasse para Juiz de Fora e aí eu falei “não, não vou voltar, eu vou continuar aqui”. E aí eu saí do apartamento do meu pai para ir morar no meu apartamento. Então foi importante por causa disso, porque se eu não tivesse um trabalho, eu não teria como me bancar ali e ficar, aí o que eu ia fazer? Eu ia embora ou sei lá, me virar lá, mas foi muito importante para que eu pudesse tomar essa decisão de bancar o que eu queria no momento.

(Entrevista com Samira Abreu, 15/08/2024)

* * *

Kelly Silva: “Viçosa não é uma cidade grande, mas uma cidade com uma diversidade muito grande de pessoas. Fui morar em alojamento e convivi com pessoas de diferentes experiências, eu morava num quarto com mais 3 meninas, elas não eram lésbicas. Então eu tive muito cuidado com isso, tanto que eu namorei 4 anos, durante a graduação inteira. Elas só descobriram depois que eu formei que eu contei, elas não faziam ideia. Elas achavam que a minha namorada era minha amiga mesmo. Por medo mesmo delas ficarem com receio de alguma coisa e isso me prejudicar no alojamento, de não ter onde morar, porque eu dependia da universidade. Foi um momento de descoberta a graduação.

Joyce Mirella: “Você acha que a partir do momento que você teve mais estabilidade financeira, isso fez diferença para você viver a sua lesbianidade?” Kelly Silva: “Faz! Fez e faz, né? Tanto que hoje, por exemplo, uma aluna veio me falar que se reconhece como lésbica e perguntou o que que ela fazia. Eu falei “forma e tenha a sua estabilidade financeira e depois faça o que você quiser”. Essa é a minha orientação, porque o conflito interno é grande né? Mas sem dúvida que a estabilidade financeira te permite viver a sua vida da forma que você imagina e deseja.

Porque, por exemplo, eu morava em alojamento, tinha bolsa, eu tive muito cuidado de não perder essa vaga no alojamento, não falar com as minhas colegas de quarto naquele período, tomar todo o cuidado, evitar. A gente morava num quarto com um banheiro único e

eu evitava, elas entravam no banheiro quando eu tava tomando banho, porque a convivência cotidiana de anos. Eu evitava trocar de roupa na frente delas, evitava quando elas estavam trocando de roupa, ficar no mesmo espaço para não ter julgamentos, caso acontecesse delas descobrirem. Como se fosse assim, o medo de descobrir, como se eu estivesse fazendo algo de errado. Mas até a gente saber qual é a reação do outro é complexo, então eu evitei muito nesse período de falar com elas qualquer coisa a respeito [...] A estabilidade financeira é no sentido de que se você não tiver onde ficar, se você não tiver o que fazer, você tem, financeiramente, condições de se cuidar.

(Entrevista com Kelly Silva, 24/09/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você acha que ter a sua própria renda te deu mais autonomia para viver a sua lesbianidade?” Sonia Ribeiro: “Sem dúvida, sem dúvida! Porque sempre foi assim, eu ouvia sempre essa frase: “seja responsável pelos seus atos, arque totalmente com eles”, e assim eu levei com ferro e fogo na minha vida. É porque quando você tem o seu dinheiro, a sua independência, você tem o respeito pelas pessoas e as pessoas também te respeitam, que você é um ser trabalhador. Você é uma pessoa que paga suas contas, essas coisas simples, mas que faz a pessoa se tornar grande e responsável.”

(Entrevista com Sonia Ribeiro, 18/11/2025)

* * *

Joyce Mirella: “Você acha que ter a sua própria renda te deu mais autonomia para viver a sua lesbianidade?” Giane Chaves: “Com certeza, sem ela naquele momento eu teria mais dificuldade de me assumir lésbica. O fato de saber que eu tinha um espaço seguro mudou completamente a minha forma de agir. Eu já era muito assim, todo mundo já sabia que

eu era lésbica, porque eu sempre abria a boca, falava “aquela ali é minha namorada”, “aquela ali é a minha esposa”, mas primeiro eu sondava o espaço. Hoje não, hoje eu sou praticamente uma bandeira. E sempre foi natural meu, principalmente depois que eu entrei aqui na universidade, de estar falando assim “vamos levantar a bandeira para quem não pode”.

Eu comecei a me entender já nesse espaço de chegar nos lugares, e eu sempre fui de andar de mão dada, sempre fui de beijar em lugares públicos. Aí tem gente que ainda me questiona e fala assim “nossa, mas você beija perto de crianças?” Eu falei assim “os pais não se beijam?”. Não preciso fazer uma cena, mas eu não vou deixar de abraçar a minha companheira, eu não vou deixar de segurar na mão dela por conta disso, a gente tem os mesmos direitos, então eu vou exercer os meus direitos como casal. E sempre tentei fazer isso, em todos os espaços que eu ocupo.

(Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024)

* * *

Joyce: você acha que ter a sua própria renda te deu mais autonomia para você viver sua lesbianidade? Luciana Geronimo: “Com certeza, porque se eu não tivesse estudado, estivesse morando com a minha mãe até hoje eu ia ser muito infeliz porque eu ia ter que ter um relacionamento hétero, ter uma família, ter um monte de filho para ela ser feliz. Porque eu precisaria dela, então eu tendo estudado e tendo meu próprio dinheiro fez toda a diferença, eu não sou refém de ninguém, sou refém de mim mesma.

Hoje em dia claro que eu não coloco bandeira de lésbica, de homossexual de fora do meu estúdio, porque os meus clientes aqui nem todo mundo aceita, eles me respeitam, mas eles não podem não aceitar e falar “não vou treinar não, porque a Luciana é lésbica e vai ficar dando em cima de mim lá”. Tem gente que pode pensar “a minha mulher não vai treinar com Luciana não, porque ela vai ficar dando em cima da minha mulher”. Porque tem mulher que vem pra cá e fala comigo assim “aqui treina homem?” Aí eu falo que não e ela fala “porque meu marido não vai deixar treinar se tiver homem”.

Então, eu não bato no peito no meu local de trabalho, porque eu preciso trabalhar, mas

eu acho que a maioria deles sabe, algumas pessoas novatas não sabem, mas se alguém me pergunta alguma coisa, pergunta sobre a Jéssica eu respondo, eu não desvio o assunto, eu respondo. Eu não falo que sou casada com uma mulher, se a pessoa me perguntar, eu respondo, mas eu não fico assim, “atravessou a Luciana Sapatão, casada com uma Jessica”, não tem necessidade. Se a pessoa me perguntou, ela quer saber, então ela vai ter a resposta dela, mas tem coisa que eu evito por causa disso, porque eu sei que ainda tem muito preconceito.

[...] Uma vez eu comecei a trabalhar numa academia feminina e o meu medo era as pessoas descobrirem que eu era sapatão e não me deixar trabalhar na academia porque era uma academia feminina. O meu medo era acharem que porque eu sou sapatão eu ia dar em cima de todas as meninas. Então, quando eu vim trabalhar aqui em Benfica, nessa academia, eu escondi o meu relacionamento.

Aí me chamavam pra ir na festa da academia eu sempre inventava alguma coisa. Eu namorava na época e eu falei que ela se chamava Vinícius. Aí tinha uma menina que trabalhava comigo e uma vez ela me chamou pra ir na casa dela e perguntou se eu não ia levar o Vinícius e eu falei “não, o Vinícius não vai poder ir não, porque ele tá de segurança numa festa”. Aí eu cheguei lá sozinha, ela falou comigo “eu sei que você não namora Vinícius, sei que você namora uma mulher, porque você não fala a verdade?” Aí eu fiquei toda sem graça.

Sabe porque eu falava assim? Porque a dona da academia era evangélica e eu tinha medo das pessoas acharem que eu ia confundir as coisas, até porque era uma academia feminina, iam falar, sei lá, “ela veio pra cá só porque só tem mulher.” Então, eu tinha muito medo disso e ficava meio que camuflada. Tanto que depois que eu já terminei a relação com essa pessoa, eu comecei a namorar uma outra pessoa e algumas pessoas da academia já começaram a virar a cara para mim. Aí eu já não sei se é porque a menina tinha uma idade bem menor do que a minha ou se é porque eu era sapatão, ou se era as duas coisas.

Nesse período todo mundo ficou sabendo a verdade [...] Depois eu comecei a escutar um burburinho, uma falação, aí eu resolvi sair da academia. Só que aí eu já tinha o meu espaço pessoal. Então já que todo mundo ia ficar com falação, com piadinha eu não quis. Saí da academia e fiquei trabalhando só no meu estúdio, mas eu sempre tive muito esse medo das pessoas confundirem. Eu tinha medo de perder a amizade de menina se ela soubesse que eu era sapatão [...] Então eu sempre escondi muito das pessoas por medo de elas não me aceitarem no meu trabalho, eu sempre tive medo, porque a gente sabe que isso existe, né? Existe, por mais que uma pessoa não vá ligar, mas isso é uma coisa que existe

[...] Eu não vou andar em Benfica de mão dada, por exemplo, porque igual eu te falei do meu trabalho, eu trabalho aqui, e eu trabalho com pessoas que não são obrigadas a aceitar, são obrigadas a me respeitar. Elas não são obrigadas a falar comigo assim “que ótimo”, eu só quero respeito. A pessoa pode vir treinar aqui, ela pode não gostar da minha opção, qualquer coisa que seja, então eu não ando de mão dada, principalmente aqui em Benfica.

[...] Joyce Mirella: “Então você comprou uma casa?” Luciana Geronimo: “Eu aproveitei que eu tive a oportunidade de conseguir essa casa e fui [...] Eu não vou te falar assim “eu sempre sonhei com uma casa”. Não, nem sempre sonhei, porque como eu não tenho e nunca pretendi ter filhos, para mim qualquer lugar eu moraria, não sou pessoa que fica assim “ai tem que ter isso”, eu sou muito básica.

Só que depois que eu fui morar numa casa maior, lógico que você vai gostando das coisas. Aí que foi quando eu falei assim “eu acho que eu vou querer agora ter uma casa minha”, porque é uma coisa que todo mundo ficava falando “você vai pagar aluguel para sempre? Mesmo que você não tenha filhos, não tem problema”. Aí eu resolvi começar a pensar nisso, e quando eu comecei a pensar nisso eu consegui.

Não era uma coisa que eu ficava assim “eu tenho que juntar o dinheiro”, eu poderia ter feito isso mais nova se eu tivesse tido uma educação financeira, coisa que eu não tive. Eu teria guardado um dinheirinho desde aquela época e hoje eu estaria tranquila, porque quando eu morava com os meus pais, o dinheiro era só para mim, eu não pagava nada, meu pai nunca me deixou pagar nada. Só que hoje eu não tenho nada assim já feito por causa disso, nunca tive essa educação, então gastava o dinheiro todo, tudo o que eu recebia eu gastava com sapato, com roupa, com isso, com aquilo e foi assim.

Então se eu tivesse pensado nisso, se fosse uma coisa que eu quisesse muito, eu tinha guardado o dinheiro e tinha feito. Eu sempre trabalhei, só que eu não tinha essa vontade de ter casa, diferente de hoje, hoje eu já tenho, mas não é uma coisa que eu sonhei há muitos anos, não”. Joyce Mirella: “E não é uma coisa que a gente é ensinada a querer. A gente é ensinada aquela coisa de que você vai casar e aí você vai ter uma casa que o seu marido vai comprar. Então o lugar que a gente ocupa sendo lésbicas não estamos nem lá nem cá, porque a gente não casa com um homem, mas também não é educada para ter uma educação financeira e pensar nisso”. Luciana Geronimo: “A gente é educada para morar com macho, o cara que vai sustentar a gente”.

Para as lésbicas, muito chão e muito teto

“A gente se dá ao luxo de não saber pra onde vai quando a gente tem muito chão pra pisar e bastante teto na cabeça.” (Daniela Auad)

A independência financeira é fundamental para todas as pessoas, todo mundo merece dignidade, merece ter uma vida confortável, ter um chão e um teto para chamar de seu. Quando se trata de lésbicas, o significado de ter um chão e um teto muitas vezes é também a fronteira entre poder ou não poder existir lésbica. Isso fica claro, por exemplo, na fala de Luciana, quando ela diz que se não tivesse estudado e trabalhado, que se ela dependesse da mãe dela, ela seria infeliz, ela teria se casado com um homem e se enchido de filhos.

Outro relato emblemático que retrata isso é o relato de Sol Schiavon sobre a noite em que ela estava menstruada, não tinha para onde ir e não conseguia imaginar onde poderia pedir para ir ao banheiro. Essa passagem da entrevista com Sol foi uma das que mais me emocionou em toda a minha trajetória de entrevistas. Eu chorei muito no dia, ouvindo pela primeira vez, e chorei de novo todas as vezes que li ou ouvi de novo. A decisão tomada por Sol implicava toda uma vida, e que vida é essa? Uma vida lésbica, não ceder à pressão do casamento, não ceder a todas as vezes que tentam nos convencer que o nosso destino é a heterossexualidade, que o nosso lugar é ser propriedade de um homem, que a nossa função é estar constantemente sujeitas ao olhar masculino.

A história de Sol revela as nuances mais complexas, profundas, sutis e violentas da pressão que a sociedade impõe sobre uma mulher para certificar que ela siga o script heterossexual. Aqui a aparência, a beleza física é mencionada como um aspecto, que diante dos olhos alheios, só serve para o olhar masculino. “Você é tão bonita, como não arrumou um marido?” É como se o seu próprio corpo, os seus olhos, a sua pele, não te pertencessem de fato, como se a sua existência fosse pautada em tornar-se a mulher de um homem. As mulheres lésbicas vão justamente na contramão disso, daí é possível compreender porquê Sol tinha pavor de ser chamada de “bonita demais para esta função”.

Uma mulher bonita não deve trabalhar, ter sua própria renda, sua autonomia. O lugar dessa mulher é dentro de um casamento onde o homem poderá usufruir de toda a sua vitalidade. Para ser lésbica nesse mundo, portanto, é preciso enfrentar, assim como Sol

enfrentou, todas as barreiras impostas para nós que nos dizem dia após dia que não temos direito sobre nosso próprio corpo.

Eu nunca vou me esquecer dessa história que Sol contou, da coragem que ela teve para manter firme a decisão de ter uma vida com autonomia, de não abrir mão da sua integridade e não ceder a pressão que todos em torno dela exerceu para que ela ficasse no lugar social reservado às mulheres. E assim como ela volta nessa noite sempre que precisa tomar uma decisão, eu também penso em sua história quando passo por alguma situação desafiadora em minha vida.

Essa é uma das potências em se ter referências positivas sobre a lesbianidade, e com isso eu consigo entender quando ela diz “por isso que eu acho tão importante eu olhar pra você e falar “pode contar comigo”.” Eu pude contar com a Sol como referência, e ter essa referência impactou muito a minha vida. Sei que qualquer mulher lésbica que ler essa história também será impactada, e cada pessoa que tiver essa referência, também poderá contar um pouco com a Sol.

Além do relato de Luciana e Sol, quando paramos para analisar as entrevistas em conjunto, fica evidente o impacto que a independência financeira tem na vida de uma lésbica, pois como diz Daniela, nós só podemos nos dar ao luxo de não saber para onde vamos, quando temos muito chão sobre os nossos pés, e muito teto sobre as nossas cabeças. Quando somos lésbicas, precisamos construir cada centímetro desse chão e desse teto, porque um chão lésbico e um teto lésbico só pode ser construído pelas mãos de uma mulher lésbica.

2.5 - Para além dos silêncios: lésbicas ocupando a esfera pública em Juiz de Fora

O final dos anos 90 e as primeiras décadas dos anos 2000 foi cenário de um processo histórico de ocupação da esfera pública juizforana pela comunidade LGBT. Esse processo pode ser explicado por uma série de elementos que permeavam a sociedade juizforana naquela época, como por exemplo, a forte atuação do Movimento homossexual na cidade, a esferiscência dos lugares de sociabilidade e também a assinatura da histórica Lei Rosa.

Diante desse contexto, quando nos deparamos sobre as produções de conhecimento a respeito desse processo, não conseguimos encontrar a participação das lésbicas, ou o impacto que esse processo teve, especificamente, na vida das mulheres lésbicas. Elas estiveram lá, ocuparam aquele espaço ao lado dos homens gays, contudo, suas histórias não foram contadas, suas contribuições não foram levadas em conta.

Essa lacuna faz parte do processo histórico de apagamento das ações de mulheres lésbicas, que seguem sendo negligenciadas dentro dos movimentos sociais. Por isso, cabe perguntar: como as mulheres lésbicas viveram o processo de ocupação da esfera pública de Juiz de Fora? Como elas atuaram? Como isso impactou na vida delas, sobretudo, especificamente a partir da experiência delas não somente como homossexuais, mas também como mulheres?

Lésbicas no MGM

Joyce Mirella: “Como você conheceu o MGM?” Monica Carvalho: “Então, eu conheci o MGM, foi uma casualidade. A gente tinha um vereador aqui em Juiz de Fora chamado Paulo Rogério, criador da Lei Rosa. O Paulo Rogério ia ter o lançamento da candidatura dele, ia ter uma feijoada no Real Grandeza. Eu tinha uma professora chamada Marta que era amiga do Paulo Rogério e Marta me convidou para ajudar e participar, e eu fui como voluntária.

Chegando lá estava o Osvaldo Braga, ele e o Marcos Trajano, que eram um casal e eram os presidentes do MGM e eles estavam envolvidos porque logo ali na frente ia ser lançada a Lei Rosa e eles iam colocar para votação em Juiz de Fora. E aí naquele momento que eu cheguei pra falar alguma coisa, o Osvaldo chega e vira pra mim “ô Monica eu tô precisando de cheiro verde, acabou o cheiro verde e a gente precisa pra feijoada, você consegue pedir alguém pra ver se acha?” A gente estava na Avenida 7, aí ele com o dinheiro na mão falei “me dá que eu mesma vou resolver isso, não vou pedir ninguém não. Sai que sai doida e voltei com o cheiro verde.

Acabou que naquele movimento eles me chamaram, os dois falaram “olha, a gente ficou impressionado com a sua proatividade, a sua determinação, aquela sua ação de você mesma ir atrás de cebolinha, é uma mulher assim que eu preciso no MGM, vem trabalhar com a gente”. E daí eu fui pro MGM, por causa de uma cebolinha, um cheiro verde. Aí eu passei 5 anos no MGM, e foi a época do boom do MGM.”²⁸

Joyce Mirella: “Em sua trajetória no MGM, como você via a diversidade racial e de classe dentro daquele ambiente, tinha diversidade?” Monica Carvalho: “Basicamente, o MGM tinha suas portas abertas para o acolhimento principalmente de gays. E aí não dependia se era branco, preto, isso não tinha a menor distinção lá dentro. Só depois, com a minha chegada,

²⁸Entrevista realizada com Monica Mello de Carvalho em 12/07/2023.

isso mudou um pouco, aí as mulheres também começaram a vir, mas basicamente a história era dos gays, apenas homens.

E não tinha essa questão lá, a gente tinha um dentista que trabalhava com a gente, a gente tinha um desempregado que trabalhava com a gente, a gente tinha um dono de um bufê caríssimo na cidade que trabalhava com a gente. Então, tinha todo tipo de classe social e também de raça, o que tinha era a questão das mulheres.” Joyce Mirella: “Então quando você chegou, não tinha mulheres e depois que você entrou lá começou a ter mais? Monica Carvalho: “Devia ter pingado, gato pingado, você sabe que onde tem gay tem mulher, tinha, mas não era como quando eu cheguei. Quando eu cheguei, mudou, e a gente começou a fazer coisas voltadas para o público feminino. A gente começou a criar alguns eventos e foi chamando as mulheres, então começou daí”.

Joyce Mirella: “Você tinha um cargo no MGM, então qual era a sua função lá dentro?” Monica Carvalho: “Secretária, era assim que eu me identificava, não tinha diretora, tinha o presidente Marcos Trajano, o Oswaldo vice tesoureiro, e eu assinava na ata como secretária. Mas quando tinha, por exemplo, os congressos, eu era a representante lésbica de Minas Gerais. Eu já fui pra Brasília participar de um congresso e lá eu fui apresentada como representante do movimento lésbico de Minas Gerais”.

Joyce Mirella: “E você acha que o MGM levava em consideração a pauta das mulheres lésbicas dentro daquilo que eles se propunham a fazer como um movimento social?” Monica Carvalho: “Não, muito pouco se falava, muito pouco se fazia alguma coisa por aquelas mulheres, tanto é que eu, antes de entrar pro MGM, eu não reconhecia nada que viesse deles diretamente ligado pras mulheres, eu não reconhecia. Mas assim, tinha uma boa vontade da parte deles das coisas acontecerem, se a gente encontrasse um Trajano, um Oswaldo Braga resistente às mulheres, talvez a gente não tivesse conseguido mostrar tanto como a gente se mostrou [...] Eles eram muito abertos, mas fazia pouco vindo deles diretamente, muito pouco”.

Joyce Mirella: “Então você acha que isso mudou depois que você entrou lá?” Monica Carvalho: “Sim, mudou com certeza, com certeza! Joyce Mirella: “Você falou que chegou a ter alguns eventos, o que que foi feito nesse sentido, pensando nas mulheres?” Monica Carvalho: “A gente tinha psicólogo lá, que era o Tote, que hoje é falecido. Tote era hétero e era nosso voluntário, então a gente abriu vagas, dias de terapia pra mulheres. Antes das terapias eles faziam uma palestra, um bate papo com todo mundo junto, e a gente fazia dinâmicas pras mulheres se sentirem pertencentes àquele lugar.

A gente tinha festas, eventos onde a gente fazia só pra mulheres, que não entravam, homens de jeito nenhum, porque muitas delas ficavam assim “mas eu não sei, eu não tenho pra onde ir, não tenho coragem, eu tenho vergonha de ir no tal lugar, encontrar alguém”. E ali não, ali ela sabia que ela podia ir, que ela podia ficar à vontade, podia ser quem ela era, que dali não ia sair. Então a gente promovia esse tipo de coisa.

E aí teve bastante na Rainbow Fest, tinha momentos específicos que eram falas para mulheres, que eram convidadas mulheres de outros lugares que vinham para falar especificamente para as mulheres. Então tinha essa coisa também de trazer para falar para as lésbicas. Na Rainbow Fest teve vários momentos onde a gente conseguiu trazer mulheres para falar [...] Elas falavam de tudo, principalmente da saúde, de cuidados, da aceitação de família, da violência, tudo que envolvia naquele momento, naquela época”.

Joyce Mirella: “E você acha que o MGM mudou alguma coisa na sua vida?” Monica Carvalho: “Mudou muita coisa, mudou tudo. A consciência política que eu tenho, a consciência de entender, porque é muito fácil o outro que tá de fora falar “você tem que se assumir” e não é por aí, nem todo mundo consegue, nem todo mundo pode, nem todo mundo tem força pra se assumir. E eu só fui entender isso no MGM, com o MGM, quando as pessoas chegavam lá sofrendo e chorando porque foram colocadas pra fora de casa. As atitudes que algumas pessoas tinham e a gente só vai entender quando a gente percebe que a gente precisa se colocar no lugar do outro.

[...] Então, isso tudo o MGM me proporcionou, se não fosse o MGM, talvez eu não tivesse tido acesso a esse movimento, eu ficaria ali, só nos meus barzinhos, nas minhas pegações e acabou. E o MGM me expandiu, o MGM me deu visibilidade, não visibilidade das pessoas me conhecerem, mas eu conheci pessoas importantes, pessoas que tinham alguma coisa que pudessem me ensinar”.

(Entrevista com Monica Carvalho, 08/10/2024)

* * *

Margareth Trigo: “Em 2000 por aí eu tive um relacionamento bem longo. Comecei a namorar uma pessoa que tinha essa coisa de miss gay, de ser bem assumida e ela conhecia os meninos também. Então, um dia nós conversando, ia ter um Rainbow Fest, 2000, 2001 por aí.

E nunca tinha tido nada lésbico, as barracas eram sempre daqui. Eu falei “nós vamos fazer uma barraca”, e fizemos.

Os meninos acharam ótimo e foi um sucesso, se chamou “Delas”. Essa barraca era a minha e da Celina, minha mãe foi para lá também e foi o ponto, porque era a única barraca do MGM no Rainbow Fest, que era ali na Praça Antônio Carlos, a única barraca que era de pessoas do movimento LGBT. O resto eram aqueles barraqueiros que compram e que vão para tudo quanto é lugar, então a barraca bombou e foi muito legal.

Depois dali os meninos do MGM tiveram que entregar essa sede aqui e fizeram uma sede lá na São Sebastião, lá embaixo, e eles propuseram a gente fazer o bar do MGM, nós duas bancamos e fizemos durante um tempo, mas foi uma experiência que não deu certo, porque a Celina trabalhava, eu também trabalhava e os meninos eram muito dispersos, eles não tinham muita responsabilidade com tipo “olha, nós estamos trabalhando, tem que ter alguém para receber a cerveja”. Então foi uma coisa que não deu certo, dali para frente não mantivemos tanto contato, mas nós tivemos uns 4 anos de muita convivência com o MGM.

Fizemos um grupo uma vez de debate lá, os meninos fizeram tipo rodas de conversa de lésbicas, eu até apresentei um tema lá, era bem legal, mas eles eram muito dispersos e não tinha ninguém. Tinha uma menina lá que, teoricamente, cordenaria a coisa lésbica, mas eles não tinham essa visão, era realmente o movimento gay [...] Tanto que foi diminuindo porque eles sempre foram muito centralizadores, o MGM era deles, eles eram diretor, presidente, secretário, tesoureiro, não abriam para outras pessoas chegarem. O Marquinhos morreu e o Oswaldo até hoje está lá”.

Joyce Mirella: “E você acha que o MGM levava em consideração as pautas e as necessidades das mulheres lésbicas?” Margareth Trigo: “Nunca! Nunca levou. A gente teve até debates, eu tive alguns debates com o Osvaldo nesse sentido. O Osvaldo um dia chegou a falar para mim que a questão da homofobia no Brasil era o maior problema do país. Falei, “meu querido, num país onde as pessoas morrem de fome, não tem saúde, você vai dizer que a homofobia é o maior problema do Brasil? Deixa de ser míope, você não tá vendo? Você está vendo um universo com lente de aumento? Não é assim, a nossa inserção não se dá dessa forma”.

E eles tinham uma visão essencialmente masculina da coisa e não tinham interesse. Eu te falo porque eu e a Celina fizemos um projeto, bancamos uma coisa, e no ano seguinte a gente queria fazer a barraca de novo, mas foi tanta desestrutura que a gente desistiu. Não ganhamos dinheiro não, mas foi muito legal e eles nem aí.”

Joyce Mirella: “Você falou que o movimento deles tinha muito mais essa pegada de festa, de questão social do que atuação política. Margareth Trigo: “O Marquinho, por ser sociólogo, ele gostava de palestras, mas tudo no final acabava em festa. Eles poderiam, se tivesse sido uma entidade realmente aberta, se eles não sentissem que eles eram donos do MGM. O MGM surgiu num momento muito bom, tinha acabado de sair a Lei Rosa, Juiz de Fora borbuhlava no final dos anos 90 e início dos anos 2000 quando surgiu o MGM. Se eles tivessem tido uma proposta realmente de abrir e não de centralizar, eu acho que teria tido muitos frutos”.

Joyce Mirella: “Você falou que teve roda de conversa das lésbicas”. Margareth Trigo: “Isso foi uma coisa que eu não me lembro com certeza, eu sei que já era no MGM lá de baixo, e como a gente frequentava, eu ia em todas as reuniões que tinha. A Celina às vezes não ia porque ela trabalhava, saía do serviço mais tarde, mas eu ia. A gente acabou se encontrando lá e um dia eles pediram pra eu falar, e nós fizemos com algumas mulheres, com essa menina que eu não lembro quem é, que era teoricamente responsável. Aí teve umas 3 ou 4 e o público era a comunidade em geral, sempre com muito mais homens que mulheres, mesmo para falar de temática lésbica. Mas foi isso, morreu por inanição”.

Joyce Mirella: “E você acha, Margareth, que a existência do MGM mudou alguma coisa na sua vida?” Margareth Trigo: “Mudou porque eu tive a oportunidade de ter uma convivência com uma entidade organizada e me fez ter muito mais contato com os gays, com os viados que eu não tinha, eu sempre convivi muito mais no ambiente lésbico. Mas do ponto de vista da atuação deles, não. Foi legal pra mim a convivência social, mas politicamente eles eram muito fracos”.

(Entrevista com Margareth Trigo, 19/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você acha que a existência do MGM mudou alguma coisa na sua vida como lésbica aqui em Juiz de Fora?” Luciana Geronimo: “Mudou a relação, o tamanho da aceitação, pelas palestras que eles davam, sabe? Foi muito interessante, porque não é que eles fazem você se aceitar, eles fazem você se olhar de outra forma, que você não é um erro, que

você não tem problema, que você não é um bicho de sete cabeças. Então, sim, foi muito importante, foi muito importante pro meu crescimento.”

Joyce Mirella: “E você se sentia acolhida lá dentro?” Luciana Geronimo: “Sim, super, porque lá era um ambiente que você podia ser você, lá você não tentava se esconder de ninguém, todo mundo que tava lá tava na mesma vibe, queria a mesma coisa, um entendia o outro. Então era muito bom e faz muita falta hoje.”

(Entrevista com Luciana Geronimo, 30/07/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você acha que a existência do MGM mudou alguma coisa na sua vida como lésbica aqui em Juiz de Fora?” Lilian Pacce: “Sim, mudou, porque eles foram essa força motriz que levou a Sociedade de Juiz de Fora para esse caminho naquele momento. Mudou, com certeza, eles davam esse momento catártico festivo, de celebração para gente, uma vez no ano, pelo menos na Parada Gay, fora tudo o que eles faziam como ativistas mesmo. Então, com certeza mudou muito.”

Joyce Mirella: “E nessas vezes que você foi lá, você se sentiu acolhida como lésbica?” Lilian Pacce: “Não, eu não estava lá, também não estava muito preocupada com isso, porque eu já tinha essa visão de que era um ativismo muito voltado para o homem gay, tinha um sectarismo ali. Eu acho que até pode ser uma coisa da época, eu acho que isso ainda existe hoje, existem muitos homens e mulheres gays que não gostam da convivência com o outro. O viado que não gosta de sapatão e a sapatão que não gosta de viado, isso era muito na época.”

Joyce Mirella: “Você falou assim que sabe que tinha mulheres lésbicas no MGM, tinha um grupo específico lá dentro?” Lilian Pacce: “Durante um tempo, sim, mas foi por muito pouco tempo, ele foi entre 2000 e 2005, que eu fiquei sabendo que teve, mas assim era uma coisa muito, muito apagada, não era algo que era falado, algo que aparece na narrativa oficial do MGM. Eu não me lembro, pode ter tido, mas eu não me lembro de ter tido um beijo lésbico lá em cima, na hora de abrir a parada, ou então na hora que chegava ali, eu não me lembro disso, era invisibilizado.”

(Entrevista com Lilian Pacce, 11/06/2024)

* * *

Joyce Mirella: “O que o MGM representou para você?” Daniele Zancanella: “Olha, eu acho que o MGM, para mim, eu não sei se ele teve tanta representação, tanta representatividade, mas para quem estava ali dentro, eu acredito que foi uma uma ajuda de alguém olhando para o outro alguém, independente daquele alguém ser o que é. Às vezes era um gay negro que tinha uma discriminação por ser gay, o outro era só por ser negro, o outro era para ser gordo, a outra por ser lésbica, e ali acolhia. Eram um movimento de acolhimento, eles tentavam fazer isso “vem para cá e se sinta à vontade aqui, aqui você pode ser o que você é”. Então, você podia sair daquela cápsula um pouquinho, era ali que eles acolhiam.

Às vezes eu via pessoas que eram tão infelizes, meninas na época que eram tão infelizes e eu consegui ver sorrisos delas ali dentro, de olhar para um outro e falar “eu tô num ambiente que me aceita, que me acolhe, eu posso ser quem eu quiser”. Então a representatividade dele para Juiz de Fora, eu acho que não só para Juiz de Fora, porque tinha redondezas que vinham para cá também, acho que foi essencial. É uma pena hoje não ter mais esses movimentos, está tão apagado. Até porque eu acho que a própria sociedade deu uma afastada, uma excluída dessas pessoas, excluíram umas das outras. E as pessoas estão assim, sem empatia, egoístas, pensando cada vez mais nelas, não pensando no outro, revidando, toma lá, dá cá”.

Joyce Mirella: “Você acha que o movimento LGBT está muito individual?” Daniele Zancanella: “Acredito que sim, eu não vejo mais um grupo de pessoas, até porque eu acho que hoje você não tem mais que se proteger, antigamente você tinha que se proteger. Então, tendo que se proteger, você não se protege sozinha, você sempre está rodeada de pessoas e quando um vem e te acusa, todas vão à sua defesa. Hoje não tem mais isso, tem lei que te protege, eu acho que até a cabeça dos pais, alguns acredito que ainda não, mas estão mais abertas também para aceitação e para o diálogo”.

(Entrevista com Daniele Zancanella, 25/07/2024)

Lésbicas na parada gay

Joyce Mirella: “E você frequentava as paradas gays todas? Como foi esse evento para você?” Monica Carvalho: Então, eu comecei a participar quando eu me envolvi no movimento. A primeira Parada Gay de Juiz de Fora, que foi a top mesmo, eu tenho esse orgulho de falar que eu estava na organização, principalmente na parte das mulheres. A gente teve um trio elétrico só para as mulheres, teve um envolvimento só das mulheres, uma verba só para as mulheres vinda do Ministério da Saúde.

Depois disso eu frequentei várias paradas de São Paulo. A primeira parada de São Paulo eu estive, A primeira parada do Rio de Janeiro eu estive, a primeira parada de Belo Horizonte eu estive. E depois eu estive em várias outras. Hoje eu moro em São Paulo e de vez em quando a gente vai quando tem [...] Mas eu vou hoje como telespectadora, antes não, antes eu estava no envolvimento mesmo, na organização.”

Joyce Mirella: “Então, quando você se envolveu com o movimento aqui, você ficou nesse circuito também, e consequentemente, se envolveu também com Rio, São Paulo, Belo Horizonte?” Monica Carvalho: “Os meninos lá do MGM, o Trajano e o Oswaldo, eles tinham uma coisa nacional. Então eles tinham contato com todos os presidentes de todas as ONGs do Brasil. Não era só de Salvador, era de todas.

Então tinham muitas reuniões que eles se encontravam e aí com isso, quando houve as primeiras, não foi uma coisa exclusiva, foi uma união de todo mundo, porque como foi a primeira parada pra todo mundo, foi pegando conhecimento um pouquinho de cada um pra organizar uma coisa grande, como foi a primeira parada de São Paulo, e da Parada de São Paulo, a gente conseguiu organizar a Parada de Juiz de Fora e assim foi sucessivamente. Então todo mundo conhecia todo mundo no meio, porque tinha congresso. Aí veio Rainbow Fest e trazia gente do mundo inteiro, não era só do Brasil. Vinham todos os caciques das suas cidades que eram do movimento, então a gente conhecia todo mundo.

[...] E aí eu criei na parada gay um trio elétrico só de lésbicas e todas que eu conhecia na cidade, as que eu não conhecia, que eu via lá na parada, eu botava pra cima do trio elétrico, foi maravilhoso. Família, minha mãe, minha prima, minha tia, as famílias que apoiavam as lésbicas, tudo em cima do trio elétrico”.

(Entrevista com Monica Carvalho, 08/10/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Quando você tocou como DJ oficial da parada gay, depois teve outras DJS mulheres tocando, ou antes disso?” Sol Schiavon: “Com toda certeza não tiveram, e sabe por que? Porque somos mulheres. Porque somos lésbicas, porque, como eu ouvi de um DJ auxiliar lá, “tem mulher demais nesse barato, isso aqui é uma parada gay”. Então, quando você faz uma análise e começa contextualizar a cena como um todo, você percebe que sim, ela é recortada, sistematicamente retalhada. E isso é feito com muito cuidado, porque algumas cenas não são para ser repetidas.

Outra coisa que eu tive a meu favor é que eu tocava numa boate gay onde os gays gostavam muito do meu set. Eu não toquei na Parada Gay, protagonizei a Parada Gay porque era a vez de uma lésbica ter esse espaço, é porque eu agradava muito eles. A Sol é uma DJ gay, eles amavam o meu set, e por isso eu merecia estar na parada deles. Me sinto muito orgulhosa por isso? Sim. Que bom que eu consegui agradá-los, mas se eu ainda fosse aquela lésbica que estivesse lá puxando os fiapinhos para querer falar “gente, o que que nós vamos fazer para a mulherada aqui?” “Poxa, nossa Sol para de encher o saco”. Seria mais ou menos isso.”

Joyce Mirella: “Quando você estava lá em cima tocando, você olhava para as pessoas que estavam compondo aquele evento. Você tinha muitas lésbicas também ou eram mais gays? E em relação a diversidade, você acha que tinha mais também? Pessoas negras? Pessoas brancas? Como era isso nesse evento, na Parada Gay?” Sol Schiavon: “Eu acho que é um pouco arriscado a gente medir isso, porque a sociedade faz com a Parada gay igual faz com as escolas de samba. O ano inteiro você tá lá fazendo o seu movimento lá no seu quadrado fechado e não tá aqui fora incomodando e atrapalhando, mas hoje é o grande dia, você vai por um trio elétrico na rua. Eu não sou viado, não sou sapatão, ou no caso do carnaval, não sou preto, mas isso é muito bom, eu quero estar lá no barulho, na festa, entendeu? Eu quero me divertir, tô nem aí se isso é gay, branco, preto, pobre ou rico. Tem um trio tocando uma música muito boa lá na rua? Tem. E aí eu vou para lá. Porque? Porque tá muito bom, porque tá divertido.

E eu tive um momento na parada, mágico, que eu estava tocando uma música da Rihanna que todo mundo curti muito e o meu remix dessa música era muito bom. Eu tirei a batida, tirei o som, porque alguém mandou eu olhar lá para baixo, “chega aqui na beirada e vem olhar”. Tava todo mundo cantando. Viado sabe as músicas de viado de cor, então a

viadagem estava toda lá no entorno cantando a música. Eu fui, tirei o som do trio e fiz assim, eu arrepio de lembrar. Todo mundo veio junto, entendeu? Tinha muito gay, tinha muita lésbica e tinha muito hétero, muito pobre. Eu não diria que tinha muito rico, que não dá pra falar, mas porque é mais fácil você reconhecer uma imagem proletária, tinha muita gente.

Agora aquela voz cantando uma música da Rihanna é claro que era viado. Se fosse uma música da Vanessa da Mata, por exemplo, seria sapatão, com toda certeza, da Isabella Taviani, da Milena, seria sapatão, seria a gente cantando, sabendo as letras de cór. Ia ter muita voz também, com toda certeza, porque é o dia que todo mundo vai pra rua. A cidade inteira vai pra rua, para o pavor das igrejas, para o pavor das senhorinhas conservadoras, porque as netas delas estão lá com o namorado ou com a namorada.

Nesse dia, para você ver como que o “todos juntos” tem força, na Parada Gay aquela pessoa que o ano inteiro tem o cuidado de não andar de mão dada com a namorada nos lugares para não correr o risco de ser pega e ser vista, ela se mistura com todo mundo, abraça e beija a namorada a parada inteira, porque ali ela tem a sensação que ninguém está vendo, porque ali ela é igual. O viado a mesma coisa, só que a lésbica nesse momento ela se solta mais, porque o viado ele não tá dentro de casa, ele não tá na vista daqueles que ele quer preservar, ele sempre dá o jeito dele de aparecer entre os seus, ele tem mais espaço para isso. A lésbica não, ela sempre tem menos espaço, porque ela, além de mulher, ela é lésbica, além de ser lésbica, ela é mulher. Aí ela se mistura no meio, eu sempre reparei isso, ela se mistura, ela se funde na multidão, e ali ela se sente tranquila, ali ela pode abraçar, beijar, mostrar que tá tudo muito bom.”

(Entrevista com Maria da Consolação Schiavon, 05/02/2024)

* * *

Giane Chaves: “A partir do momento que eu pude estar no trio e ver a quantidade de pessoas que participava de forma orgânica da parada gay, porque naquela época não tinha essa coisa de propaganda, era muito boca a boca. As pessoas estavam na rua e de repente aparecia um trio e ia acompanhando. A gente lá em cima do trio era muito simbólico estar ali, você conversar e algumas pessoas olhavam e falavam, porque para algumas pessoas aquilo foi o

lugar de destaque pela primeira vez, de você estar ali em cima e as pessoas estarem dando tchau para você e te enxergando como alguém do movimento.

Tinham pessoas que falavam assim “o que aquela hétero tá fazendo ali? O que é aquele hétero tá fazendo ali?” Porque eles não enxergavam os gays daquela forma, porque era muito aquela coisa que o pessoal brinca do viado pão com ovo afeminado, a sapatão, caminhoneira, e de repente eles verem outros estereótipos. Teve muita gente que se descobriu ali, teve muita gente que falou assim, “nossa, é uma pessoa igual a mim”, só que ela tem uma orientação sexual e tá ali se assumindo e começava a se questionar também.

E era um espaço de paquera, nossa, a quantidade de gente que beijou a primeira vez debaixo da bandeira LGBT era incrível. Às vezes a pessoa só tinha coragem, porque era uma bandeira gigantesca, e aí às vezes os meus amigos assim, “vamos lá comigo, eu vou beijar debaixo da bandeira”, e beijava debaixo da bandeira, em local público. Era a primeira vez, porque não era a meia noite, não era 5 horas da manhã, porque a gente era noturno, a nossa vida era noturna. Mas você estava no meio da Rio Branco, beijando no meio do Parque Halfeld e você entrava e saía da bandeira se divertindo e tomando aquele espaço. Simbolicamente, foi muito forte.

[...] Eu tive uma experiência há pouco tempo disso, porque de novo a bandeira sumiu, né? Aí, ano passado, no Carnaval, a bandeira voltou. Não sei quem que tava com a bandeira e eu não sei se é a mesma bandeira, mas tinha uma bandeira LGBT no meio da Getúlio Vargas. Eu chorei, eu chorei. Aí a pessoa que estava do meu lado, da geração mais nova, não estava entendendo o que estava acontecendo, ela falou assim “porque você tá tão emocionada?” Eu falei assim “a gente tá de novo no espaço público”, por conta da questão de eleição, por conta do medo, do conservadorismo. Então, para mim foi muito forte, e eu pensei assim “a gente tá no carnaval, não é mais a parada, não é mais só aquele 18 de agosto”.

A gente estava ali presente e eu estava feliz porque era o espaço por mim tomado, porque era a minha Getúlio Vargas. Eu pegava ônibus ali, e eram pessoas pretas, porque no primeiro momento, dentro do Musik, dentro até da própria Stand Up, eram muitas pessoas brancas, dentro da universidade eram pessoas brancas, então o movimento LGBTQIA + era só branco. E agora não, eu tô voltando a ver de novo às pessoas pretas lutando, LGBTs pretas que já tem outras pautas que já têm outros questionamentos e que estão agora na militância mesmo, ou pelo menos sendo ativistas, tomando esses espaços importantes, o espaço público do bairro, do ponto de ônibus, dos lugares onde às vezes a gente não podia entrar.

[...] Você não tem noção do que era segurar na mão do seu namoradinho, eu vi vários amigos meus e assim “vamos, vamos tomar esse espaço” no meio da bandeira assim

escondido, mas dentro daquele espaço, dentro da rua, dentro de onde não se podia imaginar que podia ter um gay ou uma lésbica. E de repente você tá ali, foi muito importante. Por isso que eu falo assim, eu tenho todas as ressalvas com relação a determinados movimentos, do próprio MGM, mas que ele trouxe muita visibilidade, que ele salvou muitas vidas, porque tinham amigos meus, que era ou se assumir ou se matar. Eu tenho vários amigos que a família era de pastores evangélicos, aí você imagina há 20 anos atrás como que era você ser gay ou lésbica com a mãe, pastora ou pai pastor ou dentro de uma família evangélica tradicional? Hoje já é difícil, imagina naquela época? Então o MGM foi sim um espaço muito simbólico”.

(Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você frequentava as paradas gays? Como era esse evento para você?”
 Daniele Zancanella: “Sempre frequentei, sempre foi uma representatividade muito forte para mim, e eu sempre fiz questão de estar e me fazer presente ali. Sempre fiz questão, porque era o meu dia, eu me sentia representada ali, ali eu podia fazer o que eu quisesse fazer, ali eu poderia andar com a roupa que eu quisesse, com a cor que eu quisesse. Não que eu não possa hoje, não que eu não possa qualquer dia, mas ali quem estava de fora estava vindo, eu não estava indo para ambiente de ninguém, as pessoas que estavam indo para o nosso ambiente, essa era a diferença. Então ali eu podia beijar, eu podia estar em cima do trio, cantando, gritando, chorando, fazendo o que eu tinha necessidade de fazer naquele momento”.

(Entrevista com Daniele Zancanella, 25/07/2024)

* * *

Lilian Pacce: “A parada gay era o evento mais esperado do ano, porque era muito bom, porque pensa bem, se você tá ali, você tá ali entre os seus iguais, seus pares ou pessoas que estão ali com o mesmo propósito que você, e é muito bom você estar num lugar assim.

Então eu ia em todas as paradas e eu já era jornalista há muitos anos, já chefiava e a gente fazia uma cobertura muito ampla [...] A parada era muito maravilhosa, porque além da parada tinha os outros eventos na Praça Antônio Carlos que eram vários dias ainda. Acho que mudou muito, era muito maravilhoso, era muito bom, as lembranças que eu tenho são muito boas, são excelentes, por conta desse ativismo, dessa cultura que se fez na cidade, com a Lei Rosa, que foi pioneira.

[...] Naquela época a sociedade não estava igual hoje, que tem uma ideologia toda contra você. Ao contrário, a gente estava vivendo a onda da liberdade, a onda das pessoas poderem se reconhecer gays, se entenderem como pessoas como outras quaisquer na sociedade, que isso não diferenciava em nada [...] É claro que agora a gente sabe que as pessoas estavam em bando, isso sim, não estavam aceitando porra nenhuma. E agora elas estão assim, é o refluxo da onda que é a sociedade, é assim que caminha mesmo.

E acabou que foi um momento também que elas tiveram que ficar mais quietas, né? Que não tinha nada que as apoiasse [...] Esse momento foi muito rico, porque teve muita gente também que, ao contrário dessas pessoas, nunca teve problema nenhum com isso. E elas ajudaram essa onda crescer, essa onda a ter toda a frutificação que teve na sociedade e tudo. Então o que a gente está vendo é essa guinada, não à direita, mas à extrema direita no mundo inteiro e no Brasil. O risco de um bolsonarista se eleger agora na próxima eleição presidencial é muito grande, e o risco da gente ter uma enxurrada de gente de extrema direita e de direita nas prefeituras é enorme demais.

Mas a gente estava vivendo um momento ao contrário, veio a abertura política, veio a abertura de costumes e tudo, e estava todo mundo vivendo a sua vida. Então, a Parada Gay foi muito importante, muito, muitíssimo. O ativismo do MGM foi sempre um ativismo, na minha opinião sectarista, apenas voltado para os homens gays, mas foi muito importante, foram muito importantes.

Tivemos na época uma prefeitura interessante, Juiz de Fora foi pioneira em muitas das políticas de saúde contra o HIV, de acolhimento, muito em função do ativismo do MGM, e nosso também como jornalistas, a gente estava ali no maior jornal da cidade, a gente tinha posição. Eu tinha e as pessoas que trabalhavam comigo que foi a minha maior parceira profissional, uma mulher hétero, cis, hétero, a gente conseguiu fazer muitas coisas e dar muito, muito destaque para isso, numa época que o Tribuna era o veículo de informação da cidade. Isso é uma coisa que me alegra muito.

[...] A Parada Gay de Juiz de Fora era uma das maiores do Brasil, então era muito bom participar. Foi muito bom participar desse momento, muito bom mesmo [...] Lotava muito,

com todo mundo, todo tipo de gente, de todo lugar da cidade, de todas as idades, todas as referências, de todas as orientações, era todo mundo ali curtindo”.

Joyce Mirella: “Você acha que tinha mais gays?” Lilian Pacce: “Tinha de tudo, mas eu vejo que as lésbicas eram mais recolhidas sempre, porque o homem gay, é aquela coisa, a gente já é mulher, já tá num patamar diferente na sociedade e ainda vai ser gay? Desce mais uma escadinha. O homem gay também está num patamar abaixo do homem hétero cis, mas ele é homem, eles foram criados com muito menos amarras que a gente sendo hétero, bi, cis, trans, o que for, eles sempre foram criados sem medo. Então eles estão sempre na história porque eram os homens que apareciam mais, como ainda é no movimento. Acho que de uma forma geral, no Brasil inteiro, no mundo inteiro, eu acho que a lésbica sempre foi muito, muito, muito encolhida. A maioria eram homens gays”.

(Entrevista com Lilian Pacce, 11/06/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você frequentava as paradas gay? Como era esse evento para você?” Ana Claudia Macedo: “Cara, todo mundo esperava o ano todo pra poder ter esse evento maravilhoso. Hoje em dia não é igual antes, porque antes tinha os trios, cada trio tinha o DJ, uma banda, uma coisa, era muito legal. Hoje em dia não tem mais isso, infelizmente acabou. Acho que 2017 foi a última, eu acho, com trio essas coisas. Depois era tudo parado, virou uma parada parada mesmo, não andava. Aí foi pra praça Antônio Carlos e tá até hoje.

[...] As lésbicas iam também com muito peso, nos trios, assim como DJ, como organização. As lésbicas também participavam bastante, com certeza. Na parada o pessoal vem de muitas cidades próximas, Barbacena, Santos Dumont, muita gente vinha, porque esse mês de agosto que tinha a Rainbow Fest, que tinha a parada, tinha gente do Brasil todo. A verdade é essa, ficava lotada, em julho já não tinha mais vaga em hotel para a pessoa poder vir.

(Entrevista com Ana Claudia Macedo, 19/05/2024)

* * *

Sonia Ribeiro: “A parada gay era a festa que a gente mais esperava, esperávamos o ano inteiro. Eu frequentei as melhores paradas gays de Juiz de Fora, eram maravilhosas, os desfiles também. E o Calçadão era maravilhoso! Às 11 horas da manhã tinha o Hino Nacional no parque Halfeld, ao meio dia tinha um beijo do casal gay e depois começava a festa. Aí seguíamos num carro elétrico até a Praça da Estação, ali o bicho pegava, eram pessoas lindas, vinham de tudo quanto é cidade.

Nossa, era assim, brincadeira, era outro nível [...] Antigamente tinha muito mais glamour, até os bailes. Vinha bicharada de tudo quanto é lugar, bicha fina, vinha só de avião. A parada gay daqui de Juiz de Fora realmente era um evento marcante, grande, que atraía pessoas de outros lugares, de tudo quanto é estado do Brasil inteiro. O Miss Gay Brasil também, os dois ficavam próximos uns dos outros. Eram maravilhosas as festas, muita gente vinha, sabiam que ia encontrar pessoas lindas lá, era muito bom”.

(Entrevista com Sonia Ribeiro, 18/11/2025)

Lésbicas nos espaços públicos de Juiz de Fora

Joyce Mirella: “Como você viu a atuação das mulheres lésbicas no contexto da assinatura da Lei Rosa, elas estavam presentes? Como foi esse processo? Sol Schiavon: “Elas estavam na torcida. Sabe quando você vai assistir um clássico, e tem dois times fodásticos numa decisão, num jogo de decisão, e a arquibancada está lotada, mas você não identifica ninguém? É a torcida, elas estavam lá na torcida, exatamente dessa forma.

Teve uma ou outra mulher que estava lá nos bastidores, dando uma ou outra ideia, sugerindo uma ou outra coisa no projeto da lei, porque o projeto de lei foi feito por um vereador, Paulo Rogério. Ele apresentou o projeto aos interessados, Trajano, Braga, pessoas do protagonismo da Parada Gay [...] Para nós que tivemos o interesse e quem não tinha problema em aparecer apareceu. Teve mulheres dando sugestão no projeto de lei? Teve, mesmo porque era conveniente e não uma coisa que foi super importante, fundamental a opinião o parecer daquela mulher, porque ela é uma personagem importante para isso ou aquilo, das lésbicas, das mulheres não, não vi.

Uma mulher me deu o relatório e falou “a lei vai ser votada tal dia lá na Câmara dos Vereadores, vamos?” Aí eu cheguei lá só tinha eu, essa mulher, mais uma ou outra, umas 3 ou 4, no máximo, o resto era tudo gay. Tinha bastante gay, estava cheio, tinha muito gay. E mesmo porque era durante o dia, eu falei ao trabalho, conversei com meu patrão, não falei que eu estava indo lá, falei outra coisa, inventei uma outra coisa. Eu menti no meu trabalho e fui. Muitas delas estavam trabalhando, a maioria, eu diria que todas, porque foi no horário comercial.

Mas depois do horário comercial, houve uma comemoração no Musik e foram muitas, mas a maioria maciça era gay, e as que foram não quiseram dar entrevista, não quiseram aparecer na assinatura da Lei Rosa dentro do gabinete do prefeito. Só entrou eu, tanto que eu te falei que houve aquela cena memorável para mim. Aquele balcão enorme assim na frente do gabinete do prefeito, com a porta fechada, todo mundo aguardando a aparição do prefeito. Repórteres de tudo que é lugar e eu ali do lado dos meninos, nós todos juntos, aguardando em contagem regressiva. Eu não imaginava que ele ia fazer aquilo que ele fez, ele abriu a porta, olhou todo mundo, olhou para mim e falou “só veio você de mulher?” E já falou isso caminhando na minha direção, me deu um aperto de mão e falou “sabe que isso é um começo, mas não muda nada, né?”

Aí ele foi lá, já ficou na frente de todo mundo e falou um monte de coisa, e entre as coisas ele falou “a assinatura de uma lei que dá a vocês o direito de serem quem são, não muda a realidade, só isso não muda nada”. E eu pensei assim “que legal, ele veio, ele me destacou no meio dos homens lá fora”. Isso não durou nem 10 minutos, ele foi lá, fez um mini discurso de minutos, assinou a lei, todo mundo fotografou, filmou e ele pediu licença e voltou para o gabinete dele.

Aquela quantidade de gente, aquele vucosuco de imprensa, todo mundo saindo, eu esperei que alguém me fizesse alguma pergunta sobre a importância disso para as lésbicas. Não, sumiu todo mundo de repente. O Marcos e o Osvaldo saíram e todo mundo indo atrás deles. É como se eles tivessem, talvez isso tenha acontecido, eu não sei, convocado uma coletiva de imprensa, porque eles tinham amigos na imprensa [...] Aí eu fiquei olhando todo mundo indo assim e eu parei sozinha naquele corredor, esperando o elevador e desceu todo mundo. Já estávamos todos juntos de novo lá na rua, onde nós vamos agora? Vamos para o Musik comemorar, vamos comemorar. Chegamos lá a imensa maioria eram gays. O Musik ainda deu tacinha de champanhe para todo mundo comemorar.

Eu dei uma entrevista para o MGTV, e me entrevistaram, não porque eu estava no gabinete do prefeito e fui a única mulher que estava lá. Ela me entrevistou porque eu fui a

única pessoa que me dispus a isso. Ela podia ter entrevistado eu e mais mulheres, acontece que só eu tive a coragem de não ter medo de aparecer no MGTV falando da Lei Rosa como lésbica. Aí entra aquela coisa que eu te falei da estrutura repressiva feminina, a gente é estruturada desde os primeiros passos para se comportar dessa forma. Não seja indiscreta, “não seja feminista, seja feminina”, não é o slogan dessas igrejas?

Se você me perguntar “será que tem a chance de alguém ter um registro, uma foto, uma coisa assim desse momento lá?” Não sei, eu acho que não tem, porque eu fui totalmente ignorada. Não é só eu que foi ignorada, foi uma lésbica. Ninguém sabia meu nome, durante muito tempo eu tive que explicar isso, as pessoas não entendiam. Eu tô falando de consciência, eu sou lésbica, uma lésbica foi ignorada. Aí, “a, vamos lá para o MGM, vamos fazer parte, vamos ser atuantes, vamos participar, vamos apoiar o movimento”. Eu vou apoiar sim, não falando mal, não falando nada, não criticando, quietinha aqui no meu canto, eu acho que isso já é um grande apoio.

Quando eles me convidaram para ser DJ da parada, eu fiquei surpresa e fiquei pensando “será que eles lembram das caras feias que eu fiz pra eles lá atrás por causa dessas coisas?” Só isso já é um negócio legal, porque eles não ligam para mim, não se importam comigo, será que eles se lembravam disso? Talvez até lembraram, mas tipo assim “a, ela tá sendo a queridinha do set gay, os viado tudo gosta dela, bora lá.”

(Entrevista com Maria da Consolação Schiavon, 05/02/2024)

* * *

Joyce Mirella: “E nessa época que você estava participando do MGM ativamente, como você percebia a movimentação das mulheres lésbicas na cidade? No geral, você via elas andando de mãos dadas, demonstrando afeto em público?” Monica Carvalho: “É porque o que acontece, como eu te falei do Paulo Rogério, a primeira lei do Brasil que favorecia e que apoiava o movimento aconteceu em Juiz de Fora, que é a Lei Rosa. Então, Juiz de Fora andou quilômetros na frente da grande maioria das cidades do país. Então, por ter esse movimento muito forte do MGM aqui, as pessoas já estavam acostumadas com o transitar dos gays, principalmente, e das lésbicas um pouco mais tímido, mas também tinha.

Então hoje quando a gente vai pra Juiz de Fora eu falo assim “ô cidade maravilhosa!”. Hoje tem muito mais, as pessoas têm muito mais liberdade que antes. Hoje é fantástico, eu vejo meninas novas que já se assumiram e andam de mão dada na rua assim, mas isso tudo teve um preço lá atrás, a gente apanhou muito, não foi fácil não. Hoje tá mais fácil, com certeza. Naquela época, mesmo com a Lei Rosa, foi muito difícil, a gente levou muita pancada pra poder ter coragem de se assumir para muitas coisas, então já tinha na época, como tem hoje, muita gente que prefere não se identificar em público, e não é só aqui, em São Paulo também. Moro em São Paulo e a diversidade é em quantidade maior, mas como Juiz de Fora não tem igual. A gente viaja, a gente vê um monte de lugar [...] Mas igual Juiz de Fora não tem, aqui é um diferencial nesse sentido”.

(Entrevista com Monica Carvalho, 08/10/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Nessa época, como você percebia a movimentação das mulheres lésbicas na cidade aqui em Juiz de Fora? Elas andavam de mãos dadas nas ruas, expressavam afeto publicamente? Sonia Ribeiro: “Aos poucos foi acontecendo, a gente via algumas meninas andando de mãos dadas na rua, mas bem mais contido que os meninos. Por isso que era bom a parada Gay, porque ali a gente beijava, abraçava, era o espaço que tinha, era o dia para comemoração”.

Joyce Mirella: “Você acha que os homens gays tinham mais essa liberdade de fazer isso fora da época da parada gay? Sonia Ribeiro: “Sim, totalmente, até nos bares a atitude deles era muito mais a frente que das mulheres, as mulheres eram mais de paquerar, chegar com calma [...] Ao longo do tempo foi mudando, sempre evoluindo. Depois teve a lei, a Lei Rosa, que proporcionou às pessoas terem afeto publicamente. Aí as mais moderninhas iam abraçando, beijando, as mais desprendidas”..

(Entrevista com Sonia Ribeiro, 18/11/2025)

* * *

Joyce Mirella: “Pensando num contexto geral aqui de Juiz de Fora, como você percebia a movimentação das mulheres lésbicas naquela época? Você costumava vê-las andando de mãos dadas, percebia a presença delas assim, marcante nas ruas?” Daniele Zancanella: “Pouco, hoje muito mais, hoje você vê muito mais a garotada ali e sem medo. Eu já tive namorada que eu fui para o Rio e não podia andar de mão dada com medo de apanhar. São Paulo então, nem pensar. Aqui em Juiz de Fora eu nunca tive medo de andar assim. Na verdade, eu nunca tive medo de lugar nenhum, sempre respeitei os lugares, mas medo eu nunca tive.

Mas na época eu acho que acontecia mais quando você tava em turma, quando você era muito bem resolvida, no meu caso, eu fui. Tive uma namorada durante o MGM que namorei durante 5 anos, era muito apaixonada, a gente era muito nova, então a gente andava de mão dada na rua, ouvia piadinha aqui ou ali, mas pouco importava. Mas não tinha também essa maldade de alguém pegar e bater, era ouvir alguma coisa tipo “dá um beijo”, umas coisinhas assim, mas era pouco, era pouco.

Se você ver, as pessoas hoje da minha época são muito mais reservadas. Você vê que elas sentam do lado da namorada, mas não tem nenhum beijinho no rosto se bobear [...] Já é aquela coisa mais reservada. Não é como é hoje, abertamente, que as meninas andam para todo lado, que eu vejo, tanto as meninas quanto os meninos.

(Entrevista com Daniele Zancanella, 25/07/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Nessa época, paralelamente a essa atuação do MGM, pensando mais amplamente no que estava acontecendo em Juiz de Fora, você percebia a movimentação de mulheres lésbicas andando de mãos dadas na rua? Teve algum momento que você percebeu uma virada de chave, um momento que começou a aparecer mais livremente andando na rua de mãos dadas?” Lilian Pacce: “Não sei te responder isso, eu acho que é uma coisa naturalizada, é bem recente pra mim ser naturalizada, tinha pontualmente, eu mesmo andava

às vezes, eventualmente. Tinha mais durante a Rainbow Fest, a parada tinha muito, porque ali era o momento da libertação que a gente podia fazer aquilo. Não sou capaz de responder isso de uma forma que vá somar no seu trabalho, é só uma percepção, mas eu acho que a partir da Lei Rosa, pode ser um marcador, isso fica mais frequente.”

Joyce Mirella: “Conta um pouco como foram esses últimos 2 anos para você”. Lilian Pacce: “Eu não sei o que que a sociedade acha disso, mas eu transito na sociedade como uma cidadã, uma mulher que tem uma vida lésbica há muitos anos e eu tenho uma vida totalmente livre. Eu sou independente financeiramente, eu não tenho nenhum lugar que eu entre, que eu fique preocupada o que alguém está achando, porque para mim ela é minha esposa. Eu ando com um grupo variado, que tem homens, mulheres, mulheres lésbicas, homens gays, pessoas hétero, então para mim, hoje em dia não tem mais isso. Eu acho que é uma coisa que vem um pouco com a idade também, sabe? Você já tá meio que assim foda se, você liga o foda se. Gostou? Gostou. Não gostou?”

Há muito tempo, desde a Lei Rosa, que se eu tiver trocando afeto com a minha companheira ou alguém que estiver comigo estiver fazendo isso e alguém achar ruim vai ser confrontado com a lei, hoje a gente tem leis. Agora, lógico que como mulher no mundo, eu saio na rua, eu tenho medo, eu saio na rua, eu estou insegura. Mas isso como mulher e como mulher LGBT mais ainda, porque eu posso estar na Parada Gay em São Paulo e sair para procurar um táxi, um Uber e ser atacada e agredida. Posso estar no Rio e isso acontecer, como já aconteceu com muitas pessoas.”

(Entrevista com Lilian Pacce, 11/06/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Você, enquanto mulher lésbica, acha que Juiz de Fora é uma boa cidade para se viver?” Samira Abreu: “Eu acho assim, eu saio com a minha namorada de mão dada, eu tenho troca de carinho em público, eu não me restrinjo. Até hoje foi tranquilo, a gente vê uns olhares estranhos, mas eu nunca tive nenhum problema em relação a isso. A demonstração em relação ao trabalho as pessoas não costumam questionar, então eu não tenho dificuldade em relação a isso.

Essa questão de Juiz de Fora, ser uma cidade estudantil, uma cidade que tem muito movimento de esquerda, tem movimentos feministas, esses movimentos são importantes. Eu não estou falando de partido, estou falando de pensamento, maneira de se pensar. E acho que isso faz com que a cidade tenha um pouco mais de abertura sobre isso. Eu acho que a gente precisa retomar tudo isso, porque para mim, na minha visão, o preconceito, o racismo, homofobia, tudo isso, obviamente, sempre existiu, mas em algum momento ele era mais abafado. Ai a gente veio com o ex-presidente, que veio legitimando todo tipo de preconceito, discriminação e violência, né? E aí as pessoas que se identificam com esse pensamento entenderam que elas podem manifestar esse tipo de coisa. Então é um processo de reconstrução mesmo.

Agora, esse pensamento de que “não, você pode até pensar desse jeito, mas a gente precisa ter o respeito, respeitar as pessoas, o jeito que elas são”. Então eu acho que Juiz de Fora é uma cidade que tem um certo acolhimento sim, tem bastante movimento, tem as festas que a prefeitura promove e tem uma adesão muito grande, você vê que são pessoas LGBT [...] Acho que Juiz de Fora é uma cidade boa assim”.

Joyce Mirella: “E atualmente, você percebe mais a presença de mulheres lésbicas andando pelas ruas da cidade?” Samira Abreu: “Sim, bastante, vejo muitas meninas de mãos dadas, que era algo que eu não via muito. Vejo bastante, reparo, e eu acho que todas elas se reparam. Quando a gente passa e vem um caszinho, se você tá de mãos dadas com sua namorada, o caszinho te repara e o outro também, tipo “te notei”. Acho que tem uma coisa assim de igualdade, de se identificar. Também acho que tem dessa ideia de que tá todo mundo passando por você e de repente você vê um casal como você, eu acho interessante, saber que você tá num lugar que tem outro casal de mulheres, dá uma sensação de “está tudo bem, eu posso estar aqui, eu posso pertencer a isso aqui também, que tem outras pessoas iguais aqui também”, é como uma identificação.”

(Entrevista com Samira Abreu, 15/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: Você se considera uma lésbica ativista e feminista? Cláudia Lahni: “Com certeza é ativista também. E eu há tempos me apresento como lésbica, feminista e há muito tempo reflito e tenho ações diversas que dizem respeito e que são de militância

junto ao feminismo, tanto no meu cotidiano, individualmente, como sempre que possível, em grupos, em coletivos e em especial no espaço acadêmico.

Nós que estamos na universidade, especialmente na universidade pública, na universidade federal, a gente tem nesse espaço da academia um espaço muito importante e significativo de disputa também, como é a sociedade em geral, mas também sabendo que a partir da universidade a gente trabalha com a formação, a gente contribui para o estudo de pessoas que certamente serão formadoras de opinião. Então, posso dizer também que, especialmente a minha militância se dá na universidade e que isso sempre foi feito por mim.

Eu entrei na universidade pública por concurso público em dois mil. Então, desde dois de agosto de dois mil, eu sou professora da UFJF. Antes disso, de janeiro 1996 a julho de 2000, eu fui professora da PUC Campinas. Então, desde sempre, eu trabalhei na universidade e com esse esse enfoque feminista, esse enfoque lésbico feminista em todas as atividades ensino, pesquisa, extensão.

No caso da UFJF, inclusive administração, fui chefe de departamento por três gestões, e a gente não deixa de ser lésbica, feminista, por exemplo, ao assumir um cargo de gestão. Então, certamente também nessas ocasiões, eu tinha um trabalho que sempre considerou, enfocou e colocou luz na questão do feminismo, em especial do feminismo lésbico, buscando sempre trabalhar por uma vida melhor para todas as pessoas, porém, em especial para todas as mulheres e para todas as mulheres lésbicas. Porque a gente sabe o quanto a sociedade é machista, patriarcal, e lesbofóbica.

[...] Cláudia Lahni: Eu e Daniela nos conhecemos em 2010. Trabalhamos juntas na Unifesp, e ela me convidou para uma banca. Começamos a namorar e no final do ano fomos morar juntas. Em dezembro nos mudamos juntas para Juiz de Fora. Começamos a organizar o Flores Raras, Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Comunicação e Feminismos, que é cadastrado pela Daniela na UFJF. Se não me engano foi em fevereiro de 2012.

Com a Daniela eu tenho um momento muito importante de ser ainda mais uma mulher lésbica visível. Eu costumo dizer que eu nunca tive no armário, eu nasci lésbica, mas com a Daniela, a partir de 2010 a gente coloca holofote nas nossas lesbianidades, com muito orgulho. Então, em fevereiro de 2012 a gente criou o Flores Raras. Aí tinha eventos do grupo e não demorou a gente fez juntas um projeto de treinamento profissional para divulgação do Flores Raras. Depois a Daniela foi conselheira estadual da Mulher de Minas Gerais. A primeira lésbica assumida no Conselho Estadual das Mulheres de Minas e isso repercutiu muito no nosso grupo na UFJF e foi muito importante [...]

Juntas a gente faz a campanha de visibilidade lésbica, o Cine sapatão em roda lésbica dentro de um projeto de extensão e orientamos de forma conjunta a Sabrina Lopes, que fez a tese de doutorado e sobre o cine Sapatão. Então a partir disso nós tivemos, nesse meio tempo, um projeto de pesquisa sobre a temática, e tanto eu como ela seguimos sendo chamadas a falar sobre mulheres e sobre mulheres lésbicas em eventos variados. No meu caso, especialmente eventos da comunicação e ou eventos gerais, como por exemplo, eu fui uma vez na Federal de Viçosa, convidada pelas estudantes de lá, para uma palestra sobre sobre lésbicas e comunicação. Enfim, vários eventos, tanto ela como eu somos convidadas a falar sobre mulheres e mulheres lésbicas. E ela muitíssimo convidada para participar de inúmeras bancas Brasil afora, principalmente em 2017 e 2018 com a temática lésbica.

[...] Joyce Mirella: “Você acha que Juiz de Fora é uma boa para cidade, uma boa cidade para se viver sendo lésbica? Cláudia Lahni: “Olha, infelizmente não. Existe muito preconceito, e com isso muita dificuldade. Eu vivi inúmeros momentos bons em Juiz de Fora, eu trabalhei na Universidade Federal de Juiz de Fora e sempre gostei do meu trabalho. Eu morei em lugares que eu gostava, sempre andei muito pela cidade, tanto de carro como de bicicleta, a pé e de ônibus. Entretanto, a lesbofobia sempre esteve presente. O que não significa que ao longo desses 21 anos que eu morei em Juiz de Fora, eu morei exatos 21 anos e 3 meses em Juiz de Fora, não significa que nesse período eu não tive amizades, eu tive amigas, tive amigos e pessoas que estiveram comigo em determinados momentos. Mas infelizmente não considero que seja um lugar para uma mulher lésbica. O que não significa que eu vou dizer assim “não vá morar lá”, eu vou dizer pra mulher lésbica assim “o que que você vai fazer lá?” “Ai eu vou estudar”, “então vá, “a, eu passei no concurso, vou trabalhar na Universidade Federal de Juiz de Fora”, “então vá”. Entendeu?”

Joyce Mirella: “E o que você diria para uma mulher lésbica que é daqui e que vive aqui? Cláudia Lahni: “Olha, eu diria “ou tenha muita força para unir outras mulheres, e a partir de um coletivo, siga mudando a realidade, ou saia daí”. Eu acho que todas as pessoas têm o direito de estar onde elas quiserem. Então, se uma mulher lésbica, por exemplo, nasceu em Juiz de Fora e se ela quer ficar em Juiz de Fora, como acontece, eu conheci inclusive jovens lésbicas que quiseram ficar em Juiz de Fora. Fique garantindo uma organização coletiva da forma como você quiser. Não precisa ser estruturada, mas garanta um grupo para você ter apoio, para você ter troca e para a partir dessa ação seguir mudando a realidade”.

(Entrevista com Cláudia Lahni, 13/06/2024)

Lésbicas e o fenômeno do Opala preto em Juiz de Fora

Joyce Mirella: “Eu quero fazer uma pergunta final, que na verdade é uma pergunta que eu incluí no meu roteiro recentemente, porque é uma coisa que eu tô muito inquieta ultimamente, é uma questão para mim e virou uma questão na minha pesquisa [...] O movimento lésbico clássico que a gente conhece bastante do GALF, todo esse histórico do movimento lésbico e como as lésbicas precisaram se deslocar do movimento LGBT em certa medida para que elas pudessem priorizar as pautas delas, que eram muito invisibilizadas dentro daquele contexto.

E eu estou percebendo que isso foi um movimento que chegou em Juiz de Fora no final dos anos 90. Então a gente também teve esse movimento gay aqui na cidade, que teve sim uma representatividade importante, teve a assinatura da Lei Rosa, e Juiz de Fora foi uma cidade que ficou conhecida como cidade acolhedora, que tinha o movimento LGBT forte.

Quando eu entrevisto as lésbicas que viveram aqui neste momento, as lésbicas que fizeram parte do MGM, que frequentaram a sede do MGM, eu vejo o quanto foi um movimento, um ambiente que não levava em consideração pautas específicas da nossa experiência enquanto mulher, principalmente com esse recorte de gênero, não só da nossa sexualidade, mas da nossa condição de mulher na sociedade. E eu fico pensando que é um marcador que também aconteceu em São Paulo e no Rio, por exemplo, e que nesses lugares as lésbicas conseguiram se deslocar um pouco disso e ter uma certa autonomia.

E eu fico pensando: por que isso não aconteceu aqui em Juiz de Fora? Porque aqui também teve esse movimento gay forte, claro que uma proporção diferente, com as características culturais de Juiz de Fora. Você, como uma pessoa que viveu aqui na segunda década dos anos 2000 [...] A partir da percepção que você tem, nessa experiência vivendo em Juiz de Fora, porque você acha que isso não aconteceu? Porque você acha que as lésbicas não conseguiram fazer um movimento próprio? Ou então, pelo menos trazer maior visibilidade para as pautas específicas delas?”

Daniela Auad: “Eu entendo do que você tá falando, vou tentar falar em palavras, algo que eu acho que sei, mas nunca disse em palavras porque não me perguntaram e nunca me foi colocada essa reflexão, agradeço. O que eu sempre sinto é que, em Juiz de Fora, eu chamo isso de “fenômeno do Opala Preto”. Sabe aqueles filmes de terror que você tá presa, sequestrada em cárcere privado? Aí você consegue sair, quebra as correntes, se estrepa inteira e vai pra estrada pedir carona, e um Opala preto para. O motorista do Opala preto é a mesma pessoa que te sequestrou e você volta para o cativeiro.

O Opala preto porque em Juiz de Fora existia uma dupla, um casal que impunha a visão deles como homens e existe uma lésbica que fala sobre a lesbianidade dela. Então é personalizado, como todo movimento social tem as suas personalidades. Juiz de Fora não dilui no coletivo, há uma dificuldade enorme de construir em coletividade. Então, aquela crítica que a gente ouve desde a História na escola, de que o problema do Brasil é que, embora existam partidos políticos, há uma eleição muito personalista.

Levando isso para o movimento social, você tem em Juiz de Fora, na minha opinião, uma situação que não tem espaço de respiro. O que é isso? Tá, você está construindo ali o movimento social, as atividades de acolhimento, reflexão, celebração, luta num dado coletivo. [...] Eu acho que daí você sai dali do MGM, você não tem muito pra onde ir. Daí você cai naquela galera, encontra um bando que não diz que é sapatão. A Claudia mesmo, antes de eu chegar aí, ela sempre disse que ela vivia com a Zaida, ela sempre disse que estava colocada a lesbianidade dela, mas jamais como ocorreu quando ela se casou comigo

[...] Eu tive que ser lésbica em Juiz de Fora, porque eu tive que ser eu em toda a parte, como eu já era. E da mesma maneira, seja em São Paulo, seja em Salvador, no Rio. Em Juiz de Fora quando eu estava numa situação amorosa, afetiva, sexual [...] Quando estava com mulheres, tanto em São Paulo quanto em Juiz de Fora, e imagine ainda com Cláudia, que é o amor da minha vida [...] A Cláudia me ama, me possibilita, me potencializa, a Claudia me permite. Mas você precisa de habeas corpus, de alvará de funcionamento? Nessa versão em Juiz de Fora eu precisei muitas vezes, e ela tava lá junto. Porque também eu fui o alvará de funcionamento dela.

Então, o que acontece é que, aprendi a falar isso com uma aluna minha, a gestão da homossexualidade, da lesbianidade feminista em São Paulo tem variados palcos, e agora eu estou usando a gestão da lesbianidade para formular essa resposta que eu nunca dei, porque eu nunca pensei sobre isso. Então, a gestão pública da lesbianidade varia segundo o território, inclusive em São Paulo. Ser uma lésbica pública no Jardins, militando do lado de lá da Paulista, na Bela Vista, entendeu? Eu brinco que pra cá da paulista a gente é lesbian chic e pra lá da Paulista a gente é guerrilheira, por conta das mulheres que a gente anda. Nós somos tudo isso que querem nos atribuir, isso nos atribua, tô de boa, eu sou tudo isso também [...]

A gente convoca as lesbianidades que a gente dá conta de ter para cada momento, e às vezes, todas elas. Porque o que a gente quer é sobreviver e vicejar e possibilitar, com isso, que outras o façam com alegria, com leveza, sem precisar passar por determinadas situações que nós já passamos e não se passa mais e outras que nós ainda vamos passar. É como se na vida

da gente a gente tivesse trilhado o caminho, do feminismo ao gênero, do gênero às questões de lesbianidade.

[...] Eu já estive em movimentos feministas, quando casada com homem, que me disseram “não fica com aquelas mulheres porque elas são lésbicas”. ”Mas eu gosto delas, e elas gostam de mim, que que tem?” “A, mas elas tem umas pautas que não são as mesmas que as nossas.”[...] “O que elas querem?” “Elas querem que o grupo delas esteja representado em todas as lideranças da comissão que a gente vai ter, e aí quando você vê, elas estão em todo lugar, mas não tem tantas delas assim”. Então quer dizer, é um fantasma, sabe? É uma percepção fantasmática.

[...] Então você tem aqui na minha experiência de São Paulo, essa localização territorial privilegiada, uma experiência. Mas agora também vejo em Sorocaba, com alunas minhas que são negras, periféricas, uma gestão da lesbianidade pública diferente das minhas alunas negras ou mesmo das brancas em Juiz de Fora. É como se a condição local em São Paulo permitisse à pessoa arejar a participação política, arejar a gestão pública da sua homossexualidade, da sua homoafetividade e homossexualidade como elementos que podem estar juntos ou não. Uma mulher lésbica em São Paulo que queira militar ela sabe quem procurar, onde ela vai se ela não for militante [...] Ela sabe onde ela vai para encontrar uma mulher, e eu não estou falando de Tinder, eu estou falando de direito à cidade.

Em Juiz de Fora eu não tinha esse direito à cidade, eu não tinha esse respiro. Via que as minhas alunas daí, de outros lugares, também não tinham. E era um Opala preto porque mesmo que a gente desenvolvesse as atividades de lesbianidade do Flores em agosto para todas as lésbicas, o MGM veio e cobriu os banners por uma semana. No dia 19 de agosto, era sempre eles remando contra [...] Enfim, eu acho que é um pouco isso, são as possibilidades de trânsito e ampliação de territórios, não só por direito à cidade, mas também territórios identitários que possibilitem itinerários de construção de subjetividade”.

(Entrevista com Daniela Auad, 21/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: Quando você vai ver a trajetória do MGM, ele foi considerado um movimento político aqui na cidade, teve essa forte atuação política, influenciou na assinatura

da Lei Rosa, que criminaliza o preconceito contra pessoas homossexuais. Em outros lugares, como o Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, quando você olha para a trajetória do movimento LGBT sempre teve um momento que as lésbicas tiveram a necessidade de se deslocar um pouco do movimento e fazer algo mais voltado para elas. Justamente porque não, não existia uma pauta lésbica dentro do movimento LGBT. Juiz de Fora tinha um movimento gay forte, o mesmo pano de fundo das outras cidades, tinha tudo para acontecer isso também, mas não aconteceu. Na sua opinião, porque você acha que isso não aconteceu com as lésbicas aqui em Juiz de Fora?

Sara Abreu: “Pergunta sinistra! Então vamos lá, eu vou cutucar aqui dentro de mim. Pelo que eu entendo da sociedade, o gay, o trans, sempre teve mais preconceito, no sentido de que eles se expunham mais do que as mulheres. Sempre né? Eles não conseguem disfarçar, então o preconceito era muito maior, no sentido de que eles se expuseram mais para a sociedade. O gay, trans, os travestis, eles sempre se expuseram mais e sofreram mais preconceito por se expor mais. Eu acho que a mulher se escondeu mais, isso que eu vi, eu me escondi, eu tô vendo por mim, eu me escondi, eu tinha medo da sociedade, eu não encarava isso, medo da sociedade, como decepção dos meus pais e tal.

Então eu acredito que seja mais essa questão de que os gays sempre tá na cara que ele é gay, ele é mais espreitado, transparente, então acho que também tem a questão do gênero, homem e mulher. O homem por ele ser homem, apesar de gay, ele tem mais poder do que a mulher. Uma mulher é sempre mais rebaixada, mais insegura, a mulher é sempre colocada naquele personagem de ser e ter que fazer o que a sociedade quer, o que os pais querem.

Então a gente sempre se escondeu, quando a gente fazia, a gente fazia às escondidas. Ali a minha amiga, a gente tá morando junta, mas é minha amiga. Então a gente sempre deu um jeitinho de ter as nossas relações e a gente não era muito dada para o mundo. Eu sou lésbica e pronto. Um gay não, “sou gay, nasci gay”, o cara tá ali, tá na cara.

Então, eu acho que é muito essa questão deles lutarem por uma posição, por serem mais eles mesmos [...] Eles se disponibilizaram mais para o preconceito. E a gente se escondeu nesse sentido, a mulher foi levando a vida dela sem se preocupar com essas questões. Eu não me lembro de ter pensado “a, eu tenho que lutar pelo meu direito de ser lésbica”, cara, não, eu ia lá, eu tava de bem, de boas com a minha namorada e tal. A questão da luta da mulher é muito no dia a dia. [...] Eu não sei exatamente o motivo de ter isso, mas eu acredito que tenha sido essa questão que os homens fizeram sofrer mais preconceito, os gays sofrem mais preconceito, então eles tinham que se impor de alguma forma e eles começaram a batalhar. A gente se escondeu e levava a vida no miudinho ali”.

(Entrevista com Sara Abreu, 23/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Por que você acha que as lésbicas de Juiz de Fora não se organizaram coletivamente em um movimento só delas aqui em Juiz de Fora?” Margareth Trigo: “Olha, eu não sei dizer, eu já pensei muito nisso, mas eu acho que é basicamente o mesmo fator que a sociedade civil não se organiza de maneira efetiva. Eu acho que é muita desinformação, muita visão individualista, e nunca o debate da sexualidade como uma causa, como um direito, como uma coisa a ser conquistada, principalmente no universo lésbico.

Daqui de Juiz de Fora, o pouco que eu vivi, isso nunca foi pauta. Aí entra a questão social também, os bares, quem frequentavam são as lésbicas de classe média, que de repente, o que eu via era muita futilidade, muita pegação, tinha um pouco disso no Marrakesh também. Era uma pegação sem fim. Eu estava com você hoje, amanhã eu estava com a sua amiga, era uma putaria. Eu vi muita gente se perder, de não dar conta de trabalhar, de ficar naquela, eterna adolescência, de ficar dependendo de pai e mãe. Aí, 20 anos depois, começou a resgatar a vida, já quando estava com quarenta, eu vi muito isso no universo lésbico. E aí tem o universo lésbico que o MGM poderia ter resgatado, que é a lésbica de periferia, qual é o lazer dela? É jogar uma sinuca no botequim da comunidade dela, lá do São Benedito, lá do Arado, dos bairros pobres de Juiz de fora que a gente não tem acesso.

Então, eu acho que faltou isso também, é uma questão temporal, eu acho que foram esses movimentos festivos, mesmo com as suas deficiências, que colocaram o bloco na rua e hoje isso é pauta. Só que eu não consigo entender por que Juiz de Fora foi no sentido inverso. Juiz de Fora já foi considerada a cidade mais gay de Minas. Gay quando o termo gay abraçava todo mundo que era homossexual, e aí tá o machismo, né? Então você tinha isso, Juiz de Fora sempre foi do Miss Brasil, depois Juiz de Fora virou a cidade dos Rainbow Fest, depois Juiz de Fora virou a cidade de alguns bares gays e hoje não é isso. Eu não entendo o que houve, porque não evoluiu para uma coisa mais consistente.

Faltou uma entidade que efetivamente encaminhasse isso. O MGM tem essa responsabilidade do movimento homossexual ter morrido ou ter definhado em Juiz de Fora, porque você tem, em política, um jargão que a gente fala assim “em política não existe espaço

vazio, existe espaço não ocupado”. Você existir não significa que você está ocupando o espaço, você pode estar apenas existindo, ocupar um espaço é diferente, e eles nunca se preocuparam efetivamente com isso, nem no universo gay, porque eles não avançaram nem no universo gay.

Então, eu acho que é uma desmobilização que é comum na nossa sociedade e as gerações pós Lula, a sua geração que nasceu, eu brinco que nasceu tomando Nescau com pai e mãe, podendo viajar de férias, nasceu numa relação de vida melhor. Depois piorou tudo, mas eu acho que é geracional essa preocupação de cada vez cada um cuidar mais de si.

Aí tem o fenômeno da internet, o fenômeno das redes sociais, aí você tem esse fenômeno do “eu posso dizer qualquer coisa porque ninguém me vê”, dos namoros, dos relacionamentos via internet. As minhas últimas namoradas, todas que eu tive, conheci através da internet, você não conhece mais as pessoas na rua, você não tem um lugar para você ir, para você conhecer as lésbicas.

Olha que doideira! E parece que é vendido a ideia de que em todo lugar a gente pode ir que agora a gente pode estar em qualquer lugar, mentira! Parece que todos os lugares são para nós, mas nenhum nos pertence, não há uma relação de pertencimento, isso é que falta. Na minha geração havia uma relação de pertencimento com o Marrakech, com um outro que era aqui na São Mateus [...] Havia uma relação de pertencimento, mal e porcamente, com aquela boate lá da da Getúlio Vargas.

Hoje você pode ter lugares que você pode ir, mas você sabe que você não pertence a eles e eles não te pertencem, esse pertencimento é que o falta, essa apropriação. Isso é político, isso é um ato político, isso é um ato de militância, isso é um ato de ocupação, de afirmação, de presença. Não para afirmar, não é para poder beijar na boca, eu acho que é muito pouco você querer isso de “eu vou nesse bar porque aqui eu posso ficar a vontade e beijar na boca”. Não, eu posso ir nesse bar porque eu pago imposto, porque eu quero vir aqui, porque eu acho gostoso, e é legal você ter um espaço.

(Entrevista com Margareth Trigo. 19/08/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Por que você acha que as lésbicas não criaram seu próprio movimento aqui em Juiz de Fora?” Kelly Silva: “Então, durante o tempo que eu frequentei o MGM, a gente colocava as nossas pautas porque estávamos lá, mas eu não percebi essa perspectiva de sair e criar o movimento de mulheres lésbicas. Por mais que não estivéssemos contentes com com o espaço do MGM, com a pouca visibilidade dentro do movimento, eu também não percebi essa necessidade ou essa atitude de “vamos criar o nosso movimento, vamos fazer a nossa luta” em nenhum momento. Eu acho que faltou alguém para puxar, uma força maior nessa perspectiva de “vamos fazer o nosso”. Se alguém fizesse eu acho que a maioria acompanharia também. Acho que faltou a liderança.

(Entrevista com Kelly Silva, 24/09/2024)

* * *

Joyce Mirella: “Por que você acha que as lésbicas não criaram seu próprio movimento aqui em Juiz de Fora?” Giane Chaves: “Porque não tinham interesse nenhum. É uma coisa que eu vivo indignada no meio lésbico, você arranja uma namorada, você enfia com ela dentro de casa e morre socialmente, acabou. Você vai viver aquele relacionamento da forma que for, você vai viver aquele relacionamento mesmo se ele for abusivo. Você tem aquela coisa da mulher querer agarrar aquilo ali e falar assim “não, aquilo vai funcionar de qualquer jeito” de ser a salvadora de ser sempre a pessoa que está querendo salvar o outro ser.

Então, o que acontecia? A gente começava num fluxo de amizades e assim juntava na minha casa, juntava 20 mulheres, 10 a 20 mulheres para sair. De repente, pum! Os relacionamentos começavam, elas começavam a namorar e todo mundo sumia. Ou então aconteciam brigas e aí cada uma se dissipava. Mas não existia aquela coisa de falar assim vamos conversar sobre as nossas pautas, era muito aquela coisa de “eu quero um relacionamento e vou viver para esse relacionamento e vou fazer a minha casinha com meus gatos, cachorros, periquitos e crianças”. Então é muito aquele núcleo, e você não conseguia entrar.

Você conseguia entrar em alguns grupos, aí você junta aqui tem um grupo de mulheres lésbicas que se relacionam, aqui tem outro grupo de mulheres que se relacionam e aqui tem outro e esses grupos eles não conversam, é 5 aqui, 4 aqui, 3 aqui e ficam só naquela coisa.

Isso dificulta muito as conversas, porque quando você não conversa com os demais grupos, você não sabe as pautas em comum e muito menos as pautas diferenciadas. Eu acabei tendo o privilégio de fazer parte de vários grupos, então muitas vezes eu estava transitando e aí eu via algumas coisas, tinha até algumas pautas, mas na hora de conversar mesmo, sério, não queria essa conversa política.

Então eu acho que é muito aquela coisa da mulher mesmo, se enfiar dentro do relacionamento, querer viver aquele relacionamento como se fosse a tábua de salvação dela., como uma mulher hétero mesmo, que quer viver pra família, eu vejo muito isso também na lésbica.

Agora, enquanto você vê o restante da população militando, você não consegue ver a lésbica. O que eu te falei? Você coloca um grupo para conversar e esse grupo vai querer o quê? Procurar novos relacionamentos, novas paqueras. Nada contra, mas por que a gente também não pode vir e falar sobre determinadas pautas? E todas as vezes que você tenta jogar no grupo alguma pauta que possa ser importante, você vê que essa pauta não é abordada.

Outro dia eu até coloquei um poema, mandei um pouco antes de sair do grupo, enviei um poema para o grupo e aí, na verdade, o poema foi zoadado. E estava falando sobre solidão [...] Então, por isso que eu sempre pergunto será que é a falta de espaço ou a mulher lésbica que não quer ocupar esse espaço? Porque eu sou da seguinte opinião, você invade os espaços, a gente tem uma comunidade grande, a gente pode invadir, a gente não está invadindo porque a gente não está querendo”.

(Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024)

Lésbicas em todos os lugares de Juiz de Fora

No final do ano passado eu me encontrei com uma colega da faculdade que também é lésbica e ela estava me contando como conheceu a namorada dela. Ela é de São Paulo e veio morar em Juiz de Fora para estudar e elas se conheceram aqui. Depois ela me contou que quando estava conversando com uma amiga de São Paulo sobre a namorada dela, essa amiga dela falou algo do tipo “se você não conhecesse a sua namorada em Juiz de Fora, não conhecia em mais lugar nenhum, Juiz de Fora tem muita sapatão por metro quadrado”.

Eu fiquei um tempo pensando nisso que ela me contou, pois eu não sabia que Juiz de Fora tinha essa fama, ainda mais em outro estado, com pessoas de São Paulo. Depois eu fui ao centro e comecei a observar (mais do que eu já observava) e percebi que realmente, tem muita

lésbica nessa cidade. Hoje, quando eu ando pelas ruas encontro lésbicas visíveis, lésbicas andando de mãos dadas com suas namoradas, elas ocupam os lugares públicos, utilizam dos seus direitos básicos como cidadãs, ainda que saibamos que o direito à cidade segue sendo por níveis e revogável.

No decorrer dos relatos que coloquei aqui neste subcapítulo é possível observar de perto como se deu esse processo de ocupação das lésbicas na esfera pública juizforana, o que veio antes de hoje. Durante a entrevista de Lilian ela menciona que Juiz de Fora é uma cidade que se construiu assim, foi um processo de construção. A fama da cidade como acolhedora foi mencionada pelas próprias entrevistadas, que dizem que o fato de ter tido uma atuação e ocupação de lugares públicos e centrais da cidade desde o miss gay e mais fortemente com o MGM, fez com que as pessoas se acostumassem a ver LGBTs transitando pelas ruas. Pelo visto essa fama ultrapassou as fronteiras da cidade e chegou em outros lugares.

As lésbicas atuaram fortemente para tornar esse cenário real, elas também estavam presentes no MGM, nas paradas gay e ocupando as ruas da cidade com sua presença. Diante das falas das entrevistadas fica nítido que em uma proporção menor que os gays, e isso diz respeito de uma experiência de gênero, uma vez que sabemos que para ocupar a esfera pública sendo uma mulher é exigido de nós o dobro de coragem, o dobro de enfrentamento de uma série de violências que sofremos especificamente pelo fato de sermos mulheres.

Quando nos debruçamos sobre as produções em torno da história do movimento LGBT em Juiz de Fora, e como essa cidade se constituiu como lugar histórico da luta da comunidade, muito pouco se fala sobre a contribuição das lésbicas nesse processo. Isso aparece muito na fala da Sol Schiavon, por exemplo. Tanto quando ela conta da experiência de ter sido a única lésbica presente no gabinete do prefeito no dia da assinatura da Lei Rosa e como ela foi completamente ignorada pela imprensa, quanto quando ela conta da experiência em ter sido a primeira e única DJ lésbica a ser DJ oficial da parada gay na cidade durante todas as edições.

Monica Carvalho foi uma atuante extremamente importante para se pensar na trajetória do MGM, especialmente ao longo dos 5 primeiros anos de atuação, descritos por ela como o momento do “boom do MGM”. Ao ler sobre o MGM, não encontramos rastros da contribuição de Monica, é como se ela nunca tivesse existido ali dentro. Esse processo de apagamento da atuação lésbica dentro dos movimentos homossexuais não é um caso isolado de Juiz de Fora, e sim um marcador social que vêm, historicamente, silenciando uma série de ações importantíssimas das mulheres lésbicas. Esse silenciamento é constantemente

denunciado, tanto pelo movimento lésbico, quanto por produções acadêmicas lesbofeministas em diversas áreas do conhecimento, como História, Educação, Ciências Sociais etc.

Mas o que eu quero ressaltar aqui é que a presença dessas mulheres nesse processo é impactante e inegável, pois, independente do nível de envolvimento de cada uma delas, todas as mulheres entrevistadas atuaram nesse momento, a partir das possibilidades que elas tinham. Elas tentaram ser incluídas nas pautas do MGM, elas ocuparam de forma maciça a parada gay, ainda que todos os símbolos desse evento fossem muito mais voltados para o público masculino. Elas tiveram a coragem para demonstrar afeto em público, ainda que umas mais, outras menos. Essa coragem foi fundamental, pois aos poucos, foi sendo cada vez mais possível encontrar lésbicas visíveis em diferentes espaços públicos de Juiz de Fora. O resultado disso? Hoje Juiz de Fora tem fama de ter “muita sapatão por metro quadrado”, e tem mesmo!

Considerações finais

Escrever essa dissertação foi uma das coisas mais desafiadoras que eu já fiz na minha vida. Foi mais difícil do que passar pelos 5 anos da graduação. Foi mais difícil que ser aprovada na universidade pública, e mais difícil do que muita coisa que eu já passei. Mas porque? Porque conhecer a nossa história é um processo de apropriação de nós mesmas fundamental, porém também muito doloroso. Ouvir as histórias dessas mulheres e me ver nelas doeu muito, e dói porque a gente sabe que o ódio contra as lésbicas nos atinge das formas mais sutis e profundas.

Esse ódio não está apenas naquela agressão verbal direta, ou na agressão física, nem tampouco no medo de andar de mãos dadas em determinados lugares. Ele está presente nos não lugares que somos colocadas desde criança, nos silêncios, na falta de referências, na falta de palavras, de ferramentas básicas para entender nossos sentimentos, para entender porque passamos por determinadas situações e muitas vezes nem percebemos, na falta de conhecimento sobre a nossa história.

Portanto, conhecer a história dessas mulheres foi um processo de conhecer também a minha história. Foi o processo de olhar para trás e perceber violências que antes eu não tinha nome para dar. Ouvir a história de uma lésbica é poder colocar palavras onde só haviam sentimentos. Sentimentos estes que muitas vezes não sabemos explicar, não sabemos sequer que sentimos.

Por isso foi tão difícil. Eu demorei muito para conseguir olhar para as entrevistas de novo depois que eu fiz elas. Eu sentava na frente do computador para ouvir e meus pés ficavam gelados, a respiração ficava difícil, o nó na garganta surgia. Sabe aquela dor de quando a gente segura o choro? Eu senti essa dor muitas vezes quando eu fui trabalhar com as entrevistas. Muitas outras eu não segurei o choro, só deixei ele sair. Eu precisei desligar esse computador diversas vezes, porque eu não aguentava a carga emocional de lidar com essas histórias. Foi literalmente uma corrida contra o tempo para eu concluir essa dissertação, pois algumas questões eu precisei esperar chegar no limite de tempo para conseguir lidar.

Portanto, a minha dificuldade não foi necessariamente pelo desafio intelectual de escrever uma dissertação em História. Obviamente que eu sei que não é fácil, a gente precisa ter muito preparo, muita leitura, muita interpretação, muito conhecimento crítico. Mas pra mim o difícil mesmo foi ouvir a Sol contar que, para ser lésbica nesse mundo, ela precisou passar uma noite inteira andando pelas ruas de Ubá, menstruada, sem saber para onde ir.

Difícil foi ouvir a Luciana contar da mãe dela chamando ela de aberração. Ouvir a Margareth contar das namoradas que não conseguiram se assumir e tiveram que casar com um homem. Ouvir a Cláudia falar da falta de amparo em sua casa na adolescência. Ouvir a Camila contar que pensou em se matar várias vezes por conta do preconceito que ela sofria por ser lésbica.

É difícil demais ouvir essas mulheres contando das violências, dos silêncios, do medo, da vergonha. Tudo isso pelo simples fato de amarem outras mulheres. Um amor tão bonito, tão revolucionário, tão cheio de vida, de autonomia, ou como diria Daniela Auad, um amor de mulheres que fazem o exercício do desejo. Realmente, uma mulher que deseja, é uma mulher perigosa, e nós lésbicas sempre fomos muito perigosas. Não é à toa que nossa história, que todo o nosso amor pelas mulheres, toda a nossa atuação, a nossa existência, precisou ser jogada para debaixo do tapete. Tudo aquilo que é escondido é porque representa algum tipo de ameaça.

Contudo, apesar de toda a dificuldade que foi chegar até aqui, eu quero falar das vitórias, afinal, todo o sentido dessa dissertação é esse: as lésbicas são vitoriosas! Portanto, esse processo, ainda que doloroso, foi extremamente fortalecedor para mim. Desenho esse processo de fortalecimento com uma cena que me ocorreu na primeira entrevista que eu fiz no ano de 2024.

Assim que eu entrei no mestrado, no início de 2024, eu tive a oportunidade incrível de entrevistar a Sol Schiavon presencialmente, pois ela mora em São Paulo desde 2011. Em fevereiro de 2024 ela veio para a cidade e me concedeu uma entrevista que levou 2 dias para

ser concluída. A entrevista foi realizada na minha casa e começou na segunda, dia 5 de fevereiro, na parte da tarde.

A Sol chegou lá em casa e começamos por volta das 15h. Ela tinha muita história para contar, tanto que no total a entrevista dela durou quase 10 horas. Dessa forma, já eram 21h e ela ainda estava na metade da história. Então eu convidei ela para dormir na minha casa, para que a gente pudesse dar continuidade na entrevista na manhã do dia seguinte. Ela aceitou o convite e resolveu ficar.

Como ela não tinha se planejado para dormir na minha casa, ela não levou nenhuma peça de roupa para se trocar antes de dormir. Então quando ela foi tomar banho, eu emprestei um par de roupas e um chinelo para ela. Ao sair do banheiro com as minhas roupas, eu vi ela no corredor e naquele momento eu tive uma sensação que eu nunca havia sentido na minha vida: uma perspectiva de futuro. E aqui eu falo de uma perspectiva de futuro específica, que tenho certeza que muitas outras mulheres lésbicas se identificam. Ver a Sol com as minhas roupas fez eu sentir que ficaria tudo bem, que eu teria uma vida plena, que eu chegaria aos 58 anos muito bem, assim como ela chegou.

Sabe aquela ditado de que você não sabe o que é água limpa quando nasceu e cresceu bebendo água suja, e que você só conhece o que é água suja e limpa quando você conhece as duas? Eu não cresci com figuras de mulheres lésbicas com mais experiência de vida que eu no meu cotidiano, eu não cresci vendo imagens de mulheres lésbicas de sucesso, conhecendo histórias de mulheres lésbicas que prosperaram. Ver a Sol com as minhas roupas me deu essa perspectiva, e fez toda diferença para mim. Eu nunca vou esquecer a sensação que foi ter isso assim, tão perto de mim, dentro da minha casa, e eu me emociono só de lembrar.

Por isso eu falo, que para além dos silêncios, para além do processo doloroso de conhecer as sutilezas das violências que nós lésbicas passamos ao longo da nossa história, escrever essa dissertação foi um processo de fortalecimento, de apropriação da minha própria história. Foi o processo de afirmar o orgulho de ser lésbica, em cada pequena nuance.

Através das mulheres que eu conheci, eu pude ter momentos únicos, simbólicos e extremamente fortes como esse que eu tive ao ver a Sol com as minhas roupas. Para a maioria das pessoas isso pode parecer algo bobo, corriqueiro, já que mulheres heterossexuais, desde muito cedo, têm muito mais contato com mulheres com mais experiência de vida que elas.

Através da experiência de escrita do mestrado eu realizei entrevistas nos apartamentos das mulheres, vi de perto a vida que elas levam, senti a energia e a leveza da casa delas. Me lembro da entrevista com Sonia, que já está com a esposa dela há 22 anos. Ver elas vivendo suas vidas lésbicas, casadas, morando juntas, também foi um respiro, também foi um anúncio

simbólico de que daria tudo certo pra mim. Me lembro também da entrevista com Margareth, que mora sozinha em seu apartamento bem pertinho do centro, levando uma vida lésbica sossegada, do jeito que ela quer, estável, suave.

Eu só percebi o quanto isso me fazia falta ao ter contato com isso, porque antes essa falta existia, mas eu nem sabia que faltava. Com essas mulheres eu ampliei as minhas expectativas de futuro, eu tenho mais perspectiva, eu tenho mais esperança, eu tenho mais certeza de que as mulheres lésbicas são grandes vitoriosas.

Além disso, depois de conhecer as histórias delas eu mudei a minha visão sobre Juiz de Fora, passei a valorizar ainda mais os espaços que hoje eu posso andar com mais tranquilidade, eu conheci ainda mais de perto o valor de poder andar na rua sem precisar me esconder. As mulheres lésbicas tiveram uma grande contribuição na construção de uma Juiz de Fora em que hoje eu posso andar de mãos dadas com a minha namorada em plena luz do dia bem no centro, não somente nas margens. Elas estiveram lá, elas levaram muita pancada²⁹, levaram muito da família³⁰ para que hoje a gente possa existir com mais dignidade. E escrever essa dissertação só fez sentido para mim porque eu estava contando isso, porque aqui eu estou ousando mostrar que elas estiveram lá, e que hoje elas ainda estão lá.

Quando contam essa história, não dão o protagonismo que essas mulheres merecem, porque por mais que “as ativistas mais intransigentes e heroicas de todos os movimentos sociais” (Rich, Adrienne, 2019, p. 116) sejamos nós lésbicas, nossas histórias,

Nossas relações fiéis e duradouras, nosso trabalho de ativistas sociais em nome das mulheres e das crianças, nossa ternura e força, bem como nossos sonhos e visões de mulheres, apenas começaram a ser retratadas, na literatura e na academia, por lésbicas (Rich, Adrienne, 2019, p. 115).

Constatar isso, portanto, não é observar uma situação isolada, é observar um apagamento sistemático das experiências lésbicas, fazendo com que elas se mantenham invisíveis, indisponíveis como uma existência possível para as mulheres.

A escrita dessa dissertação se deu através dessa jornada sinuosa, onde intelectualidade e emoção se misturam o tempo todo. A sensação é que cruzei um deserto de silêncio ao longo desses 2 anos, e que ao cruzar esse deserto eu finalmente encontrei o caminho que me leva às possibilidades de escrever uma História Lésbica. Portanto, escrever essa dissertação foi o exercício de combater esse silêncio, de usar o lugar de construção de conhecimento que eu ocupo para contar uma história que ainda não havia sido contada, uma história de mulheres

²⁹Entrevista com Monica Carvalho, 08/10/2024.

³⁰Entrevista com Giane Chaves, 26/08/2024.

que fizeram toda diferença em um processo importantíssimo para comunidade LGBT de Juiz de Fora, e que mesmo tendo sido fundamentais, não foram levadas em conta.

Cabe ressaltar que, por ter sido uma corrida contra o tempo, e pelo espaço que eu tinha para escrever essa dissertação, eu precisei fazer muitas escolhas difíceis. Diante da minha abundância de fontes, e de um tempo e um espaço reduzido para trabalhar com elas de forma mais aprofundada, eu decidi que, nesse momento, era importante dar a ler a voz dessas mulheres. Em meu primeiro capítulo eu trabalhei com uma escrita mais teórica, trazendo autoras que são norte para as minhas escolhas.

Portanto, a forma como construí o capítulo 2 desta dissertação, escolhendo dar protagonismo para as falas das entrevistadas, veio também da compreensão da importância de produzir um arquivo alternativo, que já é em si, um produto historiográfico importante, sobretudo quando se trata de experiências que raramente podem ser recuperadas em arquivos clássicos. Diante disso, o conteúdo dessas entrevistas continuará a ser explorado analítica e conceitualmente no doutorado.

Cada fala que eu escolhi para compor esse segundo capítulo foi escolhida a partir das leituras dessas autoras, a partir da compreensão das bases do lesbofeminismo e das especificidades que atravessam as experiências de mulheres lésbicas. Levando esses aspectos em conta, sigo para o doutorado com o objetivo de aprofundar a discussão, fazendo um maior diálogo e debate teórico a partir das entrevistas. Além disso, temas que não tiveram espaço para serem abordados aqui, como a complexidade da efervescência dos lugares de sociabilidade lésbica, poderão ser melhor abordados.

As escolhas que eu fiz dizem de um posicionamento político, que é totalmente voltado para a perspectiva lesbofeminista, mas também de um trabalho metodológico enraizado na história oral e na potência das possibilidades de seus usos. Portanto, ao dar a ler as falas de um grupo de mulheres lésbicas, pertencentes à geração que levou sua lesbianidade para a esfera público, ao mesmo tempo que firmei meu compromisso político para com a luta das mulheres lésbicas, eu também firmo o meu compromisso metodológico como historiadora adepta da metodologia da história oral.

Quando você é mulher, lésbica, pobre, da periferia, a última coisa que vão te ensinar é a contar a sua história. Por isso, o exercício de escrever essa dissertação não foi somente um exercício intelectual, mas também um exercício emocional, pessoal, subjetivo e físico. O caminho até aqui foi longo e desafiador, com muitas batalhas. Eu precisei de muita força para olhar para essas histórias, para partilhar com essas mulheres as dores e as delícias de ser lésbica no mundo. Fecho esse ciclo me sentindo fortalecida, como lésbica, como mulher e

como historiadora. E me sentindo também mais preparada para dar continuidade a esse trabalho, que está apenas começando.

Eu não sei onde essa história vai chegar, mas desejo que onde quer que ela for, que ela também fortaleça outras mulheres lésbicas, assim como me fortaleceu. Que essa história seja um lembrete constante de que mulheres lésbicas são vitoriosas, de que uma vida lésbica é uma vida bonita, boa de ser vivida, digna.

Para além de todos os silêncios, nós lésbicas seguimos vivas e existindo. Todas as mulheres que me deram entrevistas estão, neste momento, vivas, vivendo suas vidas, existindo lésbicas, se sustentando, com suas profissões, com um teto sobre a cabeça, com um chão sobre os pés. Desejo que um dia, toda mulher lésbica, possa ter conhecimento sobre outras histórias de mulheres lésbicas, de uma forma mais acessível, mais visível. Que toda mulher lésbica possa ter a chance que eu tive, pois eu sei que fez toda diferença na minha vida conhecer essas mulheres, tanto na minha vida profissional, quando na minha pessoal.

Por fim, gostaria de deixar um desejo da Daniela Auad que me marcou muito e é um desejo o qual eu compartilho: “Minha única certeza é que, ainda que a nossa existência, em termos de universo, seja uma fagulha, a minha fagulha vai ter que fazer diferença pras outras fagulhas. Não é diferença porque eu quero individualmente ser lembrada, não precisa lembrar meu nome, mas influenciar as pessoas a saírem dos lugares que são escritos pra elas e fazerem o que elas querem, por mais que isso não as façam feliz, mas as tornem livres”.

Imensidão

Que as fagulhas lésbicas tornem-se chamas.

Chamas que iluminem nosso caminho de silêncios

Que um dia toda lésbica saiba

que uma vida lésbica

é umaimensidão inteira

Do prazer de ser dona das próprias pernas

Da coragem de ser dona da própria voz

Da ousadia de ser dona dos próprios desejos

Uma vida lésbica

é umaimensidão inteira

Da liberdade de descobrir lugares que te esconderam a sete chaves

Da rebeldia de se ter tanto a ponto de amar outra mulher

Uma vida lésbica

meu amor

é uma imensidão inteira

Fontes

Entrevista genealógica com Maria da Consolação Schiavon em 05/02/2024. Realizada pelas historiadoras Joyce Mirella Alves de Souza e Jessica Marques Toledo.

Entrevista genealógica com Monica Mello de Carvalho em 12/07/2023, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público. Realizada pelas historiadoras Joyce Mirella Alves de Souza e Jessica Marques Toledo.

Entrevista genealógica realizada com Monica Mello de Carvalho em 08/10/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica com Daniele Guimarães Zancanella em 21/04/2023, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público. Realizada pelas historiadoras Joyce Mirella Alves de Souza e Jessica Marques Toledo.

Entrevista genealógica realizada com Daniele Guimarães Zancanella em 25/07/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista temática realizada com Ana Claudia de Macedo Tavares em 19/05/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Luciana Gerônimo em 30/07/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Lilian Maria Pacce Souza em 11/06/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Fernanda em 11/06/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Margareth Virgínia Trigo Passos em 19/08/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Camila dos Passos Roseno em 21/10/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Kelly da Silva em 24/09/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Sara Abreu e Silva em 23/08/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Samira e Abreu e Silva em 15/08/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Daniela Auad em 13/08/2024, 21/08/2024 e 01/10/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Cláudia Regina Lahni em 13/06/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Giane Chaves Fernandes em 26/08/2024, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Entrevista genealógica realizada com Sonia Regina de Souza Ribeiro em 18/11/2025, depositada no acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da UFJF (LABHOI/AFRIKAS), ainda sem acesso ao público.

Roteiro das entrevistas genealógicas estruturado pelas historiadoras Joyce Mirella Alves de Souza e Jessica Marques Toledo.

Referências bibliográficas

ADAMS, Aline, & SANTOS, André. Movimento, teoria e institucionalização feminista na primeira onda de protagonismo político das mulheres. *Revista Justiça Do Direito*, 34(1), 131-157. 2020

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro, editora FGV, 2004.

BARBOSA, Camila Nadedja Teixeira. **A importância de se ver nas telas: lesbianidade no cinema brasileiro (1990-2010)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Recife, 2019.

BATISTA, Letícia Emília. **Chanacomchana: um sopro do lesbianismo paulista nos anos de 1980**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020, p. 72

BELLINI, Ligia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e Inquisição no Brasil Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BROSSARD, Nicole. **Cartas Lésbicas**. Tradução Monalisa Gomyde. Ilhéus, BA: As Ondas Editora, 2023.

CESAR, Ingrid Mancilha. **Lesbianidade, censura e transgressão: a escrita autobiográfica de Cassandra Rios**. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista, 2023.

CURIEL, Ochy. **A Nação Heterossexual: análise do discurso jurídico e do regime heterossexual a partir da antropologia da dominação**. Tradução Marina Waquil e Sheyla Miranda. Belo Horizonte: Editora Luas, 2024.

DONINI, Bárbara Brognoli. **O cinema interseccional de Adélia Sampaio**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, 2021

FACCHINI, Regina. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBT In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018.

_____. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v.10, n.18/19, 2003.

_____. **Entre Umas e Outras: mulheres (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado, Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo**. Dissertação

(Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da homossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Recife, ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012.

_____. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal. **Mediações** • v. 13, n.1-2, p. 121-142, Jan/Jun e Jul/Dez. 2008

_____. Breve Resenha de Algumas Teorias Lésbicas. Tradução Janaína Rossi. [s. l]: **Herética Difusão Lesbofeminista Independente**, 2013.

FERNANDES, Marisa. Ações Lésbicas. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018.

FERRAZ, Maria Cruz. **Em busca da visibilidade: o movimento das mulheres lésbicas em Belo Horizonte (1998-2014)**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021

FRANÇA, Fanny Spina. **Resistência e visibilidade lésbica na redemocratização: uma análise interseccional do boletim Chanacomchana (1981-1987)**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em História, 2022.

GOUVEIA, Vanessa Alves. **“Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906)**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em História, 2022.

GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GREEN, James. Homossexualidades e a História: recuperando e entendendo o passado. **Gênero**, Niterói, v.12, n.2, p.65-76, 1. sem. 2012.

JUIZ DE FORA. Lei nº 9.791 de 12 de maio de 2000.

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **“O lesbianismo é um barato”: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, SP, 2021, p. 133.

LANA, de Souza da Silva, Jéssica. **CIDADE PRA QUEM? : Reflexões sobre o espaço urbano e a LGBTQIfobia no contexto juiz-forano**. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2022.

LEITE, Letícia Batista Rodrigues. **Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Linguística e Literatura**. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2019.

_____. “Safo lésbica radical? Notas sobre a recepção de Safo e de seus fragmentos em três textos de Monique Wittig”. **Labrys**, julho/dezembro de 2024.

LERNER, Gerda. A busca pela história das mulheres in: LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista: a luta de 1200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

_____. **A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019, p. 269.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em Movimento: a criação de subjetividades (Brasil: 1979-2006)**. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em História, 2007.

_____. O que a História não diz não existiu: a lesbianidade em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres. In: **Tempos de Histórias**, n° 7, 2003, p. 5.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação in: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MANTOVANI, Flávia. **Da volúpia do pecado e dos delírios da carne: desejo e sexualidade em Cassandra Rios (1948)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2023.

MARTINHO, Miriam, Chanacomchana, maio de 1983, página 2.

MATTOS, Hebe. História social: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997

_____. Memórias do cativo: narrativas e etnotexto. **História Oral**, p.46, 2009

MEDEIROS, Talita Gonçalves. **O que eu sei, o que eu acho que sei e o que me disseram: diálogos com jovens sobre lesbianidades**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio Grande, 2015.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NÓBREGA, Isabela Silva. **(I)moralidade e censura: prazeres desviantes e sexualidade na obra de Cassandra Rios (1968-1977)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Paraíba, 2015.

NOGUEIRA, Julia de Castro Martins Ferreira. **A construção do Movimento Gay de Minas: Entre narrativas, sujeitos e pautas políticas - memória dos debates públicos na cidade de Juiz de Fora (MG)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2025.

_____. “Vitrine gay do Brasil”? Juiz de Fora e suas relações com o MGM nas páginas da **Tribuna de Minas (1998 – 2001)**. Monografia (Graduação em Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2022

NOGUEIRA, Julia; BATISTA, Ana; FERRARI, Anderson. A lei nº9791 e a criação do Movimento Gay de Minas (MGM) como acontecimentos históricos. **Línguas e Letras**, v, 24, nº 56, 2023.

NOGUEIRA, Nadia. Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: **amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de pós-graduação em História, 2005.

NUNES, Alina dos Santos. **Um gato sem rabo e outras histórias lésbicas: a história de vida e a produção de vídeos de Rita Moreira**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de PósGraduação em História, Florianópolis, 2023.

OLIVEIRA, Augusta da Silveira de. 2018. **“Tenho o direito de ser quem eu sou”: o movimento de travestis e transexuais em Porto Alegre (1989-2010)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.25, n.1, P.77-98, 2005

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v.12, n.22, jan.-jun. 2011, p. 270-283

PEREIRA, Nayara Brito. **“O jornal é nosso” e “O amor entre mulheres”: embates nas páginas do jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Mato Grosso. Programa de Pós Graduação em História, 2023.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro, Coleção História, Bauru, São Paulo, 2005.

_____. Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência. **Cadernos Pagu**. Fazendo história das mulheres, v.4, p. 9-28, 1995

_____. Práticas da memória feminina in: PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro, Coleção História, Bauru, São Paulo, 2005, p. 42.

PIRES, Kleire Anny de Souza. **Lesbianismo, juventude e violências: imprensa alternativa como forma de resistência (1978-1987)**. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós Graduação em História, Florianópolis, 2023.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Surada Ediciones, jan. 2001. Livro em PDF.

PORTELLI, Alessandro. O que faz da história oral diferente. Tradução Janine Ribeiro, T. M. T., & Ribeiro Fenelón, R. T. D. (2012). **Projeto História: revista do programa de estudos pós graduados de História**.

_____. História Oral e poder. **Mnemosine**, vol.6, nº2, p. 2-13 (2010).

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. Descobrimos historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, 1998, p.89-98.

REIS, Wagner Roberto Locks. **“ChanacomChana também é bacana”: lésbicas e comunicação militante na abertura política brasileira (1981-1987)**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de PósGraduação em História, Florianópolis, 2024.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e Existência Lésbica e Outros Ensaio**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

RODRIGUES, Rita. de C.C. Mitos, categorias e cristais: revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 43, n. 93, p. 265-286, 2023.

RODRIGUES, Rita. De C. C. **De Daniele a Chrysóstomo: Quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. Tese de Doutorado—Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012

RODRIGUES, Rita; VERAS, Elias; SCHMIDT, Benito. **Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

SANTOS, Hévila Maria Sousa. **Censura e Marginalidade em Cassandra Rios: o esquecimento como política**. Dissertação (mestrado), Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão, 2024.

SELEM, Maria Célia Orlato. **A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica**. Dissertação (mestrado), Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Camila Diane. **Entre Repressões e Resistências: memórias lesbianas no contexto da ditadura civil-militar brasileira e redemocratização (1968-1988)**. Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, 2023.

SILVA, Jaíne Chianca da. **Vai ter chanacomchana sim!: construção de um grupo lésbico feminista em São Paulo na década de 1980**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

SCHMIDT, Benito. **História pública e queer**. São Paulo, Letra e Voz, 2024.

SILVA, Zuleide Paiva da. 2017. **“Sapatão não é bagunça”: estudo das organizações lésbicas da Bahia**. Tese de Doutorado. Salvador: UNEB.

_____. Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa? **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, Dossiê, vol. 04, n. 02, Abr./Jun. 2018.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getulio Vargas, 1996.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp.77-87.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.27, nº 54, p. 281-300, 2007.

SOUZA, Mariana Barbosa. **A mapeadora de ausências: metapesquisa da produção histórica sobre a população LGBTQIAPN+ no Brasil (1987-2018)**. Dissertação (Mestrado em História - Área de concentração: História, cultura e identidades. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.

TAVOLARO, José. Medicina Psiquiátrica e sexualidade feminina: um estudo de caso sobre lesbianismo e abjeção no Brasil (1930-1940). Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu** (3) 1994: p. 31.

THOMSON;FRISCH;HAMILTON. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getulio Vargas, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014. p.98.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. **“Onde estão as respostas para as minhas perguntas”?: Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955 – 2001)**. Tese (doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero e outros ensaios** Tradução Maíra Mendes Galvão. Primeira edição, Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2022.